
FRAGILE
LONGING
She was the
consolation prize...
Cora Reilly



Wings Traduções

FAMILIA WINGS

TRADUÇÃO E REVISÃO: ANGEL E SERAPH

LEITURA FINAL: AURORA

FORMATAÇÃO: AURORA E ANGEL

10/2020

AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

FRAGILE LONGING



USA Today Bestselling Author

Cora Reilly

SINOPSE



Sofia sabe como é ser o prêmio de consolação.

Muito jovem.

Não loira.

E definitivamente não é a princesa do gelo.

A irmã dela é - era todas essas coisas. Perfeição. Até que ela não era. Até que fugiu para ficar com o inimigo e deixou seu noivo para trás.

Agora Sofia é dada a Danilo no lugar de sua irmã, sabendo que nunca será mais do que a segunda melhor. No entanto, ela não pode deixar de desejar o amor do homem por quem está apaixonada, mesmo quando ele ainda pertencia a sua irmã.

Danilo é um homem acostumado a conseguir o que quer.

Poder.

Respeito.

A preciosa princesa de gelo.

Até que outro homem rouba sua futura noiva. Danilo sabe que, para um homem em sua posição, perder a mulher pode levar à perda de prestigio.

Orgulho ferido.

Sede de vingança.

Uma combinação perigosa - que Danilo não pode deixar para trás, nem mesmo quando uma garota tão preciosa toma o lugar da irmã para acalmá-lo. No entanto, ela tem uma falha: ela não é sua irmã.

Incapaz de esquecer o que perdeu, Danilo pode perder o que recebeu.

PRÓLOGO



Não cobiçarás.

Eu ansiava por Danilo, mesmo quando ele ainda era noivo da minha irmã. Era uma paixão inocente de uma jovem garota. Fantasiava como as coisas seriam se ele fosse meu. Meu cavaleiro de armadura brilhante, meu príncipe da Disney.

Tinha sido o meu sonho favorito - até que uma mera fantasia se tornou real quando minha irmã não quis se casar com Danilo.

O sonho virou pesadelo. A fantasia de uma garota boba explodiu.

Um homem que não me queria.

Eles dizem que não existem dois flocos de neve de forma idêntica, cada um deles único.

Magnífica perfeição gelada.

Como a minha irmã.

Tentei imitá-la, mas uma imitação nunca seria a original. Eu era o eco da melodia perfeita. Uma sombra de uma imagem imaculada. Sempre menos. Nunca o bastante.

Serafina era quase perfeita aos olhos das pessoas quando ainda estava por perto, e agora que ela se foi, nada além de uma lembrança desbotada, sua ausência amplificava tudo o que ela era. Ela se tornou maior que a vida.

Permaneceu em todos os cantos da casa e, pior ainda, na mente das pessoas que ela deixou para trás.

Como você pode superar uma memória?

Você não pode.

Meus dedos tremiam enquanto alisava meu vestido de noiva. Não era o meu nome que eles sussurrariam nos bancos hoje.

Porque eu era o prêmio de consolação.

A noiva substituta.

E pior – não era minha irmã.

Olhei para o meu reflexo, meu rosto nublado através do fino véu diáfano. Vestida assim, eu quase parecia Serafina, menos os cabelos loiros. Ainda menos. Sempre menos. Mas talvez Danilo visse as semelhanças entre minha irmã e eu, e apenas por um segundo olharia para mim com o mesmo desejo que costumava dirigir a Serafina.

Então ele perceberia que eu não era ela e o olhar de decepção tomaria conta de seu rosto novamente.

Menos do que ele queria.

Arrancando o véu do meu cabelo, o joguei para longe, estava farta de tentar ser outra pessoa. Danilo teria que me ver como eu era, e se isso significasse que ele nunca me olharia duas vezes, que assim seja.

UM



— Eu não posso casar com você.

As palavras da minha noiva ecoaram na minha cabeça. Olhando para o anel de noivado que ela me devolveu, tentei identificar minhas emoções - uma potente mistura de fúria e choque. O anel zombava de mim na palma da minha mão. Serafina mal conseguia suportar minha proximidade.

Conheço Serafina desde que me lembro. Não pessoalmente, mas porque seu nome era sussurrado com reverência entre os meninos e até homens em nossos círculos.

Uma verdadeira princesa do gelo, cuja beleza aparecia em muitas fantasias.

Muitos queriam possuí-la, como mariposas atraídas por um objeto brilhante. Quando ela me foi prometida com a idade de quinze anos, me deleitei com a admiração e o ciúme dos meus companheiros homens feitos. Eu ganhei o tão cobiçado prêmio, poderia chamá-la de minha.

Durante anos, contei os dias até o nosso casamento.

Tudo parecia estar indo a meu favor. Eu estava prestes a me tornar o mais novo Underboss da Outfit, com apenas vinte anos, casando com a sobrinha do Capo, a princesa do gelo. Eu me senti invencível.

Arrogância e orgulho são considerados pecado por muitos. Fui severamente punido por eles.

Dias antes de eu assumir o cargo de meu pai como Underboss, minha irmãzinha Emma sofreu um acidente de carro. Agora ela estava presa a uma cadeira de rodas sem futuro pela frente. O mundo da máfia não era gentil. Meninas e mulheres que tinham falhas óbvias eram deixadas de lado como indignas, condenadas a uma vida nas sombras como solteironas ou se casavam com o primeiro idiota que as aceitasse como esposa.

No dia do meu casamento com Serafina, ela foi roubada de mim, sequestrada por nosso inimigo mais cruel: a Camorra de Las Vegas.

Quando o Capo deles a mandou de volta para nós, ela não era a mesma garota que conheci. Ela estava perdida para mim, quebrada além do que eu poderia consertar.

Agora fui deixado com as ruínas do meu futuro meticulosamente planejado.

Com uma irmã deficiente e de coração partido. Um pai moribundo. Sem esposa. Fechei os olhos depois da minha ligação com meu pai. Ele insistia que precisávamos exigir um vínculo com a família Cavallaro. Ele queria a conexão com o Capo, e eu concordava, mas substituir Serafina quando sua perda ainda me cortava como uma lâmina ácida parecia impossível.

A vida tinha que continuar e eu tinha que parecer forte. Eu era jovem. Muitos esperavam que eu falhasse na tarefa de governar Indianápolis. Eles estavam esperando por esse momento, pela minha queda. Enrolei meus dedos em um punho ao redor do anel e fui em busca do meu Capo e do pai de Serafina.

Dez minutos depois, o pai de Serafina, Pietro Mione, seu irmão Samuel e nosso Capo Dante Cavallaro se reuniram comigo no escritório da mansão Mione, tentando resolver o problema do vínculo de casamento quebrado. O assunto causaria uma onda de rumores, independentemente do que decidíssemos hoje. Era tarde demais para controlar os danos.

Eu soltei um suspiro. — Meu pai insiste que eu me case com alguém da sua família, — eu disse sem emoção, mesmo quando meu

interior ardia de raiva e culpa. — É necessário um vínculo entre nossas famílias, especialmente neste momento.

Pietro suspirou, afundando na cadeira. Samuel balançou a cabeça com um olhar. — Serafina não se casará. Ela precisa de tempo para se curar.

Eu lhe daria o tempo que precisasse, como havia dito, mas ela não queria mais se casar comigo.

— Existem outras opções, — Dante disse.

Minha raiva aumentou. — Quais opções? Não vou aceitar a filha de nenhum outro Underboss. Minha cidade é importante. Não vou me contentar com menos do que foi prometido!

Dante fez uma careta. — Cuidado com o seu tom, Danilo. Sei que é uma situação difícil, mas espero respeito.

Samuel parecia querer me atacar. — Você não poderá ter Fina!

— Você também não poderá ter Anna, — disse Dante.

Eu nunca tinha considerado sua filha uma opção. Se eu me casasse com ela, isso só me causaria problemas. Eu duvidava que Dante não enfiasse o nariz nos meus negócios se sua filha tivesse envolvida. — Você precisa do meu apoio nesta guerra. Você precisa de uma família forte para apoiá-lo.

— Isso é uma ameaça?

— Isso é a verdade, Dante. Acho que você é um bom Capo, mas insisto em ter o que minha família merece. Não vou me contentar com menos.

— Não vou forçar Fina a se casar, não depois do que ela passou, — disse Pietro.

Dante assentiu. — Concordo.

Mesmo se eu ainda quisesse Serafina, entendia o raciocínio deles. Ela não queria se casar comigo e eu não a forçaria a um vínculo, quando já havia sofrido tanto recentemente. — Estamos em um impasse então.

Havia apenas uma opção. Era uma que eu queria evitar, mas não podia. Meu pai sugeriu imediatamente a irmã mais nova da minha ex-

noiva como substituta. Era uma ideia ridícula, mas a única opção viável.

Dante e Pietro se entreolharam, provavelmente considerando exatamente essa opção. — É isso que você me pede, Dante?

— Pietro, se seguirmos as regras, Danilo poderia exigir se casar com Serafina. Eles estavam noivos.

Eu esperei que eles resolvessem o que precisassem. Havia apenas uma opção para o nosso problema.

Pietro abriu os olhos. Eles estavam duros, cheios de aviso. — Eu te darei Sofia.

Meu pai estava certo.

Sofia. Ela era uma criança. Eu nunca sequer olhei para ela. — Ela tem o que, onze anos? — Mesmo que fosse a única opção, uma nova onda de raiva surgiu em mim. Raiva pela situação e raiva absoluta em relação a Remo Falcone.

— Doze em abril, — Samuel corrigiu, fazendo uma careta para mim. Suas mãos estavam enroladas em punhos, mas eu tinha a sensação de que a raiva dele não era só para mim.

— Sou dez anos mais velho que ela. Prometeram-me uma esposa agora.

— Você estará ocupado com esta guerra e estabelecendo seu reinado sobre Indianápolis. Um casamento posterior pode ser uma vantagem para você — disse Dante.

Dez anos mais nova que eu. Eu nem conseguia pensar nela como uma mulher, minha esposa. Só de tentar imaginá-la adulta já me fazia sentir um maldito pervertido. Serafina não era muito mais velha quando a prometeram, mas sua idade era próxima a minha. Eu a queria mesmo naquela época porque ela era a princesa do gelo, porque era tão bonita que todos a desejavam.

Eu não podia imaginar desejar Sofia assim, não podia imaginar desejá-la de jeito nenhum. Ela era uma criança. Ela não era sua irmã.

Eu ia matar Remo Falcone por roubar minha noiva, por quebrá-la de uma maneira que impossibilitava que ela se casasse comigo. Eu

mataria tudo o que importava para ele também. Eu não descansaria até destruir sua vida como ele destruiu a minha.

— Danilo? — Dante perguntou com cuidado e percebi que tinha me distraído.

Não importava o que eu queria. Esse vínculo salvaria Emma. Era tudo o que eu podia esperar neste momento.

— Eu tenho uma condição.

— Qual condição? — Dante perguntou em um tom cortante. Sua paciência estava acabando. Estes últimos meses haviam testado a todos nós.

Meus olhos se inclinaram para Samuel, que me olhou com olhos estreitos. Eu poderia confiar nele com minha irmã? Mais do que em todas as outras opções restantes. Papai casaria Emma em algum momento e ninguém que valesse nada a queria. Ela seria exposta a alguém que esperava melhorar sua posição, alguém que não a merecia.

— Ele se casa com minha irmã Emma, — eu disse.

O rosto de Samuel se contorceu em choque. — Ela está em uma...

Ele não terminou a frase. Bom para ele, porque eu queria matá-lo. — Numa cadeira de rodas, sim. É por isso que ninguém de valor a quer. Minha irmã merece apenas o melhor, e você é o herdeiro de Minneapolis. Se todos vocês querem esse vínculo, Samuel terá que se casar com minha irmã, e então me casarei com Sofia.

— Porra, — Samuel murmurou. — Que tipo de acordo distorcido é esse?

— Por quê? Seu pai tem procurado por possíveis noivas, e minha irmã é uma Mancini. Ela é um bom partido.

Samuel respirou fundo e depois assentiu. — Eu vou me casar com sua irmã. — Eu arreganhei os dentes para ele, não gostando do seu tom.

— Então está resolvido? — Perguntou Pietro. — Você vai se casar com Sofia e aceitar o cancelamento do noivado com Fina?

Eu assenti rispidamente. — Não é o que eu quero, mas terá que servir.

— Terá que servir? — Samuel rosnou, dando um passo à frente com os olhos estreitos. — É da minha irmãzinha que você está falando. Ela não é algo que você aceita como prêmio de consolação.

Mas ela era o prêmio de consolação. Todos nós sabíamos disso. Eu ri amargamente. — Você deve se lembrar disso quando encontrar minha irmã.

— Chega, — Dante rosnou.

— O casamento terá que esperar até que Sofia tenha idade, — disse Pietro, parecendo cansado.

Ele achou que eu queria uma noiva infantil? — Claro. Minha irmã também não se casará antes dos dezoito anos.

Seis longos anos. Eu não estava triste por ter mais tempo para estabilizar meu domínio sobre Indianapolis, essa era a única coisa que eu odiava em me casar com Serafina, mas a queria e ela não podia esperar muito tempo. Mas agora, agora eu teria tempo de sobra para construir meu reinado, para me divertir um pouco mais - como o pai apontou. Seis anos era muito tempo. Tanta coisa poderia acontecer até lá. Eu não perderia outra garota. Eu garantiria que Sofia estivesse segura, mais segura do que Serafina.

Pietro assentiu.

— Então está decidido, — eu disse.

— Eu tenho que voltar para casa em breve. Podemos resolver os detalhes posteriormente. — Dante assentiu. — Só mais uma coisa. Não quero que as notícias sobre o vínculo de Samuel com minha irmã saiam ainda. Ela não precisa saber que isso foi um acordo na troca por Sofia.

Fui em direção à porta, querendo sair desta casa, desta cidade, mas acima de tudo ficar longe de Serafina. Eu podia ouvir passos atrás de mim, mas não me virei. Não havia mais nada a dizer, não hoje.

— Danilo, espere, — exigiu Samuel.

Estreitando os olhos, me virei. — O que você quer? — Tínhamos chegado a um entendimento provisório enquanto tentávamos salvar Serafina das garras de Remo Falcone, mas tive a sensação de que não

duraria. Nós dois éramos alfas que não lidavam bem com alguém que não se curvava aos nossos desejos.

— Sofia merece mais do que ser a segunda melhor.

Provavelmente isso era verdade. Verdade para as duas irmãs. Emma tinha recebido cartas duras do destino. Ela merecia apenas o melhor. Ela conseguiria isso? Provavelmente não. — Vou tratar Sofia com respeito, como sempre tratei Serafina. — Minha boca torceu, expressando o nome dela. — Lembre-se de fazer o mesmo com Emma.

Samuel balançou a cabeça. — *Quit pro quo*? [1]

Eu não disse nada. Isso era uma bagunça. Nós dois teríamos garotas que não queríamos em um vínculo que garantisse nosso poder. Samuel e eu éramos homens orgulhosos até o fim. Remo Falcone pisara nesse orgulho. Um orgulho que queríamos reconstruir.

Eu estava começando a pensar que esse orgulho seria nossa queda.



Eu ainda me lembrava da primeira vez que vi Danilo. Um ano antes do casamento com minha irmã. Ele veio discutir detalhes com papai.

Movida pela curiosidade, fingi estar indo em direção à cozinha para dar uma olhada nele. Ele estava no nosso saguão, conversando com o papai, e no momento em que o vi, meu coração deu um pulo estranho que nunca havia feito antes. Ele me deu um sorriso e novamente meu coração bateu loucamente e minha barriga

[1] **Quid pro quo** é uma expressão latina que significa "tomar uma coisa por outra".

esquentou. Ele me lembrou dos príncipes com os quais as meninas sempre sonhavam. Alto, bonito e cavalheiro.

Eu achei que ele continuaria sendo uma fantasia para sempre e toda a vez que fantasiava sobre ele, me sentia culpada - até que de repente ele era meu. Pelo menos oficialmente, porque seu coração ainda pertencia à minha irmã.

No dia em que descobri, estava sentada na mesa do meu quarto quando alguém bateu na porta e meu pai entrou. Ele me mandou para o meu quarto algumas horas atrás, como tantas vezes nos meses desde que Fina havia sido sequestrada e mesmo agora que ela estava de volta. Todo mundo achava que eu era jovem demais para entender o que estava acontecendo.

— Sofia, posso falar com você? — Perguntou papai. Levantei os olhos do meu dever de casa com uma pequena carranca. Sua voz parecia estranha.

— Fiz algo de errado? — Essa era a única explicação para o pai ou a mãe me procurarem. Eles andavam muito ocupados desde o sequestro, então eu estava acostumada a ficar sozinha ou com minha prima Anna. Eu não estava brava com eles. Eles estavam sofrendo muito. Eu só queria que as coisas voltassem ao que costumavam ser. Eu queria que fossemos felizes.

Papai veio até mim e tocou o topo da minha cabeça, com os olhos tristes. — Claro que não, joaninha.

Eu sorri com o uso do meu apelido. Sempre lembrava o quanto ele me amava, mesmo que nem sempre pudesse mostrar por causa de quão ruins as coisas estavam.

— Vamos sentar lá, ok? — Ele apontou para o meu sofá rosa. Ele foi até lá e afundou, parecendo cansado. Eu o segui e sentei ao lado dele. Por um longo tempo, ele não disse nada, apenas me olhou de uma maneira que fez minha garganta ficar apertada.

— Papai? — Eu sussurrei. — Fina está bem?

— Sim... — Ele engoliu em seco e pegou minha mão. — Você sabe que temos regras em nosso mundo. Regras que todos nós temos que

seguir. Danilo não pode mais se casar com Serafina e, por isso, decidimos prometer-lhe a ele.

Eu pisquei, chocada. Minha barriga tremeu loucamente. — Sério? — Eu me encolhi com quão excitada soei.

Os olhos do papai se suavizaram ainda mais. Ele apertou minha mão levemente. — Em alguns anos, você se casará com ele. Depois de completar dezoito anos. Então você não precisa se preocupar com isso agora.

Seis anos e seis meses. — Fina está triste?

Papai sorriu. — Não, ela sabe que as regras precisam ser seguidas.

Eu assenti lentamente. — Danilo realmente quer se casar comigo quando eu crescer?

Eu não conseguia acreditar. Ele era tão bonito e inteligente. Serafina e ele pareciam da realeza um ao lado do outro, como um casal dos sonhos da Disney.

Papai beijou minha testa. — Claro que ele quer. Qualquer homem ficaria grato por tê-la como esposa. Ele te escolheu.

Eu sorri para ele.

Ele me puxou contra ele com um suspiro profundo. — Oh, joaninha. — Ele parecia triste, não animado, e eu não tinha certeza do por que.



Sonhei com Danilo a noite toda. Eu mal podia esperar para falar com Anna sobre isso. Ela viria hoje antes de voltar com sua família para Chicago.

Eu tinha acordado antes do amanhecer, tonta demais para voltar a dormir.

Deitada de bruços na minha cama, não conseguia parar de escrever o nome de Danilo e o meu, uma e outra vez, não importa o quão infantil isso fosse. Sofia Mancini parecia perfeito para mim.

Uma batida soou.

— Entre! — Gritei e rapidamente escondi meus desenhos tolos de vista.

Fina entrou, cabelos loiros deslizando lindamente por seu ombro. Ela estava de jeans simples e camiseta e não usava maquiagem, mas ainda era a garota mais bonita que eu conhecia. Por que Danilo me escolheria em vez dela? Ela já era adulta. Ela era a princesa perfeita para alguém como ele.

Eu desviei o olhar dela, envergonhada por estar sendo mesquinha. Fina havia sido sequestrada. Ela sofreu.

— Eu queria falar com você sobre Danilo. Presumo que papai já tenha falado com você?

— Você está com raiva de mim? — Eu perguntei, preocupada que Fina se sentisse mal porque agora não tinha um futuro marido.

— Raiva? — ela perguntou, parecendo confusa enquanto se aproximava de mim.

— Porque Danilo quer se casar comigo agora e não com você.

— Não. Eu não estou. Eu quero que você seja feliz. Você está bem?

Apesar do meu constrangimento, mostrei meus rabiscos para ela, querendo compartilhar com outra pessoa.

Os olhos de Fina se arregalaram. — Você gosta dele?

— Eu sinto muito. Gostava dele mesmo quando lhe prometeram. Ele é fofo e cavalheiro.

O medo de sua reação explodiu através de mim, mas ela me surpreendeu quando se inclinou e beijou minha cabeça. Alívio me inundando.

Fina me olhou com um aviso. — Ele é um homem adulto, Sofia. Vai levar muitos anos até você se casar com ele. Ele não chegará perto de você até lá.

— Eu sei. Papai me contou. — Eu não me importava em esperar e fiquei orgulhosa que Danilo concordou em esperar por mim por tantos anos. Isso significava que ele realmente me queria.

— Então estamos bem? — Eu perguntei, ainda incapaz de acreditar que Fina não estava brava comigo por ter tomado seu noivo.

— Melhor do que bem, — disse Fina e saiu. Hesitei e decidi segui-la para pedir mais informações sobre Danilo. Eu não sabia muito sobre ele. Quando cheguei à galeria e olhei para o saguão, vi Fina e Danilo.

— Sofia é uma menina. Como você pôde concordar com esse vínculo, Danilo?

Meus olhos se arregalaram com seu tom rude. Eu achei que ela estava bem comigo casando com Danilo? Ela não parecia.

Danilo parecia furioso. — Ela é uma criança. Muito jovem para mim. Ela tem a idade da minha irmã, pelo amor de Deus. Mas você sabe o que é esperado. E não vamos nos casar até que ela seja maior de idade. Eu nunca toquei em você e não vou tocá-la.

— Você deveria ter escolhido outra pessoa. Não Sofia.

— Eu não a escolhi. Eu escolhi você. Mas você foi tirada de mim e agora não tenho escolha a não ser me casar com sua irmã, embora seja você quem eu quero!

Ele não me queria? Eu respirei fundo enquanto meu peito se contraía de dor. Meus olhos formigaram com lágrimas.

Danilo e Fina ergueram os olhos.

Eu me virei e voltei para o meu quarto, onde me joguei na minha cama e comecei a chorar. Papai mentiu para mim. Danilo não me escolheu. Ele ainda queria Fina. Claro que ele queria. Ela era tão bonita e loira. As pessoas muitas vezes lamentavam o fato de eu não ter herdado o cabelo loiro da mamãe.

Alguém bateu na porta.

— Vá embora! — Eu enterrei meu rosto mais fundo no travesseiro.

— Sofia, posso falar com você? — Danilo disse.

Eu congelei. Danilo nunca tinha se aproximado de mim. Lentamente me sentei e enxuguei os olhos. Pulei da minha cama e verifiquei meu rosto no espelho. Meus olhos estavam inchados e meu nariz vermelho. Fina ficava bonita chorando. Eu não.

Andei na ponta dos pés em direção à porta, meu estômago revirando de nervosismo quando a abri. Danilo e Fina esperavam no corredor.

Fina sorriu para mim, mas meus olhos foram atraídos para Danilo. Eu tive que esticar o pescoço para trás porque ele era muito alto. Minhas bochechas esquentaram, mas eu não podia fazer nada sobre a reação do meu corpo a Danilo.

— Posso falar com você por um momento? — ele perguntou.

Tentei esconder meu choque e rapidamente olhei para Fina para ver se estava tudo bem. — Claro, — disse ela.

Fui em direção ao meu sofá, subitamente constrangida com todo o rosa do meu quarto. Eu duvidava que Danilo gostasse muito da cor. Eu sentei no sofá, enrolando meus dedos em punhos no meu colo para esconder o tremor. Danilo deixou a porta aberta e veio até mim. Seus olhos examinaram meu quarto e eu me encolhi quando eles se demoraram na variedade de bichos de pelúcia na minha cama. Eu não me aconchegava mais com eles. Eu só tinha problemas para jogá-los fora. Agora eu queria ter feito isso. Danilo deve pensar em mim como uma garotinha boba agora. Ele se sentou ao meu lado, mas com muito espaço entre nós. Esperando no corredor, Fina me deu um sorriso fraco e depois sumiu de vista, mas eu sabia que ela estaria por perto.

Arrisquei um olhar para Danilo. Seu cabelo escuro estava penteado para trás, mas levemente bagunçado e ele estava completamente vestido de preto. Normalmente, eu não gostava de preto, mas em Danilo parecia muito bonito.

Ele se virou para mim, seus olhos escuros se fixando nos meus. Minha pele esquentou ainda mais e tive que olhar para o meu colo. Ele limpou a garganta. — O que você ouviu no saguão não era para os seus ouvidos.

Eu assenti. — Está tudo bem. Eu sabia que você queria Serafina. — Minha voz tremia.

— Sofia, — Danilo disse com uma voz firme que me fez olhar para cima. Eu não tinha certeza do que sua expressão significava. Ele definitivamente não parecia feliz. — Eu escolhi você. Serafina e eu não podemos mais nos casar depois do que aconteceu. Eu não queria magoar seus sentimentos. Por isso falei aquilo.

Eu examinei seu rosto brevemente, mas depois desviei o olhar. Ele parecia honesto, mas uma pitada de dúvida permaneceu em mim. O que eu tinha visto lá embaixo não parecia um show para Fina. Danilo parecia sinceramente desapontado por tê-la perdido. No entanto, eu queria acreditar que ele realmente me escolheu como sua futura noiva, que papai não precisou convencê-lo a fazer isso.

— Tudo bem? — ele perguntou. Eu forcei um sorriso.

— Sim.

— Ótimo. — Ele levantou e por um momento nossos olhos se encontraram novamente. Sua boca se apertou de um jeito que eu não entendi, então ele se virou e saiu.

Olhei para minhas mãos, dividida entre excitação e decepção. Balançando os dedos, me perguntei quando ganharia um anel de noivado. Fina ganhou o dela imediatamente quando nossos pais decidiram o vínculo.

Mas talvez desta vez eles esperassem. Seria mal visto um compromisso se tornar público tão pouco tempo depois que Fina foi salva.

Eu levantei e fui para a minha cama. Peguei meus bichos de pelúcia e os joguei no chão, depois tirei alguns pôsteres embaraçosos de cavalos das minhas paredes. Depois de remover alguns vestidos com babados do guarda-roupa e colocá-los na pilha de bichos de pelúcia, desci as escadas correndo para pegar um saco de lixo. Danilo queria alguém tão equilibrada quanto minha irmã. Eu não poderia mais agir como uma garotinha se quisesse que ele me desejasse.

DOIS



Voltar para casa depois de terminar meu noivado com Serafina era como admitir a derrota. Poucos dos meus homens já sabiam do cancelamento. Se dependesse de mim, manteria o assunto debaixo do tapete por um tempo, mas meu pai insistiu que contássemos aos nossos capitães.

Por isso convoquei uma reunião logo que voltei para Indianápolis. Tinha dez Capitães que eram responsáveis por diferentes áreas do negócio. Um deles era meu primo Marco, que por acaso era um dos meus melhores amigos. Seu pai morrera a alguns meses do mesmo câncer que lentamente devorava meu pai. Ambos fumavam inveteradamente desde a adolescência e ambos pagaram o preço amargo por isso.

Abri o Zippo e o fechei. Parei de fumar a seis meses exatamente por causa disso, mas não conseguia me separar do isqueiro que meu avô havia me dado no meu aniversário de 14 anos.

Limpei a garganta, percebendo que meus homens estavam olhando para mim e esperando que eu dissesse algo. Afinal, os chamei. Eles se sentaram ao redor da longa mesa de vidro em meu escritório, seus olhos em mim. Eu era o mais novo, até Marco era quase um ano mais velho. Quando comecei a realizar reuniões em minha própria casa e não mais na mansão de meus pais, fiz questão de manter meu escritório o mais moderno e funcional possível - vidro e madeira preta lustrosa. Queria mostrar aos meus homens que as coisas mudariam agora que estava no poder, e as aparências sempre eram um bom

começo. Meu pai tinha sido um bom Underboss, mas eu precisava encontrar meu próprio estilo de governar.

Levantei-me da cadeira, preferindo ficar de pé para ter uma boa visão de todos. Até agora, apenas Marco sabia do desastre do noivado.

Preparando-me, contei aos meus homens sobre o noivado cancelado. Suas reações variaram de surpresa a aprovação. Nenhum deles parecia considerar isso uma coisa ruim.

Meu capitão mais velho assentiu. Seu cabelo branco mostrava sua idade, a de um homem que serviu como capitão em Indianápolis por mais tempo do que eu existia na Terra - um fato que ele às vezes deixou transparecer no começo. — Faz sentido. Eles não podem esperar que você se case com alguém que o inimigo contaminou.

Cerrei meus dentes. Meu primeiro instinto foi contradizê-lo e dizer a verdade - que eu não tinha cancelado o noivado, mas minha noiva sim.

Em vez disso, assenti, orgulhoso demais para admitir a derrota. Marco não disse nada, nem reagiu. Comecei a lhes contar sobre meu noivado com Sofia e, como esperado, meus homens aceitaram o vínculo. Para eles, o que importava era que nosso território recebesse o reconhecimento que merecia. As mulheres eram intercambiáveis se tivessem o status esperado. Não era incomum que garotas fossem prometidas desde cedo, mesmo para homens mais velhos, desde que o casamento fosse adiado para depois de seu aniversário de dezoito anos.

Apesar da aceitação do vínculo, um gosto amargo permaneceu em minha boca depois de lhes contar. Sempre me alegrou ter uma noiva da minha idade. Serafina e eu teríamos pelo menos algumas coisas em comum. Conhecíamos as mesmas pessoas de nossos eventos sociais compartilhados. Além disso, Serafina e eu compartilhávamos nosso comportamento externo equilibrado. Poderíamos ter feito um casamento funcionar.

Duvidava que Sofia e eu tivéssemos algo em comum, certamente não agora. Ela era uma criança. Quando vi seu quarto rosa com os pôsteres de pônei em suas paredes, considerei cancelar tudo, mas

novamente meu orgulho me impediu. Queria me casar com alguém do alto escalão, alguém próximo a Dante para estabelecer meu poder ainda mais, e restava apenas Sofia.

Logo a discussão voltou-se para nossas atualizações habituais sobre o tráfico de drogas e o problema da Bratva.

Fiquei feliz quando a reunião acabou. Restou apenas Marco para tomar uma bebida. Jogamos uma partida de dardos enquanto bebíamos uma cerveja gelada, sem dizer uma palavra um ao outro. Marco me conhecia bem o suficiente para reconhecer minha necessidade de silêncio.

Eventualmente, depois da minha segunda cerveja, me inclinei contra a mesa de sinuca na minha caverna masculina - como minha mãe sempre chamava. — O que você achou?

Marco me lançou um olhar e tomou um gole deliberado de sua bebida. Frequentemente éramos confundidos com irmãos por causa das semelhanças em nossa aparência. Os mesmos cabelos e olhos castanhos, e o famoso queixo forte dos Mancini.

Ele encolheu os ombros. — É uma bagunça. Você percebe que nem Emma nem Sofia ficarão felizes se descobrirem que você e Samuel fizeram um acordo para se casar com a irmã do outro.

Emma ficaria arrasada. Sofia provavelmente não reagiria muito melhor. Mas em nossos círculos, todo casamento se baseava em uma espécie de acordo. Sempre quid pro quo[2]. O amor raramente era a razão por trás de um vínculo. — Elas não vão descobrir.

O olhar que Marco me deu foi cheio de dúvidas. — Você sabe como os boatos se espalham facilmente em nossos círculos.

— Não estava falando sobre negócios quando pedi sua opinião, — esclareço. — Estou falando da Sofia. Não sei como me sinto sobre casar com ela. O que você acha?

— Você não vai se casar com ela por mais seis anos. Até lá, mesmo um bastardo teimoso como você, terá superado a perda de

---

[2] **Quid pro quo** é uma expressão latina que significa "tomar uma coisa por outra".

Serafina. Você arranjou uma sobrinha Cavallaro, isso é o que importa, certo?

Deveria ser. Do ponto de vista tático, minha posição não foi enfraquecida. E ainda assim, parecia que tinha perdido muito mais. — Ela é tão jovem.

— Claro, ela é, mas não é como se você fosse se casar com ela tão cedo. Acredite em mim, em dez ou quinze anos, você agradecerá às suas estrelas da sorte por ter uma esposa jovem.

— Veremos. — Fiz sinal para o alvo de dardos novamente. — Outra partida.

Marco agarrou os dardos sem protestar e começou a atirar. — E quanto a Emma?

— O que tem Emma?

— Ela deveria morar com você para que sua mãe possa se concentrar em cuidar de seu pai. Mas agora que Serafina não vai mais se mudar, isso não vai funcionar, certo?

— Emma tem se tornado mais independente nos últimos meses. Ela não precisa de tanto apoio como antes. Vou contratar uma babá especializada em crianças com deficiência. As empregadas podem cuidar do resto.

— Você percebe que trabalha muito e mal está em casa? Não é como se você tivesse muito tempo para ficar com ela.

— Vou arranjar tempo — murmurei.

— Não foi sua culpa, Danilo. Você tem que parar de se culpar pelo acidente.

Olhei para ele. — Esta discussão acabou.

Marco suspirou, mas finalmente calou a boca e continuou a jogar os dardos.

O acidente de Emma não era algo que eu queria pensar, muito menos discutir. Já era ruim o suficiente que assombrasse meus sonhos.



No dia seguinte, visitei meus pais. Emma ainda morava com eles, mas prometi a ela que poderia morar comigo hoje.

Quando entrei na casa em que cresci, meu peito apertou como sempre acontecia em minhas visitas ultimamente. O zumbido suave da cadeira de rodas de Emma soou, e ela apareceu na porta da sala de estar, a preocupação refletida em seus olhos castanhos. Seu cabelo ainda molhado estava empilhado no topo da cabeça em um coque bagunçado. Tentei protegê-la da escuridão dos últimos meses, mas o sequestro de Serafina era o assunto mais comentado em nossos círculos, mesmo entre as crianças. Emma testemunhou os eventos tumultuados do cancelamento do meu casamento. Ela sabia mais do que deveria.

Fui até ela e a abracei, beijando sua testa antes de me endireitar. Ela parecia frágil em meus braços, como se uma forte rajada de vento pudesse quebrá-la. — Como você está?

Nos primeiros meses após o acidente, ela muitas vezes sentiu uma dor quase aguda nas pernas - sem mencionar a turbulência emocional que estava experimentando quando percebeu que não seria capaz de usar as pernas como costumava fazer, jamais voltaria a dançar balé.

— Estou bem, mas e você? Mamãe me disse que você não pode mais se casar com Serafina e, em vez disso, tem que se casar com Sofia. — Ela e Sofia tinham a mesma idade e ambas já haviam sofrido os cruéis efeitos colaterais de terem sido criadas na máfia. Ocasionalmente, elas brincavam juntas em eventos. Agora, Emma só podia ficar sentada à margem enquanto as outras crianças corriam. Toda a raiva e ressentimento do passado se misturaram com a nova raiva que sentia, mas a engoli.

— Não me importo. Casarei com Sofia em seis anos. É uma coisa boa. — Era uma mentira que teria que usar muito no futuro.

Emma inclinou a cabeça como se não tivesse certeza em que acreditar. De repente, uma tosse forte inundou as escadas do segundo andar.

Emma estremeceu. — Papai tem piorado nos últimos dias. Estou com medo por ele.

Apertei seu ombro. Ela tinha seu próprio futuro com que se preocupar, mas o destino havia cruelmente adicionado a saúde deteriorada de meu pai ao seu prato de preocupações. A tosse continuou e a voz da mamãe ressoou.

— Deixe-me ver como eles estão, — eu disse. Corri escada acima e encontrei meus pais no banheiro da suíte master. Papai segurando-se na banheira, curvado, seu corpo tremendo enquanto tossia. Respingos de sangue pontilhavam os ladrilhos a seus pés e sua boca também estava manchada. Minha mãe estava esfregando suas costas, seu rosto pálido enquanto sussurrava palavras de conforto.

Mentiras. Um olhar para papai era o suficiente para qualquer pessoa dizer que o próximo Natal seria o seu último - se é que chegaria tão longe.

Não permiti que essa tristeza terrível se enraizasse em mim.

Papai ergueu os olhos e lentamente se endireitou de sua posição curvada. Sua luta para conter mais tosse apareceu em sua pele pastosa. Ele limpou o sangue dos lábios com as costas da mão e mamãe rapidamente lhe entregou uma toalha. Enquanto limpava o rosto, ela veio até mim e beijou minha bochecha. Seus olhos nadavam de medo. — Não sei o que fizemos para merecer isso — sussurrou.

Eu sabia. Talvez mamãe preferisse fingir que meu pai e eu éramos homens de negócios normais, mas todos nós sabíamos que isso não era verdade. Papai cambaleou e me deu um sorriso fraco. — O arranjo com Pietro continua?

Tinha relatado a ele logo após meu encontro com Samuel, Pietro e Dante. Não tinha certeza se ele apenas queria que eu confirmasse novamente ou se sua memória estava começando a ficar irregular devido à sua doença. — Tudo está resolvido, mas como disse, o noivado de Emma com Samuel permanece um segredo por enquanto.

— Acho um erro esperar para anunciar o vínculo, — disse a mãe. — Talvez as pessoas parassem de ter pena dela se soubessem que ela

vai se casar com um futuro Underboss. E talvez Cincinnati perceba seu erro. Que apodreçam no inferno, todos eles. — A mãe benzeu-se como se Deus fosse lhe conceder seu desejo dessa forma.

— Se anunciarmos agora, as pessoas perceberão que fechamos um acordo. Emma ficará arrasada se descobrir que Samuel só concordou em se casar com ela para que eu me casasse com Sofia.

— Você se casaria com Sofia de qualquer maneira, — disse papai.

Era verdade. Sofia era uma boa combinação para mim, pelo menos do ponto de vista político. E mesmo assim parecia que eu tinha sido derrotado.



Fechei minha bolsa. Tinha embalado o suficiente para exatamente uma noite. A festa de Natal dos Cavallaro era amanhã e eu deveria comparecer. Meus pais insistiram que pegaria mal se eu não fosse, e eles provavelmente estavam certos. Se seu Capo o convidava para uma festa, era esperado que você comparecesse. Não estava ansioso para minha viagem a Chicago. Partiria amanhã de manhã e voltaria no dia seguinte. Talvez devesse ter planejado passar mais tempo com minha futura família, considerando que o clã Mione estaria lá também, mas a perda da Serafina ainda era muito recente. Até agora, evitei totalmente as reuniões sociais. Nem tinha ido à festa de cinquenta anos de Pietro.

O nome de Pietro brilhou no meu celular. Considerei não atender a ligação. Ele não me ligaria com boas notícias. Nenhuma de nossas conversas recentes tinha sido nem remotamente agradável. Talvez Dante tenha cancelado sua porra de festa de Natal. Claro, Pietro não me ligaria por algo assim. Eu não queria ir de qualquer maneira, mas não comparecer sugeriria que ainda estava preso a Serafina.

— Pietro, o que posso fazer por você? Estou ocupado.

— Não vou demorar. Só... Eu preciso te dizer uma coisa.

Pelo tom de sua voz, sabia que odiaria tudo o que ele tinha a dizer. — O que aconteceu?

— Serafina está grávida. Ela está com dezessete semanas.

A notícia me atingiu como uma marreta. Outro lembrete de como Remo a tirou de mim. Como se mesmo de longe ele tivesse encontrado outra maneira de me humilhar, mostrando-me novamente como havia desonrado minha noiva.

— Achei melhor que você ouvisse de nós e não de outra pessoa.

— Quão atencioso da sua parte, — rosnei, sentindo como se minhas entranhas estivessem em chamas. A raiva tornou-se uma companheira familiar. — Obrigado por me avisar.

— Entenderia se você decidisse não comparecer devido às novas circunstâncias.

Tudo em mim gritava para tomar o caminho mais fácil. Não queria ver Serafina de novo, especialmente agora que sabia que ela carregava o filho de Remo Falcone. No entanto, meu orgulho estava em frangalhos e não permitiria que ninguém me derrubasse completamente, especialmente Remo Falcone. — Não vejo por que deveria. Serafina não é mais minha preocupação. Sofia é minha noiva agora. — Até eu podia ouvir a amargura persistente em minha voz.

Pietro pigarreou. — Muito bem. Vejo você na festa então.

Muito tempo depois de encerrar a ligação, encarava o nada.

O zumbido da cadeira de rodas anunciou o surgimento de Emma. Ajustei minhas feições em uma expressão de calma quando ela apareceu no batente da porta.

— Você está bem? — Ela perguntou, seus olhos muito atentos observando meu rosto. Emma me conhecia muito bem e era simplesmente muito boa em ler as emoções das outras pessoas.

— Estou bem — menti. Ela era jovem demais para ser oprimida por meus problemas. Além disso, tinha seus próprios problemas para vencer.

Ela mordeu o lábio. — OK.

Forçando um sorriso, fui até ela e apertei seu ombro. — Estou saindo amanhã de manhã.

— Ficarei com mamãe e papai, certo?

Balancei a cabeça, mas então uma ideia me ocorreu. — Por que você não vem? Estou precisando de companhia. — Seu rosto inteiro se transformou em pura alegria e surpresa.

— Sério? Não vou ser um incômodo?

Agachei-me na frente dela e agarrei seus joelhos. — Você não é um incômodo, Emma.

Ter Emma comigo em Chicago certamente me impediria de fazer besteiras, e era exatamente por isso que precisava de Emma ali comigo. Raramente perdia minha cabeça quando ela estava por perto. Queria protegê-la desse meu lado, e realmente precisava de alguém para me impedir de perder o controle. Ver Serafina novamente podia muito bem me fazer perder tudo.

Depois do jantar, liguei para meu pai para informá-lo que ele e mamãe não teriam que cuidar de Emma nos próximos dias.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — Perguntou o pai. Ele parecia mais fraco do que da última vez que falei com ele, como se mal pudesse respirar o suficiente para pronunciar uma única palavra.

— Emma precisa estar entre as pessoas.

— Você sabe como as pessoas sempre olham para ela.

— Eu sei, mas não dou à mínima. Deixe-os olhar.



No momento em que Emma e eu entramos na mansão Cavallaro pela porta dos fundos - porque era acessível para cadeiras de rodas - e entramos no saguão, a atenção das pessoas se voltou para nós. Era difícil determinar qual de nós era o centro de sua curiosidade aberta - Emma em sua cadeira de rodas ou eu. Dante e sua esposa Valentina vieram em nossa direção e apertei suas mãos. Depois disso, Emma e eu

nos movemos para a sala de estar onde a maioria dos convidados estava reunida.

Emma me deu um sorriso envergonhado. — As pessoas estão olhando.

— Eles estão olhando para mim. O noivo abandonado, — disse em uma voz forçada de brincadeira.

Os olhos de Emma se arregalaram. Felizmente, a filha de Dante, Anna e Sofia estavam vindo em nossa direção. Sofia me deu um sorriso brilhante. Suas bochechas ficaram vermelhas quando sorri de volta para ela.

— Oi, — ela disse. Ela alisou o vestido e mordeu o lábio, parecendo quase como se estivesse esperando por algo. A filha de Dante e Emma se abraçaram e iniciaram uma conversa enquanto eu ficava olhando para o rosto expectante de Sofia.

— Como você está? — Sofia perguntou, então ficou ainda mais vermelha.

Fiz uma careta, me perguntando onde ela queria chegar com isso. — Estou bem. — Meu tom foi cortante. Então meus olhos pousaram *nela*. Serafina entrou na sala com Samuel, de braços dados. Ela estava vestida com um vestido elegante e largo. Meu olhar se demorou em seu diafragma, procurando a protuberância que sua escolha de roupa conseguiu esconder. Logo, isso seria impossível, e todos saberiam que Remo Falcone havia conseguido humilhar a mim e à Outfit de outra forma. Seria o escândalo do século.

Os olhares expectantes e curiosos de todos ao meu redor só aumentariam então.

Serafina olhou na minha direção e nossos olhos se encontraram. Ela sorriu educadamente, depois desviou o olhar, seguindo em frente com seu olhar como fizera com sua vida. Como tantas vezes nas últimas semanas, a raiva cresceu dentro de mim. Não era razoável culpar Serafina por nada disso. Ela era a vítima. Ela sofreu por todos os nossos pecados e continuaria sofrendo.

Depois de um momento, percebi que Sofia estava me observando. Dei a ela outro sorriso rápido, então me virei para Emma. — Vou pegar bebidas e algo para comer. Você tem companhia agora? — O último foi dirigido a Sofia e Anna. Ambas as meninas concordaram.

Sem outra palavra, saí em busca do bar. Depois de um gole de uísque, me senti mais à vontade. Mesmo assim, continuei procurando por Serafina na sala. Meu cérebro simplesmente não conseguia descansar. Frustrado comigo mesmo, saí em busca de Pietro ou Samuel. Um olhar superficial me disse que Emma ainda estava falando com Anna e Sofia.

Quando finalmente encontrei Pietro, ele estava no terraço no frio do inverno, conversando com Dante. — Estou interrompendo alguma coisa? — Perguntei quando me juntei a eles.

— Não, venha se juntar a nós, — disse Dante. A preocupação dos últimos meses que aparecia em cada linha do meu rosto também aparecera no dele.

— Quando você tornará isso público? — Não precisava elaborar o que queria dizer.

Pietro e Dante trocaram um olhar, então Pietro suspirou. Ele tomou outro gole de sua bebida. — Tentaremos manter isso em segredo pelo maior tempo possível. Mas duvido que possamos encobrir por mais de dois meses. As pessoas ficarão desconfiadas se Serafina ficar longe de eventos sociais.

— Por que ela não fez um aborto? Descobriu tarde demais?

— Ela não quer um aborto, — disse Pietro. Sua voz deixou claro que a escolha teria sido diferente se dependesse dele.

— Mas ela vai dar para outra pessoa criar?

Dante balançou a cabeça e Pietro esvaziou o resto do copo e acendeu um cigarro. Por um momento, pensei em pedir-lhe um cigarro. Senti vontade de me embebedar e fumar até esquecer tudo à minha volta. Mas também não era uma opção. Precisava ficar sóbrio o suficiente para levar Emma de volta para o hotel, e ela não gostava quando eu fumava porque matou nosso avô e logo mataria papai.

— Ela vai criar o filho do Falcone?

Não obtive resposta. Não conseguia entender como Serafina poderia sequer considerar criar esse filho. Que ela não quisesse um aborto era algo que podia compreender. Mas ver o filho de Remo crescer depois do que ele fez? Isso era loucura. As mulheres ficavam sentimentais quando estavam grávidas. Talvez ela mudasse de ideia mais tarde.

Não deveria nem importar para mim. Serafina não era mais da minha conta. E, no entanto, ainda parecia que era, como se tudo o que acontecesse com ela ainda ressoasse sobre mim.

Era uma coisa orgulhosa de se pensar, mas não conseguia abandonar o pensamento.



Fiquei tão animada quando soube que Danilo viria à festa de Natal do tio Dante. Quando ele não veio à festa de aniversário de papai, fiquei desapontada. Queria vê-lo novamente, agora que ele era meu. Poucas pessoas sabiam do nosso noivado ainda - que nem era um noivado oficial. Essa festa só aconteceria quando eu fosse mais velha.

Minha empolgação sumiu quando encontrei Danilo na festa. Demorei mais do que nunca para ficar pronta. Escolhi um vestido novo e elegante e até coloquei um toque de maquiagem que peguei do quarto de Fina. Apesar dos meus esforços, Danilo mal olhou para mim. Era como se eu fosse ar. Sua expressão era passiva. A única vez que houve uma centelha de paixão foi quando ele avistou Serafina do outro lado da sala. Depois disso, me tornei invisível para ele. Anna me cutucou assim que ele saiu.

— Ei, não faça essa cara, — ela sussurrou, em seguida, voltou-se para Emma. Forcei meus olhos para longe de Danilo e sorri para Emma.

— Está com fome? — Perguntei. — Não verifiquei o buffet ainda. Talvez possamos fazer isso juntas. — Ela assentiu e sorriu timidamente.

Anna sorriu. — Finalmente. Estou faminta.

Anna caminhou na frente, separando a multidão para que Emma pudesse passar por eles. Era óbvio que Emma estava envergonhada pela atenção, então fiquei ao lado dela e a distraí com conversa fiada.

— Estou feliz que você vai se casar com meu irmão, — disse ela um pouco mais tarde, quando estávamos em um canto da sala, comendo.

Isso me surpreendeu. — Você está? — Me encolhi com o quão ansiosa soei. Como um cachorrinho desesperado por uma guloseima. — Temos quase a mesma idade, então podemos ser amigas.

— Já somos amigas, — eu disse. Emma não era tão próxima quanto eu era de Anna ou de meus amigos da escola porque não a via com muita frequência, mas gostava dela. Depois do acidente, não tinha certeza de como tratá-la, mas logo percebi que ela ainda era a mesma garota de antes, só que menos móvel.

Os olhos de Emma dispararam para algo atrás de mim. Espiei por cima do ombro. Danilo estava vindo em nossa direção de novo, uma bebida na mão. Endireitei-me e sorri daquela maneira sofisticada que Fina havia aperfeiçoado. Seu olhar passou por mim antes de se fixar em Emma. — Vejo que está se virando. Você ficará bem enquanto trato de negócios?

Emma acenou com a cabeça. — Claro. Não sou um bebê.

O sorriso que Danilo lhe deu era desprotegido. Foi a primeira vez que seu rosto pareceu completamente livre de controle. Normalmente, ele estava sempre tão equilibrado e ciente de seu entorno. Queria que ele baixasse a guarda ao meu redor também.

Com um breve aceno de cabeça para mim, ele escapuliu.

Anna se inclinou em minha direção, uma mecha de seu cabelo castanho caindo do penteado. — Pare de lançar a ele esses olhos de cachorrinho.

Fiz uma careta. — Não lancei... — Tinha sido pega dando-lhe olhos de cachorrinho. — Só queria que ele parasse de me ignorar.

Anna encolheu os ombros. — Ele tem que te ignorar em público. Até ficar mais velha, é contra a etiqueta mostrar que você está noiva.

Ela estava certa. Continuei comparando minha situação com a forma como Danilo tratava minha irmã, mas ela era mais velha e eles quase se casaram.

Prometi a mim mesma parar de me preocupar tanto com tudo.



Serafina e eu sentamos na varanda, aproveitando o dia quente de primavera. A barriga de Fina já estava enorme. Ela parecia prestes a explodir. Ela explicou que sua barriga estava maior porque estava esperando gêmeos. Simplesmente não podia acreditar que ela tinha dois pequenos humanos dentro dela.

Ela riu quando percebeu minha atenção. — Não se preocupe. Não vou explodir, mesmo que tenha vontade.

— Mal posso esperar para conhecer os gêmeos. — Eu ri.

Seu sorriso vacilou. — Pelo menos alguém está ansioso.

Liguei nossos dedos. — Mamãe e papai ainda não estão felizes com os bebês?

Fina desviou o olhar, mordendo o lábio inferior. Ela não disse nada, mas eu podia dizer que ela estava segurando as lágrimas. Desde que ficou grávida, suas emoções estavam à flor da pele. Por isso nunca falava de Danilo com ela, embora estivesse desesperada para lhe perguntar sobre ele.

Papai veio até a varanda. — Sofia, posso dar uma palavrinha com você?

Levantei-me surpresa por ele querer falar comigo. Era sobre o Danilo? O segui para dentro e nos acomodamos no sofá.

Sua expressão me disse que estava prestes a receber más notícias.

— Joaninha, sei que você estava animada para comemorar seu aniversário, mas dada a situação de Fina, sua mãe e eu decidimos que seria melhor cancelar a festa.

Meu coração afundou. Eu estava ansiosa para comemorar minha festa de aniversário de 12 anos com meus amigos. — OK.

Papai acariciou minha cabeça. — Sinto muito. Mas você entende que não podemos ter tantas pessoas por perto agora, não é?

Balancei a cabeça mecanicamente. Meus pais estavam tentando esconder Serafina do público o máximo possível. Não tinha certeza de por que eles ainda estavam se incomodando. Mesmo na escola, todos sabiam de sua gravidez.

— Mas Anna e sua família virão visitar, então você poderá passar seu aniversário com ela, — disse papai.

Podia ver o quanto ele se sentia mal e não queria que se sentisse ainda mais culpado mostrando minha tristeza, então sorri e o abracei. — Não se preocupe, pai. Está tudo bem. — Quando beijei sua bochecha, foi como um peso tirado de seus ombros.



Anna e sua família chegaram um dia antes do meu aniversário.

No dia do meu aniversário, mamãe fez um grande bolo de chocolate para mim e fez muito glacê como sempre, porque eu adorava comê-lo com uma colher enquanto o bolo assava no forno. Leonas, Anna e eu passamos o dia juntos, nos enchendo de bolo e tagliatelle caseiro com ragù - um prato tradicional da cidade natal de nossa cozinheira, Bolonha. Finalmente ganhei um celular e, embora Danilo ainda não tivesse meu número, esperava receber uma mensagem dele.

Não seria difícil para ele descobrir meu número - tudo que teria que fazer era pedir a papai ou Samuel. Mas quando o jantar acabou e eu ainda não tinha recebido uma mensagem dele, aceitei que ele esqueceu meu aniversário. Minha decepção pesou muito sobre mim, mas tentei escondê-la de minha família. Não queria que eles percebessem a quão louca estava por Danilo.

Depois do jantar, Anna e eu fomos para o meu quarto e deitamos na minha cama para assistir filmes e ficar acordadas o maior tempo possível.

Como de costume, Anna leu meu humor. — Ele provavelmente só esqueceu. Os homens são assim, — disse Anna durante os créditos iniciais.

— Como você sabe tanto sobre os homens? — Zombei.

Anna revirou os olhos. — Tenho um irmão, e ele pode ser um grande idiota. Duvido que melhore com a idade. E quanto ao Sam? Ele sempre se lembra dos aniversários?

Balancei minha cabeça. — Fina sempre tem que lembrá-lo do aniversário da mamãe e do dia das mães. — Sorri, de repente me sentindo melhor. — Você está certa. Vamos curtir o filme.

Depois do café da manhã no dia seguinte, Sam acenou para mim, segurando seu telefone. — Danilo. — Havia um tom áspero em sua voz que não entendi, mas estava ansiosa demais para falar com Danilo para pensar nisso.

— Oi, — disse timidamente. Minha pele esquentou quando notei minha família olhando para mim. Virei-me e saí da sala de jantar para ter um pouco de privacidade.

— Olá, Sofia. Só estou ligando para desejar um feliz aniversário. Tive um dia agitado ontem ou teria ligado.

Sorri. — Não se preocupe, está tudo bem. — Fiquei encantada com o quão suave minha voz soou, como se não estivesse nervosa.

— Espero que você tenha tido um bom dia.

— Sim, tive. Umm... tenho um celular agora. — Esperava que ele pedisse meu número.

— Isso é bom.

— Posso te dar meu número caso você precise entrar em contato comigo. — Nada suave na minha voz agora. Parecia uma idiota.

Danilo pigarreou. — Isso não seria apropriado. Se precisar entrar em contato com você, vou ligar para seu pai ou irmão.

Meu estômago caiu e o calor atingiu minhas bochechas. — Você está certo, — soltei.

Houve um momento de silêncio antes de Danilo dizer: — Tenho uma reunião agora. Tenha um bom dia.

— Você também.

Quando a ligação terminou, mantive o telefone pressionado no ouvido por alguns segundos antes de finalmente abaixá-lo e olhar para cima.

Fina estava parada na porta da sala de jantar, franzindo a testa enquanto me observava. — Você está bem?

Queria desesperadamente falar com alguém. No passado, esse alguém teria sido a minha irmã, mas agora uma barreira surgiu entre nós. Não era culpa de Fina. Ela ainda tentava falar comigo com frequência, mas era estranho compartilhar meus sentimentos idiotas por seu ex-noivo com ela. Especialmente considerando o quanto ela tinha que lidar agora. Ela logo seria uma mãe solteira de dois bebês. Meus problemas eram absolutamente ridículos em comparação.

— Sim, Danilo me desejou feliz aniversário. — Mordi meu lábio. — Ele já te parabenizou com um dia de atraso?

Fina caminhou em minha direção, embora fosse mais um gingado por causa de sua barriga gigante. — Não me lembro. — Ela tocou meu ombro, seus olhos procurando os meus.

Perguntei-me se ela realmente não lembrava ou se simplesmente disse isso para não ferir meus sentimentos.

— Não seria melhor você esquecer seu noivado com Danilo até ficar um pouco mais velha? Você ainda tem muitos anos antes de se casar com ele. Divirta-se com seus amigos até lá, e simplesmente não pense nele.

Queria fazer o que ela disse, mas meu cérebro parecia ter entrado em curto-circuito e todos os meus pensamentos giravam em torno de Danilo.

TRÊS



Eu levei as palavras de Fina a sério e forcei meus pensamentos longe de Danilo sempre que voltavam para ele. Tinha tido sucesso, principalmente devido ao fato de que não o via há meses. O nascimento de minha sobrinha e meu sobrinho há sete meses também ajudou. Dois bebês precisavam de muita atenção, e Fina ficava feliz por ter qualquer tipo de ajuda que pudesse. Por causa de todo o tempo que passamos juntas, ficamos mais próximos novamente.

Era início de dezembro quando o som de passos me acordou e me tirou do quarto. Fina estava no corredor, os gêmeos em carregadores e uma mochila nas costas.

Ela ergueu os olhos. O choque passou por seu rosto como se eu a tivesse pego em flagrante. Já era tarde, então ela não podia ter nenhum compromisso com os gêmeos. Mamãe já estava dormindo e papai, Sam e tio Dante estavam ocupados. Claro, ninguém se incomodou em me dizer que tipo de negócio eles tinham que tratar - não que normalmente compartilhassem, mas o nível de sigilo mantido por todos deixou claro que o que quer que fosse, era importante.

No momento em que os olhos de Fina encontraram os meus, soube que algo estava errado.

— Aonde você vai? — Perguntei, meu coração apertando com força. Fina parecia estar prestes a fugir. A expressão de Fina suavizou.

— Estou partindo. Tenho que ir.

Não esperava que Fina me dissesse a verdade. Meus pais e Sam geralmente me davam uma versão açucarada dos eventos.

— Por causa de Greta e Nevio? — Parei ao lado de minha irmã. Nevio e Greta estavam dormindo em seus carregadores, parecendo pequenos e adoráveis. Eu amava abraçá-los. — Você está nos deixando, — sussurrei, percebendo que talvez nunca mais os visse. Se Fina fugisse, não teria permissão para vê-la.

— Eu tenho que ir, joaninha. Pelos meus bebês. Quero que eles sejam seguros e felizes. Preciso protegê-los dos rumores.

Odiava a maneira como as pessoas falavam mal dos gêmeos. Eles eram apenas bebês, mas as pessoas os odiavam porque se pareciam com Remo Falcone, o inimigo. Inclinei-me e beijei suas bochechas rechonchudas pela última vez. Queria que Fina fosse feliz, e ela não tinha sido desde antes do nascimento dos gêmeos. Todos sempre a olhavam como se fosse uma alienígena. Ainda assim, a ideia de perder Fina e os gêmeos me machucava profundamente.

— Eu sei o que as pessoas dizem sobre os gêmeos, e odeio isso. Mas não quero que você vá... — Minha voz falhou.

— Eu sei. Dê-me um abraço.

A abracei com força, tentando memorizar tudo sobre ela. Seu perfume Calvin Klein fresco, seu cabelo liso, seus abraços calorosos.

— Não diga a ninguém, por favor — sussurrou Fina.

Afastei-me. — Você vai voltar para o pai deles?

Fina acenou com a cabeça. Ela raramente falava sobre seu sequestro, mas sempre que mencionava Remo Falcone, não parecia tão assustada quanto se esperava. Às vezes, ela até parecia melancólica, e agora sabia que meus instintos estavam certos. — Você o ama?

— Eu não sei, — disse Fina, suas sobrancelhas loiras franzindo.

Como ela podia não saber? Mas então me lembrei dos meus sentimentos confusos por Danilo e entendi. As emoções nem sempre eram em preto e branco. — Papai não vai permitir que eu te veja novamente, vai? — Perguntei, meus olhos ardendo com lágrimas que tentei segurar pelo bem de Fina. Não queria que ela se sentisse culpada.

Fina desviou o olhar brevemente, piscando rapidamente. — Espero que um dia ele entenda.

Eu não entendia por que papai e Sam não gostavam dos gêmeos, mas ficava mais óbvio a cada dia. Eles odiavam Remo tanto que não podiam ver nada além de seu ódio. Não podia imaginar que eles ficassem bem com Fina voltando para Las Vegas, mesmo que fosse por amor e seus gêmeos. — Vou sentir sua falta.

— Eu sentirei sua falta também. Vou tentar entrar em contato com você. Lembre-se que te amo, joaninha.

Lágrimas correram pelo meu rosto enquanto observava Fina descer a escada. Agarrei o corrimão até ouvir o clique suave da porta da frente quando Fina saiu de casa. Não tinha certeza de como Fina sairia de casa ou passaria pelos guardas, mas ela era inteligente e determinada. Ela encontraria uma maneira.

Voltei para a cama, mas não consegui voltar a dormir. Meus pensamentos estavam com Fina, imaginando como ela chegaria a Las Vegas. Queria que ela ficasse segura. Considerei ir deitar com Anna. Ela, Leonas e Valentina passavam a noite aqui desde que o tio Dante estava envolvido com os negócios. Mas prometi a Fina manter isso em segredo. Eu confiava em Anna, mas não queria arrastá-la para essa confusão e forçá-la a mentir para o pai.

Devo ter adormecido eventualmente porque fui acordada por gritos de raiva. Pulei da cama para investigar o motivo da gritaria. Meu coração disparou, esperando um ataque. Em vez disso, encontrei mamãe, papai, e Samuel enfrentando Dante.

Mamãe chorava histericamente. Eu tentava entender o que estava acontecendo. Tudo aconteceu tão rápido que mal tive tempo de entender o que estava acontecendo. E então meus pais expulsaram Anna e sua família de nossa casa. Assisti a tudo, boquiaberta, coração apertado com força. Anna me lançou um olhar temeroso. Nunca tinha visto nossos pais gritarem um com o outro, muito menos se expulsarem. Quando a porta se fechou atrás deles, de repente percebi que poderia ter perdido Fina, os gêmeos e Anna em um dia.

Mamãe correu escada acima, papai seguindo atrás dela. Seus lamentos ecoaram pela casa e trouxeram lágrimas aos meus próprios olhos.

Sam caminhou em direção ao escritório de papai e o segui. Ele se serviu de uma bebida e engoliu, então afundou em uma das poltronas, parecendo desgrenhado e com o coração partido. Arrastei-me em direção a ele e toquei seu ombro, querendo confortá-lo. Ele e Fina eram inseparáveis e agora ela se foi.

— Ela o escolheu. Ela o salvou, — ele rosnou, e então me contou como Fina tinha ido até uma casa segura onde eles mantinham Remo Falcone para matá-lo e o salvou. Dante a deixou ir e agora minha família culpava meu tio por perder Fina, mas ela fez sua escolha de ir embora - não Dante. Ele apenas honrou seu desejo. Não expressei meus pensamentos e ouvi as divagações cada vez mais bêbadas de Sam. Quando ele mencionou Danilo, me animei.

—Danilo estava lá?

Sam acenou com a cabeça e cambaleou para pegar outra bebida. — Por que ele estava lá?

Sam já estava com as pernas bambas e eu queria que ele parasse de beber, mas não podia lhe dizer o que fazer. Ele bufou. — Porque Danilo tem sonhado em destruir o maldito Remo Falcone desde o dia em que roubou Fina dele. Todos nós temos sonhado com isso, sobre finalmente obter nossa vingança. Mas nós conseguimos? Porra, não. Dante tirou isso de nós, e agora Fina se foi, bem como qualquer chance de vingança que já tivemos. — Ele engoliu a bebida.

Eu realmente esperava que Danilo tivesse superado a perda de Fina, que tivesse seguido em frente, mas se a vingança ainda estava em sua mente, obviamente não era o caso. — Por que você não pode simplesmente seguir em frente? — Sussurrei. Era a pergunta que queria fazer a Danilo.

Samuel riu amargamente. — Seguir em frente? Não tem como seguir em frente. Eu a perdi, e nada nem ninguém poderia substituí-la. — Ele afundou na cadeira, parecendo estar a segundos de desmaiar.

Sabia que Samuel não queria me machucar e sabia que nunca poderia substituir Serafina. Ela e Samuel sempre foram uma unidade. Eles eram gêmeos. O vínculo deles era especial e sempre aceitei isso. Mesmo assim, depois de ouvir suas palavras, fiquei arrasada, sabendo que os mesmos pensamentos provavelmente estavam passando pela cabeça de Danilo. Ele queria Fina, a escolheu, e agora ficou comigo em vez disso. A respiração de Samuel havia se estabilizado e seus olhos estavam fechados. Tirei cuidadosamente o copo de sua mão e o coloquei sobre a mesa. O deixei na poltrona e rastejei para fora da sala. Quando cheguei lá em cima, ouvi o choro de mamãe vindo do quarto deles. Por alguns segundos, fiquei parada no corredor, me perguntando se deveria bater e tentar consolá-la.

Mas mamãe era uma chorona particular. Ela provavelmente queria ficar sozinha, então passei pela porta. Naquela noite, quando deitei na cama, me permiti chorar.



Depois de um momento de euforia estimulante ontem, quando Remo Falcone se entregou em troca de seu irmão mais novo que tínhamos capturado, depois de horas vendo-o ser torturado e torturando-o eu mesmo, meu humor agora havia chegado ao fundo do poço.

Corri por Minneapolis, sem nem mesmo saber para onde estava indo. Esperei por este dia por meses. Perdi a conta das vezes que imaginei como desmembrar Remo, como colocá-lo de joelhos e fazê-lo implorar por misericórdia. Ele não fez nenhum dos dois. Até o fim, seu ar de arrogância permaneceu intocado. Não importava o que fizéssemos, ele manteve aquele sorriso arrogante. Talvez se tivéssemos tido a

chance de seguir em frente com nosso plano e cortar a porra de seu pau, ele finalmente teria implorado, mas fomos frustrados.

Depois de toda nossa luta e esforço, Remo Falcone venceu. Serafina, a mulher que ele sequestrou e desonrou, o salvou com a ajuda de Dante.

Senti uma parcela de culpa quando Serafina foi sequestrada e mesmo depois que voltou para nós quebrada, uma sombra da garota que achei que conhecia. Agora, a raiva tomava cada vez mais as minhas emoções, tornando-se quase insuportável. No instante em que ela apontou sua arma para nós para proteger seu sequestrador – nosso pior inimigo - eu a odiei. Uma coisa era nascer do lado errado e não conhecer o melhor como acontecia com a maioria dos Camorristas, mas era imperdoável ser criada na Outfit e ter esse defeito. Mulher ou não. Ela poderia ter enviado seus gêmeos para Las Vegas e ficado onde pertencia - na Outfit.

Parei no estacionamento de um bar qualquer, sem ter certeza se era nosso ou se pertencia a Bratva. Não me importava. Desliguei o motor e saí do carro.

Dentro do bar sombrio e mal iluminado, engoli uma dose após a outra. O dono do bar não fez nenhuma pergunta ou tentou me impedir de ficar perigosamente bêbado.

Pelo canto do olho, vi uma mulher loira. Meu coração deu um pulo - por um momento, pensei que fosse Serafina. Queria me chutar por minha própria idiotice. Engoli o resto da minha bebida e bati o copo no balcão. O barman encheu meu copo sem fazer nenhum comentário. Após uma inspeção mais detalhada, a mulher no balcão perto de mim não tinha nenhuma semelhança com minha ex-noiva, exceto pela cor de cabelo. Cada centímetro do rosto dessa mulher falava de uma vida cheia de dificuldades e frustrações. Serafina viveu em uma gaiola dourada. Nunca teve que trabalhar por nada, lutar por nada, e a primeira vez que o fez foi para salvar nosso inimigo e trair a todos nós.

A amargura envenenou minhas entranhas. Estava preso em uma espiral autodestrutiva, mas não conseguia me livrar dela.

A mulher percebeu minha atenção e sorriu. Ela não era meu tipo. Muito pouco natural, mas era exatamente o que eu precisava. Levantei-me, fui até ela e sentei no banco do bar ao seu lado. De perto, ela mal se parecia com Serafina, mas não me importei. Depois de uma curta conversa e mais alguns drinques, entramos no banheiro juntos. A fodi com força contra um reservado do banheiro, sua frente pressionada contra a parede, suas costas para mim. Concentrei-me em seu cabelo loiro e deixei escapar minha frustração e raiva. Remo tirou Serafina de mim, roubou sua inocência e seu coração. Podia imaginar sua sensação de triunfo absoluto cada vez que ele a fodia, sabendo que tinha tirado isso de mim. Gozei com um estremecimento violento e me desvencilhei da mulher à minha frente. Não tinha certeza se ela gozou, mas não me importava. Ela não parecia infeliz quando se inclinou para mim e falou algo em meu ouvido que não entendi antes de deslizar um pedaço de papel no meu bolso. Ela tropeçou para fora da cabine e me arrumei com um braço e joguei fora a camisinha. Por um longo tempo, encarei a parede grafitada, me sentindo mal do estômago e sem ter certeza se era o resultado de muito álcool ou da minha foda sem gosto em um banheiro sujo. Arrumei minhas roupas e tropecei para fora do banheiro. Depois de jogar o dinheiro no balcão, cambaleei até o carro.

Uma vez atrás do volante, olhei para frente, tentando impedir que minha visão girasse. Fechei os olhos, considerando para onde ir. O hotel estava fora de questão. Minha família e eu nos hospedávamos lá desde que conseguia me lembrar. Não podia aparecer lá neste estado lamentável. Meus pais já tinham o suficiente para lidar sem se preocupar com minhas aventuras bêbadas.

Não havia como dirigir até outro hotel ou motel barato. Depois do que aconteceu com Emma, nunca mais havia dirigido após beber. Não precisava adicionar outra camada de culpa à minha consciência já pesada.

Se estivesse em Indianápolis, teria ligado para Marco e lhe pediria que me desse uma carona até sua casa. Embora ele provavelmente

estaria tão irritado quanto eu. Normalmente passávamos esse tipo de noite de merda juntos. Por fim, peguei meu telefone e liguei para Pietro.

Ele atendeu após o segundo toque, nenhum sinal de sono em sua voz, apenas uma cautela profunda e consumidora. — Danilo, o que posso fazer por você?

Talvez mostrar fraqueza a outro Underboss tenha sido um erro. Pietro era um dos melhores homens do nosso mundo, mas ainda era um Homem Feito, e manter a fachada diante dele era importante. Ele não era do tipo traidor, fofoqueiro e também seria da família um dia. Ele já seria família, se não fosse por Remo Falcone. A raiva que havia entorpecido temporariamente com a bebida e uma foda sem sentido com uma garota, anos-luz de alcançar a graça de Serafina, irrompeu dentro de mim novamente, acendendo as brasas da minha sede de vingança e sangue.

— Danilo? — A preocupação agora se misturava ao cansaço na voz de Pietro. Talvez ele fosse uma das poucas pessoas que entenderia minha turbulência. Nós dois perdemos algo. Mas o que ele perdeu não poderia ser substituído.

— Estou bêbado demais para dirigir. Estou preso no estacionamento de algum bar de merda. Posso passar a noite na sua casa?

— Claro, — disse Pietro sem hesitação. Ele nem perguntou por que simplesmente não voltava para o hotel que tinha reservado. —Se me der o endereço do bar, pego você.

Balancei a cabeça como se ele pudesse ver pelo telefone, então lhe disse onde estava. Não tinha certeza de quanto tempo levaria para Pietro chegar a esta parte da cidade. Dirigi sem rumo pelas ruas antes de finalmente parar aqui.

Meus olhos se fecharam quando cedi à névoa pesada que o álcool espalhou em minha cabeça.

Uma batida na janela me tirou do sono. Não tinha certeza de quanto tempo estava dormindo, mas quando olhei pela janela, Pietro me encarava de volta. Endireitei-me e empurrei a porta. Minhas pernas

estavam bambas. Obviamente tinha bebido ainda mais do que pensava. Pietro me examinou. Sabia que era uma visão lamentável, mas ele não fez comentários e não espalharia fofocas sobre mim. Pelos nossos padrões, ele era um bom homem.

Ele não se ofereceu para me ajudar enquanto cambaleava em direção ao seu carro, embora obviamente precisasse de ajuda, pelo que era grato. Queria manter um pedaço do meu orgulho.

Uma vez que sentei no banco do passageiro, uma onda de náusea tomou conta de mim, mas lutei contra isso. Não era um garoto de quinze anos que exagerou na primeira festa. Pietro sentou-se atrás do volante e ligou o carro. Ele abaixou a janela e acendeu um cigarro.

Antes da coisa com Serafina, nunca o tinha visto fumar, mas imaginei que cada um de nós tinha seu próprio vício para lidar com os acontecimentos recentes.

Nós não falamos. Eu estava bêbado demais e Pietro, embora sóbrio, parecia estar de ressaca.

— O Capo ainda está na sua casa? — Perguntei eventualmente. A nota de desrespeito em meu tom poderia me colocar em problemas em qualquer outro dia. Não que me importasse.

— Não, ele e sua família foram para Chicago.

— Lar doce lar, — murmurei.

Pietro deu uma tragada profunda e acenou com a cabeça. Nossas famílias estavam em ruínas por vários motivos, mas Dante manteve sua família em perfeitas condições.

Chegamos à mansão de Pietro quinze minutos depois. A casa estava escura, exceto por um quarto no andar de cima. Pietro suspirou.

— Sua esposa? — Imaginei.

Ele assentiu. Ele nunca foi muito falante, mas agora parecia ter ficado seletivamente mudo. — E quanto a Samuel? — Perguntei. Não tinha certeza porque não podia simplesmente calar a boca.

Pietro deu uma última tragada no cigarro, pisou no chão e me conduziu até a porta da frente. — Ele perdeu sua irmã gêmea.

Não era exatamente uma resposta, mas ao mesmo tempo era. Samuel e eu não éramos exatamente amigos. Nossas personalidades se chocavam demais para querer estar perto um do outro, mas eu o respeitava. Eu tinha perdido minha noiva - minha futura esposa - quando Remo a sequestrou e peguei Sofia como substituta. Para Samuel, não haveria outra pessoa que pudesse ocupar o lugar de sua irmã gêmea.

Pietro me levou a um de seus quartos no segundo andar e pediu licença.

Caí na cama, tirando meus sapatos e sem me preocupar em me despir. Segundos depois que meu corpo atingiu o colchão, desmaiei.

QUATRO



Tropecei escada abaixo, ainda de camisola. Bocejando, entrei na sala de jantar, que cheirava a café e panquecas. Nossa empregada Adelita me deu um sorriso rápido antes de voltar correndo, provavelmente para pegar o que estava faltando. Papai era o único sentado à mesa, o que era bastante incomum. Normalmente mamãe sempre acordava cedo e era a primeira a garantir que a mesa do café da manhã incluía todos os nossos favoritos - especialmente no fim de semana.

— Bom dia, — eu disse, minha voz rouca de sono e choro.

Papai ergueu os olhos por trás do jornal. Sombras escuras se espalharam abaixo de seus olhos, e quando beijei sua bochecha, o fedor de fumaça chegou ao meu nariz.

— Você está fumando de novo? — Perguntei preocupada. — Isso não é saudável.

Papai me deu um pequeno sorriso, então ele examinou minha roupa. — Talvez você devesse se vestir.

Minhas sobrancelhas franziram. — É fim de semana.

— Danilo passou a noite aqui. Ele pode descer a qualquer momento, e tenho certeza de que você não quer ficar de camisola perto dele.

Meus olhos se arregalaram de surpresa. — Por que ele está aqui?

Papai olhou para o jornal. Se ele estava relutante em me dizer, só poderia ser sobre Fina. — Ele não ficou muito bem depois que sua irmã

ajudou Remo a escapar, então o busquei ontem à noite e o deixei passar a noite.

Balancei a cabeça, meus olhos começando a formigar. — Claro. Umm... vou me vestir agora. — Recuei e saí da sala.

Achei que Danilo tinha superado Fina, mas se papai teve que buscá-lo, ele devia estar muito bêbado - como Samuel.

Perdida em meus pensamentos, marchei pelo corredor do segundo andar quando alguém saiu de um dos quartos. Percebi tarde demais e colidi com ele - Danilo, é claro.

Ele agarrou meus braços para me firmar. Olhei para cima, bochechas queimando. Danilo estava com uma camisa amassada e calças escuras que cheiravam levemente a álcool e fumaça. Roupas de ontem.

Seus olhos estavam injetados e giravam com uma miríade de emoções sombrias que encheram meu coração de pavor. Nunca o tinha visto assim. Ele parecia inconsolável por minha irmã ter fugido. Não era a reação de alguém que não se importava mais com ela.

— Me desculpe, — murmurei, afinal quase o atropelei. Ele examinou brevemente minha roupa e me encolhi por dentro. Essa não era a impressão que queria causar.

Ele me soltou e deu um passo para trás. — Não há necessidade de se desculpar, — disse ele em uma voz que falava de uma longa noite. — Seu pai está lá embaixo?

— Sim, está.

Dei a ele um sorriso forçado e me desculpei, querendo me tornar apresentável para salvar minha dignidade. Fina nunca havia desfilado perto de Danilo com roupas de dormir infantis.

Tive vontade de gritar de frustração, mas em vez disso coloquei um vestido bonito antes de descer correndo, na esperança de compensar a minha primeira aparição, mas quando entrei na sala de jantar Danilo não estava lá.

Mamãe e papai estavam sentados à mesa, tomando café. —Cadê o Danilo? — Perguntei enquanto me acomodava em frente à mamãe.

— Ele precisou voltar para Indianápolis, — disse papai.

Balancei a cabeça, mal conseguindo conter minha decepção. Mamãe não disse nada. Ela parecia exausta e seus olhos estavam inchados de tanto chorar.

Peguei as panquecas e coloquei algumas no meu prato. Adelita voltou com as duas últimas tigelas. Uma delas continha uma variedade de frutas vermelhas, a outra fatias de toranja. Meu estômago se tornou uma cova oca com a visão das meias-luas rosa perfeitas.

Fina era a única que gostava de toranja.

Mamãe e papai devem ter pensado exatamente a mesma coisa, porque seus rostos caíram quando Adelita pousou a tigela.

— Você pode jogar isso fora, — mamãe disse rispidamente.

Ela nunca falava assim com a equipe, nem mesmo quando estava estressada. Adelita saltou, então a realização encheu seu rosto. Por agora, nossa equipe deveria saber sobre Fina. Notícias como essa se espalhavam como um incêndio. Meu coração ficou pesado pela fuga da minha irmã. A essa altura, ela estaria em Las Vegas com os gêmeos, em território inimigo. Eu teria a chance de falar com ela novamente? Vê-la novamente?

Adelita estendeu a mão para a tigela, mas a impedi e puxei-a para mim. — Não se preocupe. Estou com vontade de comer toranja esta manhã.

Adelita assentiu lentamente antes de sair da sala, parecendo tão abalada quanto eu. Mamãe tomou um gole de café, seus dedos brancos por causa do aperto na xícara.

Papai olhou de volta para seu jornal, mas não antes de me dar um pequeno sorriso agradecido.

Espetei uma fatia de toranja e coloquei na boca. O gosto agridoce floresceu na minha língua, e tive que me impedir de fazer uma careta. Depois de mais algumas mordidas, minhas papilas gustativas se acostumaram com o amargor e terminei o resto da fruta. Mamãe olhou brevemente para cima antes de encher a xícara com café novamente. Fui a única que comeu.

— Vocês viram Samuel? — Perguntei eventualmente, incapaz de suportar o silêncio esmagador por mais um segundo. Mamãe balançou a cabeça. Parecia que o pequeno movimento já lhe custava muita energia.

Papai largou o jornal. — Ainda estava dormindo da última vez que verifiquei.

— Ele estava muito bêbado...

Papai balançou a cabeça. — Ele não deveria ficar bêbado na sua frente.

Dei de ombros. Não era mais um bebê. Desde o sequestro de Fina, tinha visto tantas coisas perturbadoras que não me abalava tão facilmente.

— Acho que vou procurá-lo, — disse, esperando papai dar seu ok. Ele acenou com a cabeça e me levantei da mesa. Servi um café para Samuel e peguei um pedaço de bolo antes de subir as escadas. Tudo estava em silêncio atrás de sua porta. Bati algumas vezes, mas não houve som. Eventualmente, a preocupação me venceu. Pessoas bêbadas podem engasgar com seu próprio vômito. E se algo assim tivesse acontecido com Samuel?

Abri a porta um centímetro e espiei. A cama estava intacta. Samuel definitivamente não tinha dormido aqui na noite passada. Virei-me e desci as escadas para o escritório onde deixei Samuel na noite anterior. Quando entrei, meu estômago apertou.

Samuel estava deitado no chão, uma garrafa vazia de uísque ao lado dele. Coloquei a xícara e o bolo na mesinha de cabeceira e caí de joelhos ao lado dele, com medo de que ele não estivesse respirando. Meus olhos registraram a ascensão e queda de seu peito. Ele fedia a álcool. O sacudi com força. — Sam? Acorde.

Demorou alguns instantes antes de seus olhos se abrirem e ele olhar para mim. Ele estava semicerrando os olhos como se a luz o estivesse cegando.

— O que está acontecendo? — Grunhiu, enviando outra onda de cheiro de álcool ao meu nariz. Inclinei-me ligeiramente para trás.

— Você dormiu no chão. Você devia estar muito bêbado.

Com um gemido, ele se sentou. Embalou o lado de sua cabeça, seu rosto contorcendo-se de dor. — Porra. O que...

A realização cruzou sua expressão, como se ele se lembrasse dos eventos de ontem. Ele rapidamente mascarou sua angústia e olhou para mim. — O que você está fazendo aqui?

— Estava preocupada com você, — disse. — E trouxe café. — Levantei-me e peguei o café e o bolo. — Acho que pode estar frio por agora. Não sabia que ainda estava aqui.

Samuel pegou a xícara de mim. — Obrigado, Sofia. Você é uma salva-vidas.

Ele engoliu o café em dois goles, depois soltou um suspiro e se recostou no sofá, mas não se incomodou em se levantar do chão.

— Quer que pegue outro café para você? — Ele deu uma risadinha.

— Devo estar uma merda.

Mordi meu lábio. — Você não parece bem.

— Você é muito legal, — ele disse, então sua expressão se suavizou. Entreguei-lhe o bolo e fui buscar mais café.

Queria ajudar Samuel. Isso me distraia de tudo o que tinha acontecido e me fez sentir útil. Quando entrei na sala de jantar, mamãe e papai já tinham saído e Adelita estava limpando a mesa.

— Tem mais café? — Perguntei. Ela ergueu os olhos com surpresa. — Para Samuel, — esclareci.

Ela sorriu, mas a pena em seus olhos quase me desfez. Aprendi desde muito jovem que pena era algo indesejável. A pena não tinha valor, mas tudo o que valesse a pena tinha que ser merecido.

— Posso fazer café fresco.

— Sim, por favor, — eu disse. Pegando alguns pratos, a segui até a cozinha.

— Você não precisa me ajudar. Esse é o meu trabalho, — disse Adelita enquanto pegava os pratos da minha mão e os colocava na lava-louças.

Eu a observei preparar o café. Nossa segunda empregada se ocupava limpando uma panela, mas me lançou um olhar curioso.

— Samuel está de ressaca? — Adelita perguntou.

Minhas defesas dispararam. Nossas empregadas praticamente moravam na casa, então era natural que testemunhassem muito, mas revelar a vulnerabilidade de Samuel ainda parecia errado.

— Ele está bem. Ele só quer um pouco de café fresco.

Fiquei aliviada quando saí da cozinha cinco minutos depois com um bule de café fumegante. Samuel não havia se movido de seu lugar no chão, mas pelo menos ele comeu o bolo.

Sua expressão suavizou quando me viu, mas eu já tinha visto a escuridão. Servi um pouco de café e ele tomou um gole, assobiando com o calor escaldante.

Sentei no chão ao lado dele, me perguntando o que dizer. Samuel estava mais fechado desde o sequestro de Fina, e agora que ela havia fugido, provavelmente não mudaria.

Por alguns minutos, ficamos sentados em silêncio, Samuel embalando seu café e eu perdida em meus pensamentos. Eventualmente, não aguentei mais.

— Você acha que veremos Fina de novo?

Samuel enrijeceu. — Ela nos traiu. Ela me drogou para que pudesse salvar o Falcone. — Ele ficou em silêncio, mas sua expressão severa me disse mais do que suas palavras.

— Ela fez isso pelos gêmeos. Ninguém gostava deles aqui na Outfit. — Samuel grunhiu.

— Ela poderia tê-los mandado para Las Vegas.

— Você realmente acha que Fina poderia viver sem seus bebês?

Mas Samuel não estava em estado de espírito para ouvir a razão.

— O que acontece agora? — Perguntei.

Samuel encolheu os ombros. — Nós vamos seguir em frente. Serafina se foi e não vamos tentar trazê-la de volta desta vez. Talvez ela volte correndo para nós um dia, quando perceber que tipo de louco é Remo Falcone.

— A Outfit a aceitaria de volta?

Samuel desviou o olhar e, apesar de sua raiva e sensação de traição, seus olhos tinham uma resposta clara. — Ela é uma mulher, — foi o que ele disse.

— Talvez um dia haja paz com a Camorra.

Samuel levantou. — Não haverá paz a menos que Dante queira um motim em suas mãos. Danilo, papai e eu nunca concordaríamos, e sabendo muito como futuro Underboss duvido que eles queiram paz. Nós não precisamos disso.

Quando me levantei, Samuel tocou meu ombro. — Não se preocupe com a guerra. Apenas tente ser feliz e ser uma criança, Sofia.

Forcei um sorriso. — A nossa família precisa que eu seja adulta e agora que fui prometida ao Danilo, não posso ser criança.

— Você pode tirar Danilo da cabeça pelos próximos seis anos, joaninha. Nossa família vai se curar sozinha. Você não pode consertar o que Remo e Serafina quebraram.

Ele apertou meu ombro antes de sair.

Talvez ele estivesse certo, mas eu sabia que não seria capaz de colocar minha mente para descansar. Queria consertar nossa família e mostrar a Danilo que ele fez a escolha certa.



Minha cabeça ainda latejava contra minhas têmporas enquanto dirigia meu carro em direção à casa dos meus pais. Depois da minha curta noite na mansão dos Mione, peguei meu carro e dirigi até o hotel para trocar de roupa e pegar minha bolsa. Estive na estrada de volta para Indianápolis desde então. Meu corpo gritava para deitar, mas uma mensagem de mamãe me fez dirigir até eles.

Quando entrei com minhas chaves, Emma empurrou-se para o foyer. — Ouvi seu carro, — ela disse suavemente. Seus olhos estavam vermelhos e inchados de tanto chorar. Apesar de sua óbvia angústia, ela examinou meu rosto e disse: — Você não parece bem. Está tudo bem?

Notícias sobre Serafina ajudando Remo a escapar ainda não haviam chegado à casa dos meus pais. Duvidava que não estivessem circulando entre meus homens, no entanto.

Beijei sua bochecha com um sorriso tenso. — As coisas têm sido difíceis em Minneapolis, mas não vamos nos preocupar com isso agora. — Isso era dizer o mínimo. A merda iria atingir o ventilador muito em breve, e a frustração e a raiva dos meus homens sobre o golpe do inimigo me atingiriam mesmo que Dante tivesse tomado a decisão. Alguns testariam minha autoridade e teria que mostrar força. Mais energia desperdiçada na direção errada.

— Mamãe e papai estão lá em cima, — disse Emma, e sussurrou: — Papai esteve muito mal nos últimos dias. Eu acho que... não acho que ele vai chegar ao Natal. — Sua voz falhou e ela cobriu o rosto com as mãos.

Apertei seu ombro. — Ele já se recuperou antes. — Ele teve alguns episódios ruins que foram seguidos por semanas melhores, mas no geral, seu corpo havia se deteriorado. Fui lá em cima. A porta do quarto dos meus pais estava aberta e entrei sem bater. Papai estava deitado no centro da enorme cama king-size, parecendo um esqueleto – um corpo quebrado e murcho apenas ancorado neste mundo por sua força de vontade pura.

Mamãe saiu do banheiro, enxugando respingos de sangue em sua blusa de seda branca. Sua pele estava pálida, seus olhos castanhos vermelhos. Ela saltou quando me viu e lentamente deixou a mão que segurava a toalha cair ao seu lado. Seu cabelo castanho estava uma bagunça, seu coque geralmente elegante despenteado, com mechas caindo fora dele.

— O que aconteceu? — Perguntei.

— Seu pai teve um ataque de tosse, — ela disse sem emoção, então com um sorriso estranho. — Acho que minha blusa está arruinada.

Fui até ela e coloquei um braço reconfortante em seu ombro. — Quando foi a última vez que você dormiu?

Ela balançou a cabeça como se a pergunta fosse irrelevante. — Seu pai precisa de mim. Ele precisa de toda a minha atenção para melhorar.

Olhei de volta para a cama. Tinha pouca esperança de que papai melhorasse. Talvez ele se apegasse à vida - o que restou dela - por mais algumas semanas, mas sua morte não estava longe. As palavras de Emma poderiam se provar certas. As semanas até o Natal pareciam uma distância intransponível para o homem deitado na cama.

Pensando nas próximas semanas, uma sensação de exaustão profunda me dominou. A morte do meu pai e o tumulto inevitável na Outfit exigiria toda a minha energia.

— Como... — A palavra quebrada dos lábios rachados de papai nos fez pular. Ela correu até ele e enxugou sua boca com um pano úmido. Seus olhos vidrados focados em mim. Sentei em uma cadeira ao lado da cama e inclinei-me para frente para entendê-lo.

— Como foi? — Cada palavra saiu de seu corpo em um chocalho doloroso, e meu próprio peito doeu só de imaginar sua luta.

Tive um milissegundo para decidir o que dizer. — Correu tudo bem, — disse, escolhendo a mentira. O pai não falava com ninguém fora da família porque não queria mostrar fraqueza na frente dos outros. Ele queria que se lembrassem dele como o líder forte que costumava ser. Isso significava que a verdade sobre o desastre de Remo Falcone não alcançaria seus ouvidos se eu conversasse com algumas pessoas importantes e me certificasse de que ficassem caladas.

Seus olhos piscaram de excitação.

— Nós o torturamos até a morte. Demorou dois dias, mas no final, ele implorou por misericórdia. Cortamos seu pau e acabamos com sua vida miserável. — Enquanto dizia as palavras, minha própria

frustração me inundou novamente. Por muito tempo, trabalhei para o objetivo final de arruinar Remo, e tudo tinha sido em vão.

Papai acenou com a cabeça. — Eles... todos eles torturaram. Você fez as honras?

— Eu fiz. — As mentiras fluíram facilmente dos meus lábios, talvez porque fossem mais fáceis de engolir do que a verdade. Ainda tinha dificuldade em aceitar que Remo estava de volta a Las Vegas, que ele seguiria com sua vida, e não apenas isso... teria Serafina para desfilar seu triunfo sobre a Outfit.

— Talvez a garota possa seguir em frente agora. Se ela mandar essas crianças para um internato bem longe, as pessoas acabarão esquecendo que existem, — acrescentou a mãe.

Engoli minha amargura. Serafina seguiu em frente, mas ninguém na Outfit esqueceria sobre a geração dos Falcone's de cabelo preto tão cedo, nem sobre os eventos que os criaram.

Meu pai me observou atentamente e rapidamente mascarei meus sentimentos. Claro, ele percebeu meus pensamentos. Era muito bom em ler as pessoas. — Você ainda está preso à garota?

Rangendo os dentes, balancei minha cabeça. Não tinha mais certeza do que sentia. Até alguns dias atrás, sentia uma estranha sensação de saudade sempre que via Serafina ou apenas pensava nela, mas depois do que ela fez... meus sentimentos deram uma guinada.

Marco tinha uma opinião muito peculiar sobre as mulheres. Ele dizia que todas eram oportunistas, fáceis de se inclinar na direção que lhes convinha. Elas escolhiam a opção que trouxesse a maior vantagem. Sempre considerei suas reflexões o resultado de sua amargura para com sua mãe. Agora, não tinha tanta certeza. Certamente, nem todas as mulheres eram assim? Mas em nosso mundo, muitas escolheram sua própria vantagem sobre a lealdade.

Serafina escolheu uma vida ao lado de um Capo, em destaque, com os filhos como sucessores ao trono da Camorra. Ela voltaria rapidamente para a Outfit assim que percebesse que Remo Falcone não

era adequado para ser pai, que não compartilhava seu trono. Mulheres não significavam nada para aquele louco.

— Devo dizer que estou feliz por Sofia se tornar uma Mancini. Ela é mais prática, mais fácil de controlar. Ela vai te dar menos problemas do que a irmã mais velha, — disse a mãe.

Não tinha certeza do que Sofia era. Não a conhecia e não tinha certeza se conseguiria mudar isso tão cedo. Estava farto das mulheres Mione por enquanto. Os problemas que surgiriam antes de me casar eram muitos. Conhecer minha futura noiva não era uma prioridade.



Meu pai agarrou-se à vida até o Natal. Ele estava fraco demais para comer lá embaixo na sala de jantar, então levamos nossos pratos para cima para compartilhar uma refeição com ele. Emma decorou o peitoril da janela e a cabeceira da cama com enfeites e bugigangas para dar ao quarto uma atmosfera menos deprimente.

Emma falou sobre seu novo hobby - cerâmica, uma maneira de passar o tempo agora que não podia mais fazer balé. Mamãe e eu mantivemos a conversa com boatos de nossa vida diária e fofocas circulando. Papai estava muito fraco para falar mais do que algumas palavras, mas ele ouviu, seu peito batendo com cada respiração. A pior coisa sobre seu estado era que ele ainda estava totalmente lá naquele corpo quebrado, seus olhos alertas e famintos pela vida, mas seu corpo incapaz de continuar.

Os dias que se seguiram ao feriado de Natal se arrastaram, com meu pai piorando a cada dia. Entrar em seu quarto ficava cada vez mais difícil. Não queria vê-lo tão sem vida e fraco, queria criar uma bolha de negação semelhante ao que senti quando visitei Emma no hospital após seu acidente. Mas a negação não alterava a verdade.

No último dia do ano, entrei no quarto principal e encontrei meu pai ofegante, seu rosto encolhido de dor com a mãe curvada sobre ele,

chorando. Ela olhou para mim. — Não sei como ajudá-lo. Simplesmente não sei.

Os olhos do pai encontraram os meus. — Ela... precisa... descansar. — Ele tossiu, gemendo de agonia enquanto o fazia.

Agarrei o braço da mamãe e a levei para fora. — Deite-se no sofá. Você precisa descansar. — Ela não protestou. Colocou os braços em volta de mim. — Você e seu pai são tão fortes. Emma e eu estaríamos perdidas sem você.

Balancei a cabeça, então gentilmente tirei seus braços de cima de mim e voltei para o quarto, fechando a porta. Papai afundou na cama, cada grama de tensão deixando seus músculos e a determinação em seu rosto com ela.

— Danilo, — ele resmungou. Aproximei-me da cama, chocado ao ver as lágrimas em seu rosto. Seus ombros começaram a tremer, sua tosse se misturando com soluços. Fiquei tenso, sem saber o que fazer. Nunca tinha visto meu pai assim. Ele me ensinou a esconder emoções, especialmente lágrimas. Era fraqueza, e aqui estava ele soluçando como uma criança.

Agarrei sua mão. — Está tudo bem. — As palavras não tinham sentido, mas não sabia como enfrentar o desespero de papai.

— Estou com medo de morrer.

Sentei na beira da cama. — Você já enfrentou a morte tantas vezes.

— Não assim, nunca assim.

Ouvir suas palavras resmungadas doeu-me. Sua mão tremia na minha, seus olhos me implorando para ajudá-lo, mas havia apenas uma maneira de aliviar seu sofrimento neste momento.

Eu não estava pronto para esse passo ainda, nem ele.

— E se a morte for o fim? E se não for? Sou um pecador. Não há nada à minha frente para encontrar a absolvição.

Apertei sua mão. Deus desempenhava um papel abstrato em nossas vidas. Íamos à igreja aos domingos porque nossos homens eram religiosos e isso era esperado, mas papai e eu nunca demos muito de

nosso tempo ou pensamentos para a fé. — O que quer que esteja à frente, você conquistará, pai. Você é forte.

— Era. Não sou mais. — Fechou os olhos e chorou baixinho.

Fiquei ao seu lado, sem dizer nada, sem conseguir confortá-lo, mal conseguindo vê-lo como a sombra do homem que costumava ser.



Poucos minutos depois da meia-noite, meu pai morreu cercado por mamãe, Emma e eu. Emma tinha insistido em estar presente, mesmo que eu tivesse medo de deixá-la ficar.

Sua tristeza encheu a sala como seus soluços e choro. Fiquei perto da parede, um espectador de sua angústia aberta. No fundo, a turbulência que ela mostrava abertamente me torturava, mas minha máscara externa estoica permaneceu imperturbada. Mamãe e Emma precisavam que eu fosse forte, fosse sua rocha nestes tempos instáveis. Era minha tarefa na vida. Meu dever.

Fechei minhas mãos em punhos em meus bolsos, o único sinal externo da mistura de emoções ardentes queimando dentro de mim. Tristeza e fúria se misturavam com as emoções sombrias que se acumularam ao longo de muitos meses, e agora eram acompanhadas por emoções mais novas e sombrias, criando uma mistura potente que ameaçava me desvendar.

Depois que o necrotério levou o corpo de papai e tomei todas as providências necessárias, saí de casa. Eram quase cinco da manhã e minha mãe e irmã haviam finalmente sucumbido ao sono. Eu estava bem acordado. Reprimi muitas emoções no ano passado. Precisava de uma válvula de escape, um alívio para o meu eu controlado.

Dirigi para um dos clubes que a família de Marco administrava. Era o melhor lugar da cidade se você quisesse se divertir e tivesse os fundos necessários.

A lista de convidados era exclusiva, e você só conseguiria passar pela porta se seu nome estivesse na lista. Os seguranças me deixaram passar sem dizer uma palavra. Antes que pudesse me acomodar no bar, Marco apareceu ao meu lado. — Já soube, — ele disse.

Balancei a cabeça, pedi uma bebida e engoli. — Preciso tirar as coisas da minha cabeça.

Não costumava ser cliente em nossos estabelecimentos. Sexo por dinheiro nunca me atraiu. Mas estava oco por dentro, vazio demais para colocar qualquer esforço em uma possível distração.

Marco me considerou. — Tenho alguém em mente para você. Vá para a suíte três. Vou mandá-la subir.

Levantei-me sem pedir detalhes e subi para os quartos particulares. A suíte que Marco escolheu tinha um tema romano com uma cama redonda cercada por colunas falsas. Não me importava com o ambiente. Porra, não me importava com nada agora.

A porta se abriu e uma mulher alta com longos cabelos loiros entrou. Ela estava usando um vestido branco que combinava com o tema da sala. Em meu estado de exaustão e meio bêbado, ela parecia uma réplica ruim de Serafina.

Foda-se Marco, o bastardo. Ele podia me ler como um livro aberto. Apenas seu sorriso sedutor e seus movimentos sensuais traíram sua verdadeira identidade. Aceitá-la era admitir fraqueza; enviá-la de volta passaria a mesma mensagem. De qualquer maneira, eu estava uma bagunça do caralho.

— O que você quer? — Ela disse em uma voz sensual.

— Sem falar, — rosnei, puxando-a contra mim. — Agora chupe meu pau.

Ela caiu de joelhos e inclinei minha cabeça para trás, olhando para o teto adornado com mosaicos romanos antigos. Não olhei para ela enquanto ela me chupava, não olhei para ela enquanto a fodia. Imagens de outra mulher loira entraram em minha mente, e minhas estocadas se tornaram quase cruéis quando a prostituta se ajoelhou diante de

mim, mas as imagens eram distorcidas, nubladas pela amargura e uma necessidade doentia de vingança.

A satisfação não me preencheu mesmo quando gozei. Tudo o que me preencheu foi uma sensação de derrota.

CINCO



Mais de três anos depois

Não lembro exatamente quando vi a primeira foto de Danilo com uma loira ao lado. Aconteceu há alguns meses, pouco depois do Ano Novo. Estava folheando os sites dos jornais de Indianápolis para me familiarizar com minha futura casa e, para ser honesta, me sentir mais próxima do meu noivo. Meu coração disparou quando a imagem de Danilo saindo de um clube com uma loira alta zombou de mim na tela do meu laptop. Quem era ela? Ela era a razão pela qual ele raramente me ligava? Ela havia ocupado o lugar de Serafina em seu coração?

Minha mente estava indo a cem milhas por hora. Não podia perguntar a Samuel ou a meus pais sobre isso, então fiz o que sempre fazia - liguei para Anna, pedindo conselhos a ela.

Ela me convenceu a não pirar e, na manhã seguinte, mandou-me mais artigos, publicações que obviamente haviam sido retiradas do ar logo após a disponibilização, e todas tinham fotos de Danilo com garotas loiras. Ninguém havia ocupado o lugar de Serafina no coração de Danilo. A cada nova conquista, ele parecia procurar uma réplica dela. Pela primeira vez, uma centelha de raiva se misturou com meus sentimentos usuais de inadequação.

Ainda não éramos oficialmente noivos, mas é claro que todos em nossos círculos sabiam que estávamos prometidos um ao outro. As pessoas estavam fofocando sobre eu tomar o lugar de Serafina pelo que pareciam séculos. Todos pareciam lamentar sua perda, sempre

comparando sua beleza etérea e cabelo loiro com minha aparência menos angelical. Quando era mais jovem, não me importava de ter o cabelo castanho do papai e na maioria dos dias ainda não me importava, mas às vezes não queria nada mais do que ter herdado o loiro da mamãe.

Saber que Danilo estava perseguindo garotas loiras para se lembrar da minha irmã me machucou nas primeiras vezes, mas eventualmente aborrecimento foi adicionado à mistura. Ele obviamente tentou manter seus casos em segredo, a julgar pela rapidez com que todos os artigos eram retirados do ar. Mas agora que eu sabia, a verdade se alojou em meu coração como um buraco negro em constante expansão. Às vezes, conseguia me convencer a acreditar que ele apenas gostava de loiras e não estava procurando por Serafina 2.0, mas sabia que estava mentindo para mim mesma.

Não tinha falado com ninguém além de Anna sobre minha descoberta nos três meses que se passaram, mas minha mente estava girando com pensamentos.

Amanhã seria meu aniversário de dezesseis anos, e Anna e sua família chegariam hoje para comemorar conosco. Como no ano passado, Danilo não viria me visitar. O vi algumas vezes desde que ele passou a noite após Fina fugir, mas não conversamos mais do que algumas palavras. Fiquei dividida entre o alívio e a decepção. Talvez fosse melhor que não tivesse que enfrentá-lo até que superasse seu vício em garotas loiras. Mas quando isso aconteceria?

Sabia que ele mandaria Emma e um presente de aniversário, então me ligaria obedientemente. Meus sonhos tolos de dançar com ele em uma de nossas reuniões sociais ainda não haviam se concretizado.

No momento em que a campainha tocou, anunciando a chegada de Anna e sua família, corri para fora do meu quarto, animada por ver minha melhor amiga novamente. Conversávamos ao telefone e trocávamos mensagens todos os dias, mas só nos víamos uma vez por mês.

Mamãe e papai já estavam no foyer. Demorou um pouco para que nossas famílias encontrassem o caminho de volta depois que Fina fugiu. Fiquei feliz que nossos pais tivessem resolvido às coisas porque isso me permitia ver Anna. Ela me viu na escada e sorriu amplamente. Ela estava deslumbrante em uma saia xadrez bonita e uma camiseta branca lisa com estampa da Gucci. Sempre que a via e admirava seu cabelo castanho, lembrava que tínhamos quase a mesma cor de cabelo, então por que não ficava feliz com ele quando o amava nela?

Leonas parecia entediado como sempre, muito legal para este mundo, enquanto a pequena Beatrice, que tinha apenas dois anos, parecia tonta.

Corri escada abaixo e abracei Anna antes de cumprimentar o resto deles. — Podemos ir para o meu quarto? — Perguntei no momento em que cumpri minhas obrigações de anfitriã.

O olhar que papai me deu foi de repreensão, mas ele estava sorrindo. — Tudo bem, mas o jantar é em uma hora.

Peguei a mão de Anna e a conduzi em direção à escada quando notei Bea, suas marias-chiquinhas loiras balançando descontroladamente, tropeçando atrás de nós.

Anna suspirou em aborrecimento. — Ela está colada ao meu lado. — Ela se virou para Valentina. — Mãe, você pode, por favor, pegá-la? Sofia e eu não nos vemos há anos, precisamos conversar.

— Vocês se falaram por mais de uma hora no telefone ontem, — Leonas murmurou.

— Quem te perguntou, Loirinho? — Anna rosnou.

— Anna, — advertiu Dante, mas ele sorriu para mim.

Val pegou Bea no colo, apesar de seus protestos em voz alta, e Anna e eu aproveitamos a chance para fugir e nos esconder em meu quarto. Nós nos jogamos na minha cama. Em preparação para nossa conversa de garotas, coloquei chocolate, chips de batata e frutas na minha mesa de cabeceira para fazer um lanche.

— Como vão as coisas com o Santino? — Perguntei quando nos acomodamos na minha cama, vários travesseiros apoiados em nossas

costas e uma tigela com batatas entre nós. Mesmo que meu problema com Danilo queimasse em minha cabeça, não queria ser a amiga chata que nunca parava de falar sobre seus próprios problemas.

Anna revirou os olhos. — Ele está sendo irritante. Ele me trata como se fosse uma criança sem noção, comandando-me como se fosse meu chefe. Ele não age como se estivesse trabalhando para mim, mas o contrário.

— Tecnicamente, ele trabalha para seu pai, não para você. — Inclinei minha cabeça, considerando o leve rubor nas bochechas de Anna. — Você gosta dele?

Ela pegou um chip. — Ele é bonito, mas intolerável. Porém é divertido de irritar.

Ri. — E ele é seu guarda-costas. Seu pai o mataria se ele tocasse em você.

Ela encolheu os ombros. — Sou boa com ele, a menos que ele entre em modo super protetor para se certificar de que sigo seus conceitos de segurança.

— Sei como é, — murmurei. Ser 'ar' para Danilo era algo com o qual já deveria ter me acostumado, mas ainda doía, principalmente depois de ver fotos de seus casos nos jornais. Minha incapacidade de não me importar era o que mais me incomodava. Gostaria de poder ser legal sobre isso e apenas fingir que ele era ar até nos casarmos.

Anna se virou para mim, seus olhos azuis penetrantes como sempre. — Você ainda não superou aquelas fotos? Espero que tenha parado de verificar as notícias por mais imagens.

Meu rosto esquentou. Prometi a Anna que pararia de perseguir Danilo, mas a curiosidade sempre me vencia. — Simplesmente não entendo por que ele continua namorando aquelas garotas loiras. É estranho.

— Ele está sendo um idiota, e o que está fazendo com elas provavelmente não se qualifica como namoro. Ele realmente deveria prestar mais atenção aos paparazzi quando estiver andando bêbado com seus brinquedos.

Como sempre, fiquei na defensiva quando Anna atacava Danilo. — Aquelas não eram fotos oficiais e ainda não estamos juntos, então ele pode fazer o que quiser. É um problema meu sentir insegurança sobre suas ações. — Provavelmente não teria me sentido tão mal por Danilo estar com outras garotas antes do nosso casamento se cada mulher em seus encontros não fosse alta e loira. Elas eram parecidas com Serafina. Nenhuma delas tinha a menor semelhança comigo.

— Mesmo assim, — Anna disse incisivamente. — É estranho como ele escolhe todas aquelas garotas loiras. Já faz anos. Por que ele não consegue superar seu orgulho ferido?

Era realmente só o orgulho que atraía Danilo para aquelas meninas? Ou era um desejo de se lembrar da minha irmã, de possuí-la de alguma forma, mesmo que tenha sido roubada dele? Esperava que vê-la feliz nas fotos do casamento fosse o chute que ele precisava. Isso me ajudou. Saber que Fina estava feliz com sua nova vida era o encerramento que precisava para deixá-la ir totalmente. Ainda sentia falta dela, mas fiz as pazes com a distância entre nós. O casamento parecia ter sido o momento decisivo para Samuel também. Ele não tinha superado completamente a perda dela ainda, mas na maioria dos dias ele parecia estar bem.

Às vezes me perguntava se Danilo fingia que aquelas meninas eram Serafina quando dormia com elas. Ele sussurrava elogios doces em seus ouvidos enquanto as segurava, imaginando que fosse minha irmã? Ele ao menos pronunciava o nome dela?

O mero pensamento me deixou com raiva e nauseada ao mesmo tempo.

— Ele parece preferir as loiras. — Tentei soar como se isso não importasse, mas Anna me conhecia muito bem. Ela olhou para mim. — Não se compare a Serafina. Ela se foi. Você está aqui.

Quando era pequena, às vezes queria ser minha irmã porque ela era mais velha e todos a admiravam, sem mencionar o vínculo estreito que ela tinha com Samuel. Era um desejo inocente, como uma garotinha querendo ser Ariel ou Cinderela, mas recentemente se tornou

algo mais obsessivo. Não pude deixar de me perguntar se as pessoas - principalmente Danilo - me tratariam de maneira diferente se parecesse mais com Serafina. Ainda não seria ela, mas talvez as pessoas reparassem em mim.

Tinha agendado horário no cabeleireiro na manhã seguinte para testar minha teoria. Não contei a ninguém sobre meus planos, nem mesmo a Anna, porque sabia que ela tentaria me convencer do contrário. Talvez fosse uma ideia estúpida, mas não havia mal em tentar.

— Não é isso que todo mundo faz? — Murmurei.

— Eu não, e talvez você só pense que sim porque sempre se compara com ela.

Enrolei uma mecha do meu cabelo no dedo. Castanho - uma bela cor se você a considerar estritamente por si só. — Como estão as coisas entre você e Leonas? Ainda uma zona de guerra?

Anna revirou os olhos para mim com a minha tentativa barata de mudar de assunto, mas ainda assim me deu uma resposta. Depois disso, ficamos longe do assunto Danilo.



Na manhã seguinte, depois do café da manhã, Anna e eu estávamos descansando na minha cama, assistindo a um filme, quando uma batida soou na minha porta. Samuel enfiou a cabeça para dentro. — Precisamos sair se você quiser ir no cabeleireiro.

Ele deu a Anna um pequeno aceno de cabeça antes de sair, deixando a porta entreaberta. — Ele costumava ser mais divertido, — disse Anna.

— Sim, eu sei. — Desde que Serafina foi embora, ele ficou terrivelmente sério e focado. O sucesso da Outfit como sua força motriz. Ele trabalhava muitas horas e mal tirava um dia de folga.

— O que você vai fazer com o seu cabelo? — Anna perguntou enquanto me seguia para o corredor. Hesitei. Realmente não queria lhe contar sobre meus planos. Queria surpreender a todos, mas as palavras de Anna ontem me deixaram preocupada a noite toda.

— Só vou cortar as pontas — menti, evitando os olhos de Anna, mas eles pareciam me radiografar. Nunca fui uma boa mentirosa e Anna era boa em detectar mentiras.

— Aí está você! — Leonas gritou do saguão. — Tire Bea de minhas mãos. Ela é irritante. — Sua irmãzinha agarrava-se à perna da calça de Leonas. Ela obviamente queria ser carregada.

— É a sua vez, — disse Anna.

— Ela é bonita. Adoraria cuidar dela, — eu disse.

Leonas me lançou um olhar exasperado. — Sim, por uma hora. Mas ela é uma pequena déspota quando não consegue o que quer.

— Não é um pouco cedo para a fase teimosa? — Perguntei quando Anna e eu chegamos ao saguão. Bea continuou puxando as calças de Leonas, mas Anna a ergueu e deu um beijo em sua bochecha. — Hora das garotas.

Bea deu uma risadinha.

Meu estômago apertou quando os gêmeos de Serafina passaram pela minha mente. Eles eram apenas um ano mais velhos do que Bea, mas não os via como a minha irmã há anos. Sentia muita falta deles e não conseguia nem falar com ninguém sobre eles. Os gêmeos eram bandeiras vermelhas na minha família - até o nome de Serafina raramente saía dos lábios de alguém. Muita dor era associada à perda de minha irmã. As poucas vezes que tentei perguntar a Samuel se ele ainda tinha contato com Fina não tinham funcionado bem. Se você não prestasse muita atenção, podia parecer que qualquer indício de Fina e os gêmeos foi apagado desta casa e de nossas vidas, mas sua memória permanecia.

Samuel entrou no saguão, usando jeans, uma camisa social branca e uma jaqueta de couro. As meninas da minha classe sempre ficavam loucas quando ele me levava de carro para a escola ou me

buscava. Seu constante comportamento irritado apenas parecia adicionar combustível ao fogo de suas paixonites ridículas.

— Pronta? — Ele perguntou.

Balancei a cabeça e acenei um adeus para Leonas, Bea e Anna, em seguida, segui meu irmão em direção ao seu carro esporte chique. Ele passou um braço protetoramente em volta dos meus ombros.

— Você está bem? — Perguntou em voz baixa. Ele sempre me fazia essa pergunta no meu aniversário e no Natal. Ele provavelmente percebia o quanto eu sentia falta dela, mas nunca admitiu sentir sua falta. Ele raramente pronunciava o nome dela. Eles eram gêmeos, eram absolutamente inseparáveis e agora ela se fora.

Procurei seus olhos. — E você?

Ele me deu um sorriso. Ele era bom com aqueles sorrisos rápidos. — Claro, ninha.

Franzi meu nariz. Eu desprezava meu apelido abreviado. Ele fez de propósito, é claro. Ele abriu a porta do carro para mim. — Onde você quiser ir.

Sentei-me e Samuel deslizou para trás do volante. Quando saímos da garagem, o carro de Carlo nos seguiu. Acostumei-me com sua presença constante ao longo dos anos. No começo, papai e Samuel ficaram chateados por Danilo ter mandado seu próprio guarda-costas para me proteger, mas para mim era um pequeno sinal de que ele se importava comigo de alguma forma, mesmo que demonstrasse o contrário. Como todos os homens em nosso mundo, ele era um maníaco por controle.

Samuel não entrou no salão de beleza comigo. Ele, como Carlo, esperou no carro. Disse-lhe que demoraria um pouco, mas ele não se importou e não fez perguntas. Como a maioria dos homens, Samuel não fazia ideia de quanto tempo as garotas passavam no cabeleireiro. Anna teria suspeitado se eu dissesse que precisava de duas horas. Nenhum corte de cabelo demorava tanto. Minha festa começaria no início da noite, então ainda tinha tempo.

Minha cabeleireira sorriu para mim. Tinha dito a ela o que queria fazer por telefone. Quando ela começou a aplicar o clareador, meu estômago embrulhou. Nunca tinha pintado meu cabelo, nunca mudei nada na minha aparência. E não tinha certeza de qual seria o efeito.

Duas horas depois, olhei para meu reflexo. Por um momento, tive certeza de que estava vendo um fantasma. Minha cabeleireira havia alisado meu cabelo e tingido de loiro, o mesmo loiro dourado claro de Serafina. Olhei para amostras de diferentes tons de loiro por cerca de trinta minutos antes de escolher o tom certo. Minha garganta travou. Com o penteado e a cor da Fina, eu parecia com ela. Tínhamos a mesma cor de olhos, as mesmas maçãs do rosto salientes e nariz estreito. Eu tinha algumas sardas, mas minha maquiagem as cobria, e era mais baixa, mas sentada, era a sósia de Serafina. Estava tão perto do original que meu coração doeu e meu pulso acelerou.

Minha cabeleireira tocou meu ombro quando não reagi. — Amei isso. — As palavras saíram soando ásperas. Não tinha certeza se gostei. Não tinha certeza do que sentia. Queria parecer com Fina porque ela era a pessoa que todos admiravam quando estava por perto, e fazia muita falta. Danilo a queria, ou pelo menos alguém que se parecesse com ela - se seus hábitos de namoro fossem alguma indicação. Mamãe, papai e Samuel também sentiam falta de Fina. Talvez Danilo finalmente olhasse para mim e visse mais do que a garota que não fora sua primeira escolha. Ainda assim, arrepios subiram na minha pele enquanto olhava para mim mesma. Esta não era eu, e definitivamente não era quem eu queria ser. Se não demorasse duas horas para pintar de volta, teria pedido a minha cabeleireira para fazer isso imediatamente.

Em vez disso, levantei-me, paguei e saí. Meu coração bateu forte quando me vi na vitrine. Como um fantasma de Serafina.

Samuel estava encostado no carro, lendo algo em seu telefone. No momento em que me viu, a cor sumiu de seu rosto. Congelei na calçada a poucos passos dele e cuidadosamente toquei meu cabelo liso. Samuel se endireitou lentamente, mas a expressão de choque e horror

permaneceu em seu rosto. Essa não era exatamente a reação que esperava. Surpresa, sim, mas isso... este horror absoluto?

— O que foi que você fez?

Encolhi os ombros, tentando minimizar. Não queria que as pessoas dessem grande importância a isso. Só queria que percebessem que eu não era tão diferente de Serafina, que também era digna. Queria que me vissem. Claro, agora que me vi com cabelo loiro, percebi o quão estúpido meu plano tinha sido. — Precisava de uma mudança.

— Sofia, — Samuel sussurrou asperamente, agarrando meu braço. — Você... por que você quer se parecer... com a Serafina?

Lágrimas picaram meus olhos, mas uma bola feroz de indignação e raiva cresceu dentro de mim. Ele fez soar como se eu tivesse manchado a memória dela ao tentar me parecer com ela, como se eu não fosse digna dessa aparência. Ele era parte da razão pela qual queria parecer com Fina, e agora agia como se não tivesse noção. Ou talvez realmente não tenha percebido o quanto ele e todos os outros lamentavam sua ausência e quão pouco espaço deixaram para mim.

Não queria brigar com Samuel, não hoje. — Só queria tentar algo diferente.

Samuel suspirou, tirando os olhos do meu cabelo quase dolorosamente. Ele me deu um abraço de um braço só. Abriu a porta para mim e não dissemos mais nada até chegarmos em casa.

A reação de Samuel foi apenas o começo. Quando chegamos em casa, as coisas só ficaram mais estranhas. Mamãe foi a primeira a me ver e parecia completamente surpresa. Ela congelou no último degrau da escada, um monte de guardanapos de mesa na mão. Ela olhou para Samuel e depois para mim. Tinha certeza que ela começaria a chorar, mas então seu rosto se suavizou e ela me deu um sorriso tenso. Seu aperto no corrimão era rígido. — Você pintou o cabelo?

Ela tentou soar casual, mas eu podia dizer que não era fácil para ela. Queria surpreender a todos, não provocar esse choque horrorizado. Todo mundo sempre comentou sobre como o cabelo de Serafina era lindo.

— Queria a sua cor de cabelo, — disse. Claro, esse não era o motivo. O olhar da minha mãe me disse que ela sabia a verdade.

Ela acenou com a cabeça enquanto se aproximava de mim, seus olhos constantemente voando para o meu cabelo como se precisasse de uma prova para acreditar. Ela tocou meu cabelo com cuidado. — Seu cabelo era lindo. Já sinto falta.

Examinei seu rosto, me perguntando se ela estava sendo honesta. Ela me preferia com cabelo castanho? Ou o loiro a lembrava muito de Serafina e da dolorosa verdade de que eu não era ela?

— Onde está Anna? — Perguntei. A reação de Sam e mamãe me fez sentir constrangida. Minha nova aparência foi criada para me dar um impulso, não quebrar minha autoconfiança ainda mais.

— Ela está lá em cima em seu quarto de hóspedes. Não se esqueça de que seus convidados chegarão às cinco.

Subi as escadas correndo e bati na porta de Anna. A porta se abriu, me assustando. Leonas surgiu a porta, seus olhos se arregalando enquanto olhava para mim. — Uau, o que aconteceu com você? — Ele deixou escapar, me olhando como se eu fosse um alienígena.

Corei, mas desviei com um encolher de ombros casual. — Mudei meu cabelo. Talvez você deva considerar isso também.

Ele revirou os olhos e jogou o cabelo para trás. — Eu gosto do meu cabelo.

Anna deu um passo atrás de Leonas. Um olhar para mim a fez empurrar Leonas para fora de seu quarto. — Dê-nos um pouco de privacidade. Vá incomodar Samuel.

— Ei! — Leonas protestou, mas Anna me arrastou para dentro e bateu a porta na cara dele.

Nossos olhos se encontraram. Podia dizer imediatamente que ela não era fã do meu novo penteado. Isso fazia duas de nós. — O que você fez? — Ela assobiou. Seu olhar traçou meu cabelo, quase como se não pudesse acreditar no que estava vendo.

Toquei meu cabelo. Não parecia diferente de antes - nem eu. — Só queria uma mudança, — disse defensivamente.

Anna parecia em dúvida. — Achei que tínhamos prometido nunca mentir uma para a outra.

Nós tínhamos jurado isso quando tínhamos seis anos, e desde então sempre dizíamos a verdade uma a outra. Anna era minha confidente. Com a partida de Fina, ela era minha única. Simplesmente não conseguia falar sobre tudo com mamãe, muito menos com papai ou Samuel.

— Não é uma mentira, — murmurei, então suspirei. Fui até a cama e me sentei, olhando para o teto. — Queria uma mudança, mas... — Respirei fundo, odiando admitir o que me motivou. — Todo mundo sente muita falta da Fina. Desde que ela foi embora, há um enorme buraco em nossas vidas. Só queria que as pessoas me notassem.

Anna se esticou ao meu lado, me observando. Mantive meu olhar à frente, envergonhada. — Mas você não é ela. Mesmo o cabelo loiro não vai mudar isso.

— Eu sei, — disse miseravelmente. A reação de Samuel e mamãe deixou isso bastante claro.

Anna juntou nossas mãos. — Você não precisa ser ela. Você é perfeita do jeito que é. Você não acha que seus pais e Samuel sentiriam sua falta da mesma forma se você fosse embora? Seja você mesma. Eventualmente, a lacuna que o desaparecimento de Serafina deixou se fechará. Apenas dê um tempo.

Eles iriam? Samuel e Fina tinham um vínculo especial, o que era natural.

Quando não disse nada, Anna se inclinou sobre mim, seu rosto era tudo que eu podia ver. — Ou é sobre o Danilo?

Encolhi os ombros novamente. Se continuasse, logo deslocaria meu ombro. — Não é que seja sobre ele. — Pausei. — Ele ainda está apaixonado por Fina. Posso dizer o quanto está sofrendo porque ela se foi.

Anna balançou a cabeça e bufou. — Ele não está apaixonado por ela. Ele nem mesmo a conhecia. Quantas vezes eles se viram? Duas vezes por ano em eventos sociais. Aposto que ele nunca viu seu lado

privado, apenas o oficial. Aquele que todos nós temos que manter pelo bem das aparências. Mas um não se parece com o outro. Mesmo se ele tivesse uma queda por ela, o que duvido, tinha uma queda por aquela imagem externa perfeita que ela apresentava, não por seu verdadeiro eu. E a única coisa machucada é seu orgulho, certamente não seu coração.

— Agora você é um especialista em homens? — Brinquei. Parte de mim achava que Anna estava certa, mas a forte reação emocional de Danilo ao perder Fina me preocupava.

— Sou uma especialista nas regras do nosso mundo. Danilo queria Fina por seu status e imagem, nada mais.

— Mas isso não torna as coisas ainda piores? Como posso competir com uma imagem perfeita? Fina é maior que a vida agora que se foi. Não consigo ocupar o lugar dela.

— Então não faça. Não tente substituí-la. Seja você mesma porque isso é o suficiente.

— Mas eu sou a substituta dela, pelo menos para Danilo, — sibilei, minha frustração mostrando sua cara feia.

Anna fez uma careta. — Esqueça-o por enquanto. Ele vai superar. Quando vocês dois se casarem, já terá se esquecido dela.

Balancei a cabeça, mas não estava convencida. Ele obviamente tinha alguns problemas obsessivos para resolver. Toquei meu cabelo com incerteza. — Parece tão ruim?

— Não, claro que não. Está absolutamente linda, mas você é tão linda com seu cabelo castanho.

— Mas você parecia horrorizada quando me viu pela primeira vez.

— Claro. Porque sei por que você fez isso. E esse é o problema. Agora que você está loira, as pessoas a compararão ainda mais com Fina, porque você lhe deu uma abertura e um lembrete.

— Eu não vi assim. Talvez eu deva mudar novamente?

Anna considerou isso. — Se você mudar imediatamente, pode parecer que você tem algo a esconder. Conhecendo sua cabeleireira, seu novo penteado provavelmente já está circulando em nosso círculo.

Anna tinha razão. A maioria das mulheres do nosso mundo frequentava o mesmo salão de cabeleireiro, e a fofoca era sua ocupação principal. — Então vou ficar com ele por um tempo.

Anna examinou meu rosto. — Tem certeza de que pode lidar com toda a reação? As pessoas farão perguntas. Você terá que apresentar seu novo cabelo com confiança, ou as pessoas atacarão ainda mais.

Nunca me considerei sem confiança, mas as coisas mudaram desde o sequestro de Fina. Sentia-me uma espectadora. — Estou tão cansada de estar sempre nas sombras. Achei que se me parecesse mais com Fina, as pessoas finalmente veriam.

— Acredite em mim, estar no centro das atenções não é tudo o que parece ser. Se pudesse escolher, preferiria ser alguém que as pessoas não observassem o tempo todo. Se você está na luz, suas falhas são muito mais proeminentes e todos procuram por elas. Todos estão esperando por um acidente. No momento em que estou cercada por pessoas que não são próximas da família, nem sou mais eu. Sou a versão pública perfeita que todos esperam que eu seja. Sou Anna em público e é extremamente estressante ser ela. Portanto, fique feliz com o seu lugar nas sombras enquanto durar porque, uma vez que você se casar com Danilo, todos vão vigiar cada movimento seu. — Anna respirou fundo e fez uma careta. — Desculpe, isso não era para se tornar uma festa de piedade para mim.

— Por que não? Tenho celebrado minha própria festa de piedade excessivamente. — Até eu estava começando a me cansar do assunto Fina, mas Anna era uma verdadeira soldada e nunca reclamava.

Nós sorrimos uma para a outra. Então Anna ficou séria novamente. — Só me prometa que não vai mudar sua personalidade por Danilo ou por ninguém. Você é quem você é, e isso é perfeito.

Eu a abracei, desejando poder ter a força de Anna, mas talvez eu apenas descobrisse a minha. — Eu não vou.

A reação ao meu novo visual variou de choque aberto a elogios exuberantes. Perdi a conta das vezes que me disseram que eu era exatamente igual a Serafina. Sempre foi um elogio, como se ela fosse o

objetivo final, e embora fosse o que pensava que queria, isso apenas me irritou. Talvez secretamente esperasse que todos me dissessem quão bonita era antes e alimentassem meu ego, em vez disso, eles o esmagaram. Mas isso era minha própria culpa.

Esperava que a reação de Danilo pelo menos fizesse essa provação valer a pena. Talvez me ver como uma loira finalmente virasse o interruptor que o faria se apaixonar por mim. Era uma esperança rebuscada, e nem tinha certeza se era o triunfo que deveria esperar. Realmente ficaria feliz se ele de repente me bajulasse por causa do meu cabelo loiro?

Só tinha que esperar mais dois meses até que finalmente descobrisse. Mais dois meses para nossa festa oficial de noivado. Meu coração acelerou com o pensamento.

SEIS



Cheguei a Minneapolis dois dias antes da festa de noivado. Teria preferido esperar mais um ano para torná-lo oficial. Aos dezesseis anos, Sofia ainda era muito jovem, pelo menos comparada a mim, mas seus pais insistiram que tornássemos isso público para evitar rumores desagradáveis.

Emma, mamãe e Marco me acompanharam. Mais de cinquenta convidados compareceriam ao noivado - familiares e amigos próximos, assim como os outros Underbosses e suas famílias.

Encontrei-me com Samuel e Pietro em seu escritório. Tínhamos muito que discutir, principalmente a respeito do noivado de Samuel com minha irmã, que ainda não sabia sobre o acordo que fechei com os Miones ou seu futuro marido. Mas, como sempre, os negócios vinham em primeiro lugar.

— Acho que devemos convencer Dante a arriscar outro ataque em Kansas City. Stefano Russo precisa seguir os passos do pai até uma morte prematura, — disse depois que nos acomodamos nas confortáveis poltronas de couro do escritório de Pietro, com um copo de uísque na mão.

Samuel assentiu imediatamente, o que não foi uma surpresa. Pietro parecia mais pensativo. Talvez fosse sua idade ou sua disposição mais contida, mas sua reação não foi inesperada. Se Samuel já fosse Underboss, teria o apoio de Minneapolis no assunto.

— Penso o mesmo, — Samuel disse. — Estivemos mentindo para nós mesmos por muito tempo.

Pietro girou sua bebida no copo, seus olhos se estreitaram em pensamento. — Dante está seguindo uma nova estratégia. Nossos negócios têm prosperado nos últimos anos porque não desperdiçamos dinheiro e energia em batalhas inúteis com a Famíglia e a Camorra.

— Não é tudo sobre negócios, — rosnei. — É também uma questão de honra e orgulho. Conversar com políticos é um belo truque da parte de Dante para nos tornar intocáveis, mas precisamos fazer uma declaração sangrenta de vez em quando. Nossos homens não entendem as estratégias políticas. Eles querem sangue e grandes gestos. Temos que mantê-los felizes também.

— Certamente os agradaria, mas tenho a sensação do que agradaria vocês ainda mais, — disse Pietro.

Tomei outro gole da minha bebida, reprimindo um comentário. Pietro estava certo. Já que tínhamos deixado Remo ir, sentia a necessidade de apagar essa sensação de negócios inacabados.

— Porra, seria um prazer para todos nós foder com a Camorra, — Samuel retrucou.

Pietro não negou. — Temos que pensar no futuro. Vocês dois têm que pensar no futuro. Não deixem o passado arrastá-los para baixo, não importa o quão confuso ele seja. Tentamos nossa vingança e fracassamos. Precisamos seguir em frente e garantir que o negócio da Outfit continue crescendo.

Samuel e eu trocamos um olhar. Certamente não queríamos seguir em frente, mas duvidava que Samuel fosse contra seu pai.

— Talvez devêssemos mudar de assunto. Afinal, você está aqui para uma ocasião muito mais agradável, — disse Pietro.

— De fato. Por falar em noivados, pretendo dizer a minha irmã que você vai se casar com ela enquanto estivermos aqui, — disse a Samuel. — Assim podemos fingir que o acordo foi feito agora.

Pietro acenou com a cabeça. — Isso parece razoável. Ninguém vai ligar isso ao acordo entre você e Sofia.

Samuel permaneceu em silêncio. Ele parecia menos do que animado com a perspectiva de tornar qualquer coisa oficial com minha irmã. — Você deu sua palavra, — rosnei.

Ele sorriu. — Vou me casar com sua irmã, não se preocupe.

Como de costume, nosso entendimento mútuo terminava no momento em que Sofia ou Emma eram mencionadas. — Bom. Você falará com ela depois que eu contar?

— Claro. Você tem alguma mentira preferida que devo dizer a ela?

Minha raiva aumentou rapidamente. — As mesmas mentiras que direi a Sofia.

— Já chega, — disse Pietro antes de se virar para mim. — Talvez você devesse falar com Sofia. Já faz um tempo desde que você a viu.

Forcei um sorriso e pedi licença para ir em busca de minha futura esposa. Não a via há mais de um ano. A risada de Emma ecoou, seguida pela de Sofia. Não era a risada de uma garotinha como eu me lembrava, mas ainda tinha um tom de sino em sua voz. Segui os sons em direção a biblioteca e congelei na porta. Uma garota loira estava perto da janela, pernas compridas espreitando para fora de um vestido de verão que acentuava uma cintura estreita. Levei alguns segundos para perceber que a garota era Sofia. Com o cabelo loiro e o rosto de perfil, sua semelhança com Serafina era impressionante e inesperadamente desagradável. Não tinha visto minha ex-noiva em muitos anos e não tinha absolutamente nenhuma intenção de mudar isso.

Entrei na biblioteca, tentando controlar minha raiva e confusão crescentes. Esta última, em particular, fez meus dentes ranger.

Os olhos de Sofia se arregalaram e um sorriso hesitante iluminou seu rosto.

— Emma, você pode nos dar um momento? Preciso falar com Sofia sozinha. — Minhas palavras saíram cortadas. Emma assentiu e saiu da sala, fechando a porta atrás dela.

Movi Sofia contra a parede, completamente surpreso com sua aparência. Fazia anos que não via Serafina e agora Sofia fazia o papel de cópia. Nenhuma das garotas loiras que comi ao longo dos anos

chegou nem perto de parecer minha ex-noiva e aqui estava minha noiva, parecendo uma réplica de sua irmã.

Ergui-me sobre Sofia, olhando para seu rosto pálido e confuso. — O que você fez com o seu cabelo? — Rosnei. Toquei seus fios loiros, então segurei seu rosto para forçá-la a me olhar nos olhos. Ela piscou, lábios rosados separados, olhos arregalados. Ela tinha mais sardas do que a irmã e seu lábio inferior era mais cheio. Sem mencionar que ela era um pouco mais baixa e menor.

Minha noiva de dezesseis anos.

Respirei fundo pelo nariz, tentando acalmar meu pulso acelerado. Soltei minha mão que ainda estava tocando seu rosto e dei um passo para trás. Sabia que deveria me desculpar, mas isso estava fora de questão.

— O que você fez com o seu cabelo? — Repeti, incapaz de tirar meus olhos do tom dourado. Não era qualquer tom de loiro, era o de Serafina.

Ela projetou o queixo. — Queria uma mudança.

— Você parece uma cópia ruim de sua irmã. Você quer que as pessoas falem mal de sua família novamente por causa do que aconteceu?

— Eu-eu não quis fazer isso.

Balancei minha cabeça. — As pessoas vão falar na festa se você aparecer com esse cabelo loiro. Sobre você, sobre mim, sobre nossas famílias. Não vou permitir. Você pintar com sua cor natural antes da festa, entendeu?

Sofia tinha os olhos de Serafina. O mesmo azul frio. E se alguém não olhasse atentamente, até seus rostos eram muito parecidos. Parecia que o passado estava se repetindo, como se o destino estivesse me provocando com meu maior fracasso. Perdi uma garota, mas não perderia outra. E definitivamente não precisava de um lembrete diário do dia mais vergonhoso da minha vida.

Estive fodendo uma garota loira atrás de outra garota loira por anos, como se pudesse fodê-la fora do meu sistema. Nunca funcionou.

Qualquer alívio que senti durou pouco antes de minha raiva queimar ainda mais.



Fiquei paralisada de choque enquanto olhava para o rosto zangado de Danilo.

Estava nervosa com a reação dele ao meu novo cabelo, mas tinha sido mais como uma sensação de leveza. Secretamente esperava que ele ficasse feliz em ver as semelhanças entre Serafina e eu. Não esperava sua fúria.

Ele fez soar como se eu tivesse cometido uma blasfêmia por parecer minha irmã, como se tivesse manchando a imagem perfeita dela que ele provavelmente ainda guardava em sua mente.

— Entendido, — eu disse entre dentes, mesmo quando minha garganta fechou em uma mistura de vergonha e frustração.

Um pouco da raiva se dissipou do seu rosto e ele deu mais um passo para trás, limpando a garganta. Ele estava se tornando o cavalheiro que conheci até agora. — Bom, — disse calmamente.

Fiquei pressionada contra a parede. Ele passou a mão pelo cabelo. — Você não precisa ter medo de mim. Eu sint... — Ele me olhou por alguns segundos, sua boca formando uma linha tensa.

Eu não estava realmente com medo dele. Nem tinha certeza do que sentia. Um turbilhão de emoções confusas. Ele pediria desculpas? Porque eu definitivamente merecia um pedido de desculpas.

— Você me pegou desprevenido. Eu esperava vê-la e não... não esta versão de você.

Esta versão de mim. Não era o que ele queria dizer. — Achei que você gostaria. — No momento em que pronunciei as palavras, quis retirá-las. Era uma coisa tão fraca de se admitir. Odiava mostrar

fraqueza na frente dele, especialmente depois de seu surto. Mamãe me ensinou a ser orgulhosa, não essa garota covarde e querendo agradar a todos.

— Mude novamente, Sofia. Antes da festa de noivado. Não quero fotos nossas juntas com você parecendo... isso.

Pressionei meus lábios. Lágrimas de raiva e constrangimento ameaçaram explodir, mas as segurei.

A porta se abriu e Samuel entrou, seus olhos se estreitaram. — O que está acontecendo aqui?

Eu poderia ter chorado de alívio. Só queria sair dessa situação e ficar longe de Danilo para clarear minha cabeça. Era difícil pensar direito com ele tão perto.

— Nada, — soltei. Claro, meu irmão não acreditou. Ele espreitou para dentro, seu olhar fixo em Danilo.

— As regras não mudaram. Você não deveria ficar sozinho com minha irmã antes de se casar com ela.

O sorriso de Danilo era perigoso. — Obrigado pela lembrança.

Usei seu comportamento alfa para escapar e correr escada acima. Precisei de cada grama de autocontrole para ligar para a minha cabeleireira e marcar um horário de última hora no dia seguinte, então comecei a chorar. Foi assim que Anna me encontrou quinze minutos depois.

Ela afundou na cama ao meu lado, acariciando minha cabeça. — Danilo não gostou do seu cabelo? — Ela adivinhou.

— Ele odiou. — Minha garganta estava dolorida de tanto chorar, mas pelo menos a sensação de peso se transformou em uma pequena chama de indignação.

— Foda-se ele.

Rolei de lado, dando a Anna um sorriso amargo. — Linguagem, Anna. — Imitei o rosnado de advertência de Santino.

— O que você vai fazer?

Dei de ombros. — Marquei horário no cabeleireiro amanhã. — Os lábios de Anna se estreitaram.

— Sei que você provavelmente manteria isso para irritá-lo, mas não quero problemas no dia do meu noivado. Quero que a festa seja perfeita. Irritar Danilo só vai estragar meu humor também.

— A decisão é sua, Sofia, mas não o deixe empurrá-la. Não havia problema em ser indiferente depois que a coisa com sua irmã aconteceu, mas ele já deveria ter superado.

— Homens e seu orgulho, você sabe como é.

Ela revirou os olhos. — Não vamos começar.



Durante a noite, a pequena chama de indignação em meu peito se transformou em um fogo estrondoso. Fiquei zangada com Danilo pela reação dele, mas mais do que isso, fiquei absolutamente furiosa por ele ter tido permissão para seguir sua obsessão por loiras e depois ousar pirar porque pintei meu cabelo.

Eu não era uma pessoa muito rebelde, nunca fui, mas senti a necessidade de lhe mostrar que ele não podia me empurrar. Talvez eu fosse jovem e não Serafina, mas isso não significava que ele podia agir como um idiota.

— De volta? — Minha cabeleireira perguntou curiosamente. Tingi minhas raízes apenas alguns dias atrás. Já podia ver seu radar de fofocas ganhando vida.

Dei a ela um sorriso atrevido. — Estou com vontade de mudar.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Não vai voltar à cor original do seu cabelo?

Meus olhos dispararam para a foto de uma modelo com um corte bonito e franja. Nunca tive cabelo curto e nunca realmente considerei isso. — Quero aquele corte de cabelo.

Ela seguiu meu olhar, seus lábios se separando em surpresa. — Tem certeza que quer que corte tanto do seu cabelo? Vai demorar um

pouco para crescer. Você sabe como os homens em nosso mundo preferem cabelos longos...

— Eu sei, — disse levemente, me sentindo quase alta com meu pequeno ato de rebeldia.

Meu estômago deu um pequeno salto quando ela cortou cerca de quinze centímetros do meu cabelo, mas uma vez que os fios loiros caíram no chão, foi como se um peso fosse tirado dos meus ombros.

Quando ela terminou, meu cabelo alcançava meu queixo na frente e terminava um pouco mais alto nas costas. Fiquei surpresa com o quanto gostava de me ver com franja, mesmo que tivesse que me impedir de soprá-la para longe da testa. Estava fofa. Melhor ainda, não parecia mais com a Fina. O corte ficaria ainda melhor com o cabelo castanho, mas isso teria que esperar até a minha próxima consulta, então Danilo não acharia que tinha pintado por causa do pedido dele.

Samuel ficou surpreso quando entrei no carro. Ainda assim, foi melhor do que a reação que ele teve dois meses atrás. Agora, era mais surpresa, menos horror.

— E? — Perguntei.

Ele parecia aliviado. — Melhor.

Acho que isso era um elogio vindo dele.

Mamãe e papai também pareciam como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros agora que eu não era mais a imagem cuspida de Fina. Papai até me puxou para um abraço de um braço e deu um beijo na minha têmpora. — Esperava que você tingisse de marrom de volta. Sinto muita falta da cor do seu cabelo, mas esse corte é algo mais, tenho que admitir, joaninha.

— Algo mais?

Papai deu uma risadinha. — Bem, leva algum tempo para se acostumar.

Mamãe tocou meu ombro. — Você parece uma modelo francesa de passarela, querida. Não espere que os homens entendam isso.

Ri.

— O Danilo sabe? — Samuel perguntou.

Franzi meus lábios. — Não achei que ele se interessaria pelo meu penteado.

Samuel me deu uma olhada. Ele provavelmente percebeu que o estado de raiva de Danilo no dia anterior tinha sido causado pelo meu cabelo loiro.



Mal dormi naquela noite, muito animada com a minha festa de noivado e a reação de Danilo ao meu corte de cabelo. Tinha a sensação de que ele odiaria, especialmente porque o desafiei. Embora parte de mim ainda quisesse agradá-lo, meu lado irritado e frustrado havia vencido.

Um fato que agradou imensamente a Anna, a julgar por seu sorriso. — Sua mãe está certa. Você parece francesa e sofisticada, mas também fofa. O visual seria perfeito se você começasse a fumar aqueles cigarros longos e estilosos.

Bufei. — Não, obrigado. Não acho que valha a pena arriscar minha saúde em uma declaração de moda.

Anna revirou os olhos. — Não falei para você se tornar uma fumante inveterada. Mas às vezes fumar pode ser um toque agradável.

— Não, obrigada. — Raramente sentia cheiro de fumaça em Anna, mas nunca a vi fumar.

Anna me ajudou a aplicar minha maquiagem porque minhas mãos tremiam demais para uma linha precisa das pálpebras. Não queria exagerar e acabar parecendo uma princesa egípcia. As pessoas falariam sobre minha recente mudança de cabelo de qualquer maneira. Não queria lhes dar munição adicional contra mim. Quando eles olhassem para mim, queria que ficassem de queixo caído.

Depois que minha maquiagem foi feita, Anna me ajudou a alisar meu cabelo com uma chapinha, especialmente minha franja, já que meus cachos naturais causaram alguns estragos. Eu tinha escolhido

uma combinação cor de rosa com um corpete sem alças e uma saia de tule que descia até os joelhos como uma anágua elegante. Adorei o vestido e me senti deslumbrante nele, e tenho que admitir que ficava ótimo com meu cabelo mais curto porque acentuava minha clavícula e garganta.

Anna sorriu quando me virei para lhe dar uma visão completa do meu vestido e da saia esvoaçante. — Você parece uma princesa. Se Danilo não ficar boquiaberto, é problema dele.

Beijei sua bochecha. — Obrigada.

Anna deu uma olhada em seu relógio, seus olhos se arregalando. — Ok, hora de me tornar apresentável. — Ela saiu e me aproximei do espelho.

Cuidadosamente toquei meu cabelo. Não parecia mais com Fina e, ainda assim, não era mais como eu. Fiquei em algum lugar no meio, ainda à deriva, tentando encontrar meu caminho de volta para mim mesma. O loiro teria que ir eventualmente.

Uma batida me fez pular. — Entre, — disse.

Papai entrou e congelou quando me viu. Ele balançou a cabeça como se não pudesse acreditar no que estava vendo. — Quando você cresceu e se tornou uma mulher bonita? Não lhe disse para ser minha garotinha para sempre?

Ri. — Talvez você devesse ter me trancado em uma torre.

Ele se aproximou e me puxou para um abraço. Respirei fundo, tentando sentir o cheiro de fumaça. Papai fumava intermitentemente desde o sequestro de Fina. Ele continuou tentando parar, mas geralmente nunca durava mais do que alguns meses.

— Talvez. — Ele se afastou, mas a melancolia permaneceu em seu olhar.

— Ainda faltam dois anos, — o lembrei.

Ele tocou minha bochecha. — Eu sei. Agora, devemos realmente descer. Os primeiros convidados chegaram e sua mãe os está entretendo com bebidas e canapés.

Nós demos os braços e descemos as escadas. O zumbido suave da conversa saia de nossa sala de estar. Era um grande espaço, uma combinação de sala de jantar e sala de estar. O pessoal do bufê retirou a maior parte da mobília da sala e empurrou o resto para o lado para dar lugar às mesas altas e ao bufê. Lindos arranjos de flores em rosa claro e rosa envelhecido combinando com meu vestido decoravam as mesas.

No momento em que papai e eu entramos na sala, um silêncio caiu sobre a multidão e seus olhos focaram em mim. Mamãe me deu um sorriso orgulhoso do outro lado da sala, o que me fez levantar um pouco mais a cabeça. Ela me ensinou a mostrar força e elegância em público, e queria fazer exatamente isso.

Ainda assim, parte da minha postura vacilou quando meu olhar pousou em Danilo. Ele estava ao lado de seu primo Marco, sua mãe e Emma. Esta última me deu o sorriso encorajador que eu precisava antes de encontrar os olhos de Danilo novamente. Sua expressão era ilegível, apesar de seu sorriso educado. Era a máscara padrão de cavalheiro que ele exibia em público, mas no fundo de seus olhos captei uma pitada de desaprovação, talvez até raiva e choque. Ele não esperava que eu o desafiasse.

Papai apertou meu braço enquanto me guiava em direção a Danilo. O único que parecia menos do que feliz com os acontecimentos era Samuel. Ele estava lançando punhais para o meu futuro noivo. O que quer que tenha acontecido entre esses dois não era da minha conta.

Quando papai e eu paramos na frente de Danilo, meu coração batia forte. Esperava que meu nervosismo não transparecesse no meu rosto. Danilo puxou um pequeno pacote do bolso e encontrou o olhar de papai. — Estou pedindo a mão de sua filha em casamento. Você a confiará a mim?

Era a frase oficial. A mão de sua filha. Provavelmente foi a mesma coisa que ele disse quando ficou noivo da minha irmã. Ele nem mesmo teve que mudar nenhuma palavra.

— Eu confio, — papai disse. Ele e Danilo olharam para mim, então papai me soltou.

Danilo estendeu a mão com a palma para cima. Coloquei minha mão na dele e encontrei seu olhar, desejando poder ler sua mente. Danilo me assustou quando passou levemente o polegar nas costas da minha mão antes de deslizar o anel de noivado em meu dedo. Ele não tentou me beijar, embora desejasse que o fizesse. Teria sido altamente inapropriado. Ele, no entanto, me puxou para o lado e muito levemente pousou a palma da mão nas minhas costas, um sinal de que eu era dele e que em breve pertenceríamos um ao outro. Estar tão perto dele era bom, apesar do quão zangada estava com ele. Esperei que Danilo comentasse meu corte de cabelo, mas ele continuou o cavalheiro equilibrado para manter as aparências.

Depois de aceitarmos os parabéns dos demais convidados e eles enxamearem o bufê, Danilo se virou para mim. — Você manteve o loiro.

— Sim, — disse. — Eu gosto, mas decidi fazer um novo corte de cabelo para não parecer uma réplica ruim de ninguém. — Um toque de malícia ressoou na minha voz, surpreendendo a mim e obviamente a Danilo.

Suas sobrancelhas franziram, mas ele simplesmente assentiu. — Essa é sua decisão, é claro. Eu, no entanto, prefiro você com cabelos castanhos compridos.

Como ele podia manter esse ato educado quando estava obviamente chateado? — Você não lida bem com mudanças, entendo. Mas não se preocupe, gosto mais do meu cabelo castanho também. Vou mudar a cor quando quiser.

Seus olhos se estreitaram. — Você é jovem. Posso ter te assustado ontem, e é por isso que vou fingir que não agiu como uma criança petulante e rude agora, mas espero mais de você.

Pisquei para ele com espanto. Talvez tenha agido um pouco infantil, mas sua condescendência definitivamente não me fez querer atender às suas expectativas.

Como se o assunto estivesse resolvido para ele, seu olhar mudou-se para Samuel, que deu um aceno conciso. Senti Danilo ficar mais tenso.

Papai pigarreou e bateu com a faca na taça de vinho. — Temos outro anúncio a fazer. Danilo?

Danilo tirou a mão das minhas costas e deu um passo à frente. Confusa, levantei minhas sobrancelhas para Anna, que apenas deu de ombros. Normalmente ela recebia as notícias quentes primeiro e as passava para mim, mas desta vez até ela parecia estar perdida.

— É com grande honra que gostaria de anunciar que nossas famílias, os Mione's e os Mancini's fortalecerão nosso vínculo. Samuel vai se casar com minha irmã Emma no mesmo verão em que meu casamento com Sofia acontecer.

A surpresa passou por mim. Samuel sorriu com força e foi até Emma. Samuel deu-lhes mais um de seus sorrisos de lábios apertados antes de colocar a mão no ombro de Emma. Ela estava sorrindo brilhantemente, mas não era sincero. Eu sabia por que aprendi a arte do sorriso falso desde muito cedo. Não entendia por que ela não estava feliz em se casar com meu irmão. Samuel podia ser um pouco idiota, especialmente quando as emoções estavam em causa, mas ele era um cara bom.

— Um negócio inteligente, — uma voz feminina baixa murmurou rancorosamente, mas não pude detectar sua fonte. Franzindo a testa, me virei para Danilo. Ele tinha um brilho assassino nos olhos.

Agora que prestei mais atenção, notei que alguns convidados estavam sussurrando conspiratoriamente, achando que ninguém notaria porque muitos outros estavam parabenizando Emma e Samuel.

— A pobre garota tem muita sorte.

— E ele? Ele precisa de um herdeiro.

Danilo pressionou a mão nas minhas costas, com mais firmeza do que antes, os olhos trovejantes enquanto me conduzia em direção a sua irmã e Samuel. Entendia sua raiva. Pelos sussurros, todos consideravam Emma sortuda por ter acertado um casamento com

Samuel, ou qualquer homem na verdade. Eles faziam parecer que ela era menos porque estava em uma cadeira de rodas.

Dei a ela um sorriso brilhante e me inclinei para abraçá-la. — Estou tão feliz por vocês dois.

— Obrigada, — disse ela educadamente, em seguida, recuou alguns centímetros para olhar nos meus olhos. — Lamento que nosso anúncio tenha eclipsado seu dia especial.

Eu ri. — Nem pensei isso. Não se preocupe. Não me importo.

Na verdade, fiquei aliviada pelo anúncio ter cortado a discussão entre Danilo e eu. Eu me virei para Samuel e passei meus braços ao redor dele.

Sorri. — Você finalmente vai se acalmar. Parabéns.

Sua expressão se afrouxou ligeiramente. — Nunca pensei que me casaria no mesmo verão que você, joaninha.

Corei, meus olhos disparando para Danilo, que deve ter ouvido o uso de Samuel do meu apelido embaraçoso. Samuel riu, mas ficou sério imediatamente quando o próximo convidado o parabenizou de uma maneira nada sincera.

Recuei e permiti que os outros convidados tivessem sua vez. Danilo estava conversando com papai e tio Dante, então me afastei em direção a Anna. Ela usou a distração para pegar uma taça de champanhe. Estalei minha língua. — Seus pais não querem que você beba álcool.

Ela tomou um gole deliberado. — Hmmm... delicioso. — Ela me deu um sorriso. Revirei meus olhos para ela.

— Você terá problemas se eles descobrirem.

— É um dia especial. — Ela cutucou meu ombro. — Você está brava porque eles transformaram seu noivado em um anúncio duplo?

Por que todo mundo pensava isso? Geralmente não gostava de ser o centro das atenções de todos, só queria a atenção de Danilo. Ou desejava isso. — Não. Na verdade, estou aliviada.

Anna assentiu, mas sua expressão me disse que ela estava pensando em outra coisa. — O que?

— Quando eles decidiram dar Emma para Samuel?

Dei de ombros. — Acho que papai, Dante, Danilo e Samuel fizeram os arranjos ontem. Eles tiveram uma reunião.

Anna franziu os lábios. — Pode ser. Eles não perderam tempo em anunciá-lo, com certeza.

Algo na voz dela estava errado, mas não tive a chance de perguntar por que Danilo apareceu ao meu lado. — Precisamos tirar algumas fotos.

Coloquei minha mão em sua palma estendida, dando um aceno educado em troca. Apesar das minhas melhores intenções de lhe ignorar, senti a vibração familiar na minha barriga quando ele fechou seus dedos ao redor dos meus. Não conseguia desligar meus sentimentos, mesmo que Danilo não fosse exatamente o príncipe que esperava que fosse. O segui pelas portas francesas até um ponto no terraço que tinha uma bela vista dos jardins.

Danilo passou o braço em volta do meu quadril e apresentou minha mão com o anel de noivado para a câmera. O fotógrafo tirou uma foto após a outra. Arrisquei uma espiada em Danilo, e seus olhos encontraram os meus por um breve momento. Ele não parecia mais com raiva. Ele parecia quase confuso. Muito cedo, o momento acabou, e voltamos para a câmera, interpretando o casal dos sonhos que esperamos um dia nos tornar.

SETE



Este era o último verão antes de estar casada. Tinha visto Danilo apenas uma vez desde nosso noivado, em dezembro passado, na festa de Natal dos Cavallaro. Ele comentou sobre o meu cabelo castanho, o que quase me fez lamentar minha escolha de tingi-lo de volta, mesmo que tivesse sentido falta da cor do meu cabelo. Além disso, nossas interações foram esparsas como antes, mas consegui me distrair com os trabalhos escolares e os preparativos para o nosso casamento. Mais importante ainda, parei de pesquisar artigos sobre Danilo e suas conquistas loiras. Em minha mente, ele tinha parado, e não estava interessada em encontrar imagens que provassem que estava errada. Queria aproveitar a vida sem me preocupar constantemente com Danilo.

— Então, você realmente não pode ficar mais do que o fim de semana? — Perguntei a Samuel novamente enquanto dirigíamos ao longo da estrada estreita que levava ao chalé Cavallaro no lago. Anna, Emma, Leonas e eu passaríamos algumas semanas das férias de verão lá. Era o primeiro ano em que Anna e eu estaríamos no chalé sem nossas famílias. A irmã mais nova de Anna ficou em Chicago com seus pais, e Samuel tinha negócios a tratar, então ele apenas me levaria e passaria uma noite antes de retornar a Minneapolis.

Danilo traria Emma para o chalé, e por isso não escolhi meu estilo lago usual com shorts e um top. Em vez disso, estava usando um lindo vestido de verão para impressioná-lo. Ele também passaria a noite antes de retornar a Indianápolis para o trabalho.

Claro, não ficaríamos no chalé sem supervisão. Anna tinha seu guarda-costas Santino com ela, que protegeria ela e Leonas, Emma teria um de seus próprios guarda-costas e Carlo me acompanharia. Ele mal havia saído do meu lado desde que Danilo o tornou meu guarda-costas pessoal anos atrás.

A floresta finalmente se abriu diante de nós, dando lugar ao belo chalé de madeira situado ao lado do lago cercado por abetos. O sol brilhava na água azul.

— Mal posso esperar para dar um mergulho, — eu disse. A temperatura estava na casa dos trinta e eu precisava desesperadamente me acalmar.

— Os outros provavelmente não chegaram ainda. Muito tempo para ir nadar antes do jantar.

Balancei a cabeça, então dirigi a Samuel um olhar curioso. — Você está animado para ver Emma novamente? — Ele bloqueou todas as tentativas de falar sobre seu noivado com Emma até agora.

— Não vou passar tempo com ela. Só vou passar a noite porque não quero dirigir de volta.

— Você não parece feliz com seu noivado.

Samuel soltou uma risada curta. — Sofia, os casamentos arranjados não têm nada a ver com felicidade, são para fins táticos.

Meus lábios se estreitaram. — Mas que tipo de propósito tático poderia haver? Nossas famílias estarão ligadas pelo meu casamento com Danilo de qualquer maneira.

— Meu casamento com Emma solidificará a união.

Eu poderia dizer que ele não falaria mais. Ele estacionou o carro em frente ao chalé. O carro de Carlo já estava estacionado ao lado. Ele saiu há duas horas para se certificar de que tudo estava em boas condições. Minha família tinha uma chave reserva do chalé dos Cavallaro, assim como os Cavallaros tinham uma do nosso, que não era tão esplêndido quanto este.

Não perdi tempo para ir ao quarto de hóspedes que geralmente uso e colocar um biquíni - uma peça de malha branca pela qual me

apaixonei no segundo em que vi. Minha pele não estava bronzeada o suficiente para criar um forte contraste com o tecido claro, mas estava determinada a conseguir um bronzeado decente durante nosso tempo no lago. Meu cabelo estava preso em um comprimento médio estranho porque estava tentando deixá-lo crescer para o penteado do meu casamento. Minha franja alcançava as maçãs do meu rosto, então tive que prendê-la com presilhas ou cobriria meus olhos, e o resto do meu cabelo quase tocava minha clavícula agora. Ainda muito a crescer antes que eu pudesse testar meu penteado de noiva.

Quando desci as escadas correndo, vozes familiares me alcançaram da sala de estar. Fui direto para elas, encontrando Anna, Leonas e Santino conversando com Samuel e Carlo.

Fui direto para Anna e joguei meus braços em volta dela. Quando ela se afastou, acenou com a cabeça em apreciação. — Esse biquíni fica quente em você. Boa escolha.

Sorri, enrubescendo quando senti a atenção de todos em mim.

— Sim, você parece um pedaço de bunda quente, — Leonas disse lentamente enquanto se inclinava contra o encosto do sofá como um maldito rei.

— Cale a boca, — Santino rosnou. Ele soava como se já estivesse no limite de sua escassa paciência. Como de costume, seus olhos furiosos enviaram um arrepio pela minha espinha.

Samuel foi até Leonas e bateu na parte de trás da sua cabeça. — Cuidado. Você ainda não é Capo, então ainda podemos chutar sua bunda magricela até que suas bolas murchem ficando do tamanho de passas.

— Como se elas fossem maiores do que isso, — Anna murmurou, dando a Leonas um sorriso presunçoso.

Santino lançou um olhar severo para ela. — Não me importo que vocês dois se torturem. A única coisa que me importa é que vocês voltem para Chicago mais ou menos vivos e que não me fodam.

— Nossos outros guarda-costas não dizem foda porque nossa mãe odeia a palavra, — Leonas se intrometeu.

— Faça um relatório oficial e veja se dou a mínima, — disse Santino antes de se virar para Samuel e Carlo. — Estou indo para a casa da guarda. Vou confiar que vocês os mantenham vivos.

Carlo grunhiu, o que era equivalente a um sim dele.

Cutuquei Anna. — O que deu nele? — Revirei os olhos para as costas largas de Santino.

— Deixe-me trocar. Vou te contar no lago.

— Tudo bem, mas se apresse. Preciso me refrescar.

Anna agarrou sua pequena bolsa. — Você pode carregar minha bagagem, Leonas. Todos os seus exercícios devem valer para alguma coisa, certo?

Leonas mostrou-lhe o dedo indicador. — Mais tarde. Estou ocupado. Tenho certeza que você encontrará um dos seus cinquenta biquínis nessa sacola de compras feia que você carrega.

— É uma bolsa Louis Vuitton, seu idiota, — disse Anna numa voz cantante enquanto subia as escadas correndo.

Virei-me para Leonas. — Você realmente vai carregar a bagagem dela?

Ele fez uma careta. — Perdi uma aposta. Não pergunte. Santino se recusa a fazer isso e então ela encontra novas maneiras de me subornar, coagir ou chantagear para que eu faça isso.

Eu ri. Esses dois eram como gato e cachorro às vezes.

Samuel agarrou o ombro de Leonas com o que parecia um aperto forte. Ele ainda era uma cabeça mais alto do que meu primo aos quatorze anos, mas Leonas estava lentamente ganhando alguns músculos, mesmo que Anna ainda o chamasse de merda magricela com frequência. — Quero ir caçar para o nosso jantar. Que tal vir para que possa ficar de olho em você?

— Legal.

Eles partiram para o armamento na parte de trás do chalé e, alguns minutos depois, Anna desceu as escadas em duas peças verde-escuro. Dando as mãos, saímos para o lago. As espreguiçadeiras

estavam dispostas no deck ao lado do lago. Deixamos cair nossas toalhas nas espreguiçadeiras e nos atiramos na água.

Estava gelado, enviando uma onda de choque pelo meu corpo.

Estourando na superfície da água, tossi e ri. Anna estava rindo histericamente. Nadamos um pouco antes de nos esticarmos no deck para nos aquecer.

Não sabia quanto tempo havia passado até que um som de arranhão me acordou de um leve sono. Sentei-me, piscando contra a luz do sol, e avistei Emma no convés superior, olhando para nós. Ela rodou pelo caminho estreito até o deck em que estávamos. Levantei-me, sem saber se ela precisava da minha ajuda. E se a cadeira de rodas dela rolasse para a água?

Como se pudesse ver minha incerteza, ela sorriu. — Estou bem. — Anna se sentou em sua espreguiçadeira.

Emma estava de maiô, fato que me surpreendeu. Ela chegou ao deck e travou os freios perto da borda das tábuas. Meus olhos se arregalaram quando ela se levantou lentamente. Suas pernas tremiam e ela teve que se agarrar às alças da escada que dava para a água para se equilibrar. — Posso ficar de pé e até dar alguns passos com apoio, — explicou ela. — O acidente esmagou minha medula espinhal, então eu tenho paresia[3].

Ela se deixou afundar na beirada do convés e desajeitadamente baixou as pernas na água. — Ficou melhor com o passar dos anos? — Perguntei.

Emma balançou a cabeça. — Paresia geralmente não pode ser curada.

Balancei a cabeça e observei com preocupação enquanto ela se abaixava no lago. Percebendo os olhos arregalados de Anna e os meus, ela disse: — Sou uma boa nadadora, não se preocupem.

---

[3] Paresia é uma condição na qual o movimento muscular é enfraquecido. Ao contrário da paralisia, os indivíduos com paresia ainda têm algum controle sobre os músculos afetados.

— Ok, — eu disse, então entrei na água, apenas no caso de ela precisar de ajuda em algum momento, mas logo Anna, Emma e eu estávamos nadando, conversando sobre os planos de casamento. Bem, Emma e eu conversamos sobre eles. A data do casamento de Anna ainda não estava marcada. Ela iria primeiro à faculdade.

Emma agia muito mais livre e feliz na água, e esquecemos o tempo.

— Meninas, estamos prestes a assar a carne, — gritou Samuel do convés superior, onde havia uma churrasqueira.

Saímos do lago e nos secamos, então Anna e eu caminhamos lentamente pela trilha até o convés superior para que Emma pudesse acompanhar. O sol estava se pondo sobre a floresta, tingindo o céu de rosa e laranja, e eu estava começando a sentir frio sem os raios aquecendo minha pele molhada.

Minha barriga explodiu de frio quando vi Danilo ao lado de Samuel no churrasco. Foi a primeira vez que o vi em uma camiseta justa e jeans escuro, e ele estava maravilhoso. Mesmo que fosse menos príncipe da Disney do que eu infantilmente esperava, ele era sexy.

— Abatemos alguns coelhos, — explicou Samuel, mas meus olhos estavam em Danilo, que esfolava com precisão uma das pequenas criaturas peludas. Quando ele terminou, olhou para cima e seus olhos se fixaram em mim. Com as mãos ensanguentadas segurando a faca e a carcaça, ele me examinou da cabeça aos pés, demorando-se brevemente no meu rabo de cavalo curto antes de seu olhar vagar para baixo mais uma vez.

Ele estava me checando?

Parecia bom demais para ser verdade.

Samuel pigarreou e Danilo entregou-lhe o coelho esfolado, desviando o olhar de mim. As entranhas já estavam em um balde a seus pés.

— Isso é nojento, — disse Anna.

— Não seja tão diva, — Leonas murmurou enquanto caminhava para o convés, carregando os pratos.

Aproximei-me da churrasqueira para ficar mais perto de Danilo, ansiosa para coagir uma reação dele, mas ele manteve os olhos na carne.

— Você deveria se trocar, — Samuel disse bruscamente, me dando um olhar duro. — Vocês precisam fazer uma salada se quiserem comer mais do que carne.

— Então, temos que fazer a salada porque somos meninas? — Anna perguntou.

— Da próxima vez, você pode ir caçar, se quiser, — disse Samuel.

Anna revirou os olhos e, junto com Emma, nos movemos para a casa. Emma tinha um quarto no primeiro andar, enquanto Anna e eu tínhamos que subir.

— Danilo deu uma checada em você, — disse Anna.

Se Anna percebeu, eu não tinha imaginado. Talvez Danilo e eu finalmente estivéssemos chegando a algum lugar.



O jantar foi tranquilo. Os guardas se juntaram a nós na grande mesa de madeira. Os homens, até Leonas, falavam sobre trabalho, enquanto nós, meninas, conversávamos sobre nossos planos para o dia seguinte e o ano letivo.

Ocasionalmente, dei uma olhada rápida em Danilo, mas no geral, me concentrei em Emma e Anna. Uma ou duas vezes, pensei ter visto Danilo olhando furtivamente para mim. Anna me aconselhou a usar um vestido branco de verão e deixar meu cabelo secar ao natural para que ficasse cacheado naturalmente. Ela insistiu que a juba selvagem parecia boa, apesar do comprimento.

Depois do jantar, nos acomodamos ao redor da fogueira. Ficou bem fresco aqui à noite, e arrepios logo cobriram meus braços nus, apesar do fogo estrondoso. Não queria entrar para pegar uma jaqueta -

estava me divertindo muito. Emma foi inteligente o suficiente para trazer um casaco de lã.

Esfreguei meus braços, tentando aquecê-los um pouco. Danilo se levantou e entrou em casa. Poucos minutos depois, ele voltou com dois cobertores, um para Anna e outro para mim. Dei-lhe um sorriso agradecido quando ele me entregou. Gostava desse lado dele. Ele voltou para sua cadeira e afundou. Samuel agia como se Danilo houvesse cometido um crime. Talvez ele devesse tentar agir como um cavalheiro perto de Emma de vez em quando.

Danilo percebeu meu olhar sobre as chamas e me deu um pequeno sorriso.

Meu coração acelerou, mas simplesmente retornei seu sorriso. Ele parecia relaxado, recostado na cadeira de teca em jeans e uma camiseta justa, garrafa de cerveja na mão, cabelo escuro despenteado. Não achei que Danilo fosse um cara que bebia cerveja. Ele parecia sofisticado demais, o tipo de homem que gosta de vinho tinto ou uísque caro. Ele parecia acessível, não como o inatingível cavaleiro de armadura brilhante, o poderoso Underboss. Talvez essa viagem tenha sido minha chance de conhecer o verdadeiro Danilo. Nosso último encontro foi acidentado, mas estava disposta a deixar isso no passado e seguir em frente.



— Quero dar um mergulho, — disse Leonas por fim.

Meus olhos já estavam pesando, mas a perspectiva de ver Danilo sem camisa pela primeira vez me deixou bem acordada em um piscar de olhos.

— Parece bom. Talvez uma criatura do lago devore você, — brincou Samuel.

— Nós poderíamos nadar nus, — Anna sugeriu.

Olhei para ela sem acreditar, mas ela estava dando a Santino aquele sorriso desafiador que adotou perto dele. Ele bebeu sua cerveja. — As roupas continuam, e vocês dois não se comportarão como crianças brigando.

— Não sou criança, Sonny, — murmurou Anna.

Seus olhos brilharam. Eu não tinha certeza de por que Anna gostava de irritá-lo usando esse apelido idiota, ou qualquer outra coisa que ela fazia. Tornou-se seu passatempo favorito.

Leonas se levantou da cadeira e tirou a camisa, depois tirou as calças sem se envergonhar, ficando com uma cueca samba-canção escura. — Estou indo. Continuem batendo papo.

Ele desceu correndo o caminho para o convés inferior e se catapultou na água negra com uma bomba. Samuel suspirou, mas também começou a tirar a calça, mostrando uma cueca samba-canção antes de seguir Leonas para a água com um mergulho mais elegante.

Levantei-me, olhando para Danilo. Ele parecia indeciso sobre se deveria participar do mergulho noturno. Seus olhos se voltaram para Emma, que estava encolhida em seu cardigã. — Estou indo para a cama — disse ela com um bocejo. — Vá em frente e dê um mergulho. Vou me preparar para dormir. — Ela começou a se virar em direção ao pátio.

Anna se despiu ao meu lado, claramente dando um show a Santino. Ele se recostou na cadeira com uma expressão levemente irritada. Ainda estava com meu biquíni por baixo do vestido de verão, mas Anna não. Ela correu em direção ao lago de calcinha preta e mergulhou.

— Vou pedir a porra de um aumento de salário assim que voltar a Chicago, — Santino rosnou enquanto se levantava e começava a se despir.

Não pude deixar de rir.

Danilo me lançou um olhar severo que não entendi, como se rir da piada de Santino fosse inapropriado.

Mas fiquei momentaneamente distraída quando ele tirou a camisa e a calça, ficando de boxer. Não pude deixar de admirar seu peito musculoso e o pacote de seis, seus braços fortes e a trilha fascinante de cabelo escuro desaparecendo em seus shorts. Santino desceu até o convés inferior, deixando-me sozinha com Danilo.

Percebi que ainda estava com meu vestido de verão.

— Você não vai dar um mergulho? — Danilo perguntou. Ele estava esperando por mim?

Rapidamente arrastei meu vestido pela cabeça, depois me perguntei se deveria cruzar os braços sobre o peito porque meus mamilos enrugaram com o frio, mas isso seria estranho, e talvez Danilo não pudesse nem ver tanto no escuro. O fogo não emitia muita luz.

Largando o vestido na cadeira, dei um sorriso a Danilo. — Pronta para ir.

Ele acenou com a cabeça, mas então seus olhos dispararam brevemente para o meu peito e sabia que a escuridão não estava escondendo o suficiente. Felizmente, isso escondeu meu rubor. Danilo e eu descemos para o convés inferior ao som de respingos e gritos vindos do lago em um ritmo lento. Anna e Leonas pareciam estar envolvidas em uma guerra na água.

Danilo entrou primeiro na água e depois se aproximou do convés, me observando. — Você precisa de ajuda para entrar? — Ele perguntou quando hesitei no degrau superior da escada.

Balancei minha cabeça. — Não, só me deixa nervosa por não conseguir ver o que está abaixo da superfície. — Desci a escada e respirei fundo quando meus dedos dos pés tocaram a água. Estava muito mais frio do que antes.

— Salte. Fazer isso devagar só vai piorar, — Samuel comentou enquanto nadava mais perto também.

— Ok, — disse hesitantemente. Verifiquei se a costa estava limpa antes de pular na água. Meu corpo enrijeceu por um momento, paralisado pelo frio antes que minha cabeça explodisse na superfície. Engasguei para respirar.

— Você está bem? — Danilo perguntou.

— Estou bem, — consegui dizer. Samuel estava logo atrás de Danilo, como se achasse que eu precisava de mais de um salvador. Claro, Leonas tinha outras coisas em mente e jogou água no rosto de Samuel. Samuel se virou e tentou pegar Leonas.

Anna piscou para mim e nadou para mais perto de onde Santino estava flutuando de costas. Olhei para o lindo céu noturno e deixei a água me levar, tentando pensar em um assunto para conversar com Danilo já que ele ainda estava por perto. Ele seguiu meu olhar para o céu, e desejei, como tantas vezes no passado, que fôssemos amantes normais e pudesse nadar até ele e beijá-lo.

Algo se enrolou em meu tornozelo e soltei um grito assustado, me debatendo loucamente para me livrar do que quer que fosse. Em meu pânico, engoli água e minha cabeça afundou brevemente na superfície. Então um braço me envolveu e, quando recuperei a visão, Danilo estava ao meu lado. — Acalme-se. Estou aqui.

— Algo agarrou meu tornozelo. — Me encolhi quando percebi como isso soava... como se um monstro marinho tivesse me atacado.

— Sofia? — Samuel perguntou, preocupação soando em sua voz. Podia ouvi-lo se aproximando.

— Eu cuido disso, — Danilo cortou, me surpreendendo com a nota protetora em sua voz. Então ele me encarou. Nossos rostos estavam próximos porque ele ainda estava me segurando. Poderia ter nadado sozinha agora que a primeira onda de pânico havia diminuído, mas não disse nada.

— Tente se recostar e flutuar na superfície para que eu tire o que está na sua perna, — Danilo instruiu com calma. Balancei a cabeça e relaxei lentamente até que meu corpo flutuou até a superfície. Antes mesmo de Danilo pegá-lo, reconheci o que havia me agarrado: algas marinhas enroladas no meu tornozelo. O calor disparou em minha cabeça quando Danilo o removeu da minha perna e o empurrou para longe.

— Desculpe, — disse com vergonha. — Geralmente não sou tão nervosa.

— Não se preocupe. — Danilo não saiu do meu lado depois disso, embora Samuel tenha lhe lançado olhares de advertência. Queria dar um tapa na cabeça do meu irmão. Com sua constante proteção, ele estava arruinando minha chance de ter um momento de privacidade com Danilo.

— Vou dar uma olhada em Emma, — disse Danilo por fim.

— Você vai voltar? — Perguntei.

Seus lábios se contraíram, então ele balançou a cabeça e saiu da água.

Anna nadou até mim. — Bom trabalho bancando a donzela em perigo, então Danilo foi salvá-la.

Eu olhei. — Não fiz de propósito.

— Bem, ainda funcionou perfeitamente. Diga o que quiser, mas ele é protetor com você. Esse cara não quer perder outra garota, isso é certo.

Sorri. Não querer me perder era um bom começo.

Ela cutucou meu ombro. — Finja que você precisa ir ao banheiro e intercepte-o no caminho de volta. Samuel, Leonas e Santino estão falando sobre rifles, e posso distraí-los um pouco.

— E então?

Anna me olhou como se fosse uma criança estúpida. — Você já beijou um cara?

— Claro que não.

— Então essa é sua chance. Você está noiva dele há anos e se casará com ele em menos de 12 meses. Obtenha alguma ação.

— Você é louca.

— Não seja tão boazinha. Às vezes, precisamos violar um pouco as regras para viver. Você só precisa ter certeza de que as pessoas acreditem que sempre segue as regras.

— Tudo bem, — murmurei então mais alto. — Estou indo para o banheiro.

Saí da água, peguei minha toalha e subi o caminho.

Meu coração acelerou, pensando no que dizer e pior: o que fazer. Tentei canalizar minha Anna interior. Seria ousada e arriscaria. Queria uma reação dele. Sem risco, sem diversão - esse era basicamente o seu lema.



Fiquei feliz por estar longe de Sofia. No passado, nossos encontros eram levemente divertidos devido à sua falta de jeito e paixão por mim. Eu a via flertar inocentemente com diversão, mas nunca levei isso a sério. Ela era uma criança e não conseguia imaginá-la adulta, muito menos minha esposa. Nossa vida juntos tinha sido um conceito abstrato.

Já em nosso último encontro percebi uma mudança, e agora era impossível ignorar. Notei Sofia, não porque ela merecesse minha atenção devido ao nosso futuro planejado juntos. Não. Notei suas curvas, seu lindo rosto. Sofia não era mais uma criança. Ela era uma jovem com um corpo desejável. Agora, seu flerte não parecia divertido ou um jogo. Parecia uma promessa do que logo estaria ao meu alcance, uma perigosa tentação.

Eu não era um homem que agia por impulso ou seguia um impulso sexual sem pensar duas vezes, mas o simples fato de Sofia me tentar quando ainda estava fora dos limites me fez ranger os dentes. Não gostei dessa sensação de ser um escravo dos meus instintos, mas quando vi o corpo de Sofia, certas partes do corpo definitivamente tinham mais poder do que outras.

A casa estava silenciosa e escura enquanto caminhava em direção ao quarto de Emma. Cuidadosamente abri a porta e olhei para dentro. Emma estava dormindo, de costas para mim. Ela ainda era minha irmã

mais nova, ainda uma garotinha aos meus olhos, o que ia contra a minha percepção de Sofia, que era um pouco mais velha.

Fechei a porta novamente e saí porque tinha prometido voltar.

Quando saí para o pátio, meu corpo ficou tenso com o som de passos, mas relaxou quando Sofia apareceu diante de mim. Ela estava com a toalha enrolada nos ombros, pelo que fiquei grato.

— Você está indo para a cama?

Ela balançou a cabeça. — Na verdade, eu estava procurando por você.

Minhas sobrancelhas franziram. A maneira como ela disse isso me irritou. Era difícil distinguir seu rosto na penumbra, mas tive a sensação de que ela estava flertando comigo.

— Talvez possamos dar um passeio?

— Ok, — disse lentamente, não querendo lhe negar isso, mesmo que não achasse que ficar longe dos outros fosse uma boa ideia. Para desgosto do meu cérebro e deleite do meu corpo, Sofia largou a toalha na cadeira e desceu o caminho que serpenteava pela casa. Eu a segui, tentando não prestar muita atenção em sua bunda em formato de pêssego em seu minúsculo biquíni. — Há algo específico que você deseja discutir comigo?

Sofia parou e olhou para mim. Ela parecia nervosa. — Só queria ficar sozinha com você. Estamos noivos e em breve vamos nos casar, mas nunca estivemos sozinhos. Nunca tivemos a chance de nos conhecermos melhor.

Sofia provavelmente quis dizer isso de uma forma muito inocente, mas não pude deixar de imaginar todas as maneiras que queria conhecê-la, especialmente quando meu olhar mergulhou em seus mamilos eretos esticados contra o tecido molhado de seu biquíni.

— Teremos muito tempo para nos conhecer quando nos casarmos. Ficar sozinho com você assim é contra nossas regras.

Sofia encolheu os ombros como se não importasse, mas importava. Não precisávamos de outro escândalo em nossas mãos. O desastre de Serafina já havia causado tumulto suficiente.

Sofia olhou ao redor e, sem aviso, puxou a parte de cima do biquíni minúsculo, ficando de pé diante de mim com seus seios empinados e mamilos enrugados.

O sangue rugiu em meus ouvidos. — O que você está fazendo? — rosnei, agarrando seu braço. O movimento fez com que seu mamilo roçasse minha pele. Eu a soltei e peguei seu biquíni, em seguida, estendi para ela. — Coloque isso de volta.

Ela olhou para mim. — Não sou uma criança.

— Coloque seu biquíni de volta, — rosnei, mantendo meus olhos em seu rosto. Ela faria dezoito anos em alguns meses, e não a tocaria até então. Oito longos meses pela frente.

Ela arrancou a parte de cima do biquíni da minha mão e finalmente se cobriu com ela. — Aposto que você não teria feito Serafina colocá-lo de volta.

Ela murmurou as palavras sob sua respiração, então quase não as ouvi, mas entendi. Como de costume, a menção de sua irmã fez meu sangue ferver, mas mantive o controle.

Optei por ignorar o comentário dela, dizendo em vez disso: — Jurei aos seus pais não tocá-la antes do nosso casamento, e sou um homem que mantém seu juramento.

— Mas você não quer manter seu juramento? — Ela brincou, tentando soar toda sedutora, mas havia um tom mais sombrio em sua voz que não existia antes.

Que pergunta.

Claro, eu queria o corpo dela, mas não antes de fazermos nossos votos. Se as coisas piorassem por qualquer motivo antes do dia do nosso casamento - se eu fosse morto - Sofia ainda seria capaz de se casar com outra pessoa.

Olhei de volta para a casa, evitando sua pergunta. Por fora, era o epítome do controle, mas por dentro a tempestade estava forte. Em minhas horas mais sombrias, teria aceitado com prazer a oferta de Sofia, de torná-la minha antes que alguém pudesse tirar isso de mim. Como Remo tirou Serafina de mim. As mulheres muitas vezes

associavam sexo a emoções, especialmente se fosse a primeira vez. Foi por isso que Remo teve facilidade para ganhar o coração de Serafina depois que a fodeu. Eu não tinha certeza se ele a estuprou ou se foi consensual como ela alegou – se é que existe consenso em uma situação de cativeiro - mas o que quer que tenha acontecido, fez Serafina se apaixonar por ele.

Sofia se aproximou e tocou meu braço levemente. A sensação de seus dedos macios contra a minha pele era boa, mas me afastei. — Sofia, — a repreendi, tentando fazê-la se sentir como uma criança para que pudesse continuar pensando nela como uma, mesmo que não fosse mais. — Você deveria voltar para o lago.

— Sim, deveria, — ela sussurrou. Não era o que ela queria, e pude dizer que ela levou minha repreensão a sério. O que ela esperava? Que a levaria para um canto isolado da floresta e a beijaria, talvez até mais? Embora em suas fantasias inocentes, ela provavelmente teria parado no beijo, transformando nosso encontro em algum tipo de conto de fadas romântico. O problema era que eu não queria parar por aí. Queria torná-la minha o mais rápido possível, queria reivindicar meu direito. Mas, ao contrário de Remo Falcone, eu tinha honra e uma lasca de consciência. Esperaria até nossa noite de núpcias e daria a Sofia a chance de fazer as pessoas esquecerem a vergonha que Serafina causou à sua família.

Esperei até que Sofia sumisse de vista antes de segui-la. Não queria deixar Samuel desconfiado. Claro, ele estreitou os olhos para mim em desconfiança quando apareci no convés inferior. Sofia já estava de volta na água e conversando com Anna. Podia imaginar sobre quem elas falavam. Outro motivo para ficar desconfiado. Talvez Sofia confiasse que Anna tagarelasse com Dante ou Valentina, mas não queria correr o risco. Dante não era meu maior fã desde que desafiei suas decisões nos meses após a fuga de Serafina com Remo.

— Vocês dois demoraram muito para voltar, — disse Samuel, saindo do lago. Ele parou bem na minha frente. — O que diabos aconteceu lá? — Ele perguntou em voz baixa.

— Nada, — eu disse com um sorriso duro. O que aconteceu entre Sofia e eu não era da conta dele. Ele era muito agressivo.

— Duvido que você ficasse feliz se eu fosse para a floresta escura com sua irmã.

Inclinei-me para frente. — Até agora, você mal notou a existência dela, então qualquer outra coisa seria uma melhoria pra caralho, Mione.

Seus lábios se curvaram. — Fique longe de Sofia até o casamento. Nossa família não precisa de outra gravidez fora do casamento.

— Você não parece ter muita fé em sua irmã. — Seus olhos brilharam de raiva, mas ele não disse nada.

Duvidava que Sofia tivesse ido mais longe do que beijar. Ela buscou minha proximidade, mas não arriscaria mais. No entanto, entendia Samuel. Ele colocou toda a sua confiança em sua irmã gêmea e ela jogou na cara dele.

— Talvez devêssemos ter outra conversa quando nos acalmarmos, — eu disse finalmente. Não queria uma guerra entre Samuel e eu, especialmente porque o bem-estar de Emma logo estaria em suas mãos.

— Amanhã de manhã. Eu quero malhar e nadar no lago. Você pode se juntar a mim ao nascer do sol.

Concordei com a cabeça e, com um último olhar para Sofia, que observava a mim e ao irmão, voltei para o chalé.

OITO



Não conseguia dormir, me debatendo e virando a noite toda. Ainda me encolhia quando pensava em como Danilo reagiu quando mostrei meus seios para ele. Por que achei que seria uma boa ideia? Tentei agir como Anna, ou como achei que Anna agiria, mas obviamente não tinha feito isso com a confiança necessária.

Fui uma idiota, pensando que Danilo ia desmaiar porque me viu sem a parte de cima. Ele não era um adolescente. Ele era um homem adulto e tinha visto seios suficientes em sua vida.

Suspirando, sentei-me, olhando para a escuridão do quarto. As noites aqui na floresta eram mais escuras do que na cidade e, sendo lua nova, quase nenhuma luz entrava pelas janelas, mas os tons de cinza iluminavam o céu. Não demoraria muito até o amanhecer.

Eventualmente, escorreguei para fora da minha cama. De jeito nenhum adormeceria de novo. Abri minha janela, inalando o ar fresco da manhã. Lá fora, os pássaros estavam acordando, seu canto matinal suave à sua maneira. Encostei-me ao parapeito da janela e apreciei a vista sobre o lago arborizado. Desse ponto de vista, parecia um espelho enorme, imóvel, exceto por algumas ondulações suaves onde os peixes irrompiam na superfície. O sol nascia atrás da linha das árvores, tornando o horizonte cinza em vez de amarelo e laranja. Passos rangeram do lado de fora. Espiei pela janela, procurando a fonte dos sons. Samuel não partiria sem se despedir e duvidava que Danilo também iria - pelo menos não sem se despedir da irmã.

Samuel e Danilo apareceram, usando shorts de ginástica e camisetas justas. Escondi-me atrás das cortinas para que não me detectassem, mas ainda assim consegui dar uma boa olhada neles. Eles conversaram por alguns minutos antes de começarem a correr e desaparecer na floresta. Tomei um banho e coloquei outro lindo vestido de verão. Quando saí do banheiro, Danilo e Samuel estavam de volta da corrida e malhando no convés inferior à beira do lago.

Por alguns minutos, os observei fazendo flexões e abdominais antes de decidir parar de malhar e descer as escadas. A casa estava silenciosa, exceto pelo chilrear dos pássaros passando pelas janelas abertas. Fiz para mim um chá preto, um Darjeeling, meu favorito - com leite e açúcar naturalmente. A porta do terraço estava entreaberta, deixando entrar o ar da manhã. Estava fresco e calmo. Aproximei-me na ponta dos pés da porta do terraço, olhando para fora. Não conseguia ver muito da minha posição, então me arrastei para o pátio com minha xícara de chá. Danilo e Samuel ainda estavam ocupados com o treino. Enrolei-me na concha do lounge, embora não pudesse vê-los.

Bebi meu chá e li as mensagens que recebi de amigos da escola e também de mamãe. Logo, os ouvi se aproximando.

Já ia anunciar a minha presença, mas Danilo disse: — As pessoas estão fazendo muitas perguntas. É inevitável. Espero que você tenha as respostas certas. Não quero que Emma descubra sobre o negócio. A maioria das pessoas ainda não ousa espalhar seus boatos.

Que tipo de negócio?

— Não se preocupe. Posso lidar com isso, ou você realmente acha que quero que Sofia descubra que você só concordou em se casar com ela se eu me casasse com sua irmã? Ela ficaria com o coração partido.

Sufoquei um suspiro, meu peito apertando com uma dor aguda. Danilo só concordou em se casar comigo em troca do noivado de Samuel com Emma? Mas Emma e seu vínculo só foram feitos este ano... certo?

Ou todos simplesmente esconderam a verdade de mim e do público todo esse tempo? Mamãe, papai, Samuel, Danilo. Quantos mais sabiam?

— O casamento em nosso mundo é baseado na lógica.

Danilo parecia... insensível. Ele não parecia insensível quando se tratava de Serafina.

Recuei mais fundo na concha do lounge, com medo que eles me avistassem. A abertura da concha estava voltada para a outra direção do lago, não para o caminho que subia do convés inferior. Não queria ouvir mais, mas não podia sair correndo sem que eles percebessem. Fechei meus olhos brevemente, tentando me recompor. Não queria me perder agora.

— Você sabe. Eu sei disso, — Samuel disse, sua voz brevemente abafada como se ele estivesse enxugando o rosto. — Mas as meninas querem romance e magia. Elas não querem lógica fria. Principalmente Sofia.

— Emma é do mesmo jeito, — disse Danilo com pesar. — É nosso dever fazer o vínculo funcionar.

Eu era uma tarefa árdua.

Seu dever.

Ele só se casaria comigo para que Samuel se casasse com Emma em troca. Ele nunca me quis. Ele provavelmente ainda queria Serafina depois de todos esses anos.

Eu a culpava e me odiei por me sentir assim. Não era culpa dela que meu noivo não conseguia esquecê-la.

Pisquei rapidamente para me impedir de chorar. Não queria chorar por causa do Danilo. Ele não merecia minhas lágrimas.

Coloquei minhas pernas para dentro, prendendo a respiração quando seus passos chegaram ainda mais perto, mas então eles entraram no chalé. Esperei mais alguns segundos antes de deslizar para fora da concha do lounge e correr pelo caminho, para longe do chalé. Não parei até chegar ao convés inferior, onde afundei e coloquei os pés na água fria.

Tentei deixar o lago me acalmar. Sempre soube que esse casamento não era baseado em emoções. Foi um acordo desde o início - eu como substituta de Serafina. Ainda assim, saber sobre o negócio adicional me rasgou. Emma também não sabia. Por um breve momento, considerei contar a ela, mas então decidi contra isso. A verdade só causaria dor no seu coração. Pelo menos, ela não entraria nesse casamento pensando que fomos trocadas como gado.

Fiquei sentada assim por um longo tempo, até que meus dedos do pé ficaram dormentes com a água fria. — Ei, o que você está fazendo aqui sozinha? — Anna perguntou, me assustando.

Ela afundou ao meu lado, ainda de short de pijama e camiseta. Sentia-me como um disco quebrado reclamando com ela sobre Danilo, mas precisava tirar isso do meu peito. Ela ouviu em silêncio, uma carranca no rosto. Quando terminei, esperei que ela começasse um discurso retórico, mas ela não parecia tão chocada.

— Você sabia? — Perguntei, horrorizada.

Ela balançou a cabeça. Seus olhos ainda estavam inchados de sono e seu cabelo estava bagunçado. Suas reações foram mais lentas também. — Eu não sabia. Não é como se papai compartilhasse esse tipo de coisa comigo. Descubro mais sobre eles quando me esgueiro pela casa ou forço Leonas a espionar para mim.

— Mas? — Perguntei por que poderia dizer que havia mais.

— Tive uma sensação estranha quando anunciaram o noivado de Samuel com Emma. Primeiro, por que eles pararam de procurar um pretendente para ela anos atrás? Segundo, por que Samuel ou seus pais concordariam com o vínculo? Não importa o quão horrível pareça, você sabe que em nosso mundo Emma é considerada uma mercadoria danificada. — Seus lábios se curvaram e ela balançou a cabeça. — Samuel era um solteiro muito requisitado. Ele poderia ter tido a filha de qualquer capitão ou mesmo Underboss. Isso faria mais sentido do ponto de vista tático também, porque sua família teria aprofundado seus laços com outra cidade. Com o seu casamento com Danilo, ela já está ligada a Indianápolis.

— Eu sei, — sussurrei. — Então, Danilo forçou Samuel a se casar com Emma ao se casar comigo.

Anna tocou minha mão. — Não acho que diga nada sobre você, Sofia. Ele usou a chance para salvar a irmã dele. Provavelmente era sua única chance. Ele teria se casado com você de qualquer maneira, mas precisava garantir um bom casamento para Emma.

— Sim, — disse. — Mas isso realmente não me faz sentir melhor.

Ela bateu seu ombro contra o meu. — E realmente não importa o que aconteceu anos atrás. O que importa é que Danilo agora fica te observando e é muito protetor. Isso é um bom sinal.

Não tinha contado a Anna sobre a cena embaraçosa mostrando meus seios ainda. Fechando meus olhos, soltei a história. Por um segundo, o silêncio se seguiu, então Anna começou a rir.

Dei a ela um olhar incrédulo.

Ela cobriu a boca com a mão. — Desculpe. Mas isso é hilário. Não consigo imaginar você sendo tão ousada.

Minhas bochechas queimaram. — Sim, bem, eu fui, e não correu bem.

Anna baixou a mão, ainda lutando contra o riso. — Ele está tentando ser um cavalheiro. Isso é meio fofo.

— Desde quando você gosta de cavalheiros?

Ela encolheu os ombros. — Não gosto, mas você é tudo sobre os cavalheiros príncipes da Disney.

— Eu não sou delirante. Sei que os homens não são príncipes. Especialmente nossos homens.

— Ótimo — disse Anna com firmeza. — Isso vai te poupar de muita dor de cabeça no futuro. Seria estúpido da parte dele fazer qualquer coisa com Samuel por perto. Seu irmão teria perdido a cabeça. Danilo não vai arriscar tantos problemas por um aperto nos seios.

Dei um tapa em sua coxa. — Você faz isso parecer muito estúpido.

— Foi estúpido, mas também legal. Gostaria de ter visto o rosto dele quando você mostrou seus seios. Sei que eles são legais. Da

próxima vez que você quiser mostrar seus peitos, faça isso na frente de Leonas e seus amigos. Eles gritariam como os idiotas com tesão que são.

Balancei minha cabeça, mas sorri. — Como você consegue fazer com que me sinta estúpida, mas ao mesmo tempo me faz sentir melhor comigo mesma?

— Ser estúpida é a melhor coisa de ser jovem, — disse ela. — Estaremos amarradas com responsabilidades em breve. Vamos tomar decisões estúpidas enquanto pudermos.

— Quero saber que tipo de decisões estúpidas você planejou?

Anna sorriu. — Não, mas vou te dizer de qualquer maneira. Mas ei, quem disse que sou a única estúpida. Você parece estar me alcançando.



As palavras de Anna provaram estar corretas. Mostrar os seios não foi a última coisa estúpida que fiz, nem foi a pior. No que dizia respeito a Danilo, meu cérebro apenas entrava em curto-circuito.

Tudo começou uma noite quando Anna mencionou ao telefone que Santino encontrara Danilo em uma festa e que ele tinha saído com uma loira. Verifiquei as notícias de Indianápolis depois, mas não encontrei nada. Danilo tinha se tornado mais cuidadoso com suas conquistas, mantendo-as longe do olhar do público, mas ainda parecia estar dormindo com garotas loiras. Anna me manteve atualizada depois disso porque Santino relutantemente compartilhava informações com ela. Aparentemente, Danilo estava dormindo com a alta sociedade de Indianápolis - a alta sociedade loira, diga-se de passagem.

Dominada pelo ciúme e pela raiva, decidi fazê-lo perceber que tinha uma mulher desejável ao seu lado, uma que seria sua esposa em breve.

Pela primeira vez, queria ser aquela para quem ele olhava com desejo. O problema era que não sabia o que fazer. Então, uma chance se apresentou em meados de janeiro do ano do meu casamento.

Samuel mencionou que Danilo daria uma grande festa de aniversário em sua casa no lago. Marco estava organizando, uma última grande festa de aniversário antes de Danilo se casar. Quando descobri que era uma festa à fantasia, uma ideia maluca se formou na minha cabeça.

Liguei para Anna imediatamente.

Quando lhe contei sobre meu plano, ela ficou em silêncio. — Você leva minha teoria das decisões estúpidas um pouco a sério demais.

— Não estou brincando. Quero confrontá-lo. Quero segurar um espelho em seu rosto.

— Usando uma peruca loira e uma fantasia sacana e tentando pescá-lo? O que isso faria?

— Ele vai perceber que sou sexy também, ele vai olhar para mim e realmente me ver.

— Mas ele não vai ver você. Ele verá uma garota loira fantasiada.

— Anna, — choraminguei. — Pelo menos teremos a chance de ir a uma festa legal. Mereço uma festa antes de me tornar uma mulher casada.

— Tenho um mau pressentimento sobre isso. Não por causa da festa, mas porque sei que você não vai gostar da reação de Danilo. Ele não se sentirá culpado quando você se revelar depois de beijá-lo. Ele só ficará com raiva. É assim que os homens em nosso mundo lidam com situações como essa.

— Você vai me ajudar?

Ela suspirou. — Deixe-me bolar um plano. Dificilmente podemos pedir aos nossos pais que nos permitam participar.

— Isso desafiaria nossa missão secreta.

Anna bufou. — Você assiste a muitos filmes de gângster.

— Como se precisasse assistir, — murmurei.

— A que distância do chalé Mancini fica o chalé da sua família?

— Oitenta quilômetros? Talvez um pouco menos. Você acha que poderíamos ficar lá?

— Deixa-me ver o que posso fazer. Podemos fingir que precisamos de um fim de semana de meninas em seu chalé, e então escapamos para a festa.

— Carlo e Santino não nos deixam sair de suas vistas.

— Não se preocupe com Santino. Eu cuido dele. Ligarei para você assim que resolver os detalhes.



Na maneira usual de Anna, ela realmente cuidou de tudo. Anna tinha um jeito sutil de conseguir que sua vontade fosse feita. Não tinha certeza de como ela convenceu seus pais de que precisava de um fim de semana na floresta comigo, mas eles concordaram e isso significava que os meus também precisavam, então Anna e eu nos encontramos no chalé do lago no fim de semana da festa de aniversário de Danilo. Samuel estava hospedado no chalé Mancini para a festa no fim de semana. Claro, não fui convidada por ser noiva de Danilo. Deus proíbe que as meninas se divirtam.

Chegamos ao lago na sexta-feira à tarde, o que nos deu um dia para nos prepararmos para a festa do sábado à noite.

Estava com Carlo e um dos guarda-costas de meus pais, enquanto Anna veio apenas com Santino. Era ridículo ter mais proteção do que a filha do Capo, mas desde a coisa com Serafina, meus pais e Danilo eram superprotetores.

A neve fresca cobria as copas das árvores e o telhado do chalé e esmagou sob minhas botas enquanto me dirigia para a porta da frente. O carro de Santino já estava estacionado na garagem.

Anna estava sentada em uma das poltronas de pelúcia em frente à lareira de pedra, as pernas enroladas sob ela. Ela sorriu quando me viu. — Santino acendeu a lareira para nos esquentarmos.

Nós nos abraçamos e sentei na poltrona ao lado dela enquanto Carlo carregava minha bolsa para cima. Santino entrou na sala de estar com uma expressão quase assassina. Ele me deu um breve aceno de cabeça antes de voltar para fora.

— O que você fez? — Perguntei.

Anna me dispensou. — Ele vai se acalmar eventualmente. Não ligue para ele. Precisamos nos concentrar em você e como te vestir. Você ainda tem certeza que quer fazer isso?

Concordei. — Vou confrontá-lo.

— Você pode confrontá-lo sem brincar de loira e beijá-lo primeiro...

Ignorei o comentário. Estava determinada a continuar com isso, mesmo que Anna considerasse um plano estúpido.



A festa estava marcada para começar as oito, mas Anna me garantiu que não era legal chegar entre os primeiros convidados, então saímos do chalé às oito. Santino estava nos levando de carro e não disse uma única palavra.

Sua raiva me preocupou. E se ele contasse a alguém sobre nosso plano? Meus pais ficariam desapontados e eu ficaria de castigo até o dia do meu casamento. Apesar de que crescer na máfia sendo uma garota, era praticamente como estar de castigo pelo resto da vida.

— Tem certeza de que meus guarda-costas não perceberão que saí?

— Eu lhes disse que ficaria com o turno da noite. Eles estão assistindo TV na guarita. Contanto que vocês duas fiquem longe de problemas, estaremos bem, — Santino retrucou.

Dei uma olhada em Anna. Ela obviamente não revelou os detalhes do nosso plano para ele. Ele achou que queríamos uma festa.

Tinha escolhido uma fantasia de Mulher-Gato. A máscara de couro de gato cobria toda a metade superior do meu rosto. Fios da peruca loira desciam pelos meus ombros para atrair Danilo. Eu esperava que a máscara cobrisse o suficiente para impedir Danilo de me reconhecer. Duvidava que ele já tivesse olhado para o meu rosto por tempo suficiente para realmente notar os detalhes, mas ainda era um risco. Talvez ele nem me reconhecesse sem a máscara. Ele nunca olhou para mim por mais de alguns segundos, se é que olhou. Coloquei cílios grossos falsos e batom vermelho brilhante para atraí-lo e distraí-lo, já que nunca havia usado nada parecido antes.

Ele veria o longo cabelo loiro e seria atraído por ele. Então ele cheiraria o perfume favorito de Serafina. Ela deixou o frasco em seu banheiro quando fugiu, e peguei isso como uma pequena lembrança dela. Hoje era a primeira vez que usava e era estranho. — Como estou? — Perguntei a Anna.

Ela suspirou. — Não como você.

Não que Anna se parecesse com ela. Ela se vestiu como a noiva de Chucky, o boneco assassino com uma peruca vermelha brilhante e maquiagem assustadora. Ela estava completamente irreconhecível, o que era necessário se quiséssemos não ser detectadas por tempo suficiente. Se a filha do Capo aparecesse na festa, a notícia se espalharia como um incêndio. Santino se recusou a usar o traje de Chucky combinando. Em vez disso, ele estava todo vestido de preto. Pelo menos ele usava uma máscara de caveira cobrindo o rosto, mas essa era a extensão de sua cooperação.

— Era isso que eu queria.

— Eu sei, — disse Anna. Eu pude perceber que ela tinha mais a dizer, mas provavelmente estava tentando expressar de uma forma que não ferisse meus sentimentos.

— Diga.

— Só quero ter certeza de que você manterá o controle da situação. Você quer confrontá-lo, estabelecer regras e deixar claro que o comportamento dele a magoa. Segure um espelho perto do rosto dele

para que ele perceba o quão confusas são suas ações, — ela sussurrou para que Santino não pudesse nos ouvir.

Parecia fácil quando Anna traçou nosso plano. Ela era uma planejadora e não tinha problemas para fazer o que queria na maioria das vezes. Eu odiava conflitos e queria que as pessoas gostassem de mim.

— Não se preocupe. Repassamos nosso plano um milhão de vezes. Eu vou cumpri-lo.

— Tudo bem. — Mas ouvi a dúvida em sua voz.

Minha preocupação de que não seríamos autorizadas a entrar na festa era infundada. Santino era bem conhecido em nossos círculos e nos fez entrar sem problemas, embora os seguranças não soubessem quem éramos. Eles provavelmente suspeitavam que éramos meninas da sociedade com quem Santino queria tentar a sorte. Nunca estive no chalé Mancini e era estranho entrar no lugar disfarçada, já que seria uma de minhas casas em apenas cinco meses. Nosso casamento estava marcado para junho, dois meses depois do meu aniversário, então teria tempo de terminar a escola.

Como suspeitava, as luzes foram diminuídas, exceto por alguns globos de discoteca e holofotes que banhavam as salas em cores diferentes. A festa não estava acontecendo só lá dentro. Um grande número de convidados se reuniu do lado de fora para fumar, relaxar na banheira de hidromassagem ou correr o risco de uma pneumonia no lago gelado.

Inclinei-me para mais perto de Anna. — Temos que dar parabéns ao Danilo? Afinal, é a festa de aniversário dele.

Anna encolheu os ombros. — Duvido que alguém preste atenção à etiqueta aqui. Você já o viu?

— Não. — Examinei os convidados. A maioria dos homens vestia-se esparsamente como Santino, mas as mulheres tinham se produzido muito. As costas de um cara me lembraram de Samuel e rapidamente inclinei meu corpo para o outro lado. Samuel me mataria se descobrisse que eu estava aqui.

Santino pairou perto de nós, os braços cruzados sobre o peito largo e seu rosto sem dúvida irritado coberto por sua máscara de caveira.

A música estava tão alta que o chão parecia vibrar sob meus calcanhares. Nunca estive em uma festa antes e duvido que algum dia teria permissão para comparecer oficialmente a uma. Arregalei os olhos para Anna quando uma garota nua passou correndo por nós e desceu correndo o caminho para o lago. Ela sorriu, me dando um olhar de *eu-te-disse*. A expressão de Santino, por outro lado, dava a entender que ele queria nos matar.

Inclinei-me para Anna. — Ele parece chateado. Tem certeza de que é uma boa ideia?

Ela me dispensou. — Não se preocupe. Posso lidar com ele.

Perguntei-me o que exatamente Anna tinha usado contra ele. Santino não me parecia um homem que deixaria uma adolescente lhe dizer o que fazer. Mas Anna se recusou a me dizer. Tecnicamente, ela não estava quebrando nosso juramento do mindinho ao manter um segredo porque não estava mentindo abertamente. Gostaria de ter pensado nisso quando fizemos aquela promessa muitos anos atrás. Então, teria estipulado termos diferentes. Minha curiosidade estava me matando.

Olhei em volta, sem saber o que fazer. Anna entrelaçou nossos dedos e me arrastou até o bar no pátio. Estremeci de frio. Anna me entregou uma bebida. Tomei um gole e fiz uma careta. Era uma cerveja com um estranho toque de limão.

Outra olhada ao redor confirmou que Danilo não estava por perto. Toquei minha máscara novamente. Ainda em segurança no lugar. Poucas pessoas usavam máscaras faciais de verdade. Mesmo Danilo me reconheceria sem máscara.

Anna me cutucou e segui seu olhar. Meu estômago afundou. Danilo e seu primo Marco estavam parados na lateral do grande pátio de madeira, conversando com duas meninas. Naturalmente, Danilo estava com uma loira - de novo. Sempre com loiras. Sempre com

mulheres que se pareciam com Serafina, mas não se comparavam à sua beleza. Elas eram menos, uma cópia da original.

Menos.

Eu também era. Não a que Danilo queria.

Era o prêmio de consolação, sempre seria.

A indignação cresceu em mim. Ele nunca me deu a chance de mostrar que eu era mais do que a segunda melhor, mais do que um prêmio de consolação.

Afastei esses pensamentos e balancei a cabeça para mostrar a Anna que tinha visto. Ele estava apenas conversando com a garota, mas duvidava que fosse acabar assim. Tomei outro gole da minha bebida, considerando o que fazer. Seria corajosa o suficiente para abordá-lo? Para ir com isso até o fim?

NOVE



Danilo estava usando um uniforme da SWAT, sem máscara ou maquiagem, o que tornava fácil identificá-lo. Seu primo havia optado por uma fantasia do Coringa.

— Esta é sua chance, — Anna gritou em meu ouvido quando as duas garotas voltaram para dentro de casa. — Elas provavelmente estão fazendo uma pausa no banheiro, então você precisa se apressar.

Balancei a cabeça, repentinamente tomada pelo nervosismo. Nunca tinha flertado com ninguém, a menos que minhas tentativas fracassadas de flertar com Danilo contassem. — Elas podem voltar em breve, e quanto a Santino?

Ele estava encostado no bar ao nosso lado, carrancudo, mas mantendo vigilância. Ele ainda não tinha tocado em álcool e provavelmente não o faria.

Anna sorriu timidamente. — Ele não pode se dividir em dois, e sou sua prioridade. Vou ao banheiro. Talvez possa até bater um papo com aquelas garotas e segurá-las.

— Se as pessoas a reconhecerem, você terá muitos problemas

— Não se preocupe. Não vou ser pega.

Anna se virou para Santino e cutucou seu braço. Ele se inclinou para que ela pudesse alcançar seu ouvido. Ele olhou entre mim e ela, seus olhos endurecendo, então deu um aceno de cabeça afiado. Antes de partirem, ele se aproximou de mim. — Não se mova um centímetro de merda. Se não encontrá-la neste lugar quando eu voltar, pagará muito caro.

Engoli e balancei a cabeça. Deus, ele era assustador como o inferno. Não sabia como Anna gostava tanto de provocá-lo.

Anna piscou para mim, então ela e Santino foram procurar os banheiros. Endireitei a peruca loira, então parei. Reuni coragem tomando mais um gole da minha bebida antes de ir até Danilo. Seu primo o cutucou, e então os olhos de Danilo se fixaram em mim. Fiquei tensa, preocupada que me reconhecesse. Nem queria imaginar a quantidade de problemas que teria. Tive alguma dificuldade em andar elegantemente com meus saltos altos nas tábuas de madeira do pátio e esperava não cair de cara no chão.

Sua postura mudou, ficando alerta e quase ansioso. Sem meu cabelo castanho, minha semelhança com Serafina era ainda mais forte. Não era tão alta e minhas características faciais eram um pouco diferentes. A cópia. Não o original. Sempre a cópia. Mas sabia que estava perto o suficiente de sua aparência para atrair Danilo. O uso do perfume antigo de Fina só aumentaria a ilusão.

Balancei meus quadris enquanto me movia no meio da multidão. Nem sentia mais frio. Meu sangue estava bombeando em minhas veias, fazendo-me sentir calor por toda parte.

Danilo não era o único homem me observando, e não podia negar que isso aumentou meu ego.

Quando parei na frente dele, meu coração estava disparado. Danilo examinou minhas calças de couro justas e espartilho que empurrava meus seios para cima. Já que ele não tinha realmente olhado para eles, dificilmente os reconheceria agora. Quase ri com o pensamento. Ele definitivamente não me reconheceu. Ele nunca me despiu com os olhos assim. Inferno, ele geralmente não mostrou um lampejo de interesse pelo meu corpo.

Ele estava interessado agora. Seu sorriso era sombrio e confiante. E ele tinha todos os motivos para estar confiante. Ele parecia totalmente sexy em seu uniforme da SWAT.

— Oi, — eu disse, tornando minha voz mais profunda e abafada. O tom soou estranho aos meus ouvidos, mas teve o efeito desejado.

Danilo se aproximou, o sorriso ficando ainda mais sombrio. Isso enviou um arrepio pela minha espinha. Ele parecia o lobo mau prestes a devorar Chapeuzinho Vermelho. Algo um pouco confuso cintilou em seus olhos. Este não era o Danilo que eu conhecia, não o cavalheiro sofisticado e descolado. Esse era o Danilo perigoso.

Danilo não disse nada, apenas sorriu de um jeito que me fez sentir como sua presa. Os homens em nosso mundo eram cuidadosos quando interagiam comigo. Eu era filha de um Underboss e futura esposa de outro - nunca haviam me confrontado com uma fome aberta como a de Danilo antes. Mesmo que tenha me assustado, gostaria que ele olhasse para mim desse jeito um dia, e não para a cópia de uma versão de Fina. — Eu sou...

Danilo interrompeu antes que pudesse me apresentar com meu nome falso. — Não importa. Os nomes são irrelevantes. É sobre esta noite, não amanhã.

Balancei a cabeça rapidamente, sentindo minhas bochechas esquentarem com sua rejeição. Pelo menos, isso significava que ele não se importava com as mulheres que conhecia nos clubes. Ele as esquecia no momento em que terminava com elas.

Fiquei imaginando qual Danilo era o verdadeiro. Qual era o seu verdadeiro eu? O cavalheiro contido ou o predador implacável? Temi que fosse como Anna havia me dito. O cavalheiro era sua imagem pública, aquela que ele precisava retratar. Mas esta versão dele, bem na minha frente, o bad boy perigoso era ele mesmo.

Danilo se aproximou e se inclinou para que eu pudesse ouvi-lo melhor sobre a música que vinha do alto-falante acima do bar e de nossas cabeças. — Há uma razão pela qual você veio até mim? Você parecia ter um propósito em mente.

Engoli, oprimida por sua presença. — Quero dançar. — Bom. Isso fazia parte do plano.

— Dançar, hein? — Ele me puxou em direção a uma clareira à direita do pátio, onde luzes e aquecedores foram instalados. A música soava ainda mais alta aqui, e uma multidão de pessoas estava

dançando loucamente. Não reconheci ninguém. Danilo me puxou contra ele, moldando nossos corpos. Tínhamos dançado um com o outro antes em eventos sociais, e ele sempre manteve uma distância adequada entre nós, certificando-se de que sua mão estivesse no alto das minhas costas. Ele não o fez agora. Sua mão estava na parte inferior das minhas costas, e eu podia sentir cada centímetro de seu corpo forte e musculoso pressionando contra mim. Senti-me como uma marionete em suas mãos. Sua respiração em meu ouvido. — Não parece que você quer dançar comigo. Talvez você deva voltar ao bar. Afinal, a gata é apenas um filhotinho.

Ele percebeu como eu estava rígida. Claro, que percebeu. Ele era um Homem Feito. O pânico cresceu dentro de mim. O que eu deveria fazer agora? Anna provavelmente diria que este era o momento perfeito para confrontá-lo, para revelar minha verdadeira identidade e lhe dizer poucas e boas, mas mesmo enquanto repassava o plano em minha mente, percebi que não seria capaz de fazer isso. Não queria, ainda não. Em teoria, o plano parecia fácil, mas com Danilo tão perto, meu cérebro não conseguia funcionar. Queria continuar dançando com ele, queria sua atenção inabalável e perigosa. Era emocionante e assustador ao mesmo tempo.

Anna e Santino ainda não tinham voltado, o que significava que nenhum deles poderia interferir. Cuidaria disso sozinha.

Mesmo que esse Danilo me perturbasse, ainda me sentia atraída por ele. Queria continuar jogando esse jogo de sedução que nunca teria permissão para participar sendo quem eu era. Queria - precisava - conquistá-lo como uma versão vampira sensual e devassa de mim. Ele finalmente me veria como mais do que um indesejável prêmio de consolação. Ele veria meu valor, e talvez então eu pudesse parar de me sentir tão insegura.

Balancei minha cabeça e apertei minha mão em seus ombros. — Não. Amo dançar com você. Mas está lotado demais para o meu gosto. Prefiro menos pessoas.

Danilo recuou um pouco e sorriu conscientemente, como se tivesse lhe contado um segredo. Não tinha certeza do tipo de mensagem que ele recebeu, mas pareceu agradá-lo imensamente.

Danilo agarrou meu quadril enquanto se inclinava em minha orelha, seu hálito quente contra minha pele. — Que bom que conheço o lugar certo onde podemos ficar sozinhos.

— Sozinhos? — Repeti estupidamente.

Danilo riu em meu ouvido. — Eu quero foder.

Fiquei surpresa com seu comportamento, com a vibração de domínio e agressão que ele emitiu, com suas palavras. Ele sempre foi um cavalheiro perto de mim, sempre no controle. Ele nem mesmo vacilou um segundo quando mostrei meus seios para ele, mas para essa garota loira ele era completamente diferente. Suas palavras me chocaram profundamente.

Meio tonta, balancei a cabeça.

— Preciso que você diga, — ele murmurou.

Dizer o quê? Foi meu primeiro pensamento. Então entendi. Ele precisava que eu expressasse meu consentimento verbalmente. Meu consentimento para foder.

Não conseguia entender isso. Era assim que sempre acontecia?

— Sim, — disse, embora meu cérebro estivesse gritando não para mim. A voz era de Anna, como sempre. Este não era o plano. Isso era uma loucura. Mas ainda poderia confrontá-lo quando estivéssemos sozinhos. Isso era melhor de qualquer maneira. Isso era entre nós e não para uma multidão testemunhar.

Depois do que pareceu uma eternidade, Danilo pegou minha mão e me puxou. Tive problemas para andar em meus saltos altos, problemas para dar um passo após o outro enquanto meu coração batia dolorosamente. O caminho de pedra era irregular sob meus sapatos enquanto tropeçava atrás dele, me sentindo menos como uma gata confiante e sexy a cada segundo que passava.

Ele me arrastou até o canto da casa, por um caminho ainda mais estreito na floresta circundante. O caminho estava mal iluminado por

pequenas lanternas penduradas em postes de madeira. Aumentei meu aperto nele para manter meu equilíbrio e porque precisava de algo para me segurar. Ele saiu do caminho e diminuiu a velocidade para me dar a chance de encontrar meus passos no chão áspero da floresta. —Ainda sim? — Ele perguntou enquanto se virava.

Balancei a cabeça, olhando ao redor. Estávamos no meio da floresta. As luzes das lanternas eram ainda mais fracas aqui, mas era o suficiente para ver o rosto atraente de Danilo. Faríamos sexo aqui? De repente, ele me virou e pressionou minhas costas contra uma árvore, esfregando-se contra mim. Meus olhos se abriram quando senti sua ereção cavando em minha barriga. O máximo que já fiz foi dançar com Danilo e segurar sua mão por um momento. Sonhei com mais, fantasiei com seu toque, mas isso não era nada parecido com a minha fantasia.

Sua boca voltou ao meu ouvido. — Vou te foder com força contra esta árvore. Não estou com humor para a porra das preliminares, então é melhor você me dizer agora se sua boceta está pronta para tomar meu pau, — ele rosnou.

O medo rodou em meu peito, roubando minha respiração, e com ele qualquer pensamento lógico. Isso era o que ele fazia com todas as garotas loiras?

— Diga-me, — ele ordenou.

Essa era minha chance da grande revelação. Anna e eu repassamos o momento com frequência. Como removeria minha máscara e minha peruca e sussurraria *"Sou a Sofia"* em seu ouvido. Tínhamos imaginado seu choque, talvez sua culpa. Anna me disse que eu precisava estabelecer novas regras básicas.

Mas as palavras não saíram da minha boca.

Dei um aceno rápido, tão confusa, quebrada e abalada. —Diga.

— Sim. — Não reconheci minha voz.

Ele me virou, então tive que me apoiar contra a árvore. A casca do abeto era seca e áspera contra minhas palmas enquanto me preparava contra o tronco da árvore. Eu a fitei, respirando com dificuldade, as lágrimas ardendo em meus olhos. Ele abriu o zíper da parte de trás da

minha calça de couro e a baixou. Minha calcinha seguiu. O frio atingiu minha pele e estremeci. — Gosto da sua bunda, — ele murmurou. Ele afastou minhas pernas com o pé e apertou minha bunda uma vez.

Não conseguia conectar essas ações com o Danilo que desejava e amava.

Isso doeria. Ele iria me destruir. Eu sabia as histórias de outras garotas, e elas não haviam sido tomadas assim. Eu poderia parar isso antes que um dano real acontecesse. Deveria ter parado para salvar minha honra. Mas não o fiz.

Talvez essa fosse a verdadeira solução.

Esperei em silêncio, quebrantado, na esperança de que isso finalmente me libertasse, me livrasse da paixão por um homem que nunca me quis. Um homem que passava todas as noites perseguindo mulheres que se pareciam com minha irmã. Um homem que nunca viu meu valor.

Estava chorando, lágrimas quentes escorrendo dos meus olhos, queimando minhas bochechas frias sob a máscara, mas não fiz nenhum som. Não queria que ele parasse. Precisava que ele continuasse e me libertasse. E então o senti contra mim, seu aperto doloroso na minha cintura. Encarei a casca, ouvindo sua respiração áspera. O frio se infiltrou em meu corpo, mas não me importei.

— Vou te foder forte, — ele rosnou.

Não, ele iria me matar lentamente, me estilhaçar em milhões de pedaços de desespero e dor.

Seu aperto aumentou e ele empurrou para frente, em seguida, parou bruscamente quando meu corpo se recusou a deixá-lo entrar. Estrelas brilharam diante dos meus olhos quando uma dor aguda me cortou. Engasguei, mordi o interior da minha bochecha. Com força, muita força, o gosto de sangue rodopiando na minha língua. Fui rasgada ao meio por uma lâmina afiada, dilacerada por pinças em chamas. Era dor e humilhação e um coração estúpido esmagado.

— Que porra é essa? — Danilo rosnou. Soltei um pequeno soluço e mordi meu lábio inferior com força para me calar. Ele ficou tenso.

Meus dedos tremeram contra o tronco áspero da árvore, suas cristas arranhando minha palma, meus olhos fixos no meu anel de noivado. Eu não tinha tirado. Ele zombava de mim com sua beleza brilhante, com tudo que deveria representar e não representava. Um lindo sinal de amor e devoção. O diamante cintilou à luz da lanterna. Tão bonito. Tão sem sentido.

Danilo congelou e soltou um suspiro forte. Seus dedos se moveram para os meus, tocando o anel. Seu anel. Seu toque era de repente suave como uma pena, como se a raiva tivesse escapado dele. Ele exalou com um estremecimento. — Sofia? — Ele murmurou, a voz tremendo.

Sofia. Por um momento, não tive certeza se ainda era ela - se ainda sabia quem ela era.

Não consegui dizer nada, não conseguia me mover, não conseguia falar, mal conseguia respirar. Parei de viver, apenas existia agora. Eu sumi, sumi, sumi.

Sua palma acariciou meu quadril, muito suavemente, e ele puxou lentamente. Choraminguei, arqueei. O som me surpreendeu. Eu estava entorpecida. Entorpecida e queimando de dor. Fisicamente e no fundo do meu peito.

Danilo ficou tenso. — Oh Deus, — ele respirou. Algo gotejou de mim.

Ele me virou, levantou minha máscara, mas seus dedos pairaram contra minhas têmporas suavemente. Lágrimas turvavam minha visão quando ele apareceu diante de mim, alto e moreno, seus traços marcantes sem a brutalidade anterior, a agressão desapareceu de seu rosto.

— Sofia. — Era meio apelo, meio gemido. Não entendi. Seus polegares alisaram minhas lágrimas, deslizando tão suavemente sobre minhas bochechas e chorei mais. Eu queria parar, mas não consegui.

— Eu-eu... — Minhas palavras eram como estilhaços na minha garganta. — Acho que estou sangrando.

— Foda-se, — ele respirou. Angústia. Era dele? Ou minha?

Roupas farfalharam e um cinto tilintou. Ele se abaixou e cuidadosamente puxou minha calcinha e calça, colocando-a sobre meus quadris. Não me mexi, apenas olhei para ele. Ele não se incomodou em fechar o zíper da minha calça. Não me importei.

Ele passou um braço em volta de mim e me levantou. Seu batimento cardíaco disparado contra minha têmpora enquanto me apoiava em seu peito. Ele não disse nada enquanto me carregava pela floresta. Ele se manteve longe dos caminhos iluminados, escolhendo o escuro. Era bom estar envolta no nada.

Por fim, o chalé surgiu como um farol de luz e, com ele, o som de música, risos e conversas. — Enterre seu rosto no meu peito para o caso de encontrarmos alguém, — ele disse gentilmente, e o fiz, respirando seu perfume familiar, algo fresco e amadeirado. Ele caminhou até a porta dos fundos e então estávamos subindo as escadas. A música e as vozes começaram a diminuir.

Uma porta rangeu e olhei para cima quando as luzes se acenderam. Estávamos em um quarto. Danilo me deitou em um colchão macio e pairou sobre mim, o rosto perto do meu. Seus olhos rodavam com emoções, mas seu rosto estava perfeitamente imóvel, lindamente controlado. Ele tirou minha peruca com dedos cuidadosos e colocou-a na mesa de cabeceira com minha máscara de gato. Ele se afastou e, por um momento, apenas olhou para mim. Nunca examinei seu rosto tão descaradamente como agora. Não havia nada em mim para ficar envergonhada ou tímida, ou qualquer coisa. Eu estava vazia. Oca.

Seu olhar moveu-se mais abaixo para minhas pernas. Elas estavam rígidas. Doía muito movê-las. Sentia-me pegajosa entre minhas coxas. — Estou estragando minhas calças, — sussurrei. Era uma coisa tão ridícula para se preocupar, mas não pude evitar. Sua expressão era como uma tempestade.

Tentei abaixar minhas calças, mas o couro parecia grudado na minha pele suada. Nem sabia por que estava suando quando estava com tanto frio.

— Você precisa de ajuda? — Danilo murmurou.

Balancei a cabeça e deixei meus braços caírem ao meu lado. Danilo enfiou as mãos na minha calça e arrastou-a pelas minhas pernas, com muito mais cuidado do que antes. Ele lutou para libertar meus pés das pernas da calça e finalmente largou as calças no chão, deixando-me de calcinha. Elas eram cor de menta, uma das minhas cores favoritas, mas poderia dizer que estavam arruinadas. Estendi a mão, tremulas, toquei a parte interna da minha coxa e levantei minha palma. Meus dedos estavam revestidos de rosa claro. Não era tanto quanto pensava, e não era vermelho puro como temia.

Estremeci com um suspiro.

Danilo fechou os olhos, ombros pesados, rosto contorcido. Então ele se virou e foi até o banheiro contíguo. Ouvi água correndo e, quando ele voltou, estava com uma toalha. Ele afundou ao lado do meu quadril, sem encontrar meus olhos enquanto pegava a mão que eu ainda estava olhando. Ele a limpou com o pano quente, removendo o sangue das pontas dos meus dedos.

— Você quer se limpar? — Ele perguntou, segurando o pano. Encarei seu rosto em silêncio. Seus olhos castanhos procurando os meus. — Sofia, diga alguma coisa, qualquer coisa. Você quer que chame um médico?

— Não, — resmunguei. Minha família já tinha sofrido o suficiente - eles não precisavam que isso aumentasse sua dor.

Seu olhar disparou para minha calcinha, em seguida, voltou a subir. — Emma tem roupas em seu quarto. Você quer que pegue roupas íntimas limpas?

Concordei.

Ele se levantou e estendeu a toalha molhada, mas não peguei. Ele a deixou cair na mesa de cabeceira antes de sair do quarto. Ele voltou rapidamente com uma calcinha preta.

Eu não tinha me movido um centímetro.

Ele se abaixou até a cama e colocou a calcinha ao meu lado. Tudo sobre isso parecia estranho. Surreal.

Seus olhos pousaram nas minhas coxas ainda pegajosas. —Você precisa se limpar e dar uma olhada para ter certeza que eu... que não te machuquei seriamente... — Sua voz profunda sumiu antes que ele olhasse nos meus olhos novamente.

O encarei de volta, para o tom de avelã suave de seus olhos, para a preocupação marcando cada centímetro de seu rosto bonito. Esperei pela sensação de confusão na barriga, mas novamente não senti nada.

— Sofia, — ele murmurou.

Peguei minha calcinha, meus dedos atrapalhados muito trêmulos para empurrá-la para baixo.

Ele estendeu a mão, parando as minhas e tocando minha cintura. Seus olhos buscaram os meus interrogativamente. Ele esperou.

Pelo quê?

Minha permissão? Ele esteve dentro de mim, o que importava se ele puxasse minha calcinha de novo? Ele pareceu ver a resposta no meu rosto e, finalmente, deslizou minha calcinha arruinada pelas minhas pernas, jogando-a em uma lixeira ao lado da cama. Ele agarrou a toalha, estendeu-a para mim mais uma vez, mas me recusei a pegá-la.

Estava cansada e esgotada. Quebrada. Não queria tornar isso fácil para ele. Queria que ele sofresse tanto quanto eu.

Ele inclinou a parte superior do corpo em minha direção, sua mão quente tocando meu joelho. Ele gentilmente separou minhas pernas apenas o suficiente para que pudesse chegar entre elas. No fundo, eu sabia que deveria me sentir tímida e com vergonha de estar tão vulnerável, mas não senti nada.

Ele passou o pano quente na parte interna da minha coxa como se eu fosse uma asa de borboleta, como se o menor toque pudesse me fazer desabar. Para onde foi o domínio brutal?

Um músculo em sua bochecha se contraiu, mas fora isso, seu rosto estava duro. Ele limpou minha outra coxa antes de afastar um pouco mais minhas pernas. Um arrepio percorreu meu corpo quando ele me expôs. Eu ainda não tinha sido depilada. Eu sempre aparava, mas não totalmente como era esperado em uma noite de núpcias. — Me

desculpe, não estou preparada ainda, — disse sem emoção. Por que estava me desculpando?

Os olhos de Danilo queimaram os meus. Não entendi o brilho neles. O fogo ardente poderia ter acendido o vislumbre de esperança infantil em meu peito se meu coração não tivesse se transformado em gelo eterno. — Sofia... — Meu nome soou como um lamento em sua boca, e então ele ficou em silêncio novamente.

Ele virou a cabeça e observei aquelas feições régias e afiadas com as quais não conseguia parar de sonhar. Talvez agora parasse. Seus ombros se contraíram quando ele tocou minha coxa, aplicando uma leve pressão até que minhas pernas se abrissem mais para ele. Ele passou o pano sobre minha carne dolorida e me encolhi com um gemido. Uma sombra passou por seu rosto, um resquício de sua fúria anterior, e uma centelha de medo acendeu em minhas costelas.

Forcei-me a ficar quieta enquanto ele me limpava com toques leves, então seus dedos tocaram minha coxa levemente e fiquei ainda mais imóvel, minha respiração travou na minha garganta. Danilo se afastou e engoliu em seco. — Você deveria consultar um médico.

Balancei minha cabeça.

— Sofia, quero ter certeza de que você vai ficar bem.

Balancei minha cabeça novamente. Meu corpo iria se curar, e a parte de mim que realmente precisava ser consertada não poderia ser curada por um médico. Não tinha certeza se poderia ser curada. — Estou bem, — pressionei.

Seus olhos estavam mais expressivos do que nunca quando ele olhou para mim. Mas as emoções que vi neles não eram as que eu queria. Havia culpa, preocupação e pena. Eu queria mais.

Desviei o olhar, minha garganta fechando novamente. Nunca me senti mais estúpida em minha vida. Mas no fundo, sob a vergonha e a dor, uma bola de fogo de raiva começou a brilhar.

Ele se abaixou e beijou meu joelho meio levantado, parecendo que alguém estava torcendo uma faca em seu peito. O toque de seus lábios,

tão gentil e cuidadoso, acendeu uma chama que esmaguei de uma vez. Não mais.

— O meu primeiro beijo.

Os olhos de Danilo se voltaram para mim, transbordando com uma miríade de emoções. — O que? — Ele murmurou.

— Esse foi meu primeiro beijo. — Foi uma coisa estúpida de se dizer, uma coisa ridícula, infantil, mas não corei, não me senti envergonhada. As emoções eram uma memória distante.

Ele engoliu em seco, olhou para a toalha ensanguentada em sua mão e fechou os olhos com força. Ele encostou a bochecha no meu joelho, a barba por fazer arranhando minha pele. — Mereço ir para o inferno por isso.

Eu estava muda. O que poderia dizer? Danilo estendeu a calcinha e pegou a calça de couro. — Você pode se vestir?

Estendi a mão e notei um pequeno corte na palma, provavelmente por segurar a árvore com tanta força. Um fio de sangue seguiu as rugas da minha pele. Danilo pegou a toalha e limpou o sangue da minha mão.

— Não é profundo, — disse ele.

Antes de soltar minha mão, ele a levou à boca e beijou as pontas dos meus dedos e minha palma. Ele me soltou e deixei meu braço afundar na cama. Minha pele ainda formigava com o gesto afetuoso. Tentei entender a situação, tudo o que tinha acontecido nos últimos minutos e antes, mas meu cérebro não conseguia processar a enormidade de tudo.

DEZ



Culpa era um sentimento com o qual estava intimamente familiarizado, uma presença constante que obscurecia minha vida desde o acidente de Emma, confirmado após o sequestro de Serafina.

No entanto, a força da minha culpa depois do que acabei de fazer me atingiu de surpresa.

Ocasionalmente, sentia uma pontada de culpa em relação a Sofia, mas agora a centelha era uma chama rugindo queimando minhas entranhas.

Sofia estava deitada na cama diante de mim, seus olhos distantes. Nem queria imaginar quais imagens estavam passando por sua mente.

Quando falei com ela como se fosse uma prostituta?

Quando a empurrei contra a árvore e tentei me enfiar dentro dela?

O que ela estava fazendo aqui? No meu chalé? Em uma festa que ela não tinha absolutamente nada a ver? E como ela entrou? A necessidade de interrogá-la cresceu dentro de mim, e com ela a raiva, mas agora não era o momento. Ela ainda estava nua e provavelmente em choque. Eu precisava tirá-la daqui antes que alguém descobrisse sobre isso.

— Sofia, você precisa se vestir, — insisti novamente.

Ela agarrou a calcinha e a subiu pelas pernas, seus movimentos lentos e distraídos. Ela teve problemas para colocar suas calças de

couro justas novamente, então a ajudei. Sentando-se, ela fechou o zíper sobre a bunda antes de se recostar na cabeceira da cama, como se o movimento já tivesse drenado toda a sua energia.

Risos percorreram o corredor. Deixei claro que os quartos do andar de cima estavam fora dos limites, mas obviamente alguns bêbados tinham outras ideias em mente. A maioria dos quartos estava trancado, exceto esse em que estávamos.

Levantei-me e fui até a porta, abrindo-a. Carrancudo pelo corredor, descobri Samuel com um braço em volta de uma garota. Claro, ele seria o único ignorando meu pedido. Ele estava vestido como um maldito cowboy e combinava perfeitamente com seu jeito de garoto loiro e ensolarado. As meninas eram loucas por ele. Eu estava furioso por seu óbvio desrespeito por minha irmã antes que a compreensão total do que tinha feito se estabelecesse. Eu não era melhor. Também estava fodendo garotas, e nem tinha percebido que minha última conquista era minha noiva. Fui um idiota de merda.

Samuel olhou na minha direção, mas seu olhar estava desfocado, e ele estava apoiado pesadamente na garota ao seu lado. Duvidava que ele fosse capaz de transar com ela, muito menos se lembrar de uma única coisa sobre esta noite pela manhã. — Chaves? — Ele arrastou.

Rangendo os dentes, fechei a porta atrás de mim e destranquei a porta do quarto de hóspedes. Samuel me deu um sorriso bêbado antes de tropeçar para dentro com a garota. Ele ficaria ocupado por um tempo ou desmaiaria.

Voltei para o meu quarto, onde Sofia ainda estava exatamente como a deixei. Estava realmente começando a me preocupar com ela, mas chamar um médico, mesmo que fosse o homem em quem eu mais confiava, não me agradou - e era contra o desejo explícito de Sofia.

Precisava descobrir o que havia acontecido. — Você está sozinha? — Perguntei em voz baixa. Por um momento, ela me olhou sem expressão.

— Na festa, — acrescentei. Era altamente improvável que ela estivesse sozinha. Carlo tinha mencionado que Sofia passaria o fim de

semana no chalé do lago Mione aqui perto, mas estava ocupado com o trabalho e planejando a festa e não prestei muita atenção.

Ela mordeu o lábio, obviamente pesando suas palavras, seus dedos se atrapalhando com as cobertas.

Alguém a trouxe até aqui. Ela evitou meus olhos. Afundando ao lado dela, empurrei seu queixo para cima, mas rapidamente me afastei quando ela ficou tensa. Porra. Eu era um maldito idiota.

— Onde estão seus guarda-costas? E como você chegou aqui?

— Não posso te dizer.

— Então vou ter que ligar para o seu pai. — Era a última coisa que eu queria fazer, mas a honra ditava. Sofia era filha dele, fugiu dos guarda-costas e me encontrou nesta festa. Não perguntei por que ela me procurou, por que usou essa peruca loira e o perfume da irmã. Eu sabia, e isso fez minha culpa queimar ainda mais. Sofia não era estúpida. Ela não era tão ingênua quanto pensava - gostaria que ela fosse - mas teria preferido que não fosse necessário todo o seu ato para me fazer perceber. Minha raiva ofuscou todo o resto, me fez agir sem considerar o que minhas ações poderiam fazer à minha jovem noiva. Eu estava perdido na minha necessidade de obter vingança, fodendo a raiva para fora do meu sistema.

A cabeça de Sofia disparou, seus olhos se arregalando em choque. Ela empurrou para cima, estremecendo, então agarrou meu braço. — Por favor, não. Eles não podem saber.

Sua mão tremia. Ela era minha responsabilidade. Era meu dever protegê-la e falhei. Com quantas pessoas mais eu falharia? —Então me diga como você chegou aqui. Diga-me quem te ajudou.

Ela engoliu em seco. — Você tem que jurar que não vai denunciá-los.

Poderia simplesmente matar o responsável. — Você sabe que não é algo que eu possa prometer.

Podia ver suas paredes subindo. Ela queria proteger a pessoa. Então, tinha que ser alguém próximo a ela. Samuel estava fora de questão. Ele era extremamente protetor com ela e nunca a teria deixado

fora de vista. Ninguém mais de sua família também. Isso deixava uma de suas amigas. Levantei-me e peguei meu telefone, ligando para Carlo. Ele atendeu a ligação após o segundo toque. — Quem está protegendo Sofia hoje?

— Peguei o período da tarde, mas à noite, Santino assumiu.

— Não deixe Sofia fora de sua vista nunca mais, entendido?

— Sim chefe. — Terminei a ligação e voltei para a Sofia. Ela se sentou na beirada da cama, um braço em volta da cintura. Ela parecia pequena e perdida, e minha culpa me golpeava profundamente continuamente.

Anna Cavallaro e seu maldito guarda-costas. Fazia sentido. Anna sempre pareceu uma garota tão boa, mas provavelmente era apenas para se exibir. Se ela tivesse a astúcia de seu pai, enganar as pessoas para que acreditassem no que quisesse não seria um problema.

Sofia torceu as mãos, os olhos baixados para o colo. — Não estou tomando a pílula ainda. Vou começar em alguns dias... — Ela estremeceu violentamente.

Aproximei-me e sentei, mas certifiquei-me de manter distância. — Eu não gozei — Falei. Vergonha. Vergonha. Esse chicote ardente de culpa. Não estive nem metade dentro dela, mas é claro que ela não sabia disso. Ela era muito apertada, seu corpo não estava pronto para o ataque. Ela era inocente e eu tentei fodê-la contra uma árvore como uma prostituta barata. — E usei camisinha. — Porque achei que ela era uma garota aleatória que queria uma foda, uma aventura sem sentido para aliviar minha raiva. Não minha noiva. Pietro e Samuel me estripariam se descobrissem, como deveriam.

— Obrigada, — ela disse automaticamente, então suas sobrancelhas franziram, como se ela percebesse quão pouco sentido essas palavras faziam.

Ela estava em choque, sem dúvida, e talvez precisando de tratamento médico, mas respeitei seu desejo. — Onde estão Santino e Anna agora?

Seu choque veio rapidamente. — Como... — Ela parou, fazendo uma careta. — Carlo.

Concordei.

— Por favor, não conte a ninguém. Santino teria problemas, e Anna também.

— Por que Santino concordou com isso? — Anna e Sofia devem tê-lo convencido. Uma pitada de raiva em relação a Sofia surgiu, mas a apaguei. Ela apenas reagiu às minhas ações impensadas de uma forma infantil, mas era jovem. Eu não tinha mais essa desculpa.

Sofia encolheu os ombros e estremeceu novamente. Ela precisava dormir um pouco e, com sorte, superar seu choque. Olhei para o meu relógio. Já passava da meia-noite. — Deveria te levar para casa.

Sofia abanou a cabeça. — Você não pode.

Talvez devesse contar aos seus pais. Eles poderiam exigir que eu me casasse com ela imediatamente, o que faria se não fosse pelos rumores que um casamento prematuro poderia causar. As pessoas falariam mal de Sofia, especulariam sobre uma gravidez ou sobre ela dormindo com alguém. Eu não permitiria esse tipo de boato se espalhando sobre ela. Ela sofreu o suficiente.

— Por favor, apenas me leve de volta ao chalé. Anna e eu devemos ficar mais uma noite antes de voltar para casa. Meus pais vão suspeitar se voltar mais cedo, especialmente se você me levar para casa.

— Vou levá-la de volta ao chalé, mas vou passar a noite para me certificar de que você está segura. — Santino obviamente tinha uma compreensão estranha de proteger as meninas, e Carlo era um idiota por confiar Sofia a ele. — Amanhã terei uma longa conversa com Santino e Anna. — Vendo o medo dela, acrescentei: — Não vou denunciá-los, mas apenas porque quero protegê-la, não a eles. Por mim, Dante pode cortar o saco de Santino e trancar sua filha em uma torre até que ela se case com o filho daquele político.

Ela me olhou com surpresa óbvia, então rapidamente desviou o olhar novamente.

Endireitei-me e estendi minha mão. Sofia colocou a mão na minha e se levantou. Ela oscilou ligeiramente. Passei um braço em torno dela e empurrei seu queixo para cima. Seus olhos estavam um pouco desfocados e seu hálito cheirava levemente a álcool. — Quanto você bebeu?

— Apenas uma garrafa de cerveja.

— Não o ponche? — Marco mesmo preparou o ponche, que consistia principalmente em álcool. As coisas seriam ainda piores se Sofia estivesse bêbada.

— Não, não queria ficar bêbada. — O alívio realmente não apareceu.

— Vamos tirá-la daqui. Você precisa que eu te carregue?

Ela corou e balançou a cabeça rapidamente. Com meu braço enrolado firmemente em torno de sua cintura, a levei para o corredor. Os sons da festa - música e risos - subiram pelas escadas. Quando passamos pelo quarto de hóspedes, a menina de Samuel saiu do quarto meio vestida.

Sofia se encolheu e apertei meu controle sobre ela.

Santino subia as escadas, uma das mãos sob a jaqueta de couro, pronto para puxar a arma. Uma máscara de caveira puxada acima de sua cabeça.

Estreitei meus olhos para ele. Se não quisesse chamar a atenção para o que aconteceu hoje - algo que não poderia permitir se quisesse proteger a honra de Sofia - teria colocado uma bala em sua cabeça. Nunca gostei muito dele. Ele era um bom lutador, cruel e implacável, mas também imprudente e arrogante. Ele olhou para Sofia e fez uma careta.

— Onde está sua protegida? Você permitiu que ela vagasse pela festa sem proteção também? — Rosnei, perto de perder minha paciência. Sempre me orgulhei de meu autocontrole, mas nos últimos anos, muitas vezes me diverti perdendo o controle, festejei com a descarga de adrenalina e raiva. Um olhar para a expressão ainda

apavorada e perdida de Sofia fez meu protecionismo superar a necessidade de uma válvula de escape.

Santino zombou. — Anna está perfeitamente segura. Não se preocupe. E ela não é da sua conta, Mancini.

Sorri, mas foi um gesto tão amigável quanto um cachorro mostrando os dentes em um rosnado. — Mas Sofia é da minha conta e você obviamente não teve nenhum problema em tirá-la de seus guarda-costas e deixá-la sozinha em uma festa com homens de nossa natureza.

Os lábios de Santino se contraíram. — Seus guarda-costas deveriam prestar mais atenção, ou não a teria tirado do chalé. Sofia escapuliu para ficar perto de você quando eu garantia que Anna estava segura nos banheiros.

— Não me importo com o que você estava fazendo. Você não deveria ter trazido Sofia e Anna para uma festa, o que me faz pensar o que o obrigou a trazê-las aqui.

Sofia olhou nervosamente entre nós.

Algo cintilou nos olhos de Santino. Ri, percebendo que meu palpite estava correto. — A anjinha de Dante tem alguma informação em suas mãos perfeitamente manicuradas contra você?

Santino entrou na minha cara, mas não recuei. — Não se preocupe com meus segredos, então não me preocuparei com o segredo que você gostaria de manter. — Ele olhou entre Sofia e eu. Claro, ele saberia que algo aconteceu entre nós. Dante não o teria escolhido para sua filha se o homem não prestasse atenção.

— Meu segredo não significará minha morte, o seu, por outro lado... — Dei de ombros. Duvidava que Dante daria outra chance a Santino, não no que dizia respeito a sua filha. Ele faria dele um exemplo - um exemplo público muito doloroso.

— E ainda assim você não quer que se espalhe, então estamos na mesma situação.

Santino corria um grande risco ao me provocar, mas acertou em cheio. Proteger Sofia era crucial para manter esse segredo. Ela era uma

boa menina. Sua reputação não deveria sofrer porque o desespero a fez me procurar assim.

— Vou levá-la de volta ao chalé agora, — disse Santino, estendendo a mão para ela.

Fiquei em seu caminho, empurrando seu braço. — Você vai ficar longe dela. Você realmente acha que vou permitir que ela fique sozinha com você de novo? Vou levá-la para o chalé eu mesmo e passar a noite. Assim que Samuel estiver sóbrio, pedirei a ele para dirigir até lá e garantir que sua irmã volte para Minneapolis em segurança.

Os olhos de Sofia se arregalaram e ela ficou tensa. — Isso pode levar a perguntas.

— Meus homens sabem quando manter a boca fechada, não se preocupe, e Samuel vai pensar que estou sendo protetor apenas como de costume.

Santino olhou para Sofia novamente antes de se virar e sair. — Anna vai ficar muito preocupada comigo — sussurrou Sofia.

— Ela deveria ter pensado nisso antes de trazê-la até aqui.

— Não é culpa dela. Ela só queria me ajudar.

Cerrei meus dentes. Não queria deixar minha raiva escapar para Sofia, mesmo que ela fosse a culpada. Ela passou o suficiente, graças a mim.

— Venha agora. Vamos para a cama. — Ela endureceu ainda mais, e me encolhi com minha própria escolha de palavras, mas continuei como se não tivesse percebido sua reação. Entreguei-lhe a máscara de gato. — Você pode colocar isso? Não quero que alguém a reconheça lá embaixo.

Ela colocou a máscara e olhou para mim com seus olhos azuis.

Balancei a cabeça, me perguntando como pude ser cego demais para reconhecer esses olhos. Mas tinha bebido alguns drinques e estava começando a me sentir bêbado quando a Mulher-Gato se aproximou de mim. Não prestei atenção em mais do que suas curvas e seu cabelo loiro.

Ainda não conseguia entender o fato de que Sofia tinha me hipnotizado com seu corpo daquele jeito.

Eu a conduzi pela porta dos fundos e para o meu carro estacionado na garagem. Nunca estacionei perto da festa. Pessoas bêbadas tinham uma tendência a mijar nos pneus ou arranhar o carro sem querer.

Sabia que não deveria dirigir, mesmo que os eventos recentes e a adrenalina que se seguiu tivessem me deixado sóbrio e não me sentisse mais bêbado, mas li o suficiente sobre intoxicação para saber que meu julgamento estava prejudicado. Ainda assim, não podia arriscar chamar meus homens para me pegar. Chamar um táxi, o que significava uma aparição pública, também estava fora de questão. Mesmo com uma máscara, não queria que as pessoas vissem eu e Sofia juntos.

Eu a ajudei a sentar no banco do passageiro do meu Jaguar, então deslizei atrás do volante. Só tinha estado no chalé Mione uma vez, há muito tempo, então não me lembrava do caminho. Depois que Carlo me enviou as instruções, parti enquanto a festa ainda estava em pleno andamento.

A viagem demorou mais que o normal porque não dirigi rápido como normalmente faria. Sofia adormeceu com a testa pressionada contra a janela do passageiro. O álcool que ela consumiu deve tê-la nocauteado, ou talvez o choque dos eventos da noite a tenha exaurido.

Logo, estava dirigindo pela estrada estreita e estacionando. As luzes estavam acesas. Claro, Carlo estaria esperando por mim. Saí e respirei fundo para clarear minha cabeça. Algumas vezes pensei que ia adormecer durante a viagem e fiquei feliz por ter trazido Sofia aqui em segurança.

Parei na frente da porta do passageiro. A testa de Sofia ainda estava pressionada contra o vidro, seu rosto pacífico. Estava feliz por ela estar dormindo, então não tinha que olhar em seus olhos tristes e quebrados, mas carregá-la parecia uma má ideia, dado o que tinha acontecido. Afastando minhas dúvidas, lentamente abri a porta. Sofia caiu para frente, mas não acordou. Eu a peguei, feliz quando sua

respiração suave soprou em minha garganta e a pressionei contra meu peito. Ela não acordou quando a carreguei para dentro de casa. Carlo me esperava no saguão, arregalando os olhos ao ver Sofia.

— Chefe, eu...

— Cale a boca. Conversaremos mais tarde, — rosnei.

Subi a escada de madeira e carreguei Sofia para o quarto dela, que Carlo havia me indicado. A deitei na cama. Não mudei suas roupas, apenas tirei seus sapatos. Parecia muito pessoal despi-la, como se estivesse invadindo seu espaço sem permissão, mesmo que já tivesse feito pior antes. Só levantei sua máscara para que a tira elástica não cortasse sua pele. Ela a manteve durante a viagem. Sofia parecia em paz no sono, para não mencionar absolutamente deslumbrante. Nunca tinha tomado um tempo para realmente olhar para o rosto dela. Parecia inapropriado antes do nosso casamento, especialmente considerando nossa diferença de idade. Endireitei-me e fui até a porta.

Com um último olhar para sua forma adormecida, apaguei as luzes e fechei a porta. Meu telefone vibrou no meu bolso. Instantaneamente, me perguntei se alguém havia descoberto. Duvidava que Santino tivesse deixado escapar alguma coisa, mas você nunca sabia quem poderia ter notado algo na festa e imediatamente contado a Dante para melhorar sua posição. Relaxei quando o nome de Marco apareceu na tela.

Atendi a ligação.

— Onde diabos você está?

— Tive que sair.

— Sair? Por quê? Que diabos, Danilo? Organizei esta porra de festa para você, para que pudesse dar um último grito antes de ficar preso a uma mulher para sempre. Não me diga que você saiu com aquela garota loira. Desde quando você deixa uma boceta te fazer esquecer seu melhor amigo?

— Cuidado, — rosnei, por instinto protetor. Claro, isso soou o alarme de Marco.

— O que está acontecendo?

— Não posso explicar agora. Preciso dormir. Podemos nos encontrar amanhã à tarde.

— Tudo bem, mas é melhor você ter uma boa explicação.

— E é melhor você parar de irritar o seu chefe. — Encerrei a ligação sem dizer mais nada. Arrastei-me escada abaixo, apesar do cansaço profundo. Carlo estava esperando por mim na sala de estar em frente a uma lareira. — Teve uma noite confortável enquanto minha noiva poderia ter sido sequestrada, estuprada, morta?

Carlo abanou a cabeça. — Santino é o homem de Dante. Achei que ele era confiável.

— Ele obviamente não é. Como Domingo também não é confiável. Não me importo se Pietro acha que é bom o suficiente para proteger Sofia. Até o casamento, você não vai sair do lado dela. Entendido? Não dou a mínima para que tipo de drogas tenha que tomar para ficar acordado, mas você vai cuidar dela onde quer que ela vá, ou corto a porra de suas bolas.

Carlo assentiu. Eu teria dado a Domingo um sermão também se ele não fosse um homem de Pietro.

Um carro parou na garagem. A mão de Carlo imediatamente foi para sua arma, mas eu sabia quem era. Confirmando minhas suspeitas, Anna e Santino entraram na casa. Santino segurava o braço de Anna com força, como se ela fosse uma criança prestes a sair correndo. Ela parecia uma em sua estranha roupa de boneca.

—Onde ela está? — Anna exigiu. Ela achou que eu atenderia o pedido de uma garota mimada?

Virei-me para Santino. — Certifique-se de que sua protegida não acorde Sofia. Ela precisa descansar. Elas podem bater um papo amanhã.

— O que você fez com ela? — Anna sibilou, tentando se livrar das garras de Santino, mas ele não a soltou.

— Vá para a cama.

— Diga-me o que aconteceu ou direi ao meu pai...

Estreitei meus olhos. — O que? Que você o enganou para ir a uma festa? Isso vai acabar muito bem.

— Que você arrastou Sofia para longe e fez Deus sabe o que com ela. Ele vai te punir. Ele não vai ficar bravo comigo por muito tempo.

Sorri. — Ela será minha esposa em breve. Ninguém vai me punir. E talvez você esteja certa e seu pai não fique bravo com você... — Olhei para Santino. — Mas ele vai ficar furioso pra caralho com o seu guarda-costas. Já posso imaginar o desmembramento público. Então, a menos que você queira ser responsável pela morte dolorosa do seu guarda-costas, você irá para a cama como a boa garota que você sempre finge ser.

Anna olhou para o rosto de Santino. Ele estava com o rosto impassível, mas seus olhos ardiam de fúria. Por mim, definitivamente por ela, e provavelmente por Dante por torná-lo o guarda-costas de uma criança mimada, quando ele amava tanto ser um Executor.

— Boa noite, — respondi e subi as escadas em direção a um quarto vazio, feliz por descansar um pouco. Foi preciso um esforço considerável para não deixar minha fachada escorregar completamente na frente de Anna e Santino.

Tirei a roupa, mas antes de entrar no chuveiro, notei uma pitada de rosa no meu pau. Abri a água e deixei lavar a prova de minha transgressão. — Porra.

Nunca tinha considerado Sofia de uma forma sexual, nem mesmo depois que ela mostrou seus seios para mim. Não me permiti pensar nela sexualmente, mas seu corpo me chamou esta noite. Eu a quis. No fundo, ainda a queria. Este tinha sido um gostinho muito curto de algo que não tinha permissão para ter até o nosso casamento. Depois desta noite, duvidava que Sofia se sentisse da mesma maneira. Uma experiência horrível como essa não a deixaria ansiosa por sexo.

Fechei meus olhos, empurrando esses pensamentos de lado.

Errei muitas vezes no passado e agora precisava descobrir uma maneira de fazer as pazes com minha noiva. O problema era meu orgulho. Sempre foi e sempre seria um problema.

ONZE



Acordei em cima das cobertas. No começo, não tinha certeza de onde estava, então tudo desabou. A festa, meu flerte com Danilo, o sexo... quase sexo? Eu nem tinha certeza de como chamá-lo.

A leve dor entre minhas pernas me lembrou de tudo o que tinha acontecido, e com ela veio a humilhação, a tristeza e novamente essa pequena chama de raiva que crescia constantemente em meu peito. Empurrei-me para uma posição sentada. Estava no meu quarto no chalé da minha família. O alívio me inundou. Danilo não tinha me levado para Minneapolis. Eu não estava preocupada em como seria punida; Estava com medo de preocupar meus pais, de causar-lhes angústia quando eles já tinham sofrido o suficiente.

Deslizei para a beira da cama. Alguém havia tirado meus sapatos e minha máscara, mas não minhas roupas. A calça de couro abraçava meu corpo desconfortavelmente.

Levantei-me, reprimindo as emoções crescentes. A julgar pela escuridão lá fora, ainda era cedo.

Danilo deve ter me trazido até o chalé, carregando-me para dentro e me colocado na cama. Uma nova onda de constrangimento tomou conta de mim.

E quanto a Anna? Ela estava de volta também? Ela deve estar tão preocupada. Arrastei-me em direção à porta, querendo procurá-la, mas então me lembrei da minha fantasia.

Encolhi-me ao olhar para mim mesma e para a roupa que escolhi para chamar a atenção de Danilo. Não poderia andar pelo chalé com ela. E se os guarda-costas me vissem?

E Danilo? Ele ainda estava aqui? Ou ele voltou para a festa? Para as garotas com quem ele estava flertando antes de eu me aproximar dele. Afastei esses pensamentos e fui direto para o banheiro. Quando vi meu reflexo no espelho, congelei, completamente atordoada com o que vi. Meu cabelo estava emaranhado por usar uma peruca e meu rímel estava borrado sob meus olhos de tanto chorar, mas isso não era o pior de tudo.

Era a expressão em meus olhos. Era vazia e abatida. Não reconheci essa sombra desesperada de uma garota na minha frente. Não gostei dela. Depois de um banho rápido, me vesti com um short simples e um top.

Só queria voltar para casa e fingir que esse fim de semana nunca aconteceu, mas não tinha certeza se conseguiria. Em alguns meses, teria que me casar com Danilo. Agora, não conseguia nem pensar sobre isso. Não queria vê-lo nunca mais.

Peguei minhas roupas da festa do chão, enrolei-as em uma bola e joguei no lixo. Então peguei meus sapatos descartados e os escondi no canto mais distante do meu armário antes de entrar no corredor.

A casa estava quieta e pacífica. Talvez ninguém tenha acordado ainda. Desci as escadas. Temia encontrar meus guarda-costas, ou pior, Danilo ou Santino. Não tinha certeza se conseguiria lidar com um confronto agora. Precisava de tempo para chegar a um acordo com a situação. Mas a casa estava silenciosa, e eu teria pensado que estava sozinha se não fosse pelo cheiro de café.

Antes que pudesse decidir se deveria ir para a cozinha, a porta se abriu e Danilo apareceu. Nossos olhos se encontraram.

— Bom Dia. — Ele soava calmo e composto, mas não parecia. Suas roupas estavam amassadas e a barba por fazer cobria seu rosto.

Olhei em seus olhos, esperando ver o que ele sentia. Mas seus olhos estavam cautelosos. — Bom Dia. Obrigada por me trazer até aqui.

— Essa educação forçada parecia segura, quase como se a noite anterior nunca tivesse acontecido.

Danilo acenou com a cabeça. — Você quer café?

— Sim.

O segui até a cozinha. Ele se moveu como se esta fosse a sua casa, como se nada fora do comum tivesse acontecido. Isso me irritou.

Sentei em um banquinho na mesa de madeira da cozinha enquanto Danilo me servia café. Tomei um gole, segurando a xícara como se fosse minha tábua de salvação. Por um momento, ele olhou para mim de uma forma que poderia ser considerada afetuosa, mas então ele limpou a garganta e aquela máscara educada que eu desprezava voltou.

— Como você está se sentindo?

Não tinha certeza de como responder a isso. Não queria considerar minhas emoções ou a sensação de aperto em meu peito e o vazio em minha barriga.

— Você não tem que voltar para o seu chalé? — Perguntei.

— Sofia, — disse suavemente. — Responda a minha pergunta.

Este homem na minha frente não era o mesmo que eu havia encontrado na noite anterior. Algo cintilou em seu rosto, uma emoção tentando irromper, mas não aconteceu.

Ele esperou e esperou. O silêncio ameaçou me sufocar. Ele estava de volta à aparência equilibrada e controlada, nenhum lampejo da agressão que ele havia transparecido na noite anterior. Nada que indicasse que algo havia acontecido entre nós. E o que realmente aconteceu entre ele e eu? Ele achou que eu era outra pessoa e desejou que a outra pessoa fosse Serafina.

— Sofia. — A impaciência entrou em seu tom e eu quebrei. Não podia fingir que nada tinha acontecido. Não podia, não lhe daria a absolvição que ele provavelmente queria.

— Dói, — sussurrei asperamente. — Entre minhas pernas, em meu peito, em todos os lugares. Eu deveria te odiar.

Danilo deu um breve aceno de cabeça, então finalmente seus olhos cortaram para mim. Gostaria de saber o que ele estava pensando, mas talvez fosse melhor que não soubesse. — Eu não sabia que era você.

Ele não entendia?

Pressionei meus lábios. — Confie em mim, eu sei disso.

Ele acenou com a cabeça novamente como se entendesse, mas duvidava que ele o fizesse. Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo. — Ouça, enviei uma mensagem a Samuel, dizendo a ele que peguei você e Anna na festa e as trouxe para cá.

Congelei. — O que?

Seus olhos imploraram. — Quero ter certeza de que seu irmão fique de olho em você até nosso casamento, até que eu possa protegê-la.

A mortificação tomou conta de mim. — O quê... — Minha voz falhou.

— Não contei tudo a ele. Disse que te reconheci no momento em que você chegou à festa e te trouxe de volta imediatamente. Pedi a ele que não contasse a ninguém.

Engoli. Samuel poderia guardar um segredo, sem dúvida, mas ele guardaria esse?

— Ele provavelmente ainda está desmaiado, então não espero que chegue antes do meio-dia. — Mal o ouvi. Só queria me enrolar e chorar.

Danilo se aproximou de mim, sua voz suavemente gentil. —Sofia

A porta se abriu e Anna entrou. Seus olhos se fixaram em mim. Ela correu até mim e me abraçou com força. Quando ela se afastou, examinou meu rosto. — Sofia, o que aconteceu?

Engoli. Santino entrou na cozinha de bermuda e nada mais. Ele encarou Danilo, que retribuiu o olhar com o mesmo fervor. Lágrimas começaram a surgir em meus olhos. Anna percebeu, é claro, e afundou na cadeira ao lado da minha. Ela estreitou os olhos para Danilo. — O que você fez?

Agarrei sua mão, apertando com força para impedi-la. Ela fechou os lábios, mas eu podia dizer que lhe custou muito.

— Preciso de uma roupa limpa sua, — disse Danilo a Santino. — Temos quase o mesmo tamanho.

— Venha, — murmurou Santino.

Danilo o seguiu, mas antes de sair da cozinha, ele se virou e disse: — Vou me despedir antes de sair. Fique longe de problemas.

Eu não disse nada. Queria bater nele, queria ficar com raiva e gritar, mas eu não era esse tipo de pessoa. Então ele e Santino finalmente desapareceram.

Anna me sacudiu. — Sofia, fala comigo!

— Podemos dar uma volta? — Perguntei, ficando de pé.

Depois de pegar nossos casacos, Anna me seguiu até o lago. Nenhuma de nós falou por vários minutos enquanto caminhávamos perto da costa. Nossa respiração ficou embaçada com o ar frio da manhã. Por fim, parei e olhei para o lago.

O rosto de Anna se contorceu de preocupação. — O que aconteceu? Danilo te machucou?

Como deveria responder a essa pergunta? A dor nem começava a cobrir a angústia que eu sentia. — Sofia, conte-me o que aconteceu agora ou vou mandar o Santino atrás do Danilo.

Duvidava que Santino faria qualquer coisa, não importa o que Anna dissesse. Estávamos todos presos a esse segredo compartilhado agora.

Então, contei tudo a Anna, mesmo enquanto minhas bochechas queimavam de vergonha. Precisava tirar isso do meu peito, e não havia mais ninguém com quem pudesse falar sobre isso.

Anna me deixou desabafar, e depois colocou os braços em volta de mim. Senti-me um pouco melhor depois de tirar tudo do meu peito, mas ainda não como eu mesma. Mas quando foi a última vez que fui eu mesma? Agora não era a hora de encontrar meu caminho de volta para ela. Precisava me consertar primeiro, e o faria.

Ainda estava dolorida e meu peito doía de uma maneira que só senti depois que Fina foi sequestrada, como se meu coração tivesse sido literalmente feito em pedaços.

Anna parecia que não queria nada mais do que caçar Danilo, mas ela apenas me segurou com força, os olhos vidrados. — Você precisa parar, Sofia. Você...

— Eu sei, — falei. Seus olhos se arregalaram de surpresa. Anna vinha me dizendo há anos que eu precisava parar de tentar conquistar Danilo, convencê-lo do meu valor. Mas eu estava tão ansiosa por sua aprovação, sua atenção, sua validação. Queria que ele me visse como mais que um prêmio de consolação, que era tão digna quanto Fina havia sido. Eu mudava sempre que ele estava por perto, tentando me adaptar ao seu comportamento, tentando antecipar seus desejos. Tentando ser quem ele queria que eu fosse.

Para me tornar quem achei que ele queria que eu fosse, me perdi. Eu me vendi, desisti do meu orgulho. Pensando em como mamãe era orgulhosa, senti vergonha de minhas ações.

Pararia agora. Eu era uma mulher Mione orgulhosa e era hora de agir como uma. Danilo que se dane. — Acho que me perdi.

— Você ainda está aí. Você só a trava com muita frequência. Deixe-a sair. Antes da coisa com sua irmã, as pessoas gostavam de você pelo que era. Por que não fariam o mesmo agora?

Lágrimas queimavam meus olhos. — Não tenho mais certeza se sei quem sou. Tudo o que fiz nestes últimos anos foi para agradar aos outros. Sumi ao fundo para dar a mamãe e papai espaço para sua tristeza. Nunca pedi nada a Samuel porque não queria que ele achasse que eu queria o lugar de Fina. Sempre me adaptei a tudo ao meu redor. Fui tão estúpida.

— Então pare. Já se passaram anos desde que Fina se foi. Todo mundo teve tempo suficiente para lamentar por ela, para sentir sua falta. É hora de seguir em frente, de viver no presente. Qual é a utilidade de morar no passado? Você não pode mudá-lo.

Concordei. Mesmo que tivesse vergonha de admitir, quase não sentia falta de Fina e muitas vezes até esquecia sobre ela - até que alguém me lembrava. Normalmente Samuel, Danilo ou meus pais.

Queria seguir em frente sem a bagagem da memória de minha irmã, mas sempre me sentia péssima quando tentava, porque minha família obviamente não queria o mesmo.

— Seja egoísta pelo menos uma vez, Sofia. Neste mundo, nós mulheres temos tão poucas opções, tão pouca liberdade. Temos que agarrar a felicidade pelo colarinho e arrastá-la conosco. Não podemos esperar que a felicidade pule em nosso colo. Seja egoísta. Você merece isso.

Uni nossas mãos. Eu queria ser feliz. — Vamos continuar caminhando.

— Tem certeza de que não precisa ver um médico? — Anna perguntou quando eu estremeci.

— Tenho certeza, — disse com firmeza.

— Santino poderia nos levar a um médico que não diria nada ao meu pai ou ao seu pai. Ele conhece gente suficiente.

— Não preciso de um médico, — repeti. Santino parecia pronto para matar alguém antes. Duvidava que Anna fosse capaz de chantageá-lo para fazer muito mais, não importa o que ela tivesse contra ele. — O que eu realmente preciso é de chocolate quente.

Anna me deu uma olhada. — Você quer que eu faça chocolate quente?

— Sim, — disse com um pequeno sorriso. — Estou praticando ser egoísta.

Anna revirou os olhos, mas sorriu. — Me pedir para fazer chocolate quente depois de tudo que você passou não pode ser classificado como egoísta. Acho que precisamos praticar mais.

Voltamos para o chalé e me acomodei em frente à lareira, minhas pernas enroladas sob meu corpo e um cobertor fofo sobre mim.

— Com mini marshmallows, — gritei.

Lentamente, meu sorriso morreu. Tocando minha barriga, pensei em tudo o que aconteceu ontem. Como esperava que o dia acontecesse quando repassei nosso plano com Anna pela manhã e quão longe havia saído do curso. Achei que a noite passada terminaria com uma grande

revelação: Danilo percebendo que eu era desejável e que ele pararia de procurar uma cópia de Fina. Em vez disso, terminou com a percepção de que eu tinha desistido de mim mesma para agradar outra pessoa, e que qualquer pessoa que você retratasse, sempre seria menos do que o seu verdadeiro eu poderia ser.

Sempre me considerei uma pessoa leal, mas na primeira chance, me apunhalei pelas costas, troquei meu verdadeiro eu por uma imagem que achei que precisava ser, e onde isso me levou?

Danilo definitivamente não parecia ter percebido meu valor de repente. Ele parecia culpado e, pior, sentia pena de mim. De todas as coisas que eu queria dele, pena não era uma delas. Mas acho que é o que eu merecia por ser tão idiota.

Mesmo que a noite passada tivesse esmagado meu orgulho sob sua bota cruel, mesmo que minhas ações pudessem me arruinar aos olhos de nossa sociedade, aprendi uma lição valiosa. Danilo não era o cavaleiro de armadura brilhante que achei que ele fosse. Ele não era o cavalheiro de coração partido que procurava aquelas loiras para encontrar consolo. Na noite anterior, ele era como um caçador que procurava satisfazer suas próprias necessidades básicas. Luxúria, vingança e tudo o mais que o assombrava.

Mas estava cansada de encontrar desculpas para suas ações, cansada de tentar ser o que ele queria, o que ele precisava, porque até agora, ele não fez nada para merecer minha bondade ou afeto.

Anna estava certa. Precisava me defender pela primeira vez em anos, não apenas contra Danilo, mas também contra minha família. Precisava fazê-los ver que, embora tivessem perdido Fina sem escolha, eles desistiram de mim de boa vontade.



Coloquei a roupa de Santino e fiz a barba, depois fui em busca da Sofia para me despedir. Precisava voltar para o meu chalé antes que Marco o destruísse de raiva.

Claro, essa não era a única razão pela qual estava ansioso para deixar o chalé Mione. Precisava fugir de Sofia. Minha mente estava uma bagunça e precisava descobrir o que sentia antes de vê-la novamente. Fazia muito tempo desde tinha fodido algo tanto assim. Com sorte, seria a última vez.

Encontrei Anna e Sofia na vasta sala de estar, bebendo chocolate quente em frente à lareira. Limpei minha garganta e suas cabeças dispararam. Sofia evitou meus olhos, mas Anna não teve nenhum problema em lançar punhais para mim.

— Preciso ir. Samuel acabou de me enviar uma mensagem avisando que está a caminho.

— Tudo bem, — disse Sofia.

Anna obviamente não pretendia nos dar privacidade.

— Irei à sua festa de aniversário, assim podemos discutir quaisquer questões de última hora do casamento, caso surjam.

Sofia concordou. Quando ficou claro que ela não diria mais nada, me despedi. Carlo garantiu-me mais uma vez que não sairia do lado de Sofia.

Estava prestes a entrar no meu carro quando o Porsche de Samuel parou. Ele praticamente saltou do carro, não mais com sua fantasia de cowboy. Ele cambaleou em minha direção como se tivesse toda a intenção de me matar.

— Onde ela está?

— Lá dentro, perto da lareira. Ela está bem. Eu a trouxe de volta em segurança e ela não teve a chance de se meter em problemas.

— Foda-se! — Samuel rosnou. — Sofia não é o tipo que foge para uma festa.

Sorri amargamente. — Anna parece ser, e Santino não está ajudando muito.

— Porra. Eu deveria contar a Dante.

— Você deve manter a boca fechada ou isso vai refletir mal em Sofia. Você sabe como é. Anna e os Cavallaros sairão ilesos da situação e nossas famílias sofrerão. Nada aconteceu, então não faça um grande negócio.

Samuel rangeu os dentes. — Não gosto disso. Quero que Santino seja punido.

— Pelo que posso dizer, ele já é punido com a tarefa de proteger a prole de Dante. Vamos continuar assim.

Entrei no meu carro e Samuel deu um passo para trás. — Talvez você devesse tentar não ficar tão bêbado com muita frequência. Espero que não tenha vomitado no meu chalé.

— Que tal você parar de foder garotas loiras?

Engoli minha raiva. Ele tinha razão. E depois da noite passada, minha busca fútil por vingança acabou. — Cansei de brincar, não se preocupe. Vou me concentrar no trabalho até meu casamento com Sofia.

Bati a porta e parti.

DOZE



— Sofia, Anna, vamos nos atrasar! — Mamãe chamou.

Arrumei uma mecha rebelde pendurada no meu rabo de cavalo e estudei meu reflexo. Anna entrou no banheiro e me abraçou por trás, apoiando o queixo no meu ombro. — Você está bem?

Sorri. — Sim. Sou eu mesma. — Ela tinha me feito a mesma pergunta ao telefone todos os dias nas últimas duas semanas.

Eu estava bem fisicamente. Minha dor havia desaparecido depois de alguns dias. Minhas emoções ainda estavam confusas, no entanto. Cada vez que Danilo me enviava uma mensagem perguntando sobre meu bem-estar, o que havia acontecido quatro vezes nas últimas duas semanas, eu era dominada por uma mistura de emoções. Finalmente, a raiva venceu e deixei claro que não queria que ele continuasse me incomodando.

— Tente aproveitar o dia. Você está ansiosa para comprar o vestido há anos.

Coloquei minha mão sobre a de Anna. — Eu vou, não se preocupe. Este vestido é sobre mim, não sobre Danilo. Não vou desperdiçar nenhum pensamento com ele.

Mas ainda desejava que mamãe tivesse marcado um encontro para comprar vestidos de noiva antes - antes da festa; antes de perceber que meu noivo não era o que minhas tolas esperanças o fizeram parecer.

Já estávamos atrasadas para os padrões do planejador de casamento. Seis meses antes do casamento era a data mágica para encomendar um vestido, mas mamãe insistiu que esperássemos um pouco mais. Tive a sensação de que ela estava sendo supersticiosa, como se estivéssemos testando o destino se comprássemos o vestido muito cedo, como se a história pudesse se repetir. Emma já havia comprado seu vestido algumas semanas antes do Natal.

Anna tinha chegado na noite anterior, e nós assistimos filmes e conversamos até depois da meia-noite, então nós duas tivemos problemas para acordar cedo para o compromisso.

— Sofia! Anna!

Anna e eu pegamos nossas bolsas e descemos as escadas. Mamãe já estava esperando, vestida com um casaco de inverno grosso e parecendo impaciente.

Colocamos nossos próprios casacos antes de irmos em direção ao carro na garagem. Samuel estava ao volante. Carlo e dois outros guarda-costas nos seguiriam em um carro separado.

Samuel me deu um sorriso tenso antes de sairmos. Estive presente quando Emma escolheu seu vestido e esperava que meu irmão o amasse tanto quanto eu. Fiquei triste por Emma não poder vir hoje, mas o que me entristeceu ainda mais foi que Fina não estava comigo. Sempre que imaginei este dia quando era uma menina, tanto mamãe quanto Fina estavam presentes. Agora, minha irmã estava a milhares de quilômetros de mim. Eu não tinha visto ou ouvido falar dela em mais de cinco anos, e agora que o dia do meu casamento estava se aproximando, estava desesperada para falar com ela.

Paramos em frente à melhor loja de noivas de Minneapolis.

Quando entramos na loja iluminada, tontura substituiu minha tristeza. Centenas de vestidos cobriam as paredes em dois andares, uma infinidade de diferentes tons de branco. No passado, sempre me vi em um vestido de princesa com renda, strass e uma saia cheia. Como uma princesa da Disney, como Anna sempre dizia, mas eu não era mais

a mesma garota ingênua. Sabia que o Príncipe Encantado não existia na vida real.

A vendedora, uma mulher voluptuosa de quase 50 anos, com batom vermelho vivo e unhas compridas da mesma cor, nos cumprimentou com uma bandeja de champanhe. Mamãe franziu os lábios quando Anna e eu pegamos as elegantes taças, mas não comentou. A vendedora nos levou a um provador separado que continha apenas as peças mais exclusivas, como ela nos garantiu.

— Por que você não olha os vestidos e escolhe cinco ou seis de seus favoritos para experimentar? Não recomendo escolher mais do que isso, porque eventualmente começarão a se misturar e você ficará confusa. — Com um sorriso brilhante, ela saiu para nos dar privacidade.

Mamãe e Anna se viraram para mim.

— Você tem alguma ideia de como gostaria que fosse? — Perguntou minha mãe.

— Elegante. Gostaria de um véu, mas nada muito chamativo ou bufante.

Minha mãe trocou um olhar de surpresa com Anna.

— Por que você não nos mostra um exemplo, para que possamos saber o que procurar? — Mamãe disse.

Aproximei-me dos vestidos à minha direita e tirei um vestido branco marfim sem ombro com mangas compridas. Olhei para o vestido, senti o material de seda e sabia que precisava experimentá-lo imediatamente. — Assim, — sussurrei.

— Experimente — pediu Anna, praticamente me empurrando para o vestiário, como se pudesse sentir que poderia ser o vestido.

Não ousei pensar que poderia ter encontrado meu vestido na primeira tentativa. Isso parecia destino, e até agora, o destino não tinha sido realmente bom para mim ou minha família.

A vendedora se juntou a mim no provador para me ajudar a me vestir, depois foi buscar uma anágua estreita para manter a saia fina e esvoaçante longe de minhas pernas para que eu não pisasse nela. Não

havia espelho no vestiário, mas o vestido já parecia perfeito, como se tivesse sido feito especialmente para mim.

No momento em que saí de trás da cortina, mamãe e Anna pararam o que estavam fazendo e me observaram. Meu coração batia forte enquanto caminhava em direção a um pequeno pedestal e os espelhos ao redor.

Quando me vi, não tive dúvidas de que havia encontrado meu vestido. O tecido era arejado, uma malha de camadas finas. O modelo de ombro de fora era ousado. A renda enfeitava o corpete que envolvia meu corpo e descia para revelar meus ombros, clavículas, antebraços e até o volume dos meus seios. O leve decote em coração acentuou meu peito. As mangas terminavam no meio dos meus antebraços e a saia rodada fluía elegantemente em torno das minhas pernas.

— Perfeito, — mamãe jorrou.

Anna concordou. Foi provavelmente a primeira vez que a vi sem palavras.

A vendedora apareceu com um véu simples e elegante, que prendeu à minha cabeça com um aplique de cabelo cravejado de joias.

Mamãe respirou fundo quando o véu caiu pelo meu rosto. Se Fina tivesse tido a chance de andar pelo corredor, ela teria usado um véu semelhante a este no estilo, como era tradição em nossa família.

— Danilo vai ficar maravilhado, — sussurrou a mãe.

— Eu amo isso, — eu disse simplesmente.

Anna tocou meu ombro nu. — Então você deveria comprar. Você é a noiva, e tudo o que importa é que você o ama... e a você mesma. — As últimas palavras foram ditas muito baixinho.

Sorri. — Este é o meu vestido. Não preciso experimentar mais nada. Eu me amei nele.



Não tinha visto Danilo desde aquela noite, nem tinha visto Anna desde que saímos para comprar meu vestido de noiva. Falava com Anna ao telefone quase diariamente, mas Danilo havia parado de perguntar sobre minha saúde depois de outra resposta curta minha logo após a compra do vestido. Não queria sua preocupação, porque não tinha certeza se era honesta ou motivada pela culpa.

Precisava de tempo para aceitar o ocorrido e encontrar a força necessária para me endurecer contra os sentimentos que Danilo evocava em mim. Minha paixão por ele não tinha desaparecido magicamente, mas prometi que não desistiria de mim mesma por essa paixão. Com meus pais, testemunhei o que era o amor verdadeiro, um dar e receber constante. Até agora, Danilo não tinha dado, mas eu precisava que ele desse. Não faria outro movimento. Era a vez dele.

Saí do banheiro e fui para o quarto onde Anna estava colocando maquiagem na minha penteadeira. Ela e sua família chegaram a Minneapolis ontem. Isso nos deu a chance de nos prepararmos para minha festa de aniversário de dezoito anos - um dos eventos mais importantes para uma garota em nossos círculos.

Anna se virou para mim quando entrei e seu queixo caiu. — Uau! O que diabos você está vestindo? — Anna só amaldiçoava para pessoas que conhecia bem e em quem confiava, pessoas que não a denunciariam. Eu amava isso, sabendo que era uma dessas pessoas.

Olhei para mim mesma. — Um vestido. Pelo menos, foi o que a vendedora disse. — Sorri.

Anna se levantou, revirando os olhos. — Isso não é um vestido. Isso é um risco.

— Um risco?

Ela andou ao meu redor, me olhando como se fosse um pedaço de carne. — Você é um risco para qualquer homem com problemas cardíacos.

Bufei. — Certo.

Fiquei emocionada com a reação de Anna. Quando vi o vestido pela primeira vez na minha boutique favorita, pensei que ficaria perfeito

em Anna ou Fina, mas então reuni minha coragem e decidi que ficaria bem em mim também. E assim foi. Nunca tinha usado nada tão ousado antes. Era cortado na parte de trás, mergulhando até as covinhas na minha bunda. Lindas e intrincadas correntes de cristal Swarovski mantinham o tecido unido. Ele abraçava meu corpo como uma segunda pele. O decote era alto, atingindo minhas clavículas, o que só aumentava o fascínio. O vestido tinha uma longa fenda lateral, revelando mais da minha perna do que normalmente mostraria. Quando o coloquei pela primeira vez, não tinha certeza de que conseguiria, mas agora estava feliz por tê-lo comprado. Eu estava fabulosa.

— Danilo vai enlouquecer quando te ver.

Sorri para ela, mas nós duas sabíamos que era falso. Tentei evitar pensar em ver Danilo. Seria estranho.

— Você vai ficar bem?

Dei um aceno resoluto. Prometi a mim mesma manter a compostura perto de Danilo. Não me envergonharia novamente.

— Deixe-me fazer sua maquiagem. Você deve estar espetacular.

Segui Anna até a penteadeira e permiti que ela fizesse sua magia. Assim que ela terminou, meu cabelo caiu em meus ombros em cachos suaves e meus olhos pareciam maiores devido aos cílios postiços que ela colou nas minhas pálpebras. Nunca tinha usado cílios postiços em nossas reuniões sociais antes, mas adorei como eles acentuavam meus olhos. Eles não eram muito grossos ou extravagantes como os que usei com fantasia da Mulher-Gato, mas acrescentaram um toque agradável.

Sorri. — Está perfeito.

Anna estava linda em um vestido roxo escuro.

— Anna, os convidados estão chegando, — Valentina chamou lá de baixo.

— Minha presença é necessária para saudar seus convidados, — Anna disse com uma pitada de aborrecimento. Desde que me lembro, Anna tinha que assumir tarefas representativas. Era algo que se esperava da filha de um Capo. — Como é que não é nem mesmo meu

aniversário, mas ainda me sinto como a anfitriã? — Ela fez uma careta. — Você deve odiar ser minha amiga. Realmente não pretendo monopolizar toda a atenção.

Agarrei sua mão e apertei. — Anna, você é a filha do Capo. As pessoas sempre olharão para você quando estiver em uma festa. Não me importo. Sei que você não gosta. Isso me dá tempo para me recompor antes de descer para a minha grande entrada. — Pisquei para ela.

— Anna!

Anna revirou os olhos antes de sair, me deixando sozinha no quarto. Verifiquei meu reflexo novamente. Gostei do que vi. Com o passar dos anos, comparações abertas com Fina haviam se tornado menos frequentes, mas sabia que algumas pessoas ainda me comparavam a minha irmã. Mas hoje, talvez pela primeira vez, me senti confiante o suficiente para não me importar. Eu não era menos do que ela, definitivamente não era um prêmio de consolação.

Peguei minha bolsa favorita - uma pequena bolsa com uma corrente de prata para que pudesse jogá-la por cima do ombro - e deixei meu quarto para descer as escadas também. A porta à minha direita se abriu e Leonas saiu, quase batendo em mim.

— Cuidado, — avisei.

— Uau!

Corei. — Belo terno, — disse para encobrir minha reação. Leonas sorriu presunçosamente.

— Leonas! — Valentina sussurrou-gritou, claramente no limite de sua paciência.

— Minha presença é necessária, — ele disse com a mesma irritação que Anna havia demonstrado antes. Eles sempre insistiam que eram opostos completos e lutavam como cães e gatos diariamente, mas compartilhavam muitos traços de caráter.

Leonas caminhou em direção às escadas, como se tivesse todo o tempo do mundo. O tom de Valentina sugeriu que não era o caso. Balançando a cabeça para fingir que estava indo bem, dei um passo

seguindo pelo corredor quando Samuel saiu de seu quarto. Originalmente, o plano era que ele se mudasse para Chicago após o casamento de Fina e trabalhasse com Dante por alguns anos antes de retornar a Minneapolis para ajudar papai. Mas depois do sequestro, ele e papai decidiram que sua presença era necessária aqui para nossa proteção. Embora ele já tivesse uma mansão algumas casas abaixo da nossa, ele não se mudaria para lá antes de se casar com Emma. Ele congelou quando me viu. — Sofia, — disse ele, quase como se não me reconhecesse.

— Sim? — Perguntei.

Ele se aproximou de mim, me estudando da cabeça aos pés. — Quando você cresceu tanto?

Não pude deixar de rir. — Deve ter acontecido nos últimos três ou cinco anos, suponho. — Mal me impedi de dizer 'enquanto você estava ocupado vivendo no passado'. Não queria nenhum conflito hoje.

Ele riu, mas uma pitada de cautela permaneceu em seu olhar. — Parte de mim gostaria que você continuasse a ser a criança que eu podia chamar de joaninha.

— Você ainda pode me chamar de joaninha quando não houver ninguém por perto. E é bom que eu tenha crescido ou meu casamento com Danilo em dois meses seria um problema.

Os olhos de Samuel endureceram e seus lábios se estreitaram. — Dois meses, — ele repetiu como se tivesse esquecido o quão cedo o casamento seria. Ocasionalmente, me pegava chocada com o dia do casamento se aproximando. Costumava esperar ansiosamente pelo dia do meu casamento, mas agora me inclino mais fortemente para o medo.

— Não se esqueça do seu próprio casamento, — provoquei para aliviar o clima. Samuel se casaria com Emma apenas duas semanas após meu casamento.

Como sempre, o rosto de Samuel ficou reservado quando tentei falar com ele sobre Emma. Não o pressionei. Fina mencionou uma vez que ele raramente falava com ela sobre meninas. Ele era muito reservado sobre essas coisas.

Muitas vezes me peguei pensando em Fina nos últimos meses, quase tanto quanto nos dias depois que ela fugiu com Remo Falcone.

— Sam, — comecei hesitante. A cautela apareceu em seus olhos azuis. — Você ainda fala com a Fina?

Seu rosto se fechou, mas agarrei sua mão antes que ele pudesse se afastar.

— Por favor, Sam. Preciso falar com ela antes do meu casamento. Preciso de um encerramento antes de começar esta nova fase da vida.

Samuel desviou o olhar de mim. — Você realmente acha que isso vai melhorar as coisas? Descobri que isso só complica as coisas.

— Então, você ainda mantém contato com ela? — Pelo que sabia, ele não a via desde que compareceu ao casamento dela em Las Vegas, cinco anos atrás.

— Devemos descer. Mamãe e papai já estão esperando.

Meus dedos apertaram seu pulso. — Sam, por favor. Como um presente de casamento antecipado para mim.

Sam suspirou. — Não falo com ela há meses. E você sabe muito bem que sempre que fazia, Dante estava ciente disso. Não vou trair a Outfit por Serafina, não quando ela faz parte da Camorra agora.

— Talvez você possa lhe dar o número do meu celular para que ela possa me ligar se quiser? Não é como se eu pudesse dizer a ela algo importante. Não sei nada sobre negócios.

Samuel olhou para mim por um longo tempo. — Se alguém descobrir, pode causar um rebuliço. Danilo vai ficar muito chateado. Não que nossos pais ou Dante fiquem muito mais felizes.

— Eles não vão descobrir.

— Vou dar a ela o seu número. Agora, devemos realmente descer.

Apertei sua mão. — Obrigada.

Samuel segurou meu rosto e beijou o topo da minha cabeça. Ele estendeu o braço e coloquei minha mão, então o deixei me levar escada abaixo. O zumbido suave da conversa aumentou. O foyer já estava cheio de nossa família e convidados chegando. Anna e Leonas ficaram obedientemente ao lado de seus pais para dar as boas-vindas aos

convidados enquanto Bea pairava alguns passos atrás deles, parecendo entediada. Mamãe e papai estavam na vanguarda da festa de boas-vindas com os Cavallaros, logo atrás deles. Era tradição a família do Capo também receber os convidados.

Meus olhos desviaram para a parte de trás do saguão onde Danilo e Emma surgiram, provavelmente porque usaram a porta dos fundos acessível para cadeiras de rodas.

Danilo não me notou de primeira. Sua atenção estava em meus pais e na família de Dante quando ele foi cumprimentá-los. O sorriso que Anna lhe deu beirava a falta de educação, então ela me lançou um olhar de advertência. Sua preocupação era infundada. Mesmo que tivesse falhado em meus planos pré-estabelecidos antes, não cairia na armadilha do meu comportamento anterior hoje.

Samuel tocou minhas costas levemente e pulei. Tinha me esquecido de sua presença. Ele ergueu uma sobrancelha interrogativamente. Precisava me controlar. Ninguém descobriu o que aconteceu. Samuel já estava louco de preocupação e raiva porque achou que eu tinha tentado ir à festa. Se ele soubesse o que realmente aconteceu, perderia o controle - e provavelmente tentaria matar Danilo.

— Vamos.

Concordei. Mas então Emma me notou e sorriu. Claro, Danilo seguiu o olhar da irmã. Preparei-me para o inevitável. Seus olhos encontraram os meus e brilharam de emoção. Surpresa? Choque? Seu olhar vagou pelo meu corpo como se fosse uma revelação antes de mudar sua expressão de volta para a máscara fria de sempre.

Um lampejo de triunfo me encheu. Seu choque foi como um bálsamo para minha ansiedade. Mesmo assim, senti uma pontada de cautela e minhas palmas ficaram suadas. Mesmo agora que ele parecia o cavalheiro perfeito de novo, não conseguia esquecer seu comportamento naquela noite.

Anna estava praticamente me radiografando com os olhos do outro lado do foyer, e encontrei força em seu olhar. Prometi a ela que

seria forte e, mais importante, prometi a mim mesma. Desta vez não iria quebrar.



Ao longo dos anos, houve longos períodos de tempo em que não via Sofia. Mal pensava nela depois que seguimos nossos caminhos separados. Desta vez, tudo foi diferente. Desde que deixei Sofia no chalé dela depois do nosso encontro na festa, não conseguia parar de pensar nela.

Era principalmente preocupação com seu bem-estar, mas não só isso. Pela primeira vez, a vi como mais do que uma garota que tomou o lugar de sua irmã. Ela era uma jovem com curvas que me atraíam. Não havia como negar.

A culpa, mais uma vez, foi uma companheira muito importante quando repassei o que acontecera. Quando encontrei Pietro e Samuel sete dias depois da festa em Chicago para a iniciação de Leonas, pensei brevemente em lhes contar. Até o casamento, Sofia deveria ser protegida. Mesmo se não soubesse que era ela, quebrei meu voto, o código mantido por gerações. O que fiz foi imperdoável.

Quando vi Sofia descer as escadas, parecendo absolutamente alucinante em um vestido justo, mas elegante, desejei poder voltar no tempo. Passei tanto tempo lamentando o passado e o que foi perdido que não me concentrei no que o destino havia me dado.

Sofia era linda além da medida.

— Você ainda tem mais dois meses antes de poder olhar para minha filha desse jeito, — avisou Pietro, apertando minha mão com mais força do que o necessário.

Apertei minha mandíbula enquanto sorria. — Não se preocupe. Vou honrar Sofia do jeito que ela merece. — Foi o que prometi a mim

mesmo depois da festa. Não poderia desfazer o que havia acontecido, mas tentaria fazer melhor e esperava que Sofia me desse uma chance. A maneira como ela evitou meus olhos me deu pouca esperança disso, no entanto. O presente que trouxe para ela cravou na minha coxa através do meu bolso.

Quando ela e Samuel pararam na nossa frente, a atenção de todos se voltou para nós.

O sorriso de Sofia era brilhante, mas seus olhos não refletiam a mesma exuberância. Eles eram cautelosos, nenhum sinal da paixão tímida do passado. Samuel a soltou e me deu um aceno afiado antes de cumprimentar alguns dos capitães. Toquei levemente o quadril de Sofia e me inclinei para beijar sua bochecha. — Feliz aniversário, Sofia.

Ela ficou tensa sob meu toque, mas não se afastou.

— Obrigada, — ela disse formalmente. Procurei seus olhos, mas com dezenas de espectadores era difícil criar um momento privado.

— Posso ter um momento a sós com você? — Perguntei baixinho. Normalmente, teria que perguntar ao pai dela primeiro, mas depois do sim, Sofia seria obrigada a me dar a mesma resposta. Queria que isso partisse dela.

Ela passou a língua sobre o lábio nervosamente, chamando minha atenção para sua boca. Praticamente a fodi contra uma árvore, mas ainda não a tinha beijado. Remediaria isso assim que nos casássemos - se ela me deixasse.

— Se meu pai concordar, — ela disse. Virei-me para Pietro e ele deu seu consentimento. Nenhum dos convidados se sentiria ofendido se afastasse minha noiva deles por um momento. Ela poderia aceitar seus cumprimentos de aniversário mais tarde.

Sofia me conduziu até o escritório de seu pai. Abri a porta para ela e levemente toquei suas costas para movê-la para dentro. A sensação de sua pele despertou um desejo primitivo em mim, mas o afastei.

Sofia se esquivou do meu toque. Seu corpo transbordava de relutância em estar perto de mim agora que estávamos sozinhos. Se não

fosse pelo ambiente público, ela provavelmente teria fugido. Fechei a porta, meu peito apertando com a cautela em seus lindos olhos.

— Eu me desculpei, Sofia. Achei que isso tivesse resolvido as coisas.

Ela balançou a cabeça, pressionando os lábios. Sua falta de comunicação me frustrou. Eu não estava acostumado a receber tratamento silencioso e odiava jogos mentais. Então algo me ocorreu. Será que ela não se lembrava do meu pedido de desculpas? Tentei me lembrar da noite. Eu não era bom em desculpas, mas mesmo que não tivesse dito as palavras reais, Sofia deve ter percebido que expressei minhas sinceras desculpas de outras maneiras.

— Está tudo bem, — ela disse rapidamente, mas obviamente não estava.

Dei um passo em sua direção e peguei suas mãos. Ela não recuou, mas também não relaxou. — Não teria te tocado se soubesse que era você. — As palavras reais do "desculpe-me" eram muito difíceis para dizer. Era um mau hábito do qual não conseguia me livrar.

Sofia olhou para mim com um sorriso tenso. — Eu sei.

Não tinha certeza do que fazer com sua reação. Frustrado por minha própria incapacidade de me comunicar adequadamente com ela, tirei a pequena caixa com seu presente, na esperança de salvar a situação dessa forma.

— Isto é para você, — disse enquanto entregava a pequena caixa para ela.

Ela pegou e abriu. Eu tinha escolhido um colar de ouro intrincado com um pingente de lágrima cravejado de diamantes. Inês tinha me dito que Sofia estava de olho nessa peça em particular por um tempo. — É lindo. Como você sabia?

— Sua mãe me disse. — Sofia assentiu.

Tirei o colar. — Devo ajudá-la a colocá-lo?

Ela se virou e ergueu o cabelo, prendendo a respiração quando meus dedos roçaram sua pele enquanto prendia o colar. Ela se virou. — E então?

— Parece perfeito em você.

Seus olhos pareciam perfurar os meus, como se ela estivesse tentando ver além do óbvio. Não tinha certeza do que ela estava procurando. Poderia dizer que o presente não teve o efeito que eu esperava.

— Talvez devêssemos voltar para a festa? — Ela sugeriu, se afastando de mim.

— Claro, — falei, seguindo-a de volta para a sala de estar. Sofia manteve distância de mim ao longo da noite, uma distância educada que eu não estava acostumado. Era o tipo de comportamento que desejei quando ela era mais jovem, mas agora que o dia do nosso casamento estava próximo, sua nova relutância em se aproximar me preocupava.

TREZE



Um número desconhecido piscou na tela do meu celular. Após minha confusão inicial, fiquei desconfiada. E se esse fosse o número de Fina? Samuel havia prometido dar meu número a ela. Isso acontecera dois dias antes. Talvez ela já estivesse ligando? Estendi a mão para atender a chamada, meu coração batendo animadamente por ter a chance de falar com ela. Me perguntei como seria ouvir a voz dela depois de todo esse tempo. Ao longo dos anos, minhas memórias dela se tornaram nebulosas. Seria estranho entre nós?

Tremi quando segurei o telefone na minha mão, de repente tomada pelo nervosismo. Meu dedo parou na tela e, em vez de atender, fiquei olhando para os números. E se não fosse uma boa ideia falar com ela? Faltava apenas dois meses para o meu casamento, e se falar com ela só aumentasse meu nervosismo?

Não era culpa dela, mas ela se tornou a espada de Dâmocles sobre minha cabeça, o precedente inatingível, uma rival relutante, mas ainda vitoriosa, não apenas para Danilo, mas também pela atenção de minha família.

Não é culpa dela.

E ainda assim, não conseguia parar de sentir que era. Se ela não tivesse fugido com o inimigo, nossos pais e Samuel não ficariam tão tristes. Mas se ela ainda estivesse aqui, Danilo teria ainda mais dificuldade em superá-la. Era um paradoxo.

Não é culpa dela.

A tela ficou preta e soltei um suspiro, mas então uma onda de culpa tomou conta de mim. Ainda assim, não consegui ligar para ela de volta. Pedi a Samuel para lhe dar meu número. Eu queria o contato, então por que não pude levar adiante? Ela já havia pedido meu número? Ela tentou me contatar?

Levantei-me e fui até minha penteadeira, onde sentei no pequeno pufe e olhei para meu reflexo. Mesmo que meu cabelo não fosse mais loiro, minha semelhança com Fina era inconfundível. De repente, eu não queria mais isso. Queria ser diferente. Enquanto me parecesse com Fina, mas não completamente, as pessoas continuariam nos comparando.

Meu telefone tocou de novo e meu estômago revirou de medo e culpa.

Afastando meus sentimentos irracionais, finalmente atendo. — Ei, — disse, tentando soar casual, mas minha voz saiu trêmula e rouca.

— Sofia, — disse Fina, aliviada. — Estou tão feliz em ouvir sua voz. Fiquei com medo de que você tivesse mudado de ideia e não quisesse falar comigo.

Uma nova onda de culpa passou por mim. — Eu estava no banho, — menti facilmente. — Claro que quero falar com você. Foi por isso que pedi a Samuel para lhe dar meu número.

— Mal pude acreditar quando ele me disse. Não tive notícias dele há muito tempo, e então ele liga e me permite falar com você. Estou feliz da vida.

Ela parecia muito feliz, e nem um pouco como outra pessoa, alguém diferente porque fazia parte da Camorra. — Permite? Samuel não permitiu que você me contatasse antes?

Ela suspirou. — Eu pedi a ele para me deixar falar com você tantas vezes ao longo dos anos, mas eventualmente desisti. Talvez eu não devesse.

— Ele pode ser teimoso.

— Oh sim.

Rimos e, naquele instante, parecia que o tempo e a distância não importavam, como se não estivéssemos separadas há anos.

— Como você está? — Fina perguntou, aquele tom de preocupação maternal que ela desenvolveu desde o parto dos gêmeos soando em sua voz.

Essa era uma pergunta tão carregada. Havia muito a dizer depois de tantos anos de separação, mas muito disso estava ligado a más lembranças ou sentimentos, e eu não queria que isso manchasse nossa primeira ligação.

— Estou bem. Muito ocupada com os preparativos de última hora. — Eu realmente não queria falar sobre o casamento com Fina, mas não falar sobre isso sugeriria que estava preocupada e isso levantaria suspeitas de Fina. Ela ao menos sabia sobre o casamento, entretanto?

— Você se casará com Danilo neste verão.

— Em junho, — disse.

— Não acredito que você já é maior de idade e está pronta para se casar.

— Não sou mais uma menina.

Fina ficou quieta por um momento. — Eu gostaria de poder estar aí e vê-la em seu vestido de noiva, — disse ela melancolicamente.

Durante anos, esse também foi meu maior desejo. Agora eu estava feliz por ela não estar presente. Todos os olhos estariam apenas nela, até os de Danilo, e eu simplesmente não aguentaria no dia do meu casamento.

— Vou enviar fotos para você assim que as receber.

— Sim, por favor. Aposto que você vai ser uma noiva absolutamente deslumbrante.

— Eu amo meu vestido, — disse suavemente.

— Tenho certeza de que Danilo não vai conseguir tirar os olhos de você.

Pensei em falar com ela sobre meus problemas com Danilo, mas não tive coragem de fazer isso. Afinal, ela era a raiz do problema,

mesmo que não fosse essa sua intenção. Atingia muito perto de casa. Eu me perguntei se ela tinha lido alguns dos artigos detalhando as atividades noturnas de Danilo ao longo dos anos. Fina era inteligente. Ela deve ter percebido que tudo isso era por causa dela, o número interminável de conquistas loiras.

— Acredito que sim.

— Aconteceu alguma coisa? Algo com o Danilo? — Serafina sempre tinha um jeito de saber quando algo estava incomodando a mim ou a Samuel.

Mordi meu lábio. Por um lado, queria pedir conselhos a Fina. Normalmente Anna era minha garota escolhida para conselhos, mas, neste caso, ela não era tão útil. — Nada aconteceu. Estou um pouco nervosa.

— Danilo é um cavalheiro, então você não tem motivo para se preocupar.

Se ela conhecesse seu outro lado, o homem vingativo que tomava estranhas contra as árvores. O homem que me apavorou, e ainda assim eu o queria.

— Eu sei, — menti. — Como estão Greta e Nevio? Você pode me enviar novas fotos deles? Não os vejo há muito tempo.

— Inseparáveis. Nevio e os primos sempre estão de olho em Greta. Ela adora balé e é tão talentosa. Remo até construiu um estúdio de balé para que ela possa praticar em casa.

A voz dela transbordava de amor por Greta e pelo homem que causou problemas na Outfit... e me tornou noiva de Danilo. Eu não tinha certeza se ele era uma bênção ou uma maldição. — E o Nevio? Como está o pequeno temerário? — Fina riu exasperada. — Não me faça começar. Ele testa minha paciência diariamente. Ele e seus primos só causam problemas. Mas eu realmente não posso ficar brava com ele por muito tempo porque ele é tão atencioso quando se trata de Greta.

Sorri. Nevio tinha sido um problema desde criança. Eu só podia imaginar como ele estava agora. Eu os veria novamente?

— Greta ainda é tímida?

— Sim, ela tem problemas com pessoas fora da família, especialmente com multidões.

Percebi que Fina ainda não tinha falado nada sobre fotos. — Você pode me enviar uma foto deles?

Fina ficou em silêncio, então eventualmente ela disse se desculpando, — Eu não acho que Remo aprovaria isso... ainda estamos em guerra.

Remo. A maldição da Outfit. O rosto de Samuel sempre brilhava de ódio quando falava dele, e percebi o mesmo com Danilo. — Compreendo. Danilo ficaria furioso se descobrisse que estou falando com você. — Amargura e decepção ecoaram em minha voz.

— Eu gostaria que as coisas fossem diferentes.

— Mas não são.

— Não, elas não são, — ela concordou suavemente. — Você sabe o que? Vou mandar uma foto se você prometer me mandar alguma do seu casamento.

Sorri. — Feito.

— Sofia, — mamãe chamou. — Temos que partir logo!

Olhei para o relógio. Minha primeira prova era em uma hora. A costureira estava correndo para fazer meu vestido antes de todos os outros.

— Como está a mamãe? — Fina perguntou. Não perdi a saudade em sua voz. Não fomos os únicos a perder algo quando Fina partiu. Ela havia perdido toda a família. Mesmo que ela quem tivesse escolhido partir, sua preocupação com os filhos não deixava outra escolha.

— Ela está em total modo de planejamento tanto do meu casamento tanto quanto do de Samuel.

Fina não disse nada, então continuei tagarelando. — Ela está desesperada para ter netos. Se dependesse dela, Emma e eu engravidaríamos imediatamente.

— Ela tem netos, — sussurrou Fina.

Minha pele esquentou. — Não foi isso o que eu quis dizer. Somente... apenas netos que ela pode cuidar.

— Eu sei. Por um tempo, esperei que houvesse paz, mas desisti. Duvido que Dante, papai ou Danilo concordem com uma trégua.

— Mas Remo e seus irmãos concordariam?

Fina hesitou. — Provavelmente não.

— Sofia, — mamãe chamou novamente.

— Eu preciso ir.

— Estou com saudades, joaninha. Mantenha-me atualizada e envie-me todas as fotos.

— Também sinto sua falta. E não se esqueça de me mandar fotos da Greta e do Nevio.

Encerrei a ligação. — Estou indo, — gritei para que mamãe me ouvisse lá embaixo.

Meu telefone apitou com mensagens recebidas. Eu as abri e quase tive que olhar duas vezes quando vi a primeira foto. Mostrava Fina com seus gêmeos. Eles haviam crescido muito. Nevio era alto, já atingindo a caixa torácica de Fina, mas Greta era alguns centímetros mais baixa e pequena. A foto mostrava perfeitamente o comportamento deles. Fina estava com os braços em volta das duas crianças, mas embora parecesse protetora com Greta, o braço em volta dos ombros de Nevio parecia impedi-lo de sair correndo da cena. Ele parecia carrancudo, mas Greta sorria timidamente para a câmera.

— Sofia!

Enfiei o telefone na bolsa, calcei minhas sandálias favoritas e corri escada abaixo. Mamãe parecia nervosa quando desci para o saguão. Ela estava trabalhando 24 horas por dia, 7 dias por semana para tornar os dois casamentos perfeitos. Se continuasse assim, ela estaria esgotada no momento em que os casamentos acontecessem. Mas estava claro que ela precisava de algo para se manter ocupada.

— Nós vamos nos atrasar, — ela disse, mas um sorriso suavizou suas palavras estressadas.

Por um segundo, considerei mostrar-lhe a foto que Fina havia me enviado, mas então decidi não fazê-lo, temendo que isso desencadeasse mais más memórias e emoções do que boas. A mãe sabia que Samuel

estava em contato com Fina, então podia ter pedido seu número se quisesse falar com ela também, mas a mãe simplesmente não suportava.

QUATORZE



Dia do meu casamento.

Esperei mais de seis anos por este momento, mas a alegria esperada não me preencheu.

Quando era jovem, muitas vezes imaginei o dia do meu casamento. Eu sonhei em escolher meu vestido cercada por Serafina, Anna e mamãe, fantasiei sobre a alegria e admiração sem fim no rosto de meu marido quando me visse pela primeira vez.

Fina não estava aqui para me ajudar a escolher um vestido. Eu não a via há seis anos e apenas uma vez falei com ela ao telefone. Ela não estaria no meu casamento.

No fundo, eu estava feliz. Se ela estivesse presente, Danilo teria apenas olhos para ela e, mesmo sem ela aqui, eu teria que lutar contra sua memória. Ele estaria pensando em outra irmã Mione quando eu andasse pelo corredor em direção a ele. Eu parei de esperar admiração dele no dia do meu casamento.

Anna me cutucou, uma sobrancelha levantada. — Ei, o que houve? — Ela se aproximou para que mamãe não a ouvisse, mas ela estava ocupada conversando com o estilista de qualquer maneira. — É por causa do Danilo?

Claro, era. A maior parte do meu mau humor ao longo dos anos era por causa dele.

— Você está tão linda — sussurrou Anna, seu rosto se iluminando. — Aproveite. Acredite em mim, todos ficarão sem palavras.

Eu absorvi sua emoção e deixei isso levar meu medo e preocupação.

Queria estar animada com meu casamento. Era um dia pelo qual ansiava desde que me lembrava. Não deixaria nada arruinar este dia para mim. Sorri, realmente observando meu vestido. Eu estava linda. O estilista prendeu meu cabelo em um coque elegante com um aplique preso à minha coroa para que pudéssemos fixar o véu mais tarde. Mamãe veio por trás de mim e tocou meus ombros, olhando meu rosto no espelho com um sorriso melancólico. Ela era alguns centímetros mais alta que eu e seu cabelo era loiro. Ambas as características que Serafina herdou, mas não eu. — Você está uma noiva linda, Sofia.

Sorri. — Obrigada, mãe.

Ela me contornou até que estava bem na minha frente. — Há alguma coisa que você queira saber antes desta noite?

Corei e rapidamente balancei minha cabeça. Anna piscou para mim e afundou no sofá, sufocando o riso. Mamãe e eu tivemos essa conversa há muito tempo e eu não queria repetir. Anna e eu falamos sobre tudo o que eu realmente queria saber. As lembranças daquela noite fatídica a meses atrás ressurgiram, minha tentativa desesperada de me convencer de que Danilo ainda não estava obcecado por minha irmã e a brutal percepção de que estava. Aquela experiência foi dolorosa. Eu não queria experimentar mais uma vez. No entanto, esta noite, deveríamos consumar nosso casamento. Danilo certamente gostaria de fazer isso, não porque me desejasse, mas porque precisava me reivindicar antes que outra pessoa pudesse.

— Sofia? — Mamãe perguntou, tocando minha bochecha levemente.

Pisquei, trazendo meu foco de volta ao momento. — Sinto muito. O que você disse?

Um olhar de compreensão passou por seu rosto. — Você não precisa ficar nervosa. Danilo é um cavalheiro.

Concordei. Ele não era realmente. Pelo menos, não tinha sido com aquela garota loira. Ele estava furioso e rude. Nada como eu esperava. — Não se preocupe, mãe. Estou bem. É muito para absorver hoje.

— É mesmo.

Houve uma breve batida na porta antes que ela se abrisse. Papai entrou e depois me admirou com calma. Ele balançou a cabeça com um pequeno sorriso. — Você está absolutamente radiante, joaninha.

Eu lhe dei um sorriso agradecido.

— Os carros estão prontos para partir. Devemos sair em dez minutos. Samuel está garantindo que todos estejam preparados.

Papai veio até mim e beijou minha testa. — Este será um dia maravilhoso. Você está segura.

— Eu sei, pai. — Não estava preocupada com minha segurança. A Camorra não atacaria. Eles não tinham razão para isso, e mesmo que a Bratva ou um de nossos outros inimigos tentassem atacar, eles falhariam. O carro nupcial era à prova de balas e acompanhado por quatro carros com guarda-costas. Este seria um casamento de segurança máxima.

Papai sorriu para Anna. — Certifique-se de que nossa noiva não fique muito nervosa.

Mamãe assentiu. — Estou saindo. Talvez a dama de honra e a noiva queiram um pouco de privacidade. Tenho certeza que vocês duas querem bater um papo antes de tudo começar.

— Vou esperar você lá fora, — disse papai.

Balancei a cabeça e meus pais saíram da sala. Anna se levantou, alisando o vestido, enquanto papai fechava a porta para que pudéssemos ter um pouco de privacidade. Anna estava absolutamente deslumbrante em um vestido azul que combinava com os olhos dela e os meus.

Seu sorriso desapareceu assim que ficamos sozinhas e ela correu para mim com uma carranca. — Não deixe nada estragar este dia para você. Você está ansiosa por isso há anos. Aproveite. — Ela me abraçou.

— Estou falando sério. Ficarei muito chateada se você não festejar como se não houvesse amanhã.

Eu bufei. — É meio difícil não deixar nada estragar esse dia quando seu noivo preferia estar se casando com outra pessoa. Isso não é realmente algo que eu esperava. Este casamento não é sobre mim, e você sabe disso. Todos vão compará-lo com o casamento fracassado de Fina e vão me comparar a ela.

Anna encolheu os ombros. — E daí? Deixe-os. Você não precisa ter medo dessa comparação, Sofia. Você é linda pra caralho. As pessoas olharão para você por esse fato e não porque estão comparando você a sua irmã. Ela se foi há muito tempo. Ela fugiu com o inimigo. Ninguém dá a mínima para ela.

— A influência de Leonas sobre você é óbvia, —disse com uma risada.

— Ele gosta de pensar que é por causa dele que estou usando a palavra com F com tanta frequência. Mas faço isso apenas para irritar Santino, e meio que pegou.

Revirei meus olhos. — O que está acontecendo entre vocês dois?

Anna fez um gesto de desprezo. — Não vamos entrar nisso hoje. Este é o seu dia.

Procurei seus olhos. Ela estava escondendo algo de mim. — Como você se livrou de sua paixão por Santino? Gostaria que funcionasse comigo também. Simplesmente não quero mais estar apaixonada por Danilo.

Anna inclinou a cabeça em consideração. — Você tem a desvantagem de ter que se casar com ele. Isso torna meio difícil esquecê-lo.

Como se eu não soubesse.

— Você é realmente apaixonada pelo Danilo ou pela imagem que tinha dele? Porque acho que ele tem sido um idiota, e não é alguém por quem você quer estar apaixonada.

Levantei minhas sobrancelhas.

Anna riu e revirou os olhos. — Sim. Sim. Você saber melhor, no entanto. Você é do tipo razoável.

— Você engana quase todo mundo ao pensar que é razoável também.

Ela me deu um sorriso. — Prefiro que as pessoas me subestimem.

— Elas o fazem.

Sorrimos uma para a outra. Suspirei. — Você sempre me faz sentir melhor.

— Você deve aproveitar hoje. Beba algumas taças de champanhe, dance até doer os pés. Não dê a mínima para Danilo, noivo ou não. Se ele não consegue ver como você é bonita, é perda dele. Não tente ser outra pessoa. Você é demais. Ele vai perceber isso eventualmente, e se não, então encontre um bom amante para você.

Meus olhos se arregalaram. — Danilo iria rasgá-lo em pedaços. Ele não é um político.

Anna franziu os lábios, um brilho nos olhos. Ela sempre soube como iluminar o clima com suas travessuras.

Limpei minha garganta. — Obrigada por me apoiar. Não sei o que teria feito sem você nestes últimos meses. Você é minha melhor amiga e eu te amo.

Anna engoliu em seco e olhou para o teto, piscando rapidamente. — Não me faça chorar, Soph. Tenho uma reputação a defender. Trabalhei muito pelo título de Rainha do Gelo.

Eu ri. — Não se preocupe. Não vou contar a ninguém que você é sentimental.

Ela respirou fundo, em seguida, olhou para mim com um olhar severo. — Você está bem?

Eu assenti. — Estou agora.

— Que tal sobre hoje a noite? Você está preocupada por causa da última vez?

— Estou tentando não pensar nisso.

— Não o deixe te tratar como tratou na época.

— Ele não vai, — disse. — Ele foi cuidadoso e gentil no momento em que percebeu quem eu era. Era como se de repente ele não suportasse me tocar. — Tentei a máximo, mas não consegui evitar a amargura em minha voz.

— Confie em mim, ele vai querer tocá-la. Assumir o controle. Não deixe isso acontecer.

— Eu não vou.

A voz de papai veio do outro lado da porta. — Dois minutos.

Anna me olhou nos olhos. — Eu provavelmente deveria correr para minha família. Você vai ficar bem?

Respirei fundo e coloquei um sorriso firme no rosto. — Vá. Estou bem. — Ela deu um beijo rápido na minha bochecha, em seguida, saiu correndo e fechou a porta atrás dela.

Meus dedos tremeram quando alisei meu vestido de noiva e baixei o véu sobre o rosto. Este era o meu dia e, no entanto...

... não seria o meu nome que eles sussurrariam nos bancos hoje.

Porque eu era o prêmio de consolação.

A noiva substituta.

Pior de tudo, eu não era minha irmã.

Olhei para o meu reflexo, meu rosto turvo através da fina teia do véu. Vestida assim, eu quase parecia Serafina, menos o cabelo loiro. Menos ainda. Sempre menos. Mas talvez Danilo percebesse as semelhanças entre mim e minha irmã. Talvez, por um segundo, ele olhasse para mim com a mesma saudade que costumava dirigir para Serafina.

Antes que ele percebesse que eu não era ela. Antes que aquele olhar de decepção se estabelecesse em seu rosto novamente.

Menos do que ele desejava.

Arrancando o véu do meu cabelo, eu o joguei longe. Estava cansada de tentar ser outra pessoa. Danilo teria que me ver como eu era, e se isso significasse que ele nunca olharia para mim duas vezes, então que fosse. Eu era o suficiente.

Olhei para o meu celular. Coloquei no modo silencioso, mas o número de Serafina brilhou na tela. Ela tentou me ligar ontem também, mas ignorei suas tentativas de entrar em contato comigo. A culpa cintilou dentro de mim. Eu amava minha irmã, nunca deixei de amá-la, mesmo que minha família fingisse que sim. Por muito tempo, a ideia da ausência de Serafina no meu casamento me deixou terrivelmente triste, até que de repente não mais. Até que a ideia de tê-la aqui me deixou ansiosa. Se Serafina estivesse aqui, todos falariam apenas dela, mesmo que fosse pelas minhas costas, e não só isso, Danilo se depararia com o que havia perdido. Eu não queria seus olhos em ninguém além de mim. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre seus pensamentos, no entanto.

O número de Serafina finalmente desapareceu da tela e reprimi um suspiro de alívio. Eu queria que este dia fosse sobre mim. Falar com ela agora só aumentaria meus sentimentos de inadequação. Hoje, eu seria egoísta.

Papai pareceu surpreso quando entrei no corredor sem o véu, mas não fez comentários. Nós demos os braços e ele me levou escada abaixo para a garagem onde o carro nupcial esperava. Samuel estava ao lado dele, seus olhos vigilantes examinando os arredores. Em uma das mãos, ele segurava meu buquê de casamento, um lindo arranjo de flores brancas: rosas, lírios e flores menores e intrincadas. Quando seu olhar pousou em mim, seu rosto se iluminou, seu sorriso aliviando um pouco da minha ansiedade.

Papai me levou em sua direção. — Ela não está linda?

Samuel me puxou contra ele e beijou minha testa. — Não acredito que minha irmãzinha vai se casar hoje.

— Você é o próximo, —provoquei enquanto ele me entregava às flores. Ele se afastou e assentiu, o sorriso ficando mais tenso. Samuel não escolheu Emma porque a queria. Ele foi forçado ao vínculo em troca de Danilo se casar comigo. Às vezes, conseguia esquecer esse fato, mas agora voltava com uma força de sugar almas.

Samuel abriu a porta para mim e papai me ajudou a entrar no banco de trás com minha saia longa. Samuel sentou-se a frente enquanto papai se sentou ao meu lado. Então ele sinalizou para os guarda-costas nos carros à frente e atrás de nós, e partimos para a igreja.

Os nervos vibraram descontroladamente no meu estômago. Girei meu anel de noivado. Era lindo e eu ainda adorava. Às vezes, me perguntava por que Danilo havia escolhido um design diferente do de Serafina. Empurrei os pensamentos sobre ela para fora da minha mente. Ela não estaria fisicamente presente hoje, e eu não podia permitir que ocupasse espaço em minha mente, mesmo que me machucasse bani-la do dia mais importante da minha vida.

O trajeto até a igreja durou apenas cinco minutos. Ela foi escolhida com base em sua proximidade do hotel e local do casamento para evitar uma longa viagem. O motorista parou o carro bem na frente da entrada, onde quatro guarda-costas estavam em posição de sentido.

Papai pegou minha mão e a beijou. — Pronta, joaninha?

Balancei a cabeça, mesmo quando minha garganta ficou apertada. Era isso. Me casaria com Danilo hoje e me mudaria de casa. Como seria minha vida agora? Fui criada em um lar acolhedor e amoroso. Danilo tinha sido tão frio e contido, exceto por aquela noite, e a ternura que ele me mostrou depois foi inesperada.

Papai abriu a porta e saiu, e como Samuel, ele examinou nossos arredores antes de estender a mão para mim. Duvidava que alguém fosse me sequestrar. Nunca tive medo disso. A Camorra não tinha razão para fazer isso. Eles tinham o que queriam e eu esperava que a influência de Fina sobre seu marido impedisse que qualquer coisa acontecesse.

Coloquei meus dedos trêmulos nos de papai e ele apertou suavemente, dando-me um de seus sorrisos tranquilizadores. Com um sorriso próprio, manobrei para sair do banco de trás. Samuel deu um aceno rápido antes de entrar na igreja sinalizando para a pequena orquestra. Respirei fundo e dei a papai um aceno trêmulo.

No momento em que entramos na igreja, minha pele corou com o calor e meu pulso acelerou. Todos se levantaram, seus olhos voltados para mim. Centenas de convidados, a maioria dos quais eu mal conhecia, alguns nem mesmo pelo nome. Agora eu gostaria de ter mantido o véu. Isso teria me protegido de seu escrutínio e escondido meu próprio nervosismo pela audiência.

Acompanhados de violinos e um piano, papai e eu caminhamos lentamente em direção à frente onde Danilo esperava. Os bancos eram decorados principalmente em branco, mas ao contrário do meu buquê, os pequenos arranjos florais tinham rosas escuras adicionando um toque a cor suave.

Danilo parecia melhor do que em qualquer uma das minhas fantasias de casamento. Ele era alto e em forma, seu terno escuro acentuando sua constituição muscular e transmitindo poder e sofisticação. Ele usava uma gravata prata, muito adequada para sua personalidade descolada. Seus olhos castanhos nunca se desviaram de mim, mas sua expressão era impossível de ler. Não detectei uma centelha de nervosismo ou excitação. Ele estava composto e controlado, como se isso fosse um dever e nada para fazer seu pulso acelerar. Gostaria de poder ser como ele, mas mesmo agora, ansiava por um vínculo movido por amor e afeto, um vínculo que fosse mais profundo do que táticas políticas.



Quando Sofia tomou o lugar de sua irmã, há mais de seis anos, a considerei o prêmio de consolação. Ela era uma criança. Não tinha sido capaz de vê-la como nada além da garotinha bonita que me seguia como um cachorrinho perdido. Ela tinha sido uma consequência. Meus pensamentos giravam em torno de Serafina, do que foi tirado de mim,

do que perdi. Não consegui superar aquele golpe no meu orgulho, ainda lutava contra a raiva quase incontrolável quando pensava em Remo Falcone, e desde que ela fugiu com ele, Serafina também.

Eu não queria Serafina, não a mulher que ela se tornou, talvez a garota que desejei e ansiava possuir nunca tivesse existido em primeiro lugar. Ela era uma invenção das minhas fantasias, algo que construí para tornar a minha posse dela um triunfo ainda maior. Eu era jovem. Gostava da inveja de outros homens que a queriam para si. A compaixão e o prazer pela minha desgraça vinda deles após minha humilhação pelas mãos de Remo só aumentaram minha fúria e fome de vingança... e minha necessidade insaciável de provar meu valor.

Hoje, me considero uma pessoa diferente. Ainda sou muito orgulhoso, ainda estava faminto por vingança, mas não devoradora. Foi uma longa luta, uma que ainda estava lutando, mas a festa de cinco meses atrás apenas me estimulou.

No início e ao longo dos anos, comparei Sofia a sua irmã. Procurei semelhanças, indícios de que nosso vínculo também estava condenado. Casar-me com outra mulher Mione parecia uma tentação ao destino.

Ao contemplar minha jovem esposa caminhando em minha direção, percebi que ela tinha pouco de sua irmã e fiquei aliviado. Serafina e minha obsessão por ela quase me deixaram de joelhos. Sofia não era a irmã. Ela era menos equilibrada, menos controlada e carregava suas emoções em sua manga. Considerei essas características uma desvantagem, agora percebia que não eram.

Quando Pietro finalmente entregou Sofia para mim, sua palma estava fria e suada na minha. Ela encontrou meu olhar brevemente, então rapidamente o desviou, suas bochechas ficando vermelhas. A maneira como seus dedos não se fecharam em torno dos meus e a maneira como ela se afastou um pouco deixou claro que ela ainda não havia superado sua aversão à minha proximidade.

Desde o nosso encontro na festa, Sofia me evitou e sempre que nos encontrávamos, ela ficava nervosa e indiferente. Ela não tinha motivo para se envergonhar e certamente não precisava ter medo de

mim. Sua juventude e inexperiência justificavam seu comportamento tolo. Eu só tinha minha ira como explicação, e não era uma boa.

Me permiti apreciar Sofia, vê-la como ela era: uma jovem linda. Não um prêmio de consolação, não a irmã de Serafina.

E caramba, Sofia era deslumbrante. Fiquei feliz por ela ter parado de tingir o cabelo de loiro. Seu cabelo castanho contrastava lindamente com sua pele clara e olhos azuis bebê.

Ela tinha um punhado de sardas que nunca tinha notado antes, provavelmente porque a maquiagem as cobria, o que era uma pena, porque aumentava o charme de Sofia. Seu vestido não era pomposo como eu esperava. Ela optou por uma peça elegante e fluida que acentuava sua figura quase élfica. Tive dificuldade em tirar os olhos dela quando o padre começou seu sermão. Suas palavras tinham pouco significado para mim, mas com centenas de olhos em mim, eu tinha que fingir.

Fungadelas vinha dos bancos. Talvez mamãe. Inês costumava ser mais controlada, mesmo que sua máscara imaculada tivesse uma fenda desde o sequestro de Serafina. Afastei o pensamento. Hoje, o passado estaria adormecido.

Depois que o padre nos declarou marido e mulher, Sofia enrijeceu. Era hora do beijo. Desde aquela noite, meus sonhos foram preenchidos por Sofia. Beijá-la tinha sido apenas uma pequena parte das minhas fantasias. Vendo a reação de Sofia à minha proximidade, sabia que nossos encontros sexuais tomariam um rumo muito diferente dos meus sonhos, pelo menos até que pudesse mostrar a ela o quão bem eu poderia fazê-la se sentir. Eu não fui um amante egoísta no passado, mas minhas relações de uma noite com as loiras dificilmente foram sobre prazer e mais sobre destilar minha raiva. Claro, Sofia não sabia disso. Só podia imaginar como ela achava que seria nossa vida sexual. Embora eu gostasse de dominar e fosse uma amante exigente, o que Sofia testemunhara definitivamente não era o que tinha planejado para ela.

Virando-me totalmente para ela, assumi a liderança e segurei seu rosto. Ela encontrou meus olhos, e esperava que ela pudesse ver que, desse dia em diante, faria o meu melhor para fazê-la esquecer nosso encontro doloroso e todas as minhas outras merdas. Ela fechou os olhos quando me inclinei e pressionei meus lábios contra os dela. Este deveria ter sido nosso primeiro momento íntimo, a primeira experiência de Sofia. Talvez um dia ela só se lembrasse das coisas boas.

Quando me afastei, suas bochechas estavam vermelhas, mas ela ainda estava tensa. Seus olhos tremularam abrindo, lindos azuis e totalmente esperançosos. Esse era o olhar do passado... antes que eu esmagasse sua inocência em pó. Como se fosse uma deixa, sua expressão se tornou cautelosa. Ela desviou o olhar e soltei seu rosto, pegando sua mão. Os aplausos aumentaram entre nossos convidados, e logo todos estavam de pé, esperando para nos ver sair.

Peguei a mão de Sofia na minha e a conduzi pelo corredor e para fora da igreja, onde garçons com champanhe e petiscos esperavam por nós.

— Você está bem? — Murmurei antes que os primeiros convidados pudessem se aproximar de nós.

Sofia aceitou a taça de champanhe que estendi para ela e tomou um gole. — Claro.

Dante, Valentina e seus filhos apareceram diante de nós, interrompendo nosso momento. Quase uma hora de congratulações se seguiu antes que pudéssemos finalmente ir para o hotel para a festa.

Pegamos uma limusine, o que nos deu mais um momento de privacidade antes da festa. O vidro entre o motorista e nós estava erguido, então ele não poderia nos ouvir.

— Você gostou da sua aliança de casamento? — Perguntei, correndo meu polegar sobre o dedo dela. Escolhi anéis que tinham um efeito degrade, mudando gradualmente de ouro branco para ouro rosa. Meu anel era simples, o ouro branco mais proeminente, mas o ouro rosa dominava o anel de Sofia. Um lado era forrado por pequenos diamantes. Era para simbolizar nossas diferentes personalidades, a

minha fria e controlada, a dela calorosa e esperançosa, unindo-se com este casamento. Planejei dizer isso a ela durante o passeio de carro, mas agora não conseguia explicar a intenção emocional por trás dos anéis.

— É lindo. Nunca vi uma progressão de cor como essa.

Ela ficou em silêncio e eu estava mais uma vez sem saber o que dizer. No passado, Sofia havia tentado me envolver em um bate-papo, mas seu silêncio repentino me pegou despreparado. Normalmente, só falava de negócios com as pessoas. Emma era a única que me envolvia em outros tópicos, mas era ela quem conduzia a conversa. Não que eu não tivesse outros interesses, mas dava-lhes pouco espaço além do trabalho. E com Sofia, eu não sabia o suficiente para escolher um tópico.

— Você escolheu as flores? — Perguntei eventualmente e poderia ter batido em mim mesmo. Só faltava uma conversa sobre o tempo.

As sobrancelhas de Sofia franziram. — O esquema de cores, sim, mas Anna e minha mãe cuidaram dos arranjos.

— Você e Anna ainda são próximas.

Sofia me lançou um olhar severo. — Por que não seríamos?

— Ela foi a razão de você estar naquela festa.

Sofia soltou uma risada incrédula, puxando sua mão da minha. — Eu queria estar naquela festa para ver com meus próprios olhos como você caçava garotas loiras. Se tivesse que interromper o contato com alguém depois daquela noite, teria sido com você. — Ela fechou os lábios.

— Acho que mereço isso, — murmurei. Sofia se virou para a janela.

Se ela soubesse por que persegui aquelas meninas, talvez não levasse isso tão pessoalmente, mas não me senti confortável em compartilhar minha maior fraqueza com ela.

Era hora de nossa primeira dança. Sofia tinha desempenhado seu papel até agora. Ninguém poderia imaginar que ela não era a noiva feliz que retratou com tanta habilidade. Percebi uma piscada ocasional de frustração em seus olhos, no entanto. Provavelmente porque eram direcionadas a mim. Como de costume, meu orgulho me impediu de pedir desculpas. Em vez disso, fingi que não percebi seu humor azedo.

Todos se levantaram ao nosso redor, esperando nossa dança. Me levantei e estendi minha mão para Sofia pegar. Com um sorriso gracioso, ela me deixou colocá-la de pé e levá-la para a pista de dança. Seus dedos pareciam um pouco rígidos nos meus e uma onda de nervosismo surgiu em seu rosto. Puxei Sofia em meus braços, minha palma na parte inferior das suas costas. Ela não relaxou em meu aperto, mas seguiu facilmente minha liderança. — Você está pelo menos se divertindo um pouco?

Sofia ergueu os olhos surpresa, seus passos vacilando por um instante, mas então ela se moveu novamente. — Sim, estou, — disse ela rapidamente. Era educado e imparcial. Esta não era a garota que eu lembrava de encontros anteriores.

Dei um aceno conciso. — Você está brava? — Tive dificuldade em analisar seu humor. Raiva fazia parte disso, mas havia mais. Ela se sentia desconfortável perto de mim, e só culpei seu nervosismo devido ao nosso infeliz encontro na festa, mas agora não tinha certeza.

— Porque estaria? — Ela perguntou, mas sua postura havia se tornado ainda mais tensa.

— Por causa do que aconteceu na festa.

Suas bochechas ficaram vermelhas e ela franziu a testa contra o meu peito antes de seu rosto suavizar em seu sorriso agradável novamente. — Você não sabia que era eu.

Seu tom e olhos traíram suas palavras como falsas. Se ela quisesse me enganar, precisava praticar mais. — Isso é verdade, mas não significa que você não me culpe.

Uma sugestão de frustração brilhou em seu rosto. — Devo culpá-lo? — Sua voz deixou claro que ela estava dizendo isso como uma

pergunta retórica. Não estava acostumado a me justificar, então a raiva levantou sua cabeça feia.

— Você não deveria estar em uma festa, Sofia. Não estávamos casados ainda, então ainda estava dentro dos meus direitos fazer o que quisesse. — Nossa conversa estava tomando o rumo errado. Depois de tudo, me senti culpado, mas agora, confrontado com isso, simplesmente não conseguia admitir minha culpa. Orgulhoso pra caralho, queria me chutar.

— Muitos homens continuam fazendo o que bem entendem. Os homens sempre fazem o que querem, não importa o dano que causem.

Foi a coisa mais desafiadora que já ouvi de Sofia. Fiquei feliz em ver que ela reagiu. Estava preocupado que sua juventude a tornasse uma coisinha frágil que nunca me enfrentaria. Se ela mostrou algum atrevimento no dia do nosso casamento, isso era promissor. — Certamente não farei o que quiser agora que estamos casados. — Quase acrescentei que havia parado de sair com outras mulheres desde a festa, mas meu maldito orgulho manteve as palavras sob controle. Parecia uma fraqueza admitir em voz alta.

— Isso é bom, suponho.

Não tive a chance de responder por que nossa música acabou e era a minha vez de dançar com Inês. Como sempre, sua aparência me deu uma estranha sensação de déjà vu prematuro, como se ela refletisse o futuro que poderia ter existido. Ela era como a versão mais velha de Serafina. Se as coisas não tivessem tomado o rumo que tomaram, essa poderia ter sido minha realidade em vinte anos. Ao contrário dos anos anteriores, não senti uma pontada com esse pensamento. Meus olhos seguiram Sofia enquanto ela dançava com Dante, já que ela não podia dançar com meu pai. Estava feliz por ter Sofia ao meu lado, mesmo temendo que nossas primeiras semanas fossem um desafio.

— Você não consegue tirar os olhos dela, não é? — Inês perguntou com um sorriso satisfeito enquanto seguia meu olhar em direção a sua filha.

Ela estava certa. Tive dificuldade em desviar os olhos dela. Ela era deslumbrante e agora era minha. O que havia acontecido antes, agora era irrelevante. Não podia negar que a desejava. Era como se um interruptor tivesse sido acionado, especialmente agora que tinha todo o direito de reclamá-la. Dado o nosso último encontro, presumi que Sofia não estava tão interessada em dividir a cama comigo esta noite, mas eu levaria meu tempo dando prazer a ela para aliviar suas preocupações.

Meus pensamentos descarrilaram quando meus olhos passaram por Emma. Ela estava sentada à nossa mesa, observando a pista de dança. Ela colocou seu rosto corajoso, uma expressão com a qual eu estava muito familiarizado. Mais uma vez, ela estava sentada à margem da vida, forçada a vê-la passar por ela. Isso me irritou e me fez sentir culpado novamente. Samuel estava dançando com Valentina, e Emma os seguia com anseio.

— Você quer ir até ela? — Inês perguntou suavemente.

— Quando a música terminar.

No momento em que o último acorde tocou, pedi licença para sair da pista de dança. Pelo canto do olho, vi Samuel dançando com Anna. Senti a necessidade irracional de cruzar a pista de dança e socar sua cara estúpida. Era seu trabalho cuidar de minha irmã. Ela era sua noiva, pelo amor de Deus, e em apenas duas semanas seria sua esposa. Em vez disso, ele estava se divertindo enquanto Emma sofria em silêncio por trás de sua máscara pública. Ela era uma mulher tão bonita, mas tudo o que alguém via era a cadeira de rodas. Isso me deixava irracionalmente zangado.

Parei na frente de Emma, tentando esconder minha raiva dela. Normalmente, isso apenas a envergonhava. — Você e Sofia eram um par tão impressionante na pista de dança, — disse ela.

— Por que você está aqui sozinha? — Disse em um tom que mal disfarçou minhas emoções. Mamãe estava dançando com um dos capitães e parecia estar se divertindo muito. Não que eu não quisesse que ela fosse feliz; ela tinha sofrido o suficiente após a morte de papai, mas deveria ficar de olho em Emma.

Emma franziu a testa. — Gosto de assistir e não quero que as pessoas se sintam obrigadas a ficar comigo.

Fiz um som de desprezo. Então estendi minha mão. — Dança comigo?

Emma parecia quase ferida quando perguntei. — Danilo...

— Você sempre gostou de dançar.

— Gostava, quando tinha pernas capazes de dançar, — ela sibilou.

Me inclinei e deslizei um braço sob suas pernas enquanto o outro a apoiava pelas costas antes de levantá-la da cadeira de rodas. Seus olhos se arregalaram.

— O que você está fazendo? — Seus olhos examinando a multidão, todos estavam assistindo. Não me importei. Se um deles dissesse uma única palavra, faria disso um casamento sangrento.

— É meu casamento e quero dançar com minha irmã, —disse firmemente enquanto a segurava contra meu peito. Seus braços finalmente envolveram meu pescoço e ela me lançou um olhar que sugeria que eu estava delirando.

— Você não pode me carregar através de uma dança. Sou muito pesada.

Eu a carreguei para a pista de dança e as pessoas abriram espaço para nós já que precisávamos de um espaço maior para dançar devido ao jeito que eu estava segurando Emma. — Você está sugerindo que não sou forte o suficiente?

Emma sorriu gentilmente. — Você é o homem mais forte que conheço.

Comecei a dançar ao som da música com Emma em meus braços, ignorando os olhares curiosos, mas fazendo carranca para aqueles que ousavam sentir pena da minha irmã. Ela não queria a pena deles. Logo, Emma começou a rir enquanto girávamos com a música. Quando a dança acabou e a carreguei de volta para sua cadeira de rodas, ela não me soltou imediatamente, mas se agarrou ao meu pescoço por alguns segundos.

— Muito obrigada. Você é o melhor irmão que eu poderia desejar. — Beijei sua têmpora e me endireitei.

Sofia se aproximou de nós. Pela primeira vez desde a festa, ela olhou para mim como no passado, como se eu fosse um homem além dos meus pecados. Não era minha intenção, mas ver isso me deu esperança de que Sofia esqueceria o que tinha acontecido. Claro, era hipócrita da minha parte esperar que ela deixasse o passado para trás tão rapidamente quando eu ainda me agarrava a ele. Ela tocou levemente meu ombro, um elogio silencioso. — Sua dança foi linda, — ela disse para o óbvio embaraço de Emma. Então afundou ao lado de Emma com um suspiro audível e tirou os saltos altos.

— Você precisa dançar com a mamãe agora, — Emma me lembrou. Organizadora da minha vida. Mamãe estava realmente vindo em minha direção, determinada a seguir a etiqueta. Eu, porém, estava relutante em deixar Emma.

— Tudo bem se eu sentar ao seu lado um pouco? — Sofia perguntou a Emma, que mordeu o lábio.

— Você deveria dançar. Você não tem que ficar aqui comigo. Está tudo bem. Não me importo em assistir.

Sofia se aproximou de Emma e começou a massagear seus pés. — Para ser honesta, meus pés precisam de algum descanso. Meus saltos altos estão me matando.

O sorriso de Emma se iluminou.

Eu poderia ter beijado Sofia. Sua bondade era impressionante e tornou meus próprios atos egoístas do passado ainda mais desprezíveis.

Depois de mais algumas danças, consegui escapar da pista e fui em busca de Samuel. O encontrei no pátio do hotel, digitando em seu telefone. Ele ficou tenso e olhou para cima com a minha abordagem.

— Precisamos conversar, —murmurei, minha voz mordaz.

Uma de suas sobrancelhas ergueu-se daquele jeito irritante que ele fazia. Seu celular piscou com uma mensagem. Não vi as palavras, mas não perdi os emojis de beijo. Eu me aproximei da cara dele. — Espero que não seja o que estou pensando.

Ele estreitou os olhos para mim e deslizou o telefone no bolso. — Que tal você cuidar da sua vida, Danilo?

— Você vai se casar com minha irmã em duas semanas. Não vou deixar você desrespeitá-la saindo com outras mulheres, entendeu?

Ele zombou. — Não dou a mínima para o que você quer. Ainda não sou casado com sua irmã, então o que eu faço nas próximas duas semanas é da minha conta. E se bem me lembro, você fodeu várias loiras de uma forma muito eficaz para a imprensa longo dos anos. Como você chama isso, se não desrespeitar Sofia?

Ele tinha razão, mas não admitiria. — Isso foi muito antes do casamento, sem falar que não pretendia que nada chegasse à imprensa.

— Pelo menos mantenho minha porra privada, — Samuel retrucou.

Ignorei seu comentário. — E que porra você estava pensando deixando Emma sentar sozinha enquanto todos dançavam? Como seu noivo, é seu dever fazer-lhe companhia. Ela vai perceber que você não a quer se continuar assim.

— Fui até ela e perguntei se queria minha companhia, mas ela me disse para ir dançar. E talvez você deva se concentrar em garantir que Sofia seja feliz. Ela é sua esposa e, até agora, você foi um noivo de merda. Não tenho muita esperança em suas habilidades como marido. Foi muito embaraçoso como você continuou perseguindo aquelas garotas loiras como um idiota que não conseguiu superar ser largado.

Bati meu cotovelo contra sua garganta. — Talvez eu apenas goste de loiras, Samuel. Não sou eu que estou deprimido há anos porque minha irmã escolheu o inimigo e não sua suposta alma gêmea.

Samuel me empurrou para trás e logo estávamos lutando.

— O que vocês estão fazendo? — A voz horrorizada de Sofia nos fez parar.

Limpei a garganta e endireitei meu terno e gravata. Samuel fez o mesmo, mas não sem me lançar um olhar mortal. Como se isso tivesse algum efeito em mim.

— Por que vocês estão lutando como duas crianças de cinco anos? — Sofia perguntou, ficando entre nós como se estivesse preocupada que poderíamos pular na garganta um do outro novamente se não o fizesse.

— Acabamos de ter uma pequena desavença. Nada para você se preocupar, — disse.

Ela balançou a cabeça e olhou para Samuel. — Talvez você devesse ir até Emma. — A voz dela é severa e, para minha surpresa, ele saiu sem dizer mais nada.

Sofia se virou para mim. Agora que estávamos sozinhos, um pouco de sua confiança diminuiu. Ela estava definitivamente nervosa por estar sozinha comigo.

— Isso não deveria ter acontecido no nosso casamento, —disse como minha versão de um pedido de desculpas.

— Você está certo. Existem algumas coisas que não deveriam ter acontecido em nosso passado. Talvez devêssemos tentar minimizá-las.

— As coisas nem sempre são tão fáceis como você pode pensar. O mundo não é preto e branco.

Ela bufou. — Eu sei como é o mundo, não se preocupe. Não sou mais uma menina ingênua de onze anos.

— Remo destruiu mais de uma vida.

— Talvez Remo tenha começado o processo de destruir minha visão inocente do mundo, mas você terminou o trabalho há cinco meses. — Seus lábios formaram uma linha fina assim que as palavras saíram, seus olhos arregalando.

Congelei. Eu não podia acreditar que ela estava me comparando com aquele homem. Me aproximei dela até que ela teve que inclinar a cabeça para trás. — Não me compare com aquele monstro. Não sou como ele.

— Eu não sei quem você é, — ela sussurrou. — Eu achei que soubesse, mas naquela noite vi um lado seu que gostaria que não existisse.

— Nunca quis te machucar. Se eu soubesse que era você debaixo daquela peruca, nunca teria te tocado.

— Eu sei, — ela disse amargamente. — Se você soubesse que era eu, teria me ignorado como fez todos esses anos.

Balancei minha cabeça. — Você era uma criança.

— Eu não era Serafina.

Minha pulsação disparou como sempre acontecia quando ouvia esse nome e a onda familiar de fúria passou por mim. Senti o desejo quase irresistível de empurrar Sofia contra a parede e beijá-la, em seguida, deslizar minha mão sob sua saia e fodê-la.

Anna apareceu na porta, olhando entre Sofia e eu. — Posso falar com você, Sofia? — Afastei-me de minha esposa, enfiando as mãos nos bolsos. Anna me lançou um olhar curioso.

Sofia acenou com a cabeça quase atordoada. Uma centelha de desconforto refletida em seu rosto – uma expressão que criei. Porra. Precisava me controlar em torno dela. Eu já estraguei tudo uma vez. Preciso me controlar e ser o cavalheiro que Sofia esperava.

Ela desapareceu com Anna sem dizer mais nada. Não precisava ser um gênio para saber que as meninas falariam sobre mim.

Claro, Pietro me interceptou no meu caminho de volta para a festa. — Posso falar com você? — Havia um tom áspero em sua voz.

Não estava com humor para um sermão de pai preocupado, mas ofender meu sogro no dia do meu casamento também não estava na minha agenda, então o segui de volta para o pátio. Ele pegou dois charutos e estendeu um para mim. — Cubano. O melhor que você pode conseguir. Um não vai te matar.

Peguei o charuto. Pietro pegou a faca e cortou a ponta do seu charuto e depois do meu. Suprimi um bufo com esse gesto. Tinha a sensação de que tirar sua faca era para enviar um aviso silencioso. Fumamos nossos charutos em silêncio por alguns minutos antes de Pietro finalmente ir direto ao ponto. — Eu não pude proteger uma filha, mas estou determinado a proteger Sofia. — Não deixei passar que ele evitou o nome de Serafina.

— Sofia é minha esposa e posso garantir que vou protegê-la, e se você se preocupa em ter de protegê-la de mim, juro que não precisará. Já te dei um motivo para duvidar de mim?

Pietro balançou a cabeça lentamente. Eu me perguntei como essa conversa seria se admitisse o incidente da festa. Tinha a sensação de que seria difícil para Pietro não usar a faca contra mim. — Samuel mencionou algumas preocupações em relação à sua conduta com outras mulheres no passado.

Eu ia matá-lo. — Há uma diferença entre aquelas mulheres e minha esposa. Sem mencionar que aquelas mulheres gostavam disso, então, mesmo com elas, não tenho nada pelo que me sentir culpado.

Pietro suspirou e deu outra tragada profunda no charuto. — Sofia é apaixonada por você. Isso é um consolo. Só não estrague tudo.

Um pouco tarde demais para esse aviso. Assenti.

QUINZE



Estava lá novamente. Aquele brilho predatório nos olhos de Danilo. Desta vez, dirigido a mim, mas eu era realmente a fonte de sua paixão? Afinal, ele havia se transformado nessa versão desequilibrada de si mesmo no momento em que mencionei Serafina, como se apenas o nome dela pudesse arrancar dele emoções que eu não podia. Os dedos de Anna agarraram meu pulso enquanto ela me arrastava em direção aos banheiros. Uma vez que estávamos dentro e sozinhas, ela se virou para mim com um olhar preocupado. — O que estava acontecendo?

— Nossa primeira discussão como um casal, — disse com um pequeno encolher de ombros, tentando minimizar.

— Ele parecia chateado e você parecia assustada.

— Não foi nada. Ele apenas me lembrou daquela noite por um momento.

A porta se abriu e duas garotas das quais eu era parente distante entraram, rindo. Anna e eu fingimos retocar nossa maquiagem. As meninas nos deram sorrisos tímidos, então rapidamente saíram correndo depois de usarem o banheiro. Anna costumava causar esse efeito nas pessoas.

Anna apoiou o quadril contra a pia e me deu aquele olhar maternal que sempre adotava. — Eu preciso me preocupar com você esta noite?

Revirei meus olhos. — Danilo é meu marido. A menos que eu mencione Fina, não vou aumentar a frequência cardíaca dele, ou qualquer outra coisa, não se preocupe.

Anna estreitou os olhos em contemplação. — É com isso que estou preocupada. Escute, Sofia, sei que você esperava fogos de artifício entre você e Danilo no momento em que se casasse, mas casamentos arranjados não são assim. Isso dá trabalho. É bom que Danilo trate você com respeito, porque é isso que um marido deve fazer.

— Gosto que ele me trate com respeito, mas tem que ser assim... distante? É como se não fosse difícil para ele ser um cavalheiro, porque não tem pensamentos indecentes sobre mim.

— O jeito que ele olhou para você não era nada decente, — Anna disse com uma risada.

— Sim, porque eu mencionei Fina.

— Talvez você deva parar de mencioná-la.

Ela estava certa. Eu era como um disco quebrado quando se tratava de minha irmã. — Eu sei.

Anna olhou para o relógio. — São quase nove. O bolo de casamento será cortado em breve. Você não pode perder. — Voltamos para a festa. Mamãe chamou minha atenção no segundo em que entrei, obviamente preocupada. Tinha sumido por um tempo. Ela se inclinou quando cheguei à nossa mesa. — Há algum problema?

Sorri. — Não, Anna e eu estávamos batendo papo.

Um olhar de cumplicidade passou pelo rosto de mamãe. Ela provavelmente achou que Anna e eu estávamos conversando sobre minha noite de núpcias, o que era tecnicamente verdade. — Tenho certeza de que Valentina conversaria com você também. Afinal, ela já é casada.

Balancei minha cabeça rapidamente. Uma conversa sobre sexo com minha tia era a última coisa que eu precisava. Felizmente, as luzes diminuíram. Danilo veio na minha direção. Não o tinha notado antes. Ele estendeu a mão, aquele sorriso educado de volta no lugar. Coloquei meus dedos nos dele e ele gentilmente fechou a mão em torno deles.

Era bom ficar de mãos dadas com ele. Sempre foi assim. Continuei olhando para ele enquanto íamos para o centro do salão onde o bolo seria colocado. Aplausos soaram quando alguns garçons empurravam uma mesa com o bolo de casamento de quatro andares. No topo havia duas pequenas estatuetas, uma noiva de cabelos castanhos e seu noivo.

Danilo e eu cortamos o bolo e depois trocamos um pedaço. O creme de chocolate derreteu na minha língua. Este era o último ponto programado do nosso casamento. Depois disso, estávamos livres para nos retirar para consumar o casamento. Meu estomago revirou de nervosismo. Danilo deve ter visto alguma coisa porque se abaixou para sussurrar no meu ouvido. — Eu não queria te assustar.

— Você não o fez, —disse rapidamente. Muito rapidamente.

Danilo se endireitou porque nossos convidados se reuniram ao redor da mesa para lhes servirmos o bolo. Depois de quinze minutos, os garçons assumiram o lugar e voltamos para a nossa mesa. Nossa família estava comendo bolo e conversando, parecendo relaxada e feliz. Até mesmo papai e Samuel perderam sua atitude vigilante. O álcool provavelmente era responsável por isso.

Tomamos nossos lugares e Danilo caiu em uma conversa fácil, mas minha mente estava longe. Cutuquei meu bolo e pulei quando Danilo tocou minhas costas. — Que tal nos recolher? Você parece cansada.

Estava exausta, mas a adrenalina bombeou em minhas veias com suas palavras. Ainda assim, balancei a cabeça com um pequeno sorriso. Era ridículo adiar o inevitável.

Danilo voltou-se para a nossa família. — Se vocês nos derem licença, gostaríamos de nos recolher.

Papai e Samuel se levantaram imediatamente e o olhar que enviaram a Danilo fez meu rosto corar de calor. Danilo, porém, ignorou as tentativas de matá-lo com os olhos. Mamãe me abraçou constrangedoramente por muito tempo, como se não fôssemos nos ver novamente pela manhã.

Anna chamou minha atenção. Dei a ela um sorriso firme.

Danilo roçou minhas costas e me afastou de nossos convidados. O resto do salão já havia percebido nossa partida e formaram um túnel aplaudindo enquanto nos conduziam para fora. Alguns dos homens piscaram para Danilo ou gritaram algo para ele que felizmente não entendi.

Fiquei aliviada quando saímos do salão de baile e seguimos pelo corredor silencioso. Danilo me levou até a garagem subterrânea onde estacionou o carro. Não passaríamos a noite na suíte do hotel, embora tivéssemos reservado. Em vez disso, íamos para a mansão Mancini, minha futura casa.

Danilo me lançou um olhar ocasional, mas mantive meus olhos fixos à frente, tentando parecer composta e equilibrada, tentando ser tudo que não era. Ele segurou a porta aberta para mim e deslizei no assento. Demorei alguns minutos para ajeitar minha saia em volta de mim, então Danilo fechou a porta e sentou-se atrás do volante.

Quando ele ligou o motor, a música começou a tocar. Não era nada com o que eu estava familiarizada. Eu era mais uma ouvinte de música do Top 100, mas essa parecia uma música mais antiga.

— Você quer que eu abaixe o volume? — Danilo perguntou enquanto dirigia o carro para longe do hotel. Alguns convidados, minha família e Anna entre eles, acenaram para nós. Eu acenei de volta com um sorriso. Anna me deu um polegar para cima, o que me arrancou um sorriso.

Ela estava certa. Esta noite, estava sob meu controle. Não tinha que aceitar qualquer coisa que o destino reservou para mim como uma donzela em perigo. Na verdade, estava ansiosa para estar com Danilo. Eu não deixaria o desastre da festa arruinar isso para mim.

— Sofia? — A voz de Danilo era preocupada quando ele me lançou um olhar antes de voltar sua atenção para o tráfego.

— Não, eu gosto de ouvir música, —disse, feliz pela voz masculina profunda tocando nos alto-falantes e enchendo o carro. Sem ela, Danilo e eu teríamos que conversar, e eu não estava em estado de espírito para ter uma conversa trivial interessante.

Danilo assentiu.

A música era melancólica, quase um sentimento de tristeza. Não era a música que eu teria escolhido para o dia do meu casamento, mas talvez refletisse os sentimentos de Danilo.

— Quem é esse? — Eu perguntei eventualmente, mais para me distrair de meus pensamentos desesperados do que qualquer outra coisa.

— Depeche Mode.

Balancei a cabeça como se estivesse familiarizada com a banda, mas na verdade nunca tinha ouvido falar deles e, a julgar pelas duas músicas que ouvi, não era o tipo de música que eu ouviria por escolha própria.

— Eles parecem deprimentes. — No momento em que as palavras saíram da minha boca, poderia ter me chutado. Não queria saber por que Danilo ouvia esse tipo de música.

Ele considerou isso como se não tivesse notado. — Nunca enxerguei assim.

Depois disso, o silêncio caiu sobre nós novamente e optei por focar na rua e não no meu marido.

Meu marido. Esperei tanto para chamar Danilo de meu marido, e agora a alegria esperada não veio. Danilo parou na frente de sua mansão. Nunca estive aqui antes. Era uma linda propriedade de três andares com janelas em arco no segundo andar e degraus de pedra que se estendiam até a porta de madeira da frente. Estava muito escuro para distinguir a cor exata, mas parecia ser um arenito claro.

— Esta era a casa dos meus avós. É a propriedade original da família Mancini. Meus pais se mudaram para sua própria casa quando se casaram.

Eu balancei a cabeça, imaginando quantas empregadas seriam necessárias para limpar esta casa. Pelo tamanho, acho que tinha pelo menos quarenta quartos, provavelmente mais.

Danilo estacionou na garagem, saiu e abriu a porta para mim. Peguei sua mão estendida e o deixei me levar para dentro de casa.

Estava quieta e deserta. O silêncio deu lugar à minha ansiedade, mas tentei ignorá-la.

Não conversamos enquanto Danilo me guiava pela escada de mármore branco em direção ao quarto principal. Sempre cavalheiro, Danilo abriu a porta para mim, gesticulando para que eu entrasse. Pelo menos, ele era um cavalheiro comigo. Mas me lembrei do outro lado dele. Seu lado raivoso e desenfreado. Lhe dei um sorriso tenso e entrei no quarto. Com um clique suave, a porta se fechou atrás de mim e ficamos sozinhos. Completamente sozinhos pela primeira vez desde nosso horrível encontro, cinco meses atrás.

Entrelacei meus dedos para impedi-los de tremer e levei meu tempo observando o ambiente. O piso e os móveis eram feitos de madeira escura, um design muito discreto. Não havia nada acolhedor na sala. Era para fins práticos, não para conforto ou mesmo relaxamento. Meus olhos dispararam rapidamente para a cama, uma peça de madeira escura king-size com lençóis cinza simples.

O pânico borbulhou dentro de mim.

Apesar da minha atração, temia estar com ele novamente. Ele foi assustador durante nosso último encontro, e a dor... a dor ainda estava fresca em minha mente. Fiquei dolorida por dias. Ele não tinha sido como o imaginei, gentil e amoroso, sussurrando palavras de adoração. Talvez as primeiras vezes nunca sejam assim. Talvez estivessem fadadas a ser horríveis, mas isso não era um consolo.

O silêncio ainda reinava entre nós, mas desta vez nenhuma música melancólica poderia encobri-lo. Minha respiração parecia alta. Ousei olhar para Danilo. Ele estava perto da porta, olhando para mim com uma pequena carranca, como se não tivesse certeza do que fazer comigo agora que me tinha sozinha. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos. Alto e bonito, um homem que tinha experiência com mulheres e governava seus homens há muitos anos.

Talvez minha preocupação fosse infundada. Ele não sentia uma forte paixão por mim. O passado não se repetiria e, de alguma forma, isso também me deprimiu. Eu queria paixão, não apenas a paixão

alimentada pela fúria do nosso último encontro. Queria beijos ardentes e camisas rasgadas, botões voando e calcinhas arrancadas.

Danilo caminhou em minha direção, fazendo-me amassar meus dedos com mais força. Seus olhos observaram meu cabelo. — Geralmente prefiro seu cabelo solto, mas este estilo realmente combina com você. Faz você parecer uma *lady*.

— Era para me fazer parecer sofisticada, — disse baixinho, minha voz tremendo.

Danilo assentiu lentamente. Seus olhos pareciam ver direto em meu cérebro, o que só me deixou mais nervosa. Ele estendeu a mão para mim e tocou meu braço, acariciando do meu cotovelo até o ombro por cima do tecido fino da minha manga. Enrijeci, embora o toque fosse maravilhoso, mas meu corpo reproduziu outras imagens. A verdade era que não conhecia o homem na minha frente. Não havia memórias bonitas, e a única memória importante que compartilhamos não era agradável. A única coisa que sabia sobre ele era que ele queria outra pessoa, provavelmente ainda minha irmã.

Danilo tirou a mão do meu braço e segurou minha cabeça antes de dar um beijo suave na minha testa como se eu fosse uma criança. — Foi um longo dia. Troque de roupa e vamos dormir.

Danilo não queria me tocar. Porque não era a mim que desejava, não era meu corpo que ele queria reivindicar, não era meu rosto ao lado do qual ele queria acordar. — Você quer que eu me apronte primeiro?

Quase preferia nossa primeira intimidade dolorosa, qualquer coisa era melhor que sua ignorância, essa sensação de ser menos do que ele desejava, não importa o quanto eu tentasse ser o suficiente.

Jurei a mim mesma não me importar, mas me importava muito. Queria seu desejo, seu amor, sua paixão. Tudo.

Balancei a cabeça bruscamente e entrei no banheiro, fechando a porta atrás de mim. Não reconheci a garota no espelho, uma ocorrência que parecia se repetir ultimamente. Uma noiva em seu lindo vestido com olhos cansados e desesperados. Sempre achei que deliraria de felicidade no dia do meu casamento. Mesmo em casamentos arranjados,

o marido geralmente desejava a esposa e mal podia esperar para reclamá-la. Mas Danilo não me queria nem nesse aspecto, muito menos do jeito que eu o queria. Beijos abrasadores e calcinhas rasgadas... um sorriso amargo torceu minha boca por minhas fantasias idiotas.

Uma criada deve ter preparado minha camisola para a noite. Estava cuidadosamente dobrada em um banquinho no canto ao lado da banheira. Uma linda e sexy peça de seda com acabamento em renda vermelha. Uma cor que me caía muito bem, Anna me assegurou. Tirei meu vestido de noiva, percebendo que era isso. O dia com que sonhei desde que era uma garotinha veio e se foi, e me senti horrível. Lágrimas encheram meus olhos e escorreram pelo meu rosto enquanto eu removia minhas ligas e calcinha. Depois de um banho rápido, coloquei minha camisola e a calcinha de renda combinando. Olhando no espelho, me senti uma fraude na roupa sexy. O vermelho era ousado e sedutor, pretendia mostrar a Danilo o que ele tinha agora. Em vez disso, só me lembrou do quanto eu estava tentando. Ele não se importaria se eu saísse nua, por que ligaria se eu usasse lingerie sexy?

Preparando-me, voltei para o quarto. Danilo havia tirado o paletó e verificava o telefone. Ele o colocou na mesa de cabeceira quando me ouviu e olhou na minha direção. Algo cintilou em seus olhos, algo que me deu esperança, mas então sua máscara desinteressada de cavalheiro estava de volta, e me perguntei se eu tinha imaginado a cintilação.

— Por que você não vai em frente e tenta dormir. Vou tomar um longo banho. Vai demorar um pouco.

Aproximei-me dele, ainda com esperança. Ele me deu um sorriso tenso, mal olhando para mim enquanto ia ao banheiro.

O amei inocentemente, totalmente, desesperadamente com meu coração estúpido e ingênuo. Poderia aprender a odiá-lo com a mesma paixão?

Era uma questão de sobrevivência.

Eu não aguentava. Seu desinteresse, como ele evitou olhar para mim como se eu fosse repulsiva, como se não pudesse suportar nem por um segundo.

— Você não vai me reivindicar antes que outra pessoa possa? Achei que o sequestro de Serafina tivesse lhe ensinado uma lição — falei sem pensar. Não podia acreditar que aquelas palavras tinham saído da minha boca, mas ao mesmo tempo era bom liberar um pouco de raiva. Senti que poderia explodir a qualquer momento.

Ele se virou na porta do banheiro, seus olhos brilhando com raiva do passado. — O que?

— Só porque sou casada não significa que outra pessoa não vai me reivindicar. Você não quer me marcar como sua?

Me sentia quase tonta de desespero. Não queria repetir o que tinha acontecido na festa, mas também não queria esse cavalheiro sem paixão. Eu queria paixão e amor, ternura e luxúria. Queria Danilo totalmente para mim. Queria que ele esquecesse o que se foi e percebesse o que tinha.

Danilo se aproximou novamente. Suas narinas dilataram-se, uma veia em sua têmpora pulsando. Este era seu ponto fraco: Serafina.

— Remo não hesitou e olha o que ele conseguiu.

Sua raiva aumentou ainda mais. Era melhor do que sua expressão vazia, qualquer coisa era melhor do que isso. Ele diminuiu a distância entre nós em duas longas passadas, agarrou meus braços e me puxou contra ele.

O medo pulsava em mim, mas não podia recuar agora. Não queria. Essa raiva estava muito perto da paixão. Eu ansiava por mais.

— Você não vai pegar o que é seu? — Disse, esperando que Danilo não pudesse ouvir o tremor na minha voz.

Seu sorriso era duro. — Não enquanto você me olhar assim, — rosnou.

Assim como?

— Você não é um homem que pega o que quer?

Danilo me puxou para mais perto até que nossos peitos estivessem pressionados um contra o outro. Seu coração estava batendo ainda mais forte que o meu, e era bom saber que este homem controlado poderia ser tão facilmente perturbado por algumas palavras minhas, estúpida e ingênua. Seu aperto era forte, mas não doloroso. — O que você está fazendo, Sofia?

Sua voz estava encharcada de advertência e seus olhos me queimavam com sua intensidade. Senti suas emoções em cada fibra do meu corpo, e mesmo que não fossem as emoções que queria, as bebi faminta. Mas podia ver sua raiva diminuindo, seus dedos afrouxando.

— Talvez você precise que eu coloque uma peruca loira como da última vez. Talvez então possa terminar o que começou na festa.

Seu aperto aumentou. — Levá-la contra aquela árvore. Cego de raiva. Não foi isso que prometi à sua família, não foi o que prometi a mim mesmo.

Engoli. Eu estava perdendo, sua fúria, seu ódio apaixonado, e não queria isso. Podia me ver ficando bêbada com seu ódio ardente, podia me ver fingindo que era luxúria raivosa. Queria algo, qualquer coisa dele. Queria sentir como se tivesse algum tipo de poder, mesmo que fosse apenas sobre sua raiva.

— Remo pegou o que quis, e conseguiu tudo. Ele riu na sua cara e você deixou, — mordi. Danilo não me deixou terminar. Ele me empurrou para trás e caí na cama, então ele subiu em cima de mim.

— É isso que você quer? Ser fodida com raiva? A última vez não foi suficiente? É isso que você quer?

Seu corpo me pressionou para baixo e mesmo através do tecido da minha camisola eu podia sentir sua ereção crescendo. — É isso que você quer? —rosnou. Seus olhos estavam selvagens de raiva, mas a dor espreitava em suas profundezas. Isso estava o machucando tanto quanto me machucava?

Meu peito apertou com desconforto. Eu queria fazer amor em um lindo conto de fadas. Era muito velha para acreditar no último, muito realista para esperar pelo primeiro.

Um pouco da raiva foi drenada de sua expressão, arrependimento passando por seu rosto e ele começou a se afastar de mim. Minhas unhas cravaram no material caro de sua camisa, desejando que fosse sua pele, desesperada para tirar sangue e lhe dar um pouco da minha dor.

Não queria que ele se afastasse. Queria Danilo. Queria alguma parte dele. Qualquer coisa. — Remo sempre vai ganhar porque pega o que quer sem se importar com ninguém. Ele levou Fina. O coração dela. Sua virgindade. Ele levou tudo.

Danilo pairou sobre mim, a raiva colidindo de volta no lugar, sua respiração ficando mais alta. — Pare de mencionar o nome dele, Sofia.

— Por quê? Porque ele conseguiu o que você queria, e lhe restou alguém que você não quer? Alguém que você nem quer tocar, muito menos foder. — A palavra queimou minha língua e tive que me impedir de fazer uma careta. Não era uma palavra que havia usado antes. Parecia errada na minha boca.

Danilo balançou a cabeça, seu corpo pressionando com mais força contra mim.

— Leve-me antes que outra pessoa o faça, —sussurrei asperamente. Era uma coisa ridícula de se dizer. Ninguém me tocaria, não com as medidas de segurança de Danilo em relação a mim, mas abriu novamente o ferimento que o ataque de Remo havia deixado.

Os lábios de Danilo pousaram nos meus, mas desviei a cabeça, não querendo um beijo cheio de raiva. Meu primeiro beijo seria romântico e lindo, mesmo que isso significasse que nunca aconteceria. Ele respirou pesadamente em meus ouvidos. — Você não quer isso.

— Eu quero! Não finja que sabe o que quero. Apenas cumpra seu dever e foda sua esposa. Aposto que é o que Remo está fazendo agora.

Ele rosnou e pude ver seu controle estourando, sua fúria explodindo. Eu duvidava que fosse dirigido a mim, mas podia fingir que era. Ele puxou o cinto e as calças até que se abriram. Não olhei, com medo de perder minha coragem se o fizesse. Só me concentrei em seu

rosto, na bela máscara de raiva, no fogo em seus olhos que quase parecia paixão se não olhasse atentamente.

A raiva e a paixão eram muito semelhantes, percebi então. Ele não se preocupou em remover sua camisa ou calça antes de suas mãos deslizarem sob minha camisola e puxar minha calcinha para baixo. Ele moveu a cabeça mais para baixo como se quisesse me beijar entre as pernas, mas não queria isso. Eu não queria nenhum tipo de ternura ou afeto porque não era o negócio real. Não como sua raiva. Essa era a única emoção honesta que Danilo poderia me oferecer, e a absorveria como uma esponja.

— Não, —rebati, minha mão disparando para detê-lo. — Apenas faça. Foda-me como Remo fodeu Fina. — Me senti mal ao pronunciar essas palavras, mas tiveram o efeito desejado.

Danilo subiu novamente, seus olhos queimando nos meus com fúria inabalável quando alcançou entre nós e se alinhou. — Você vai se arrepender disso, mas cansei de me segurar. Se ser fodida é o que você quer, então é o que terá. Se quer que eu seja como Remo Falcone, é isso que ganhará. — O nome saiu como uma maldição de seus lábios. Minhas unhas cravaram nos ombros de Danilo, preparando-me para o que estava por vir, desafiando-o a pôr fim a isso, a nós.

Nossos olhos estavam presos e a onda de emoção nos dele me manteve cativa. Ele parecia querer destruir tudo. Cheio de raiva e dor. Seu corpo era uma pedra, congelado. Esperei pela dor, querendo me afogar em sua raiva e paixão alimentada por fúria.

Lutei pelo amor dele por anos e, em vez disso, consegui sua raiva. Vinha rápido e fácil, e esperava que acendesse a minha. Esperava que esta noite fosse um ponto de viragem para mim, do amor ao ódio.

A dor não veio. Olhei para Danilo, para a batalha em seus olhos.



Meu peito queimava de raiva e ódio tão potentes que ameaçava me fazer implodir. Remo. Serafina.

Dois nomes que nunca mais queria ouvir. Muito menos na minha noite de núpcias.

Meu pau estava duro. Era como as fodas movidas pela raiva no passado, e meu corpo reagiu a isso como se estivesse no piloto automático.

As unhas de Sofia cravaram mais fundo no meu ombro e ela soltou um suspiro trêmulo. O som explodiu em minha névoa de fúria, empurrando-a de lado para dar lugar à realidade. Minha esposa. Minha jovem esposa, que merecia muito mais do que foda com raiva. Não faria isso com ela.

Seus olhos azuis estavam congelados nos meus. Ela segurou meu olhar com uma ferocidade que me pegou de surpresa.

Congelei, ofegante. Que porra estava fazendo? Porra. Por que ela me pressionou? Por que deixei minhas emoções levarem o melhor sobre mim? Eu quase a fodi de raiva.

Meu pau amoleceu, superado pela repulsa ao meu próprio comportamento e confusão sobre o de Sofia. Suas sobrancelhas franziram, seus lábios se separaram. — O que você está fazendo? — Ela praticamente rosnou. — Achei que você queria me reivindicar.

Agora que minha fúria não liderava mais o show, detectei a insegurança e a mágoa por trás de seu tom rancoroso. Joguei minhas pernas para fora da cama e me sentei na beirada, longe de minha esposa. O doce perfume de Sofia se misturou ao meu cheiro almiscarado.

Encarei meu pau mole, lembrando como ele tinha ficado coberto pelo o sangue de Sofia depois da festa. Jurei a mim mesmo que sempre

a trataria bem, e apenas alguns segundos atrás quase a deixei me levar ao sexo furioso. — Porra, — murmurei, passando a mão pelo meu cabelo úmido de suor. — Isso não deveria ter acontecido.

Olhei para Sofia. Ela ainda estava deitada de costas, com as pernas separadas. Seu corpo me chamava como uma sereia, sua boceta convidativa, mas não queria que nosso sexo fosse assim, com Sofia como um gato ferido me arranhando em desespero.

A última vez foi desculpável. Não sabia que era ela. Achei que ela queria... mas esta noite seria absolutamente imperdoável. Mesmo que ela praticamente me incentivasse a fodê-la, a tomá-la como a porra de um animal, tinha que me controlar. Pelo menos até que ela realmente quisesse esse tipo de sexo. Mas olhando em seu rosto pálido, sabia que ela estava tão confusa quanto eu, e tudo o que ela queria, não era o que eu quase tinha feito.

— Sofia, — murmurei, tentando formar palavras para dar sentido à situação. — Isto... o que quase aconteceu. Isso não vai acontecer de novo. — Não era o suficiente.

O olhar de Sofia estalou para mim, mágoa e raiva cruzando seu lindo rosto. — Dormir com sua noiva substituta?

Ela se arrastou para o lado da cama e jogou as pernas para fora. Seus ombros estavam rígidos. Estendi a mão para ela, meus dedos escovando sua pele, mas ela se afastou. — Você deveria ter feito o que eu queria.

— Não minta para mim. Não sou cego. Pude ver em seus olhos que você não queria que nossa primeira vez fosse assim.

— Primeira vez? — Ela zombou.

— Aquilo não conta, — disse com firmeza. Porra, eu nem mesmo estive totalmente dentro.

Ela fez uma careta para mim, seus olhos estavam vidrados. — Você não sabe o que quero, então não finja que não me reivindicou esta noite porque meus olhos disseram que eu não queria. Você não queria.

Ela se levantou e desapareceu no banheiro, com os ombros rígidos e retos. Confuso, dei-lhe espaço. Ela obviamente não queria

minha proximidade. Olhei para mim mesmo. O que diabos estava acontecendo? Eu geralmente não perdia o controle, especialmente com uma mulher. Prometi a mim mesmo me controlar, dar a Sofia todo o tempo que ela precisasse antes de termos intimidade. Queria lhe dar tempo para esquecer os eventos da festa. Em vez disso, quase adicionei memórias ainda piores às antigas. Como tudo saiu do controle? Não entendi o raciocínio de Sofia, não inteiramente. Por que me deixar com raiva era sua maneira de lidar com isso?

Afrouxei minha gravata e joguei no chão, seguida pela minha camisa, mas fechei a calça. Sofia não precisava ver meu pau agora.

Eu esperei por ela. O som de água corrente alcançou meus ouvidos e me aproximei para determinar sua origem. Eu relaxei quando percebi que era a pia, não o chuveiro. Se Sofia sentisse vontade de tomar banho, me sentiria ainda pior, mesmo se não tivéssemos feito sexo. Minha culpa era uma presença avassaladora, mas por trás dela fervia de exasperação e frustração por minha incapacidade de compreender minha jovem esposa.

Dez minutos depois, Sofia apareceu com a mesma camisola vermelha sexy, descalça e sem nenhum traço de maquiagem. Ela parecia inocente e jovem, mas linda e deliciosa. Estava dividido entre a excitação e a culpa. Com Sofia, a culpa se tornou uma companheira muito familiar.

Ela evitou olhar para o meu estado seminu e tentou passar por mim no caminho para a cama, mas agarrei seu pulso. — Você está bem?

Ela acenou com a cabeça, mas ainda não olhou para mim. — Estou bem. Só cansada.

— Sofia.

— Não quero sua pena ou sua culpa. Queria sua raiva e você me deu. — Ela puxou do meu domínio até que a soltei, e se dirigiu para a cama. Não sabia o que dizer. Só queria entendê-la. Queria que ela fosse feliz neste casamento, mas não tinha certeza se era uma opção agora.

Achei que só eu era assombrado pelo sequestro e os eventos depois, mas Sofia parecia carregar sua própria bagagem.

Entrei no banheiro, sem saber como agir perto de minha esposa. Eu não a entendia ou a seus motivos. O que ela esperava de mim?

Não raiva.

Estive com mulheres suficientes para saber que ela não gostaria do jogo duro. Ela me provocou para me testar, e falhei no teste.

Quando voltei para o quarto depois de um banho rápido para lavar o suor, Sofia estava deitada de lado, de frente para a outra parede. Seus ombros delgados e pescoço não tremiam como fariam se ela estivesse chorando. Essa percepção ofereceu pouco consolo quando me estiquei ao lado dela. Ela ficou tensa, como se temesse o que eu faria a seguir, como se achasse que eu poderia tentar. Eu nem mesmo teria tentado dormir com ela se não fosse por sua provocação, e definitivamente não tentaria nada agora que percebi que Sofia queria outra coisa. Toquei seu braço e a virei para mim, precisando ver sua expressão. — Sofia, diga alguma coisa. Eu preciso entender.

— Não há nada para entender, — ela disse, encontrando meu olhar teimosamente, mas não era tão boa em esconder suas emoções quanto eu. Podia ver a turbulência e a dor girando em seus olhos azuis.

— Se você não queria fazer sexo, por que me pediu para te foder? Por que a provocação?

— Queria que você consumasse nosso casamento. Queria sexo. Você obviamente não. Fim da história, — ela disse quase com raiva.

Não tinha certeza se prazer era a palavra certa para descrever o que teria sentido se realmente tivesse fodido Sofia. Minha raiva era muito forte, me comendo por dentro. — Fui movido pela raiva. Não é assim que deveria ser. Você deve aproveitar também.

Ela olhou teimosamente para o meu peito. Toquei seu queixo para empurrar seu rosto para cima, mas ela se afastou. — Não entendo o que você quer que eu faça.

— Você nunca quis se casar comigo, — ela disse baixinho, sua voz vacilante. Ela apertou os lábios.

Eu fiz uma careta. — Escolhi me casar com você.

— Por fins táticos.

— Casamentos arranjados são padrão em nosso mundo, você sabe disso. Quase todo mundo se casa por razões políticas.

— Mas você queria minha irmã mais do que por razões políticas.

A frustração invadiu meu peito. Eu estava cansado de ouvir sobre ela, cansado de tudo a quem estava ligado, mas empurrei minha raiva para baixo. Já tinha feito o suficiente. Nunca mais perderia o controle perto de Sofia. — Não quero falar sobre ela nunca mais, Sofia. Estamos casados agora, então o que quer que eu queria é irrelevante. Você é minha esposa.

Ela assentiu, mas não tinha certeza se realmente entendeu. Ela parecia resignada, não aceita. — Foi um longo dia. Que tal descansar um pouco. Falaremos mais sobre isso amanhã.

— Ok, — ela disse em um tom que sugeria que não se importava. Inclinei-me e dei um leve beijo em sua boca. Ela procurou meus olhos, franzindo as sobrancelhas, então se virou. Apaguei as luzes. Decidi não envolver meus braços em torno dela, dada sua reação anterior ao meu toque.

Não consegui adormecer e por muito tempo Sofia também não, mas por fim ela deve ter achado que eu tinha adormecido porque começou a chorar. A princípio, não percebi que ouvia soluços porque ela devia tê-los abafado no travesseiro, mas logo se tornou inconfundível.

Considerei puxá-la para mim, mas ela achava que eu estava dormindo. Ela se sentiria pega se eu mostrasse que estou acordado. Então, escutei os soluços de minha esposa, sabendo que era a fonte de sua angústia.

Tentei manter distância de Sofia ao longo dos anos. No começo era porque estava lutando com tudo o que tinha acontecido, e depois porque parecia a coisa certa a fazer dada a idade dela, principalmente quando minha noiva desenvolveu curvas e parei de vê-la como criança.

Ela era jovem e merecia ser tratada de acordo. Mantive nosso contato ao mínimo para evitar a tentação, especialmente porque Sofia era obviamente atraída por mim. Eu era um homem mau, mas Sofia só merecia ver o meu melhor lado. Não o lado faminto, sombrio e zangado. Não aquele que queria reclamá-la mesmo quando ela ainda estava fora dos limites. Achei que estava agindo certo com ela, protegendo-a, mas ela entendeu mal minhas ações, as interpretou como rejeição.

E depois da festa... Porra. Essa foi a única razão pela qual não a devorei no segundo em que ficamos sozinhos em nosso quarto como quis fazer por quase dois anos, mesmo que não me orgulhasse disso. Eu controlei meu desejo para protegê-la, mas ela acha que a rejeitei.

Eventualmente, os soluços de Sofia se acalmaram e sua respiração se igualou. Inclinei minha cabeça em sua direção, embora só pudesse distinguir a silhueta de seu corpo na luz fraca da lua.

Minha mãe amou meu pai de todo o coração, ainda o amava e sentia falta dele todos os dias. Era um vínculo que sempre esperei. O casamento deles também foi arranjado, mas eles encontraram o amor ao longo do caminho.

Queria essa chance. Talvez eu tenha estragado tudo, mas conhecendo Sofia, ela me daria a oportunidade de consertar as coisas. Eu só esperava que houvesse uma maneira de fazer isso.

DEZESSEIS



Acordei com uma presença quente em minhas costas. Levei alguns segundos para lembrar onde estava e quem era a pessoa atrás de mim. Danilo estava com o braço em volta de mim e seu cheiro me cercava. Gostei de ser abraçada por ele. Era o que sempre quis, ainda queria.

Meu sono foi intermitente, repetindo os eventos do dia anterior. Tentei tantas coisas para chamar sua atenção ao longo dos anos, mas meu ataque ao seu orgulho ferido o capturou completamente. Sua raiva e desespero me atingiram como uma onda, com abandono quase esmagador. Sua raiva não era o que eu queria, mas era melhor do que a alternativa, melhor do que sua distância cavalheiresca, o desinteresse de partir o coração. Queria ser respeitada e amada, mas mais do que isso, queria ser vista, estar no controle pelo menos uma vez. Pressionar Danilo, forçando uma reação dele, tinha me dado esse breve momento de controle.

Poucas coisas em minha vida estiveram sob meu controle. Não minha vida, nem meu futuro, muito menos meu coração. Pisquei contra o brilho do sol da manhã. Apesar das minhas palavras duras, da minha provocação, Danilo havia se afastado. Mesmo em uma raiva galopante, ele não me reivindicou. Estava cansada. Se ele não me queria, então esse era um problema dele. Não tentaria chamar sua atenção novamente. E, no entanto, não me arrependia da noite passada. Isso me deu uma sensação de perda final, como se pudesse deixar Danilo e

minha esperança infantil de amor para trás. Estava cansada de ansiar por ele.

Me virei. Danilo rolou de costas, ainda dormindo. Seu cabelo estava bagunçado. Ele era lindo. O cobertor se acumulou em seus quadris, revelando seu peito musculoso e uma trilha fina de cabelo desaparecendo em sua boxer. A julgar pela tenda que o cobertor formava sobre sua virilha, ele estava excitado.

Deslizei em direção à beira da cama e me levantei. Precisava fazer algo, me manter ocupada antes que o que aconteceu me arrastasse para baixo. Tinha feito planos com Anna para almoçar. Nossas mães, a pequena Bea, e Emma e a Sra. Mancini estariam presentes também. Tinha medo de que Danilo ficasse desapontado se saísse em nosso primeiro dia como casal, agora estava aliviada por sair por um tempo.

Danilo acordou assustado, se debatendo na cama. — Sofia, o que você está fazendo?

Peguei meu roupão e coloquei por cima da minha camisola antes de olhar para ele. Não permiti que sua aparência desgrenhada aquecesse meu coração, desligando cada grama de autocontrole que eu tinha. — Vou tomar um banho e depois vou procurar o café da manhã.

Forcei um sorriso e me dirigi para o banheiro, mas antes que pudesse fechar a porta, Danilo havia atravessado o quarto e segurado a porta aberta.

Ele examinou meu rosto, parecendo tão abertamente confuso que parte da minha raiva sumiu, mas me agarrei ao resto. Eu não queria perdoar.

— Não me evite. Nós precisamos conversar.

— Conversar sobre o quê?

— Sobre a noite passada, sobre a festa, sobre nosso casamento e o que você espera dele. Nós dois somos parte desse vínculo e não vou deixá-la fugir disso.

— Não estou fugindo disso. Estou cansada de investir muito nisso quando você não o faz. Não vou me permitir sentir mais nada por você. É sua vez. Cansei.

Danilo abriu mais a porta e se aproximou de mim. Como ele podia cheirar tão bem de manhã cedo? Tão quente e almiscarado? Ele segurou meu rosto. Não recuei, mas também não deixei o toque me amolecer. — Sofia, você nem me conhece, como pode ter sentimentos por mim?

Meu peito apertou com suas palavras. Anna havia dito a mesma coisa, e percebi agora que o que sentia não era realmente amor, mas estava apaixonada por ele. — Você amava minha irmã, embora não a conhecesse.

Ele soltou uma risada sombria, uma covinha brilhando em sua bochecha. — Eu não a amava. Queria possuí-la. Também não a conhecia. O amor não funciona à distância. Você só pode amar quem conhece. Amor significa trabalho e dedicação, mas acima de tudo, tempo.

Suas palavras eram firmes, sem indício de hesitação. Fiquei surpresa com sua visão do amor, mesmo que refletisse o que minha mãe uma vez me disse. Talvez tivesse sido ingênua ao esperar que o amor viesse facilmente, servido em uma bandeja de prata para que pudesse me banquetear com ele.

Não disse nada. Era muito de uma só vez, e ainda não tinha certeza se podia acreditar nele. Ações sempre falam mais alto do que palavras. Ele esteve com aquelas mulheres loiras por uma razão, se não era saudade da minha irmã, então o que era?

Danilo respirou fundo. — Nunca tive a chance de te conhecer, e você nunca teve a chance de me conhecer. Não deveríamos começar a nos conhecer? Isso seria um bom começo para esse casamento.

— Ontem à noite foi o início do nosso casamento, —disse, não querendo ceder, mesmo que ele parecesse razoável. Talvez eu tenha sido tola ao investir em sentimentos tão cedo, mas isso não significa que suas ações foram menos dolorosas.

— Eu deveria ter me controlado.

— Eu não queria que você fizesse isso, mas você quis. —o provoquei para conseguir uma reação dele, para liberar sua raiva. Por

isso que nem estava realmente brava com ele na noite passada, não por sua raiva, por perder o controle. Fiquei magoada porque ele foi capaz de se controlar. Se isso não era loucura, não sabia o que era. Fiquei desapontada e triste porque meus sonhos de um casamento feliz pareciam muito distantes.

Ele franziu a testa como se nada do que eu dissesse fizesse sentido para ele. Era uma coisa de homem? Coisa do Danilo? Ou talvez uma coisa da Sofia? — Eu não queria que você se controlasse, —rosnei.

— Porra, Sofia, você está me deixando louco. Não sou um idiota. Podia dizer que você não queria que te montasse como um animal. Você quer fazer amor, então por que me provocou?

Fazer amor? Isso era mesmo uma opção? — Porque o seu ódio é melhor do que o seu desinteresse. Você mal conseguia olhar para mim!

Ele balançou sua cabeça. — Não olhei para você porque te queria, mas você não suporta meu toque e tem medo por causa da festa. Agi como um cavalheiro porque não queria forçá-la quando ainda estava sofrendo do nosso primeiro encontro! Me controlei para mostrar que me preocupava com esse casamento e com você. Se soubesse que você tomaria isso como prova de que não te desejo, teria rasgado suas roupas, enterrado meu rosto entre suas pernas e, em seguida, fodido com você. — Suas narinas dilataram-se, seu rosto se contorceu de frustração.

Pisquei para ele. — Você me deseja?

— Claro que sim. Não sou cego, Sofia. Você é uma mulher linda. Qualquer homem a desejaria, — ele murmurou, seus olhos se arrastando para baixo para a renda sobre os meus seios. — Me dê uma chance de compensá-la, Sofia. Vamos trabalhar em nosso casamento. Este é apenas o começo de nossa vida juntos. Nossos pais tiveram bons casamentos, e quero o mesmo.

Recuei, precisando criar distância entre nós. Estava ansiosa demais para mergulhar de cabeça nisso de novo, para dar tudo de mim por uma chance de um casamento feliz, mas precisava ter cuidado se

queria me proteger. — Não sei o que dizer agora. Estou muito sobrecarregada.

— Eu sei, — disse ele em voz baixa. Com ele tão perto, especialmente sem camisa, apenas em boxers, era difícil me concentrar. Talvez não quisesse a foda com raiva como ele disse, mas queria estar com ele. — Vou te dar todo o tempo de que você precisa e vou compensar meus erros, especialmente a confusão da primeira vez.

— Não acho que isso seja possível.

— Deixe-me tentar. Por que não voltamos para a cama e vou compensá-la? Tirei o dia de folga. Temos muito tempo.

De repente, percebi o que ele queria dizer e desejei que fosse tão fácil assim. Meu corpo esquentou com a perspectiva do que Danilo queria fazer, mas meu cérebro colocou um freio nisso. Balancei minha cabeça. — Não é apenas o lado físico. Não posso estar perto de você agora. Preciso de tempo para entender as coisas, para conhecê-lo, como você disse.

Danilo acenou com a cabeça, mas não perdi a decepção que cintilou em seu rosto. — Então vamos passar o dia juntos nos conhecendo.

Desviei o olhar dele, tentando determinar se era isso que eu queria. Talvez eu precisasse de espaço. — Fiz planos com Anna e as outras mulheres da nossa família para almoçar antes de todos deixarem Indianápolis. Não posso cancelar. Tenho certeza de que meu pai e os outros homens não se importarão em um encontro com você também.

Danilo suspirou, mas assentiu. Era óbvio que ele não gostava da ideia de estarmos separados hoje. Talvez ele tenha percebido que estava prestes a fugir e quisesse ter certeza de que não conseguiria. — Contanto que leve Carlo com você, pode se encontrar com Anna e as mulheres para almoçar. Não vou te trancar em casa. Mas ainda falta um tempo para o almoço. Então, que tal um café da manhã juntos e um tour pela casa antes de sair?

— Ok, —concordei. — Mas gostaria de tomar banho primeiro. — Ele deu um passo para trás e fechei a porta. Senti alívio por Danilo

obviamente querer trabalhar em nosso casamento, mas não queria colocar meu coração e esperança nisso de novo. Teria cuidado. Estabeleceria regras básicas e manteria meus próprios desejos em mente.

Quando saí do banheiro vinte minutos depois, após um longo banho para limpar minha mente, Danilo estava recostado na cama, lendo algo no telefone. Uma bandeja cheia de comida, café e suco de laranja estava na cama ao lado dele. Eu estava apenas de roupão, mas o cheiro de café fresco me atraiu para a cama. Panquecas e frutas frescas, assim como ovos mexidos, tinham um cheiro divino e me fizeram perceber que não comia há algum tempo.

Sentei na cama, me sentindo insegura em me juntar a Danilo. Ele guardou o telefone e apontou para a bandeja. — Fiz um café da manhã para nós.

Eu olhei boquiaberta para ele. — Você fez café da manhã?

Um sorriso cintilou em seu rosto. Isso e a ligeira barba por fazer o faziam parecer um cara da porta ao lado, um cara muito bonito da porta ao lado.

— Moro sozinho há um tempo e prefiro ter a casa só para mim pela manhã. Minhas criadas costumam vir por volta das dez para as onze quando vou para o trabalho.

— Emma nunca cozinhou para você?

Normalmente as mulheres cozinhavam e, até pouco antes do nosso casamento, Emma ainda morava com Danilo, afinal. Não que eu fosse uma boa cozinheira, ou qualquer tipo de cozinheira. Nunca tentei fazer isso.

— Emma é uma péssima cozinheira e odeia isso.

— Samuel terá uma surpresa, —disse com uma risada encantada. Meu irmão provavelmente achava que Emma iria presenteá-lo com um lindo jantar caseiro todas as noites.

— Ele vai precisar de uma empregada ou cozinhar ele mesmo, — murmurou Danilo.

Lancei um olhar curioso para Danilo. Ele nunca me pareceu um homem que colocaria os pés na cozinha.

Peguei um dos garfos e cortei um pedaço de panqueca do tamanho de uma mordida, um pouco desconfiada das habilidades culinárias de Danilo. Fiquei surpresa ao ver que estava deliciosa. Fofa e doce com um toque de baunilha. — Está bom, — atestei, já trazendo outra mordida na boca.

— Venha, junte-se a mim corretamente, — disse ele, dando tapinhas no local ao lado dele.

Enfiei-me debaixo do cobertor e Danilo posicionou a bandeja entre nós para que ambos pudéssemos comer. Ele bebeu seu café, me observando.

Me senti constrangida sob seu escrutínio e decidi enfrentá-lo.

— Eu sei que você provavelmente não quer falar sobre isso, mas preciso saber se você está bem depois de ontem à noite.

Tomei um gole de suco de laranja. — Eu estou. Estava esperando sua raiva, então não estou emocionalmente assustada, se é isso que o preocupa.

Danilo balançou a cabeça. — OK. Eu errei duas vezes, mas não haverá uma terceira vez.

— Já passou, —disse simplesmente. — Você pode fazer melhor agora.

Comemos em silêncio, mas não foi tão estranho quanto eu temia, mesmo sendo óbvio que não sabíamos realmente como lidar um com o outro. Quando terminei de comer, me virei para ele. — O que você espera de mim como sua esposa? Você é Underboss, então tem muitas responsabilidades. Você precisa que eu lide com certas coisas?

Danilo parecia pensativo. — Não pensei muito sobre isso. Quero você ao meu lado em eventos públicos, é claro, mas agradeceria se você se desse bem com minha mãe e se encontrasse com as esposas dos capitães de vez em quando. Elas têm um encontro para o brunch uma vez por semana, se bem me lembro. Minha mãe também frequenta, então ela pode te ajudar.

Essas eram as responsabilidades sociais típicas. — Algo mais? — Queria algo para me concentrar fora deste casamento, então não me sentiria muito pressionada para fazer funcionar o mais rápido possível.

Danilo balançou a cabeça, mas percebi que havia outra coisa. — Diga-me, — disse.

— Emma era ativa em uma organização que ajuda crianças deficientes de famílias menos afortunadas. Ela organizava eventos de arrecadação de fundos e tentava criar consciência sobre a realidade das pessoas com deficiência. Agora que vai se mudar para Minneapolis para morar com seu irmão, ela não poderá continuar seu trabalho.

Não perdi o tom de sua voz quando ele mencionou Samuel, mas optei por não lhe perguntar sobre isso. — Não posso continuar o trabalho dela? Sei que não sou deficiente, então talvez as crianças não se identifiquem comigo como se identificaram com Emma, mas adoraria ajudar. Parece uma causa digna. — Melhor do que entreter esposas da máfia entediadas.

— Emma gostaria disso, e eu também. — Ele pegou minha mão e o deixei pegá-la. — Quero que você realmente aceite Indianápolis e a veja como sua casa.

— Vou fazer o meu melhor, — disse. Não conhecia a cidade ainda. Não tinha visto nada, exceto os breves vislumbres da cidade em nosso caminho para a casa.

— Há alguma coisa que você queira fazer? Trabalho muito. Você tem um hobby que gostaria de manter ou qualquer outra coisa que gostaria de seguir?

Considerei isso. Anna começaria a faculdade em Chicago neste outono, mas ela era uma das poucas autorizadas a fazê-lo. Dadas as experiências anteriores de Danilo com minha irmã, duvido que ele gostasse que eu fosse ao campus todos os dias.

— Gosto de aeróbica e natação, mas isso não é realmente algo que busque mais do que um hobby. Mas talvez eu pudesse começar aprendendo a cozinhar? Sinto-me em desvantagem porque meu marido sabe cozinhar, e eu não.

A boca de Danilo se contraiu. — Não direi não a isso. Temos alguns restaurantes finos em nosso portfólio. Eu poderia pedir a um dos chefs para vir e ensiná-la.

— Parece bom, — disse. Já conseguia imaginar Anna revirando os olhos para mim por querer aprender a cozinhar, mas era um começo. Depois de encontrar minha casa em Indianápolis e não me sentir mais tão perdida, poderia descobrir o que fazer. — Estou pensando em fazer alguns cursos universitários no próximo semestre.

Danilo pareceu surpreso. — Tudo bem. O que você tem em mente?

Não esperava que ele fosse aberto à sugestão, então realmente não tinha pensado muito nisso. Talvez seu desejo de fazer as pazes comigo fosse o motivo de ele ter a mente tão aberta. — Talvez escrita criativa. — Sempre tive uma imaginação fértil e, mesmo que a maioria dos meus rabiscos não pudesse ser considerados literatura, gostava da ideia de criar arte com palavras um dia.

— Suponho que você tenha que esperar o semestre da primavera. Se é isso que você quer, vamos resolver. Um guarda-costas teria que estar com você o tempo todo, é claro.

— Claro. — Examinei seu rosto, tentando descobrir se ele estava apenas concordando para me acalmar ou se estava falando sério, mas sua expressão não revelou nada.

Ele encontrou meus olhos e corei. Eu nem tinha certeza do por que. Estávamos próximos e ele estava seminu. — Quanto à natação, há uma piscina coberta no primeiro andar.

— Sério? — Perguntei animada. Não tínhamos piscina em nossa mansão, então sempre tive que deixar Samuel me levar a uma piscina em uma academia da Outfit. Ele se recusou a deixar que os guarda-costas me acompanhassem, porque me veriam em um maiô.

Danilo estendeu a mão e tirou uma mecha de cabelo da minha bochecha. — Você tem um pouco de xarope na bochecha, — ele disse asperamente.

Corei e me afastei, cautelosa com a reação do meu corpo ao toque fugaz. Minha frequência cardíaca aumentou e o calor passou por mim. — Eu vou lavar. Você vai me mostrar a piscina?

Ele baixou a mão, seu sorriso vacilando. — Claro. Deixe-me tomar um banho primeiro.

Saímos da cama e, depois que limpei a calda do rosto, Danilo foi para o banheiro. Para minha surpresa, ele não fechou a porta, mas a deixou entreaberta. Me vesti com um dos meus vestidos de verão lilás favorito e coloquei um pouco de maquiagem enquanto o chuveiro corria, mas eventualmente a curiosidade levou o melhor sobre mim e casualmente caminhei até o banheiro, arriscando uma espiada lá dentro.

Danilo estava no banho, os olhos fechados enquanto enxaguava o shampoo dos cabelos, a cabeça levemente inclinada para trás. Riachos de água corriam pelos planos duros de seu corpo até seu pênis. Meu núcleo se apertou com uma mistura de desejo e ansiedade. Fiquei curiosa para saber como seria se deixasse Danilo me tocar e me fazer sentir bem. Como seria se ele enterrasse o rosto entre minhas pernas, como mencionou? Alguns dos meus rabiscos eram contos sobre Danilo e eu, e como imaginava nossos encontros íntimos.

Minhas bochechas ficaram ainda mais quentes.

Não seguiria esse caminho por um tempo. Passei correndo pela porta aberta e saí do quarto. Não prestei muita atenção ao meu redor na noite passada, então tive dificuldade em encontrar as escadas da casa enorme. Eventualmente, me encontrei em uma enorme sala de estar. Como o quarto, esta sala também era decorada em um estilo moderno e elegante, contrastando com a casa antiga. Meus olhos foram atraídos para as portas francesas que se abriam para um belo pátio e um jardim ainda mais deslumbrante com uma cascata descendo para um lago. Abri a porta e saí, seguindo um caminho de degraus brancos até o lago. Nenúfares rosa e branca flutuavam pacificamente em sua superfície. Agachei-me para tocar uma das flores lindas quando uma enorme cabeça laranja saiu da água. Gritei de surpresa e caí de bunda

no gramado. Mais cabeças explodiram na superfície. Peixes dourados enormes, ao que parece.

— Eles são inofensivos. Eles acham que você os alimentará.

Virei minha cabeça na direção de Danilo, que desceu até mim, obviamente sufocando a diversão. — O que eles são?

— Peixes Koi, — disse ele. — Meu pai costumava colecioná-los. Quando ele morreu, os abriguei. Minha mãe não gosta muito de animais.

Ele estendeu a mão para mim, para que pudesse me colocar de pé. Lhe dei um sorriso envergonhado, tirando a grama da minha bunda. Tentei ver se ainda tinha sujeira no vestido, mas não consegui virar a cabeça completamente. Com ousadia, apresentei minha bunda para Danilo e perguntei: — Tirei toda a sujeira?

Ele levou mais tempo do que o necessário para avaliar meu traseiro em busca de manchas, então balançou a cabeça e rosnou: — Parece bom.

Voltei-me para o peixe e reprimi uma risada. Mais alguns se reuniram perto da superfície.

Danilo tirou uma caixa com grãos de um pequeno caixote de madeira escondido entre os juncos que revestiam o lago. Ele despejou um pequeno monte na palma da mão e se agachou ao lado da água. Ele estendeu a mão na água, mas não o suficiente para que os grãos caíssem. Imediatamente vários peixes Koi apareceram e começaram a comer na sua mão.

Meus olhos se arregalaram de surpresa e me agachei ao lado de Danilo. — Não sabia que peixes podiam ser tão domesticados.

Os cantos da boca de Danilo se contraíram. — Kois são a exceção. Alguns deles têm mais de dez anos. Eles têm até nomes.

— Qual o nome dele? — Perguntei apontando para o maior Koi com respingos brancos em suas costas e uma boca branca.

— Takeda, — disse Danilo. — Meu pai os nomeou em homenagem aos famosos Samurais. Ele admirava o código do Samurai.

— Nunca te imaginei como uma pessoa de animais de estimação.

Talvez Danilo estivesse certo. Eu não sabia o suficiente sobre ele para justificar os fortes sentimentos que tive por ele durante toda a minha vida. Mas me sentia atraída por ele.

Ele sorriu ironicamente e tirou a mão da água. — Eu não sou, realmente. Gosto de animais, mas não tenho tempo para eles. Os peixes não são exigentes e gosto de alimentá-los depois de um longo dia de trabalho. Isso me acalma e me lembra meu pai. — Por um segundo, parecia que ele estava envergonhado por sua admissão.

— Entendi. É pacífico.

Ele estendeu a caixa de grãos. — Você quer tentar alimentá-los?

Mordi meu lábio. — Eles não mordem?

Danilo pegou minha mão e empilhou comida de peixe sobre ela, depois guiou minha mão para o lago. A água estava mais fria do que o esperado e arrepios passaram pela minha pele. Talvez o frio não tenha sido o único motivo da reação do meu corpo. O toque gentil de Danilo podia ter algo a ver com isso também.

Ri quando o primeiro Koi tocou minha palma. Era o grande, Takeda. Seus olhos estranhos pareciam se fixar em mim antes que ele pegasse mais comida.

Eles eram muito cuidadosos e observá-los me fascinou. Não conseguia tirar os olhos deles, mas Danilo me observava.

Fingi que não percebi. Ansiei por sua atenção inabalável por tanto tempo, então não me permiti deixar a autoconsciência assumir a liderança.

Danilo e eu ficamos assim por um tempo, e tive uma sensação de paz que não sentia há muito tempo. Entendi porque Danilo procurava este lugar depois de um longo dia de trabalho. Duvidava que seus deveres como Underboss pudessem ser classificados como pacíficos em qualquer aspecto.

Eventualmente, quando não tínhamos mais comida para dar, o Koi começou a nadar para longe, mergulhando abaixo dos nenúfares. — Realmente amei esse lugar.

Danilo sorriu, um sorriso honesto e menos cauteloso. — Fico feliz. Esta é sua casa. Quero que você se sinta confortável.

Olhei ao redor. O jardim era vasto e meticulosamente cuidado. Arbustos e muros de pedra o mantinham escondido de olhos curiosos. Só conseguia distinguir o telhado ocasional das casas ao redor, que pareciam ter um estilo vitoriano semelhante.

— Irvington é um bairro antigo com muitas mansões bonitas, — disse Danilo. — Posso mostrar mais de Indianápolis amanhã.

— Você não está ocupado com o trabalho? — Não esperava uma lua de mel, ou qualquer tipo de atenção, realmente.

Danilo me deu um sorriso tenso. — Agendei os próximos dias para você. Só terei que fazer algumas coisas que não posso adiar, mas queria nos dar tempo para nos conhecermos.

Mordi meu lábio. Não esperava isso. Samuel sempre chamava Danilo de viciado em trabalho, o que era engraçado, já que ele era do mesmo jeito, então presumi que ele voltaria aos negócios normalmente logo após o nosso casamento.

— Isso parece bom, — murmurei.

Nós nos levantamos e ficamos um de frente para o outro por um momento. Sem meus saltos, Danilo era uma cabeça mais alto e muito mais largo do que eu. — Posso mudar as coisas? Tipo decoração ou móveis?

Danilo hesitou, olhando para trás para a casa. — Claro, mas talvez você possa me falar de seus planos com antecedência.

— Você não precisa se preocupar se transformarei isso no sonho de uma menina rosa com babados. Não sou mais uma garotinha.

— Acredite em mim, eu percebi, — murmurou, seu olhar deslizando ao longo das minhas curvas antes de me bater com uma intensidade de curvar os dedos dos pés. Esse lado menos contido de Danilo me assustava, mas gostei. Não tinha certeza de como lidar com isso ainda. Aconteceu muito repentinamente, e não pude deixar de me perguntar se ele estava forçando isso para minimizar o passado.

— Deixe-me mostrar-lhe mais da propriedade.

Mantive meus braços em volta da minha cintura, e certifiquei-me de continuar andando a um braço de distância de Danilo, para que ele não tentasse segurar minha mão. Seu toque devastava meu corpo, e precisava manter a cabeça fria, levar isso devagar e realmente permitir que Danilo fizesse o que prometera.

Danilo me conduziu pelo pátio até um enorme jardim de inverno envidraçado. Após uma inspeção mais atenta, percebi que era a piscina coberta. Danilo abriu a porta para mim. Meu queixo caiu com o tamanho da piscina. Tinha dimensões olímpicas. Palmeiras em enormes vasos decoravam os cantos, dando uma sensação de férias.

— Procuro me exercitar aqui pelo menos duas vezes por semana. É um bom complemento para a academia, — disse Danilo, apontando para a piscina.

Estava me coçando para dar algumas braçadas na piscina, mas decidi esperar por outro dia. Uma porta na parte de trás do natatório levava de volta para a casa. Danilo tocou minhas costas enquanto me conduzia pelo corredor. — Está tudo bem? — murmurou, seu dedo roçando minhas costas para indicar o que ele queria dizer.

Encontrei seu olhar. Meu primeiro impulso foi dizer não, mas não seria verdade. — Eu não me importo. — Na verdade, gostei do toque suave e de como Danilo tentava fazer com que eu me sentisse confortável. Me arrependi de provocá-lo ontem à noite na minha necessidade de forçar uma reação dele. Mas o que foi feito foi feito, e agora tínhamos que descobrir uma maneira de seguir a partir daqui.

Danilo me levou para uma cozinha enorme. — Você pode cozinhar aqui quando quiser, mas Theodora geralmente cuida do jantar. Só uso a cozinha no café da manhã. Você vai conhecê-la e o resto da equipe quando voltar do seu almoço.

Balancei a cabeça e segui Danilo para fora novamente e pelo longo corredor em direção a uma sala de estar, uma sala de jantar adjacente, uma biblioteca e uma sala de charutos, bem como um banheiro de hóspedes. — Onde fica o seu escritório? — Perguntei eventualmente.

— Andar de cima. Prefiro a vista dos jardins lá de cima.

— Os jardins são realmente lindos. — Paramos em frente à escada, a palma de Danilo ainda nas minhas costas.

— Quando você precisa sair para o seu encontro com as mulheres?

— Em cerca de uma hora, — disse. — Vamos nos encontrar no restaurante do hotel.

— Posso levá-lo até lá e dar uma palavrinha com seu pai e seu irmão. Tenho certeza que vou encontrá-los no bar com Dante. Seus pais e seu irmão virão jantar hoje à noite?

— Eles podem? — Perguntei esperançosamente.

— Claro. Tenho certeza que eles ficarão felizes em vê-la novamente antes de partirem amanhã. — Danilo se aproximou ainda mais e segurou minha bochecha. — Eu disse que farei as pazes com você. Vou investir neste casamento. — Sua palma era quente e forte contra minha bochecha. A maneira como ele buscava minha proximidade assim, depois de anos de distância, parecia reconfortante. Ainda assim, recuei com um pequeno sorriso, querendo ser a única a definir os limites desta vez.

DEZESSETE



Sofia e eu entramos no átrio do hotel juntos, minha mão descansando em seu quadril. Ela não recuou como havia feito na mansão, em vez disso, ficou bem ao meu lado, provavelmente para manter as aparências em público. Muitos de nossos convidados de outras cidades haviam se hospedado no hotel e se misturavam no saguão, fazendo check-out ou conversando entre si. Todos olharam em nossa direção no momento em que entramos. Os homens inclinaram a cabeça em uma saudação respeitosa e as mulheres lançaram olhares curiosos na direção de Sofia.

A acompanhei até a entrada do Capital Grille, onde ela se encontraria com as mulheres. O garçom nos cumprimentou educadamente, apontando para a parte de trás do restaurante, onde avistei mamãe, Emma, Valentina, Beatrice e Anna. Seus olhos estavam grudados em nós.

Me virei para Sofia. — Virei buscá-la às duas e meia? — Não queria perder Sofia de vista por muito tempo. Não teria problemas para me manter ocupado até então. Pietro, Samuel e Dante estavam me esperando no bar de vinhos para o almoço e uma rápida conversa de negócios.

— Tudo bem. — Ela hesitou, então se aproximou de mim, ficou na ponta dos pés e deu um beijo rápido em meus lábios. Acabou muito cedo e era provavelmente para manter as aparências como cada toque nos últimos minutos, mas meu corpo chamejou pela atenção.

Sorrindo, ela se virou e se dirigiu para a mesa. Meus olhos foram atraídos para sua cintura estreita e bunda firme. Eventualmente, desviei meu olhar e caminhei até o bar.

Dante, Pietro e Samuel já estavam sentados ao redor de uma mesa de madeira escura quando entrei e sentei em uma das pesadas poltronas de couro vermelho.

Dante me deu um sorriso conciso. Pietro e Samuel, entretanto, me olharam com um brilho assassino em seus olhos.

— Um Primitivo para mim, — pedi ao garçom.

— Boa escolha, — disse Pietro. — É o meu tinto favorito.

— Meu também.

— Então, como vão as coisas? — Samuel perguntou, interrompendo seu pai e eu.

Esperei que o garçom pousasse meu copo e tomei um gole antes de responder: — Muito bem, como esperado. — Se eles achavam que lhes daria mais do que isso, estavam muito enganados. Não gostava de compartilhar detalhes privados com outras pessoas, especialmente quando não eram tão estelares quanto eu esperava que fossem.

— Sofia está no restaurante com as mulheres, presumo? — Dante perguntou.

— Sim. A acompanhei até lá.

— Estou surpreso por você não se importar com o almoço dela, — Samuel disse, me observando atentamente.

Levantei minhas sobrancelhas. — Sofia pode fazer o que quiser. — Dentro dos limites do nosso mundo, é claro.

— Gostaria de discutir a incursão de Grigory nas corridas de rua ilegais, — disse Dante com um olhar penetrante para Samuel, que inclinou a cabeça e recostou-se na cadeira.

— Não faz parte do nosso tipo de negócio, então prefiro que ele estenda seu interesse nessa direção. Talvez eles percam o foco em armas e drogas, — disse Pietro.

— Pode levar a um conflito com a Camorra e a Famiglia, ou pode fazer com que trabalhem juntos. Acho que precisamos ficar de olho na situação. Não podemos deixar a Bratva trabalhar com a Camorra.

— Duvido que isso aconteça, — disse Samuel. — Remo é bom em guardar rancor, e sabemos que ele guarda rancor de Grigory depois que se recusou a ajudá-lo.

— Remo também é empresário. Ele não é o louco que gosta de bancar com muita frequência — disse Dante.

Cerrei meus dentes. Remo poderia estar morto. A Camorra não seria tão forte sem ele. Em vez disso, ele desfilava pelo oeste como um rei.

Dante me olhou. Ele sabia que ainda considerava um erro sua decisão de deixar Remo e Serafina partir. — Poderíamos sabotar as corridas da Bratva e Camorra para provocar um conflito entre eles, — sugeri, em vez da minha necessidade inicial de exigir um ataque ao maldito Remo Falcone.

Dante pensou sobre isso antes de assentir. — Isso pode funcionar, mas temos que ter cuidado. Nossa cooperação com o senador Clark estendeu nosso alcance na elite política, mas essas pessoas não gostam de ser associadas a incidentes sanguinários, então não podemos correr o risco de que qualquer suspeita recaia sobre nós.

— Poderíamos plantar dois de nossos homens em qualquer circuito de corrida. Eles realizam corridas de qualificação de vez em quando. Tenho certeza de que temos alguns jovens soldados ambiciosos que estariam ansiosos para competir por um tempo e causar um acidente ocasional, — disse Samuel com uma risada.

— Eles devem ser rostos desconhecidos, — disse Pietro.

Concordei. — Definitivamente, não de famílias conhecidas. Teremos que lhes dar novas identidades para passar pelas verificações de antecedentes. Não tenho dúvidas de que Grigory e Remo ficam de olho em seus pilotos. É um jogo de um milhão de dólares.

Estava feliz que Dante não tivesse perdido sua mordida e queria jogar sujo. Estava esperando para bagunçar os negócios de Remo por um tempo.

Logo perdemos a noção do tempo enquanto discutíamos as possíveis perspectivas para a tarefa. Quando olhei para o relógio e vi que eram quase duas e meia, levantei.

Os outros homens me olharam com curiosidade.

— Prometi a Sofia que iria buscá-la às duas e meia.

Pietro sorriu. — Não faça sua esposa esperar em seu primeiro dia. Eu pago.

— Você e sua família jantarão conosco esta noite, Dante?

— Não, temo que tenha que voltar para Chicago. Tenho uma reunião com o senador Clark no início da manhã.

Inclinei minha cabeça e me afastei. Quando cruzei o saguão em direção ao restaurante, Emma, Anna e Sofia saíam do restaurante.

O rosto de Emma se iluminou quando me viu. Anna parecia menos satisfeita em me ver. Sofia provavelmente compartilhou detalhes de nossa noite com ela, o que não me caiu bem. Ignorei as mensagens com pedidos de detalhes de Marco.

Me inclinei e abracei Emma.

— Você está bem? — Ela sussurrou.

— Sempre.

Me endireitei e estendi minha mão para Sofia. Ela abraçou Anna antes de pegar minha mão. Anna me deu um sorriso tenso, aviso piscando em seus olhos. Ignorei suas táticas sutis de ameaça.

— Você está pronta para ir? Com sua família indo para o jantar, devemos voltar a tempo de você conhecer a equipe.

Sofia concordou. Ela acenou para Emma e Anna, em seguida, me seguiu. Apertei sua mão, observando seu rosto. — Como foi o almoço?

— Bom. Ninguém tentou me interrogar.

— Elas provavelmente esperavam que você compartilhasse informações sem pedir.

— Não há realmente muito para compartilhar, — Sofia refletiu quando encontrou meu olhar.

— Ainda, — murmurei. — Mas estou disposto a mudar isso quando você estiver pronta.

Ela inclinou a cabeça, mas não disse nada. Uma pequena parte de mim lamentou ter mantido meu controle na noite passada.

A viagem passou quase toda em silêncio. Sofia parecia perdida em seus pensamentos, e não estava acostumado a ter que trabalhar pela atenção de uma mulher assim, mesmo que Sofia valesse a pena. — Quero te mostrar a cidade amanhã depois do café da manhã. Indianápolis não é um ímã turístico, mas há algumas coisas para fazer.

Sua sobrancelha franziu adoravelmente. — Certo.

Porra, eu queria a garota tonta e apaixonada de volta. Essa versão cautelosa me fez sentir fora do meu elemento. Talvez fosse isso que ela queria. Sofia era inteligente.

O jantar com a família de Sofia foi agradável, como sempre. Até Samuel suprimiu a hostilidade persistente entre nós. Depois que eles saíram e a equipe terminou seu turno, ficamos mais uma vez sozinhos. Gesticulei para a lareira. — Você gostaria que eu acendesse a lareira? Podemos tomar uma taça de vinho.

— Estou meio cansada, — disse ela. — Gostaria de ir para a cama, mas se você quiser ficar, não me importo.

Tive a sensação de que ela preferia que eu ficasse no andar de baixo para poder dormir sozinha, mas não permitiria que ela colocasse mais distância entre nós.

— Vou me juntar a você, — disse, colocando minha mão em suas costas enquanto subíamos as escadas. Ela não se afastou e não tive exatamente a impressão de que ela detestava meu toque. Talvez ela quisesse odiar, mas duvidava que realmente odiasse.

Afrouxei minha gravata assim que entramos em nosso quarto e a deixei cair no banco em frente à cama. Sofia me olhou com curiosidade quando comecei a desabotoar minha camisa. Não tinha intenção de me esconder no banheiro sempre que precisasse me trocar. Nós éramos

casados e, embora não fosse tocar em Sofia a menos que ela quisesse, ela teria que lidar comigo em diferentes estados de nudez em sua presença.

Sofia foi até a janela e olhou para o jardim. Então ela me surpreendeu estendendo a mão para o zíper em suas costas e puxando-o para baixo. A observei enquanto centímetro após centímetro de sua pele lisa ficava à vista. Ela se virou, sem olhar na minha direção, e casualmente tirou o vestido, deixando-o cair no chão como se ela se despisse na minha frente todos os dias.

Apesar de sua ignorância fingida para minha atenção, o leve tom de rosa em suas bochechas a traiu. Porra, não conseguia tirar os olhos dela em sua calcinha de renda vermelha. O vermelho combinava perfeitamente com ela. Ela passou a mão pelo cabelo, em seguida, olhou de soslaio para mim. Sua expressão provavelmente era para ser blasé, mas notei o nervosismo em seus olhos. Tive que me segurar para não cruzar o quarto e puxá-la contra mim. Em vez disso, continuei calmamente desabotoando minha camisa e a tirei antes de desafivelar meu cinto e tirar minhas calças.

Sofia me observou por um momento, então ela entrou no banheiro. Respirei fundo antes de segui-la. — Você se importa se eu me preparar também?

Sofia estava com a escova de dente na boca e balançou a cabeça. Parei na pia ao lado dela e comecei a escovar os dentes. Observei seus olhos percorrerem meu corpo no espelho. Tive dificuldade em não olhar para ela, especialmente pela forma como seus mamilos se enrugaram sob o tecido fino do sutiã. Ela terminou antes de mim, e quando a segui para o quarto um pouco depois, ela estava de costas para mim enquanto puxava a camisola pela cabeça. Ela estava usando apenas uma minúscula calcinha de seda por baixo. Meu pau ganhou vida. Não me incomodei em esconder minha excitação quando fui para a cama ao lado de Sofia. Ela queria uma prova de que a desejava e se ter uma ereção apenas por observá-la de camisola não fosse o suficiente, não sabia o que poderia ser. Eu me estiquei de lado, de frente para ela.

Havia um braço de distância entre nós. Sofia puxou os cobertores até os ombros antes de olhar para mim.

Ela parecia sem palavras, e eu também. Mal conhecia minha esposa. Estendi a mão e segurei seu rosto. Ela não recuou, mas também não se aproximou de mim. Ela simplesmente me observou, como se estivesse tentando me entender apenas olhando. Quase todos os dias eu mal me entendia.

— Quero beijá-la, — disse em voz baixa.

Sofia engoliu em seco, mas se inclinou para frente e me deu um beijo rápido antes de se afastar do meu toque e se virar de costas.

Esse não era o beijo que eu imaginei, mas aceitaria qualquer proximidade que Sofia estivesse disposta a permitir. Ela olhou para mim. — Preciso de tempo.

— Você terá todo o tempo de que precisa, Sofia. Aceitarei o que você está disposta a dar, só nunca confunda minha paciência com desinteresse novamente, porque se dependesse de mim, seu corpo seria meu esta noite.

Ela estremeceu e um sorriso satisfeito apareceu em seu rosto antes de eu desligar as luzes.

— Boa noite, — sussurrou.

— Boa noite.

Ouvi sua respiração ritmada. Desta vez, ela adormeceu sem chorar.

Talvez consiga fazer isso. Talvez consertaria o que quer que minhas ações impensadas tenham quebrado.



Acordei com o corpo de Danilo pressionado contra mim. Me perguntei se ele fez isso de propósito, mas não me importei. Meio que gostava de acordar com seu calor nas minhas costas.

Danilo usou nosso segundo dia como casal para me mostrar Indianápolis como prometido. Ele me levou para um passeio de gôndola no centro da cidade, e o gondoleiro até cantou para nós. Infelizmente, ele errou muitas palavras em italiano, o que levou a algumas expressões muito estranhas. Tive que sufocar o riso em alguns de seus percalços, porque não queria ofendê-lo.

A boca de Danilo se contraiu e ele se aproximou. — Esperava que isso fosse romântico. Lamentavelmente.

Ri, então cobri minha boca com a mão. Danilo parecia satisfeito quando colocou o braço em volta de mim e me puxou para mais perto até que eu estava descansando na curva de seu ombro. Relaxei contra ele enquanto o gondoleiro arrasava uma canção de amor italiana após a outra.

— Um dia, vou levá-la a Veneza para que possamos dar um passeio de barco romântico.

— Isso seria maravilhoso, — disse, esquecendo meu eu recém-contido por um momento. Danilo pegou minha mão e beijou minha palma, o mesmo gesto que fizera depois da festa.

Depois de nosso passeio pela cidade, jantamos cedo em um moderno restaurante francês em nosso bairro, onde degustamos uma deliciosa bouillabaisse. Ainda era cedo quando voltamos para casa.

— Vou dar um mergulho. Você gostaria de se juntar a mim? — Ele perguntou.

Balancei minha cabeça. Havia prometido ligar para Anna. — Vou ler um pouco.

Ele acenou com a cabeça, mas captei uma pitada de decepção em sua expressão.

Assim que Danilo saiu, peguei meu telefone e liguei para Anna. Ela atendeu após o segundo toque. Depois que contei a ela sobre o nosso dia, ela disse: — Ele está tentando, tenho que lhe dar isso. Ele provavelmente está preocupado com as bolas azuis.

Eu bufei. — Duvido que ele esteja preocupado que o faça esperar para sempre.

— Você poderia?

Atravessei a sala e saí para o terraço. — Não sei. Não é como se não estivesse pensando em ficar com ele. Antes da bagunça na festa, era tudo que eu conseguia pensar.

— Alguém está com tesão, — disse Anna secamente, me fazendo rir.

— Só sei que vou me envolver emocionalmente se permitir a proximidade.

Anna pigarreou.

— Ainda mais emocionalmente envolvida. Não sei se quero arriscar isso ainda. Danilo diz que me deseja, e acredito nele, mas a coisa com as loiras ainda me incomoda. — Suspirei. — Eu não sei.

— Enquanto você não tiver certeza, não faça nada. Se quiser fazer sexo com ele porque tem vontade, faça, mas se está duvidando, fique longe. Compre um Satisfyer[4] ou outro brinquedo para manter os hormônios sob controle.

— Você é impossível, — sibilei.

— Te emprestaria o meu, mas isso seria terrivelmente estranho e anti-higiênico.

— Oh, fique quieta! — Ri.

— O que? Uma garota precisa se manter entretida!

— Como se você não soubesse como se divertir.

Anna riu. Conversamos mais alguns minutos antes de encerrarmos a ligação e fui para o natatório. Danilo estava se secando. Observei seus músculos flexionarem enquanto ele passava a toalha sobre eles.

Antes que ele pudesse me ver, corri de volta para a casa.

Já estava na cama quando Danilo subiu e se preparou para dormir. Era quase meia-noite e me perguntei o que ele esteve fazendo desde que nadou. Ele parecia cansado.

— Está tudo bem? — Perguntei.

---

[4] “O melhor vibrador do mundo”

Ele se assustou, como se tivesse esquecido minha presença. Ele se sentou na beira da cama. — Conversei com minha irmã. Ela teve um pequeno surto e tive que acalmá-la.

— O que aconteceu? É por causa do casamento?

Danilo se esticou na cama com sua cueca samba-canção baixa. — O casamento é daqui a doze dias, e estou preocupado que dar a mão dela a Samuel seja um erro.

Larguei meu livro e cheguei mais perto de Danilo. Ele estava olhando para o teto. Toquei seu ombro nu. — Sei que Samuel pode ser difícil, mas ele é um cara legal. Emma não terá que se preocupar que ele a maltrate.

— Não estou preocupado com isso, — disse Danilo em voz baixa e ameaçadora. A promessa de violência cintilou em seus olhos.

— Ok, — disse lentamente.

— Emma está preocupada que eu tenha forçado Samuel a se casar e que ele não a queira.

Mordi meu lábio, lembrando-me da conversa que ouvi há um tempo. — Mas é verdade, não é?

A cabeça de Danilo girou em minha direção. — O que você quer dizer?

— Sei sobre o acordo entre você e meu irmão. Você se casaria comigo se ele se casasse com Emma.

Danilo se sentou e se aproximou de mim. — Você contou a Emma?

— Claro que não. Não queria que ela sentisse o que senti quando descobri.

Danilo suspirou. — Tentei dar a Emma o futuro que ela merece depois que Cincinnati a abandonou como se ela fosse inútil. Não teve nada a ver com você, Sofia. Teria me casado com você de qualquer maneira.

— Porque sou uma Mione e faço parte da extensão do clã Cavallaro.

Danilo não disse nada por um tempo. — Isso não é algo que você pode usar contra mim. Dificilmente poderia ter escolhido você aos onze anos porque te queria. Você era uma criança aos meus olhos. Segui as regras.

— Eu sei. — Suspirei. — Mas o acordo entre você e Samuel ainda parece nojento.

Danilo acariciou meu braço suavemente, mas o toque foi o suficiente para fazer meu corpo acordar. — Você acha que não sei disso? É por isso que não queria que você ou Emma soubessem. Nosso mundo pode ser cruel. Às vezes é melhor não saber todos os detalhes. Mas você precisa saber que estou feliz por ter me casado com você.

Engoli. — Você quer que fale com Emma? Sem tocar no negócio, é claro.

— Talvez ajude.

— Então vou tentar. Ligarei para ela de manhã e verei se ela quer almoçar.

— Obrigado, Sofia. — Ele se inclinou e me beijou levemente, mas seus lábios permaneceram contra os meus, como se ele esperasse que eu aprofundasse o beijo.

E eu queria. Seu cheiro e calor embaçaram meu cérebro. Em vez de ceder ao desejo do meu corpo, eu balancei a cabeça e me afastei. Esta noite, pela primeira vez desde a festa, sonhei em dormir com Danilo. Como na maioria das minhas fantasias, minha primeira vez aconteceu em frente a uma lareira com chamas piscando ao fundo. Não tinha certeza de por que escolhi essa fantasia como minha favorita, mas ela se repetia.

Encontrei Emma para almoçar no dia seguinte na casa dos pais de Danilo. A mãe dela estava almoçando com alguns amigos, então tínhamos privacidade. Apesar das minhas tentativas de convencê-la de que a frieza de Samuel não tinha nada a ver com ela e era apenas ele sendo o idiota de sempre, não tinha certeza se consegui fazer Emma acreditar. Como Danilo, ela era boa em esconder suas emoções. Eu só podia esperar que Samuel não bagunçasse esse início como Danilo... a

menos que ele já tivesse. Não tinha como saber, já que nem Emma nem ele compartilharam nada sobre seus encontros anteriores comigo.

Nos dias que se seguiram, Danilo parecia mais determinado a se aproximar de mim, mas também demonstrou uma paciência notável em me manter à distância. Ele costumava tocar minhas costas quando me levava a algum lugar, pegava minha mão ou dava um daqueles beijos demorados que me faziam querer me render a ele. Gostava dos pequenos toques e sentia-me ansiosa por mais a cada dia que passava. Mesmo assim, mantive distância.

Fiquei mais relaxada perto de Danilo e comecei a me orientar na mansão e em Indianápolis. Meu primeiro encontro com as esposas dos capitães foi surpreendentemente bom, principalmente graças à mãe de Danilo, Adelina, e minha apresentação aos chefes da instituição de caridade para crianças deficientes foi um sucesso total. Até me dava esplendidamente com os funcionários da minha nova casa, embora eles ainda fossem limitados em suas interações comigo.

A única coisa que ainda obscurecia minha felicidade era a polidez distante entre Danilo e eu. Não era a excitante vertigem que eu desejava como recém-casada. Desta vez não era Danilo o responsável pelos nossos encontros contidos. Podia dizer que ele queria mais proximidade porque estava sempre me tocando e se inclinando para falar comigo, mas ele aceitou meus limites.

Fiquei dividida entre a gratidão e a impaciência. Meu orgulho me impedia de permitir mais, como se precisasse fazê-lo esperar por muito mais tempo para compensar os anos de desejo que sofri.



A maldição de Danilo chamou minha atenção, então saí do banheiro do meu antigo quarto. Era o dia do casamento de Emma e Samuel em Minneapolis. Danilo e eu tínhamos voado esta manhã por causa de um encontro noturno que Danilo teve que participar em

Indianápolis. Estávamos hospedados com meus pais e era estranho estar de volta ao meu quarto de infância como uma mulher casada e com meu marido. Embora o quarto não tivesse nenhum sinal de infância, me senti como se tivesse sido catapultada de volta ao meu eu mais jovem em meu antigo ambiente.

Danilo estava puxando a gravata, olhando carrancudo para seu reflexo na minha penteadeira. Ele tinha que se curvar ligeiramente para se enxergar.

— O que há de errado?

— Está torto, — ele grunhiu.

Levantando minhas sobrancelhas, me aproximei dele. A gravata parecia perfeitamente boa para mim, mas Danilo estivera de mau humor a manhã toda. — Deixe-me, — disse, embora Danilo fosse melhor para dar nó em gravatas. Ele deixou cair os braços e se endireitou.

— Isso é porque sua irmã vai se casar com meu irmão?

Danilo fez uma careta. — Não acredito que ela vai se casar hoje. Sei que ela é uma mulher adulta, mas para mim ainda é a menina que quero proteger.

Sorri. — É por isso que Samuel não gosta muito de você. Você tirou a irmã dele.

Danilo riu, seus braços me envolvendo. — Sim, ele e eu temos a mesma tendência de proteção. Mas não vou te devolver também.

Minha respiração falhou com a nossa nova proximidade e meus dedos se atrapalharam em torno de sua gravata. Danilo procurou meus olhos.

Beije-me, queria dizer, mas fiquei calada.

Danilo abaixou a cabeça lentamente, me dando todo o tempo do mundo para recuar. Seu hálito quente roçou meus lábios, e meu coração bateu tão rápido que fiquei preocupada que pudesse estourar nas minhas costelas.

Claro, ouvi garotas sussurrando sobre beijos. Que poderia ser um momento mágico que enchia seu estomago de borboletas. Quando a

boca de Danilo tocou a minha, foi tudo isso. Meu corpo aqueceu e um bando de borboletas começou a se agitar no meu estômago. Mas isso não era nem a metade. Nunca pensei que um beijo pudesse fazer meu núcleo pulsar de desejo, pudesse me deixar tão excitada que minha calcinha grudasse na minha pele latejante, mas os lábios de Danilo nos meus conseguiram isso. Ele massageava meu couro cabeludo inclinando minha cabeça enquanto sua outra mão fazia círculos nas minhas costas. E sua boca e língua... Minha mente estava girando enquanto minha língua seguia seu exemplo. Ele me beijou sem pressa, um beijo lânguido e saboroso, enquanto nossas línguas se descobriam.

Danilo se afastou para chupar meu lábio inferior. Minha respiração ficou mais pesada enquanto nossas bocas deslizavam uma sobre a outra, enquanto sua língua brincava e acariciava de uma forma que me fez querer senti-la em outros lugares.

Quando ele finalmente interrompeu o beijo, estava atordoada e ofegante. Minha calcinha estava encharcada e não queria nada mais do que obter algum alívio. Os olhos de Danilo pareciam ter escurecido e seu peito arfava. Ele olhou para o relógio e balançou a cabeça.

— Droga. É hora de partirmos. Sua família está esperando por nós na igreja.

Como ele podia ser tão controlado, como podia não querer arrancar minhas roupas? Parte de mim estava feliz, a parte que lembrava nosso último encontro e se apegava ao meu orgulho, mas a parte que meu núcleo latejante liderava tinha outros planos. Ainda assim, recuei, assentindo. Sabia que meu rosto estava vermelho.

Danilo pegou o paletó da cadeira da minha penteadeira. Foi quando notei a protuberância em suas calças. O triunfo passou por mim. Ele olhou de soslaio para mim como se estivesse tentando ver como eu estava lidando com nosso beijo.

Reunindo minha coragem, fui até minha mala e peguei uma nova calcinha. A minha parecia pegajosa e eu não me sentiria confortável em usá-la no casamento, mas em outras circunstâncias teria escondido isso de Danilo para me poupar do constrangimento. Depois de ver sua

excitação, no entanto, queria que ele soubesse que fui afetada pelo beijo.

Os olhos de Danilo nunca deixaram os meus.

Lhe dei um sorriso tímido. — Apenas me dê um segundo para me trocar, ok?

Seu olhar cintilou sobre a calcinha pendurada em meus dedos e suas narinas dilataram-se, seus olhos escurecendo ainda mais. — Vá em frente. — Sua voz estava pouco mais do que rouca.

Quase bêbada, recuei para o banheiro. Não fechei a porta. Alcançando debaixo do meu vestido de coquetel lavanda, puxei para baixo minha calcinha encharcada. Danilo não havia se movido de seu lugar no centro do meu quarto, e me emocionava que ele estivesse me observando.

Meu corpo vibrou sob sua atenção. Fingindo não perceber, coloquei a calcinha limpa e deslizei pelas minhas pernas.

Quando voltei para o lado de Danilo, seu braço envolveu minha cintura. Não recuei.

— Sofia, — disse ele, balançando a cabeça novamente.

— Devemos sair, certo?

Deslizei para fora de seus braços e saí. Logo seus passos me alcançaram. Podia sentir seus olhos praticamente queimando em mim.



O casamento foi espetacular, assim como as festividades, que foram, é claro, realizadas no melhor hotel de Minneapolis. A tensão de Danilo voltou quando estávamos sentados na igreja, mas foi diminuindo lentamente ao longo da noite, embora ele ainda estivesse longe de estar relaxado.

A primeira vez que ele não seguiu cada movimento de sua irmã com seus olhos vigilantes foi quando dançamos. Ele me segurou perto, sua palma quente contra minhas costas. Com a gente tão perto, eu não

conseguia parar de me lembrar do nosso beijo, meu primeiro beijo de verdade, e cara, que beijo. Mesmo em minhas fantasias, não tinha sido tão bom, o que me fez pensar como seria o resto de nossos encontros físicos. O desastre da festa obviamente não era a escala pela qual julgar nossa vida sexual.

Peguei os olhos de Anna brevemente do outro lado da sala. Ainda não tínhamos tido tempo para um bate-papo particular. Tínhamos nos falado ao telefone praticamente todos os dias desde meu casamento, mas falar pessoalmente era diferente.

— Anna supera de longe minha veia protetora, — murmurou Danilo.

Ri, encontrando seu olhar. — Somos amigas durante toda a nossa vida. Ela só quer ter certeza de que estou bem.

— E você está? Depois do beijo?

Mordendo meu lábio, sussurrei: — Eu estou. — O beijo despertou meus sentidos e minhas esperanças. Se Danilo podia me beijar assim, com certeza me desejava.

— Ótimo, porque não consigo pensar em mais nada além do gosto dos seus lábios, Sofia. Mal posso esperar para te beijar de novo.

Apertei seu ombro, me aproximando um pouco mais. — O que você está esperando? — Surpresa com minha própria coragem, ri.

— Se te beijar do jeito que quero aqui na pista de dança isso causará o escândalo do ano, — disse Danilo secamente.

Meu olhar vagou sobre os outros convidados, envolvidos em uma conversa educada e danças obedientes. Eles ficariam chocados, mas talvez não. Afinal, as irmãs Mione estavam sujeitas a escândalos. Empurrei Serafina para fora da minha cabeça como fiz todos os dias nas últimas duas semanas. Para que me sentisse confortável com Danilo e realmente nos desse uma chance, não podia deixar que pensamentos de Fina me perturbassem, por isso também não atendi seus telefonemas. — Não devemos arruinar o casamento da sua irmã assim.

Danilo examinou meu rosto, como se tivesse percebido minha breve caminhada pela estrada da memória.

— Você provavelmente deveria dançar com ela, — acrescentei. Danilo assentiu e relutantemente me entregou ao papai. Depois de mais algumas danças, pedi licença para sair da pista de dança, meus pés doendo em meus saltos altos. Procurei por Anna no salão, mas ela estava dançando com Samuel. Desesperada para tirar meus sapatos, escapei do salão de banquete. Não poderia tirar os sapatos perto das pessoas. Isso era contra a etiqueta.

Encontrei um banco confortável em um corredor lateral e sentei nele. Soltei um suspiro quando tirei meus sapatos. Meus pés estavam vermelhos e bolhas estavam se formando em meus dedos. Não deveria ter usado sapatos novos para uma noite em pé e dançando.

Passos me alertaram que alguém estava se aproximando, e levantei os olhos para ver Danilo virando no corredor com uma expressão de preocupação no rosto. Ele relaxou visivelmente quando me viu.

— Preocupado que tivesse fugido? — Disse com um pequeno sorriso.

Ele se sentou ao meu lado e me surpreendeu pegando meu pé e massageando-o. Me inclinei para trás e gemi baixinho. — Desculpe, isso é muito bom.

Danilo balançou a cabeça e aplicou o mesmo tratamento no meu outro pé. O olhar que ele me deu foi intenso, e logo a simples massagem parecia mais do que uma maneira de aliviar minha dor.

Estava silencioso nesta parte do hotel. O salão de banquetes ficava a uma boa distância e os banheiros ficavam na outra direção. Danilo largou meu pé e segurou meu rosto. Me aproximei dele e nossas bocas se chocaram.

Me perdi no beijo, no calor e no gosto de Danilo. Ele me colocou em seu colo e eu passei meus braços em volta de seu pescoço, afundando ainda mais no beijo. Sua ereção cavou em minha bunda, despertando minha própria necessidade. Tanto para trocar de calcinha.

— Merda, — alguém murmurou.

Danilo e eu nos separamos. Anna estava a alguns passos de nós. Ela me enviou um olhar que deixou claro que queria detalhes, então lentamente se afastou com uma falsa expressão tímida. Antes de virar a esquina, ela piscou para mim.

Danilo fez um som baixo com a garganta. — Ela está ficando irritante.

— Você não pode culpá-la. Você não lhe deu muitos motivos para gostar de você.

— Estou tentando compensar minhas transgressões do passado, — disse Danilo enquanto beijava minha garganta.

Fechei meus olhos, deixando sua boca fazer sua mágica. — Devemos voltar para a festa antes que as pessoas suspeitem.

— Os deixe suspeitar. Somos casados. Podemos fazer o que quisermos. O que fazemos em particular é problema nosso.

Arrepios subiram na minha pele enquanto considerava as opções.

Saí de seu colo antes que pudesse me perder completamente, mas Danilo segurou meu pulso e me puxou para baixo para que pudesse murmurar em meu ouvido. — Como está essa calcinha? Encharcada?

Meus olhos se arregalaram, surpresa com sua franqueza. Queria ser tão ousada. Olhando ao redor, enfiei as mãos por baixo do vestido e tirei minha calcinha. Com um sorriso tímido, coloquei-a em seu bolso. Ele congelou e me preocupei por ter cruzado a linha ou feito algo nojento, então ele me puxou contra ele e me beijou com força. Engasguei e me afastei.

— Devemos voltar.

Danilo enfiou a mão no bolso da minha calcinha e gemeu. — Sofia, porra, o que você está fazendo comigo?

Recuei. O ar contra minha boceta parecia estranho. A ideia de passar a noite nua quase me fez arrepender da minha pequena acrobacia, até que vi Danilo me olhando como se quisesse me devorar.

No caminho de volta para o salão de banquete, Anna me interceptou. Danilo foi em frente enquanto Anna e eu seguíamos para o

banheiro. No momento em que ficamos sozinhas, eu soltei: — Não estou usando calcinha. — Não tinha certeza do que me fez dizer isso, talvez fosse o efeito da energia nervosa zumbindo sob minha pele desde que perdi a barreira entre minha carne latejante e o ar.

As sobrancelhas castanhas de Anna se ergueram. — Bom para você!

Cobri meus olhos e ri. — Acho que estou perdendo a cabeça.

— Tudo por causa de um beijo? Ou vocês dois deram uma rapidinha em um canto escuro antes de eu pegá-los? — Ela puxou minha mão para baixo, me forçando a encontrar seu olhar curioso.

— Esse foi apenas o nosso segundo beijo. Nós realmente não fizemos mais... a menos que você conte a festa.

— Isso não conta, — Anna murmurou. — Mas vocês dois pareciam terrivelmente aconchegantes, nada parecidos com pessoas que queriam parar de se beijar.

— Eu não queria. Não quero. — Suspirei. — Não quero me precipitar depois de tudo.

— Então não faça. Ou tente separar a luxúria do amor. Você poderia começar fazendo um ótimo sexo com Danilo e, então, lentamente trabalhar seu caminho até uma conexão emocional.

— Duvido que isso vá funcionar. Não consigo separar sexo de emoções.

— Se você diz, mas pelo que vi posso dizer que você não vai conseguir resistir por muito mais tempo. Andar por aí sem calcinha não significa realmente abstinência, sabe?

Lhe lancei um olhar indignado, o que deixou seu sorriso mais sujo. — Vamos, Sofia. Estou certa, não negue.

— Queria provocar Danilo, tornar a espera mais difícil para ele.

— Parece que você o deixou duro. — Ela piscou. — E tornou tudo mais difícil para você também.

— Seus jogos de palavras são piores do que os de Leonas.

Ela bateu seu ombro contra o meu. — Vamos levá-la de volta para seu marido. Tenho certeza de que ele está protegendo sua calcinha com a vida.

— Anna, não diga nada a ninguém.

Ela revirou os olhos. — Não se preocupe, sua reputação de boa menina está segura comigo. Tenho prática em manter um colete branco. A vida é aproveitar as pequenas liberdades.

Bufei enquanto ela me arrastava de volta para a festa.

Danilo estava conversando com meu pai e Samuel. Ele olhou na minha direção quando entramos. O calor percorreu meu corpo, amplificado por saber que minha calcinha estava em seu bolso.

— Dou no máximo duas semanas antes de você arrancar a roupa dele.

DEZOITO



Anna chegou perigosamente perto de estar certa. Danilo e eu nos beijávamos com frequência e ficou mais difícil me afastar. Ele nunca tentou aprofundar as coisas, e imaginei que estava esperando um sinal meu.

Danilo e eu caímos em uma rotina experimental. Todas as manhãs tomávamos café juntos, que Danilo preparava, claro. Depois, ele saia para reuniões de trabalho e eu cuidava das minhas responsabilidades sociais, malhava, me encontrava com o chef que estava me ensinando a cozinhar, tinha talento para sobremesas, especialmente confeitaria, e trabalhei em minhas inscrições para a faculdade. Quando Danilo chegava em casa no final da tarde, alimentávamos os koi's juntos e geralmente acabávamos nos beijando. Em seguida, jantávamos, que às vezes eu preparava, e depois nos acomodávamos no sofá para conversar ou assistir a filmes. Danilo gostava dos clássicos antigos, principalmente as produções europeias, o que era uma experiência nova para mim.

A atmosfera sempre ficava tensa quando íamos para a cama, principalmente porque eu ficava tensa. Provavelmente era por isso que nunca nos beijávamos na cama.

Duas semanas depois do casamento de Samuel e Emma, decidi jogar a cautela ao vento. Quando Danilo se acomodou ao meu lado sob as cobertas, me aproximei dele e o beijei.

Ele não hesitou em envolver seus braços em volta de mim e me puxar contra ele, aprofundando o beijo. Nossas pernas ficaram

emaranhadas e as mãos de Danilo percorreram minhas costas, deslizando sob a minha camisola até minha pele nua. Como sempre, quando nos beijávamos, estava encharcada. Acariciei as costas fortes de Danilo, acompanhando seus músculos flexíveis.

Uma das mãos de Danilo deslizou para dentro da minha calcinha, apertando minha bunda. Meu corpo travou, imagens não convidadas da noite da festa inundando minha cabeça. Tentei afastar essas memórias, me forçando a me concentrar no beijo, mas logo minha excitação diminuiu.

Danilo continuou a acariciar minha bunda, mas se afastou, examinando meu rosto. — Demais?

— Não sei. — Estava confusa. Queria mais, mas minha mente havia desligado meu corpo.

Danilo tirou a mão da minha calcinha e segurou minha nuca, estreitando os olhos pensando. — Isso ainda é por causa do que aconteceu na festa?

Assenti.

— Desta vez não será assim. Vou levar meu tempo, prepará-la, prestar atenção ao que você gosta...

Inclinei-me e o beijei novamente. Correndo minhas mãos pelo seu peito, moí contra a coxa de Danilo, tentando desesperadamente vencer minha mente, mas agora não estava nem um pouco molhada. Danilo passou a palma da mão na parte externa da minha coxa, depois na área sensível por dentro. Quando seus dedos se aproximaram do meu centro, fiquei tensa. Ele começou a recuar, mas coloquei minha mão na dele, parando-o. — Não pare.

Ele deslizou seus dedos mais para cima, escovando minhas dobras externas. Meu corpo parecia prestes a explodir de tensão, e não de um jeito bom. Danilo balançou a cabeça e parou de me beijar. — Isso não está funcionando.

Gemi. — Eu sei. — Caí de costas e olhei para o teto, tentando determinar por que exatamente me fechei. Parte disso era estar com medo da dor, mas duvidava que fosse ser assim de novo. A outra

parte? Meu cérebro repassando aquelas garotas loiras com quem Danilo esteve no passado. — Você prefere loiras?

— O que? — Danilo murmurou, apoiando-se no cotovelo e inclinando-se sobre mim.

Dei de ombros. — Todas as suas acompanhantes eram loiras, e na festa você me escolheu por causa da minha peruca.

— É por causa disso?

— Talvez. Realmente não sei.

Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo. — Nunca tive uma queda por loiras. Nem mesmo anos atrás. — Presumi que ele estava se referindo a quando tinha sido noivo de Fina.

— Saía com garotas com cabelo castanho, cabelo preto, cabelo loiro.

— Não depois, — disse, também evitando o nome de Fina.

Danilo tocou meu quadril, seu polegar deslizando por baixo da minha camisola para acariciar minha pele. — Não fodi aquelas mulheres porque me sentia mais atraído por loiras. Fiz isso por causa dos meus problemas de raiva. — Ele alcançou meu cabelo e correu os dedos pelos meus cachos. — Amo a cor do seu cabelo, como castanhas.

— Ok, — murmurei, mesmo que a raiva parecesse uma explicação estranha para foder loiras, mas todos lidavam com o trauma de maneiras diferentes. Eu rolei, me enrolando nele. — Quero continuar tentando. Eventualmente, meu corpo vai ceder.

Danilo sorriu ironicamente. — Vou tentar quantas vezes você quiser. Mas talvez devêssemos continuar pela manhã. — Ele passou os braços em volta de mim e me acomodei em seu peito.

Me sentia mais confortável com Danilo a cada dia. Eu ainda não o entendia, mas talvez isso fosse normal. Os homens, especialmente os homens em nosso mundo, eram uma espécie estranha.



Acordei nos braços de Danilo e me virei para beijá-lo. Nossos corpos ainda estavam relaxados do sono, mas rapidamente esquentaram. Mas, como antes, minha mente bagunçou as coisas.

Danilo me deu tempo para me recompor e desceu para preparar o café da manhã.

Olhando para o teto, coloquei a mão entre minhas pernas. Estava seca como o Saara. Era estranha a rapidez com que meu corpo passava de excitação total para um estado árido, uma vez que se continha. Não tinha me masturbado desde a festa. Por alguma razão, os eventos embotaram minha libido. Meus dedos trabalharam meu clitóris do jeito que eu normalmente gostava, mas meu corpo mal reagiu. Frustrada, esfreguei mais forte.

Danilo pigarreou.

Puxei minha mão e fechei meus olhos com um gemido. A cama afundou e abri meus olhos quando ele colocou a bandeja para baixo. — Só estava tentando ver se meu corpo ainda funcionava.

Danilo se abaixou e me beijou lentamente. — Você parecia estar com dor. Não parecia agradável.

— Não estava.

— Que tal tomarmos o café da manhã e depois tentamos resolver o problema novamente?

— Resolver o problema? — Repeti, minhas sobrancelhas franzindo. Coloquei um morango na boca. — Isso também não parece agradável.

Tínhamos terminado nossos waffles e conversávamos sobre meus planos de começar a faculdade na primavera quando Danilo perguntou: — Você vai me deixar ler algo seu?

Minhas bochechas explodiram com calor. Até agora, todas as minhas histórias eram de amor melosas e sensuais.

Danilo ergueu as sobrancelhas. — Tão ruim assim?

— Muito embaraçoso.

— Pior do que me envergonhar por não reconhecer minha própria noiva só porque ela usava uma peruca?

Bufei. — Talvez.

O telefone de Danilo tocou. Ele gemeu. — Tenho que ligar para Marco.

— Vou tomar um banho. — Pulei da cama, grata pelo indulto de falar sobre minha escrita.

Depois do banho, amarrei meu roupão em volta da cintura e voltei para o quarto. Danilo ainda estava ao telefone, recostado na cabeceira da cama, o peito musculoso à mostra.

Vendo meu olhar apreciativo, Danilo sorriu maliciosamente ao murmurar: — O que há de tão difícil em correr de carro?

Fui até a cama e me sentei ao lado de Danilo. O roupão se abriu, revelando minhas coxas e um pouco da minha boceta. Os olhos de Danilo dispararam para a fenda, demorando-se no ápice das minhas coxas. Inclinando-me para trás, peguei um morango da bandeja e coloquei na minha boca.

Danilo encerrou a ligação sem dizer uma palavra e estreitou os olhos para mim. — Vê-la comer morangos com sua boceta em exibição assim, não consigo parar de me perguntar qual é o seu sabor.

Quase engasguei com o pedaço de fruta, mas rapidamente disfarcei meu choque. — Provavelmente não o sabor de morango, — disse indiferente, embora minhas bochechas estivessem em chamas.

Ele me estendeu outro morango. — Aposto que tem.

Peguei a fruta e levei aos lábios, mas Danilo balançou a cabeça. Fiz uma careta em confusão. Ele acenou com a cabeça em direção a minha área mais privada.

Meus olhos se arregalaram, mas então pensei *dane-se*. Com as bochechas queimando, levei o morango para minhas dobras e mergulhei entre elas. Os olhos de Danilo acompanharam o movimento, os lábios entreabertos. Talvez ele tenha achado que eu não faria isso.

Tirei a fruta e Danilo agarrou meu pulso, levando minha mão à boca. Ele segurou o morango com os lábios, cantarolando.

A excitação acumulou-se entre minhas pernas enquanto o observava comer a fruta. — Tão deliciosa quanto imaginei.

Peguei seus lábios em um beijo, mas só senti o gosto de morango, nenhum sinal de mim mesma. Danilo me puxou meio para cima dele. Nosso beijo logo aqueceu e ele segurou minha bunda com a mão, apertando, as pontas dos dedos roçando minhas dobras levemente.

Meu corpo enrijeceu, apesar do desejo ardendo em minhas veias. Danilo se afastou do beijo quando ficou claro que não iria relaxar. Deixei minha cabeça cair para frente até que minha testa descansou em seu peito quente. Odiava meu corpo por fazer isso comigo.



Precisei de todo o meu autocontrole para não levar as coisas adiante, mas o corpo de Sofia ainda estava tenso quando acariciei a parte inferior das suas costas. Sua mente ainda estava presa ao passado doloroso. Se a pressionasse e fizesse o que queria, tocá-la até que gozasse na minha mão, ela poderia estar muito tensa para aproveitar como deveria. Não queria adicionar outra experiência ruim à sua memória. Se quisesse uma vida sexual satisfatória, precisava garantir que Sofia só tivesse encontros positivos a partir de agora, mesmo que isso matasse meu pau.

— Esse nível de intimidade... — Ela balançou a cabeça. — Não consigo... ainda não. Minha mente sempre volta para aquela noite e então meu corpo se fecha. É frustrante.

Concordei. Suspeitei disso. Tinha que pagar o preço pela minha merda. — Por que você não tenta se tocar enquanto estou no quarto?

Ela levantou a cabeça do meu peito, parecendo resignada. — Nem gosto muito quando me toco, não desde aquela noite. Você mesmo disse, não parecia agradável. Simplesmente não consigo relaxar. E se você assistir, ficaria com vergonha de me tocar. Seria estranho.

Acariciei sua garganta, meus dedos brincando sobre sua clavícula. Queria que as coisas progredissem. Ser paciente era um trabalho árduo. Porra, eu queria estar com a Sofia.

Talvez... — Posso ter uma ideia de como fazê-la se divertir na minha presença sem ter que tocá-la até que esteja mais confortável.

Sofia me lançou um olhar curioso.

A beijei. — Espere. Vou ter que conseguir algo primeiro.



Na noite seguinte, depois que nos arrumamos para dormir, coloquei um pacote rosa na cama ao lado de Sofia.

— O que é isso? — Ela perguntou curiosamente.

Tirei o dispositivo da embalagem. Encontrei online quando pesquisei brinquedos para casais. Era um vibrador pequeno e curvo com uma almofada que era pressionada contra o clitóris.

— É um brinquedo recomendado para mulheres com dificuldade para relaxar. — O anúncio prometia a todas as mulheres um orgasmo.

— Parece uma mini banana rosa, — disse Sofia horrorizada.

— A penetração é rasa. Achei que você preferiria até que dormíssemos um com o outro, mas a vibração estimula seu ponto G e a pequena ventosa imitará a sensação de meus lábios em torno de seu clitóris.

Sofia estudou o dispositivo, seu rosto ficando cada vez mais vermelha. — Isso é um Satisfyer?

Levantei minhas sobrancelhas. — Acho que é assim que se chama, sim.

Ela balançou a cabeça e murmurou algo que soou suspeito como Anna. Não perguntei por que as meninas discutiram sobre brinquedos sexuais.

Levantei o controle remoto. — E isso é para mim, para que possa controlar a vibração de ambas as extremidades.

As bochechas de Sofia ficaram vermelhas. — Oh Deus.

— Acho que isso pode ajudá-la a relaxar e gozar. Vale a pena tentar, não acha? — A mera ideia de controlar o vibrador na boceta de Sofia apertou minha virilha. Queria lhe dar o máximo de prazer possível, e se ela não conseguia relaxar sob o meu toque ou seu próprio, precisávamos descobrir novas maneiras.

— Você vai tentar? — Murmurei enquanto a beijava.

Ela assentiu, mas ainda parecia vagamente horrorizada. Entreguei a ela o vibrador e um pequeno frasco de lubrificante. Ela olhou para ele, então se levantou e correu para o banheiro. Esperava que ela deslizasse em sua boceta comigo presente, mas lhe daria todo espaço que precisava. Escolhi o menor vibrador que pude encontrar, sem saber ao certo o nível de conforto de Sofia com a penetração. Ela parecia muito tensa na festa, mas foi principalmente minha culpa.

Depois de alguns minutos, gritei: — Você está bem?

— Sim, — ela gritou. A porta se abriu e ela saiu. Ela estava andando com dificuldade, e o sangue correu para meu pau quando percebi que era por causa do vibrador em sua boceta. Com sua camisola cobrindo-a, eu não conseguia ver nada, mas apenas imaginar o dispositivo era o suficiente para me deixar louco.

Ela se sentou ao meu lado, mordendo o lábio. — E então?

— É uma sensação estranha, mas não de um jeito ruim. Um pouco desconfortável no início, mas está melhorando.

Peguei o controle remoto e liguei o estimulador de clitóris. Sofia respirou fundo, as coxas se contraindo. — Como se sente?

— É bom, — ela suspirou, olhando para seu colo.

Liguei o vibrador no mínimo também, e o zumbido suave começou. Porra, se isso não era a coisa mais sexy que eu poderia imaginar.

— Oh, — ela sussurrou, pressionando suas coxas. Suas pálpebras caíram enquanto o dispositivo lhe dava prazer.

Minha boxer ficou desconfortavelmente apertada. Poderia gozar na minha roupa como um adolescente. Um breve sorriso apareceu no rosto de Sofia quando ela viu minha situação, então aumentei o estimulador de clitóris, fazendo-a engasgar.

Não queria nada mais do que tirar meu pau e dizer a Sofia para me chupar. Ela me surpreendeu quando estendeu a mão e me segurou através da minha boxer. Meu pau se contraiu ansiosamente. — Sofia, — gemi. — Vou ter que tirar meu pau para fora e bater uma punheta se você não quiser cuidar disso.

Não era uma coisa romântica de se dizer, mas dane-se, não estive com uma mulher há mais de seis meses. Estava a ponto de explodir.

Um sorriso tímido se formou nos lábios de Sofia. Liguei seu vibrador no médio. Seu domínio sobre meu pau aumentou. — Mostre-me, — ela sussurrou.

Não precisei ouvir duas vezes. Empurrei minha boxer para baixo e enrolei minha mão livre em torno do meu pau, acariciando-me e espalhando meu pré-sêmen sobre a minha ponta. Sofia me observou quase ansiosamente.

Luxúria brilhou nos lindos olhos de Sofia quando ela se aproximou de mim. Puxei minha mão para trás, permitindo que ela me tocasse. Ela começou a me esfregar com cuidado, mas logo suas ministrações ficaram mais ansiosas. Suas pálpebras caíram e sua respiração ficou mais pesada. Aumentei a sucção no clitóris. A cabeça de Sofia caiu para trás, sua boca aberta, suas coxas se fechando.

Precisei de todo o meu autocontrole para não disparar minha carga imediatamente, apenas sabendo que Sofia tinha um vibrador em sua boceta e estava gostando. Aumentei ainda mais a vibração, precisando vê-la gozar. Os lábios de Sofia se separaram em um gemido alto, seus olhos se fechando. Meus dedos apertaram no controle remoto. Desesperado para que ela gozasse, pressionei o estimulador de clitóris também.

Sofia apertou meu pau com força em seu punho, seus olhos se abrindo, suas coxas se fechando. Ela gritou roucamente ao gozar. Não

conseguia mais me conter. Com um estremecimento, gozei por toda sua mão. Ela tremia sob a força de seu próprio orgasmo, ordenhando-me quase dolorosamente, mas saboreei a dor emocionante.

— Demais, — ela engasgou, afrouxando seu aperto em meu pau.

Diminui o estímulo. Sofia caiu de costas na cama, parecendo atordoada e exausta. Me estiquei ao lado dela, com cuidado para não sujar as cobertas. Curvando-me sobre seu rosto, corri meu polegar em seu lábio inferior rechonchudo. Estava vermelho. Ela deve ter mordido durante seu orgasmo. — Você me deixa completamente louco, Sofia.

Ela sorriu, então mordeu o lábio e cobriu o rosto com as mãos. Uma risadinha explodiu de seus lábios. — Não acredito que acabamos de fazer isso.

Puxei suas mãos para baixo, divertido com sua mortificação. — Não tenha vergonha. Vê-la se soltar foi sexy.

Ela pigarreou. — Eu deveria remover o... brinquedo, — ela disse e se levantou para desaparecer no banheiro. Usei o tempo para me limpar com um lenço de papel. Precisava tomar banho. Segui Sofia, que estava na pia, lavando o vibrador.

— Vou tomar banho. Você quer se juntar a mim?

Sofia franziu os lábios e abanou a cabeça. — Vá em frente. Vou voltar pra cama.

Fui até ela e toquei seus quadris, encontrando seu olhar no espelho. — Você está bem?

Ela sorriu. — Estou. Só preciso processar isso. — Ela colocou a mão sobre a minha. — Não se preocupe.

Balancei a cabeça e observei enquanto ela voltava para o quarto. Quando terminei, Sofia estava sentada na cama, lendo algo em um caderno.

Deslizei sob as cobertas e passei um braço em volta dela. Ela estendeu o caderno para mim. Eu levantei uma sobrancelha.

— É algo que escrevi. É constrangedor, mas quero compartilhar com você.

Comecei a ler o que descobri ser a fantasia de Sofia para nosso primeiro encontro sexual. A surpresa tomou conta de mim ao ler sua história, especialmente como ela me viu - sua versão ideal de mim. Ela não entrou em todos os detalhes, mas não hesitou em descrever como a toquei e fiz amor com ela. Foi assim que ela colocou, e provavelmente era o que desejava. Fazer amor era algo que sempre me perguntei, mas nunca experimentei. Me preocupava profundamente com Sofia e não podia negar que estava me apaixonando por ela. Seus sorrisos e gentilezas e sua veia teimosa que aparecia ocasionalmente, mas amor não era algo que acontecesse no decorrer de algumas semanas. Demorava. Isso era algo em que eu acreditava firmemente.

Quando terminei de ler, ergui os olhos. A trepidação brilhou nos olhos de Sofia como se temesse minha reação. — É assim que você quer que seja a nossa primeira vez? Em frente a uma lareira no chão?

Ela enrubesceu. — É como imaginei. Não deveria ser como instruções para você. — Ela fechou os olhos, ficando ainda mais vermelha, embora não achasse isso possível. — Só queria que você soubesse que estive imaginando nossa primeira vez e mesmo que meu corpo esteja difícil, eventualmente quero estar com você.

Coloquei o caderno de lado e a puxei contra mim. — Há uma bela lareira na área de estar do meu chalé com vista para o lago. — Fiquei em silêncio. Mencionar o chalé provavelmente não era a melhor ideia, mas Sofia apenas sorriu. — Teríamos que esperar que a temperatura caísse para que fizesse sentido acender a lareira.

Não tinha intenção de esperar esfriar para dormir com minha linda esposa. As cinco semanas desde nosso casamento já haviam se mostrado incrivelmente difíceis.

Sofia deve ter lido meus pensamentos porque revirou os olhos. — Também não quero esperar tanto.

— Bom. Não me importo de morrer de insolação na frente de uma lareira no verão, se isso significar que posso reivindicar seu lindo corpo.

Sofia pressionou o rosto no meu pescoço e riu, mas não disse uma palavra sobre quando estaria pronta. Só teria que ter um pouco mais de paciência.

DEZENOVE



Além de aeróbica na academia Outfit local, onde conheci a esposa de Marco, Bria, por acaso e nos demos bem, comecei a ioga por sua recomendação. Antes do nosso encontro acidental, só a tinha visto no casamento. Por alguma razão, nunca tivemos um encontro duplo. Danilo sempre encontrava Marco sozinho, principalmente para tratar de negócios.

Era uma bela manhã amena de julho quando rolei meu tapete de ioga ao lado do lago de Koi's. Nas seis semanas desde que me mudei para a mansão, comecei a me sentir cada vez mais em casa. Ainda conversava com minha mãe dia sim, dia não, mas não sentia mais saudades de Minneapolis. Agora que tinha uma amiga em Bria, as coisas também estavam melhorando nesse sentido. A distância entre Anna e eu tornava as reuniões regulares difíceis, mesmo que mandássemos mensagens de texto diariamente.

Estava na posição de cão descendente quando avistei Danilo descendo o caminho em seu terno escuro de sempre. Ele me observou enquanto mudava de cão descendente para cobra. Era apenas a segunda vez que fazia ioga em nosso jardim próximo ao lago dos Kois, mas sabia que continuaria sendo meu lugar favorito enquanto o tempo permitisse. Adorava ver os peixes espiarem ocasionalmente na superfície, como se estivessem me cuidando. Nem me senti constrangida enquanto Danilo me observava. A ioga me ajudou a esquecer de todos os meus problemas e inseguranças persistentes. Até considerei finalmente ligar para Fina. Ela não tentou me ligar em duas

semanas, desistindo depois de eu nunca atender. Agora que meu relacionamento com Danilo crescia a cada dia, me sentia culpada por me recusar a falar com ela.

Sentei, minhas pernas cruzadas. — Ei.

Ele se aproximou de mim. Apesar de ter acordado cedo, ele já estava impecavelmente vestido, pronto para começar a trabalhar. Admirava sua ética de trabalho, mesmo que isso significasse que não tínhamos tanto tempo juntos como gostaria às vezes. Mas Indianápolis era uma cidade importante e Danilo ainda era um jovem Underboss na Outfit. Ele precisava mostrar que trabalhava duro para que seus homens, especialmente os capitães e outros Underbosses, o respeitassem. Afinal, dar malditas instruções tinha seus limites. Na maioria das vezes, só traziam medo, não admiração.

— Quero passar alguns dias em nosso chalé no lago. Seria bom ter tempo um para o outro sem distrações, como umas mini-férias.

Surpresa, me levantei e limpei o rosto com uma toalha. — Isso parece ótimo. — Lembrando do comentário de Danilo sobre a lareira do chalé, senti um frio na barriga.

Danilo se aproximou de mim e segurou meu rosto. — Só você e eu, nada mais.

Balancei a cabeça contra sua boca e aprofundei o beijo. Sua língua separou meus lábios, me provando ansiosamente. Adorava beijar Danilo. Sempre despertava todos os nervos do meu corpo. Desde que ele me deu o brinquedo sexual - algo que não tinha mencionado a Anna ainda - relaxei mais e mais, e gozei toda vez que o usamos. Embora adorasse, queria o contato físico com Danilo sem a ajuda de um dispositivo. Talvez o chalé nos desse a oportunidade.

— Você não está muito ocupado? — Sussurrei quando ele se afastou.

Danilo odiava sair de Indianápolis mesmo que por um dia. Ser Underboss de uma das cidades mais importantes da Outfit implicava em muitas responsabilidades, e ele as levava muito a sério. O fato de ele

deixar sua cidade por vários dias para passar um tempo comigo me mostrou que realmente queria que nosso casamento desse certo.

— Nosso casamento é mais importante. Poderíamos aproveitar esse tempo para desfrutar da companhia um do outro.

Um arrepio agradável misturado com nervosismo tomou meu corpo. Será que finalmente faríamos sexo? Não estava tão preocupada com a perspectiva quanto antes. Nos últimos dias, Danilo fez questão de me dar uma abundância de prazer para compensar nosso fracassado primeiro encontro, e estava certa de que ele continuaria fazendo isso.

— Mal posso esperar, — murmurei, esperando que ele entendesse o que eu queria dizer.

Ele me puxou ainda mais apertado contra ele e me beijou até que minhas roupas ficaram desconfortavelmente quentes e meu corpo pulsou de necessidade.

— Preciso ir a uma reunião com o Marco, — murmurou Danilo com pesar.

— Encontrei a esposa dele no ginásio duas vezes agora. Nós realmente gostamos uma da outra. Achei que poderíamos jantar juntos algum dia?

Danilo pareceu surpreso. — Marco não mencionou nada.

Dei de ombros. — Talvez Bria não tenha contado a ele.

A expressão em seu rosto me disse que não o surpreendeu. Não tinha falado com Bria sobre seu casamento com Marco, então não tinha certeza se eles tinham problemas. A única coisa que sabia era que eles haviam se casado algumas semanas antes de nós.

— Vou falar com o Marco sobre isso, mas primeiro vamos tirar as férias. — Ele me beijou novamente antes de se virar. O observei se afastar e soltei um pequeno suspiro, tentando ignorar a necessidade pulsante em meu corpo.

Estava mais do que pronta para tentar novamente e sabia que desta vez seria perfeito.



Uma semana depois, finalmente encontramos tempo para a nossa fuga. Era a primeira vez que voltávamos para o chalé Mancini do lago depois da festa de aniversário de Danilo. À luz do dia, pude apreciar plenamente a bela paisagem ao redor do chalé e do lago.

Espiei curiosamente pela janela. Uma pequena onda de nervosismo acendeu na minha barriga enquanto dirigíamos até a garagem. Não queria ligar este lugar às minhas lembranças ruins. Afinal, um lugar não podia realmente abrigar sentimentos ruins, e não queria ficar presa ao passado.

Danilo colocou a mão no meu joelho e apertou. — Você está bem?

Olhei para ele e enrolei meus dedos em torno dos dele. — Sim, apenas curtindo a paisagem.

— Espero que você aproveite a viagem. Sei que sua única experiência aqui foi horrível, mas realmente adoro passar um tempo no chalé e espero que você também goste um dia.

— Não se preocupe. Vou me concentrar apenas no aqui e agora.

Danilo parou em frente ao chalé, uma construção de madeira de dois andares com um grande pátio com vista para o lago arborizado.

Saí e respirei o ar fresco da floresta. O calor do final de julho dominando Indianápolis não estava presente aqui. Estava acolhedor e úmido, mas não quente. Talvez pudéssemos realmente acender a lareira.

Danilo tirou nossa bagagem do porta-malas e carregou-a para dentro do chalé. Agora, sem dezenas de convidados e luzes piscando, o clima aconchegante que emanava de dentro da casa me surpreendeu. Tudo era madeira, pele de ovelha, tapetes de couro de vaca e sofás de couro cor de conhaque. Enormes janelas permitiam que o sol entrasse nas grandes salas de tetos altos. Uma magnífica lareira de pedra dominava o centro da área de estar, como era padrão na maioria dos chalés da região. Danilo largou a bagagem no saguão e me

mostrou o local. Quando saímos para o pátio, tive um breve flashback, me lembrando de como vira Danilo pela primeira vez no deck inferior e como tínhamos dançado juntos. Arrepios tomaram minha pele, mas a avalanche de memórias não veio.

Danilo tocou meu quadril, seus olhos examinando os meus. — Tem certeza que está bem?

— Definitivamente, — disse. — Que tal você me mostrar o resto do chalé?

Danilo me levou a uma jacuzzi ao lado do pátio que dava para o lago e a floresta ao redor. Não tinha notado a sauna ao lado do pátio da última vez.

Tirou meu fôlego.

Lembrei-me de ver brevemente a jacuzzi na festa, lotada de pessoas seminuas e bêbadas. De repente curiosa, estreitei meus olhos para Danilo. — Quantas vezes você deu festas como aquela?

Danilo deu uma risadinha. — Para ser sincero, nem sequer teria organizado aquela festa se não fosse o Marco. Ele estava determinado a nos dar um último grito de liberdade antes de nos casarmos.

Bufei. — Foi um último grito.

Danilo acariciou meu quadril, me puxando contra ele. — Uma das minhas lembranças de aniversário menos favoritas, para ser honesto. Espero que possamos criar muitas outras memórias melhores no futuro.

— Nós iremos, — disse.

Danilo vinha sendo atencioso e carinhoso nas últimas semanas. Ele realmente estava tentando tanto quanto eu. Finalmente, não era a única que parecia interessada em nosso relacionamento. Além disso, a maneira como Danilo me olhava muitas vezes me fazia pensar que ele poderia ter sentimentos por mim. Duvidava que esses sentimentos fossem amor. Não queria me perder na esperança tola de novo, mas definitivamente havia algo ali.

— Por que não temos uma noite de spa? — Danilo sugeriu. — Vamos mergulhar na banheira de hidromassagem um pouco, depois vamos para a sauna. Podemos nos refrescar no lago.

As temperaturas nesta parte do estado ainda eram moderadamente altas, mas geralmente esfriavam à noite. Uma noite na banheira de hidromassagem e na sauna parecia incrível.

Sorri. — Soa maravilhoso.

— Vamos desfazer as malas e dirigir até a mercearia para comprar comida para os próximos dias. Ainda há carne no freezer das minhas últimas viagens de caça com Marco, então devemos ter carne suficiente para nossa estadia. Mas não podemos descongelar até esta noite.

— Nós poderíamos cozinhar algo juntos. Talvez involtini ou saltimbocca[5]?

Danilo assentiu. — Vamos ver o que o pequeno dono da mercearia tem. Eles têm principalmente carne e peixe fresco.

— Vamos fazer funcionar.

Depois de desfazer as malas, o que demorou muito mais do que o normal porque fiquei impressionada com a vista deslumbrante através das janelas panorâmicas sobre o lago em nosso quarto, finalmente partimos para a mercearia.

Depois de um rápido jantar de peixe grelhado e milho seguido de melancia grelhada, algo que nunca considerei uma possibilidade, mas era incrivelmente delicioso, subimos para o quarto para nos despir.

Danilo seguiu cada movimento meu enquanto me despia e ficava diante dele completamente nua. Ele também estava nu e admirei seu corpo. Meus lábios franziram em um sorriso enquanto observava seu pau crescer. Seu sorriso de retorno era sombrio e faminto. Ele pegou algo que não tinha notado na mesa de cabeceira antes - meu pequeno

---

[5] **Involtini** é uma palavra italiana para vários pequenos pedaços de comida que consistem em algum tipo de camada externa enrolada em um recheio. Saltimbocca, também conhecido como saltinbocca, é um prato italiano feito de vitela forrada ou envolvida com presunto e sálvia; marinado em vinho, óleo ou água salgada dependendo da região ou do gosto pessoal.

vibrador bala. Era outro brinquedo que Danilo comprara para mim, que podia ser inserido totalmente sem qualquer estimulação no clitóris.

— Eu trouxe isso comigo. Tem sido muito útil até agora.

Mordi meu lábio. — Que bom que é à prova d'água, eu acho.

Danilo se aproximou de mim lentamente, o pequeno aparelho na mão e uma expressão no rosto que fez meu núcleo se contrair deliciosamente. — Posso?

Balancei a cabeça, ficando ainda mais excitada com a ideia de Danilo fazendo isso. Até agora, eu sempre o inseri. Danilo acariciou a parte externa da minha perna.

— Apoie uma de suas pernas na cama, — ele instruiu.

Eu o fiz, tentando parecer elegante, apesar do meu estado de exposição. Os dedos de Danilo roçaram minhas dobras sensíveis enquanto ele inseria lentamente o vibrador, sem tirar os olhos de mim. Meus lábios se abriram enquanto ele empurrava cada vez mais fundo. Nossos olhos se encontraram e ele parecia pronto para me devorar. Ele afastou a mão, mas não queria nada mais do que ele continuar me tocando lá.

— Como está?

— Bom, — disse asperamente enquanto abaixava minha perna.

Ele pegou o controle remoto em sua mesa de cabeceira. Meus mamilos enrugaram, antecipando o que estava por vir.

Danilo colocou o vibrador no nível de vibração mais baixo, apenas um sussurro de prazer, mas ao mesmo tempo a promessa de mais. — Pronta para mergulhar na jacuzzi?

Fiquei na ponta dos pés e o beijei antes de murmurar: — Muito pronta.

Danilo soltou um gemido baixo e pegou minha mão, puxando-me atrás dele. Os primeiros passos enviaram ondas de choque de prazer através do meu núcleo enquanto meu corpo se adaptava à vibração profunda.

Danilo olhou para mim pelo canto do olho, sabendo muito bem que eu estava hipersensível agora, mas não diminuiu a velocidade. Não

que estivesse menos ansiosa para passar uma noite relaxante e, com sorte, prazerosa na banheira de hidromassagem e no lago.

Danilo apertou minha mão com firmeza enquanto me levava para a jacuzzi. Mesmo esse toque inocente parecia muito mais apenas por causa do dispositivo dentro de mim. Senti-me safada, ousada e incrivelmente sexy sabendo que isso excitava Danilo. A temperatura lá fora havia esfriado consideravelmente e a leve brisa acariciava minha pele da maneira mais tentadora.

Danilo ajudou-me a subir os degraus da jacuzzi. Enquanto me abaixava na água quente, um gemido suave escapou de mim. Meus músculos relaxaram quando afundei contra o encosto, saboreando as sensações dentro de mim.

Danilo estava exibindo uma ereção impressionante agora. Sorri, sabendo que o excitava controlar o pequeno dispositivo direcionando meu prazer.

Ele colocou o braço em volta dos meus ombros, seus dedos acariciando meu braço. Descansei minha cabeça em seu braço forte e olhei para o lago. Era uma visão muito tranquila, muito diferente da minha primeira impressão da área no aniversário de Danilo.

— O que você está pensando? — Danilo perguntou cuidadosamente, como se pudesse sentir que meus pensamentos haviam voltado no tempo.

Escovei minha palma sobre seu peito. — Só estou curtindo a bela vista.

Levantei minha cabeça e capturei seus lábios em um beijo sensual. Pressionei ainda mais nele, deslizando para seu colo. Sua ereção roçou minha coxa. Danilo me moveu até que montei nele, seu comprimento pressionando contra minha barriga e esfregando deliciosamente contra meu ponto mais sensível. Passei meus braços em volta do pescoço de Danilo, tentando moldar nossos corpos. Gemi em sua boca quando seu pau colocou a quantidade perfeita de pressão no meu clitóris. A palma de Danilo deslizou pelas minhas costas

lentamente antes de segurar minha bunda e apertar. Outro gemido escapou. — Mal posso esperar para estar dentro de você, — rosnou.

Apesar do breve lampejo de nervosismo, queria isso também. Os olhos de Danilo encontraram os meus, tentando avaliar minha reação. Segurei seu olhar. — Adoraria isso.

Danilo roçou os lábios na minha bochecha e orelha. — Amanhã. Tivemos uma longa viagem hoje e quero tornar o amanhã realmente especial.

Passamos a hora seguinte nos beijando na jacuzzi até que comecei a me balançar quase freneticamente contra Danilo e ele soltou um gemido baixo. Ele me parou com um olhar quase doloroso. — Tenho que te parar ou vou me envergonhar.

Não pude deixar de rir, deleitando-me com o poder que possuía.

Danilo me pegou com um rosnado e se levantou. — Já chega. — Mas ele apertou minha bunda de brincadeira e me ajudou a sair da jacuzzi. — Talvez precise lhe dar um gostinho do seu próprio remédio.

Ele se abaixou e pegou o controle remoto que havia deixado cair em uma das espreguiçadeiras. Mordi meu lábio. Ele aumentou as vibrações, fazendo-me inclinar contra ele com uma exalação aguda. Danilo massageou minha bunda novamente. Entramos na sauna finlandesa. O calor explodiu em meu corpo. Muitas sensações me oprimiam. A vibração, o calor, a mão de Danilo na minha bunda. Sentamos nos bancos de madeira da sauna. Danilo pôs uma concha de água nas brasas e o cheiro de abeto encheu meu nariz.

Meus olhos perceberam sua ereção que chamava a atenção.

Danilo percebeu meu olhar e se aproximou para sussurrar: — Você está fazendo isso comigo, Sofia.

Deslizei meu dedo em seu abdômen e enrolei minha mão em torno de seu pau, massageando-o do jeito que ele gostava. Ele pegou o controle remoto e aumentou as vibrações novamente. Meus dedos empurraram contra o comprimento de Danilo. Podia me sentir chegando mais perto e me perguntei se poderia gozar sem qualquer fricção no meu clitóris. Danilo afastou gentilmente minha mão. — Ainda

não, — disse ele asperamente. Ele se levantou e me ajudou a ficar de pé. Senti minhas pernas oscilar, tremendo com os pequenos raios de prazer que irradiavam por mim.

— Vamos nos refrescar um pouco.

Danilo me conduziu até o convés inferior. Lentamente me abaixei no lago frio. Engasguei, então saboreei a sensação porque limpou a névoa cheia de luxúria da minha cabeça. Danilo piscou para mim e mergulhou de cabeça, borrifando-me com água gelada. Ele irrompeu na superfície um momento depois.

Sorrindo, ele nadou até mim e me arrastou contra ele. Enrolei minhas pernas em torno dele e o beijei novamente. Ele nos levou para a beira para que pudesse ficar de pé e nos manter acima da água. Danilo esfregou minhas costas, depois se abaixou para apertar minha bunda. — Danilo, — sussurrei. Não tinha certeza de como expressar minha necessidade.

— Logo, — prometeu Danilo.

Logo parecia muito longe. Precisava de alívio agora, mas me permiti mergulhar no beijo, para saborear o momento.

Comecei a tremer com a água fria, apesar dos cuidados de Danilo. — Hora de aquecer, — ele murmurou, arrastando sua boca para longe da minha. Ligando nossos dedos, ele me levou de volta para a costa de seixos macios e por um caminho estreito até o pátio. As tábuas estavam quentes do fogo. Curvei meus dedos dos pés de alegria, sentindo o calor retornar para eles.

Danilo pegou uma das toalhas felpudas que colocou em uma cadeira e enrolou em volta dos meus ombros antes de desligar o vibrador de bala. Lancei lhe um olhar indignado, mas ele apenas sorriu, uma promessa sombria do que estava por vir. Ele começou a me secar com massagens suaves e calmantes. Meus braços, minhas costas, então ainda mais gentis sobre meus seios. Meus mamilos ficaram ainda mais duros e não por causa do frio. Ele tomou seu tempo nos meus seios, passando o tecido macio sobre minhas protuberâncias doloridas em círculos tentadores até que pequenos sopros escapassem de meus

lábios entreabertos. Isso era tão bom, e lentamente uma profunda e dolorida necessidade se espalhou entre minhas coxas.

Seus olhos seguiram os movimentos de suas mãos enquanto viajavam para a minha barriga. Ele secou minha bunda, apertando suavemente de vez em quando. Mordi meu lábio quando ele se ajoelhou para secar minhas coxas, deixando-o no nível dos olhos com minha boceta. Podia sentir quão dolorosamente molhada estava e sabia que Danilo seria capaz de ver isso. Ele levantou minha perna para secá-la e apoiou meu pé em seu joelho. Sua fricção suave aumentou a pulsação entre minhas pernas, e o ar frio atingindo minha carne molhada apenas aumentou a sensação. Os olhos de Danilo permaneceram na minha boceta enquanto ele esfregava minhas coxas, e pulsei involuntariamente sob sua atenção. Por fim, ele tocou a toalha na minha carne dolorida, gentilmente me secando.

Minha respiração ficou pesada, mas logo Danilo terminou e largou a toalha. Ele não se levantou. Em vez disso, ele se inclinou para frente e deu um beijo suave na minha boceta. Minha respiração falhou e minhas mãos dispararam agarrando sua cabeça. Seu hálito quente passou pela minha carne antes que ele pressionasse um beijo mais firme e prolongado contra minhas dobras, seus lábios roçando meu clitóris. Soltei um gemido suave. Nem tinha percebido o quanto ansiava por isso.

— O que você quer, Sofia? — Ele murmurou entre beijos, tornando difícil formar um pensamento. Até agora, tentei manter alguma distância entre nós, não permitindo esse tipo de proximidade. O pequeno dispositivo ainda dentro de mim me permitiu prazer sem muito contato físico, uma possibilidade estranha.

Queria me soltar, sucumbir ao toque de Danilo, queria realmente unir nossos corpos, mesmo correndo o risco de reabrir minhas emoções.

— Sofia, — ele gemeu. — Estou enlouquecendo aqui. Deixe-me prová-la. — As chamas mal penetravam na escuridão circundante e

distorceram o rosto de Danilo. Sabia que fazia o mesmo com o meu, me protegendo de seu olhar penetrante.

Em vez de responder, movi minha perna para o lado, permitindo o acesso a ele. Ele gentilmente puxou o cabo do meu vibrador bala, me fazendo gemer antes de tirá-lo lentamente e colocá-lo na toalha ao nosso lado. Então ele não hesitou. Sua língua mergulhou, me provando, separando minhas dobras para explorar minha carne sensível. Me agarrei em sua cabeça, fechando meus olhos enquanto praticamente cavalgava sua boca. Me sentia devassa, quase depravada, como se me soltar na segurança do escuro, pudesse ser outra pessoa. Com cada traço de sua língua quente na minha fenda, mais do meu controle escapava. Cada centímetro do meu corpo parecia pulsar de necessidade. Sua língua acariciou e provocou até que ele começou a lamber meu clitóris com movimentos lentos e precisos que me fizeram gemer alto.

Olhei para baixo, precisando ver o que ele estava fazendo. Na luz bruxuleante, pude ver que seus olhos estavam fechados, um sorriso confiante curvando seus lábios, que estavam pressionados contra minha boceta. Sua língua disparou para fora, lambendo-me, e não pude me conter. Gozei com um grito áspero que ecoou pelo lago, me pressionando contra a boca de Danilo, querendo sua língua dentro de mim. Era um pensamento estranho, mas não consegui me livrar dele. Seus dedos cavaram em minha bunda, me puxando ainda mais perto. Como se pudesse ler meus desejos mais sombrios, ele enterrou sua língua profundamente em mim. Continuei assistindo, incapaz de desviar os olhos da visão de Danilo me dando prazer.

Quase chorei de prazer, ainda agarrada à sua cabeça, não querendo que isso acabasse mesmo que se tornasse muito. Danilo se afastou e deu um beijo nas minhas dobras antes de subir pelo meu corpo e reivindicar minha boca em um beijo. Procurei sua ereção, mas ele gentilmente agarrou meu pulso.

— Quero gozar dentro de você. Amanhã. — Ele olhou profundamente nos meus olhos, esperando que eu dissesse algo.

O beijei, sussurrando: — Também quero isso.

Nós nos acomodamos no sofá da sala, os braços de Danilo em volta de mim por trás. As chamas nos mantiveram em um casulo quente e o corpo de Danilo me protegeu do vento. As árvores farfalhavam com a brisa e as ondas batiam na costa. Era tão pacífico.

— O que aconteceu com sua irmã? — Perguntei baixinho, acariciando o braço de Danilo.

Ele não reagiu, como se não tivesse me ouvido, e me perguntei se ele optou por não me responder. Não queria pressioná-lo, mas odiava basear minha opinião nos rumores e fofocas que circulavam em nossos círculos. E perguntar a Emma parecia quebrar a confiança de Danilo, como se estivesse passando por ele. Sem falar que queria saber sobre o homem ao meu lado. Essa parte do passado de Danilo desempenhou um papel tão crucial em sua vida que não saber parecia uma desvantagem se quisesse conhecê-lo plenamente.

— Ela sofreu um acidente de carro, — ele murmurou, sua voz carregada de culpa e melancolia.

Tinha ouvido histórias diferentes sobre como o carro havia batido. Alguns rumores especulavam que Danilo era o motorista e que isso havia sido varrido para debaixo do tapete. Dado seu óbvio sentimento de culpa, me perguntei se os rumores tinham alguma verdade neles.

— Emma teve uma apresentação de balé uma noite. Meu pai estava no hospital por causa do câncer e mamãe passou a noite com ele. Ele estava se recuperando da cirurgia. Fui ver a apresentação de Emma, mas pouco antes de terminar, recebi uma ligação de um de nossos homens informando que havia um maldito conflito com a Bratva. — Danilo olhou furioso para as chamas enquanto repassava o dia. Inclinei meu corpo para poder vê-lo melhor.

— Meu pai não podia por causa da doença, então tive que lidar com o assunto. Decidi deixar a apresentação mais cedo e deixar o guarda-costas de Emma levá-la para casa para que pudesse ir até o bar

que tinha sido atacado. Uma hora depois, Marco me ligou dizendo que Emma tinha sofrido um acidente brutal.

Sua voz carregava tanta dor e pesar que meu próprio coração parecia pesado.

— Fui para o hospital, o mesmo hospital onde meu pai estava se recuperando. Ela ainda estava em cirurgia quando cheguei. Quando o médico me disse que sua coluna havia sido esmagada e que as chances de ela voltar a andar eram quase zero, achei que o tapete estava sendo puxado de debaixo dos meus pés. E então tive que contar aos meus pais, porque ninguém os havia informado sobre o acidente ainda.

Ele fez uma pausa, a dor da memória palpável. Entrelacei nossos dedos, desejando poder estar lá para ele nesse dia.

— Quando entrei no quarto de hospital de meu pai e o vi e a minha mãe já no limite do que poderiam aguentar, pensei em mentir para eles, mas eles mereciam saber a verdade. Minha mãe começou a chorar e meu pai tentou se levantar da cama, embora sua cirurgia tivesse ocorrido apenas no dia anterior. Eles não me culparam, o que por algum motivo só fez com que me sentisse pior.

— Mas você não dirigia o carro. Era função do guarda-costas proteger Emma e levá-la para casa com segurança. Você não podia saber que ele bateria. Você tentou cumprir seu dever para com a Outfit como seu pai provavelmente esperava de você. Você não fez nada de errado.

O sorriso de Danilo era sombrio. — Ainda sinto que era meu trabalho manter minha irmã segura. Ela amava tanto balé e era realmente talentosa, e então, em um momento, foi tirado dela sem qualquer culpa. Tudo porque o bastardo do guarda-costas se sentiu provocado por outro piloto e optou por participar de uma corrida de rua. O idiota tinha ingerido álcool.

— O que aconteceu com ele?

Por um segundo, a brutalidade severa refletiu em seus olhos e eu soube a resposta. — Ele teve a morte que merecia, implorando por

misericórdia, mas sendo negado assim como negou a Emma uma vida normal.

Apertei sua mão. — Emma é uma pessoa muito positiva. Ela é forte. Ela está levando isso com muita graça. Duvido que culpe você.

— Ela não culpa. Ela me disse isso várias vezes, mas, como você, ela é muito boa para este mundo, Sofia.

Franzi meus lábios. — Ser gentil não significa ser cega para a verdade. Você não foi culpado. Fim da história.

— Você não parece me deixar nenhuma escolha a não ser aceitar a sua palavra, — disse ele com mal disfarçada diversão.

Me apoiei em seu peito, tentando parecer severa. — Está certo. Estou batendo meu pé.

Ele balançou a cabeça, rindo. — Acho que então não tenho escolha a não ser ouvi-la.

Me inclinei e o beijei.

— Você sente falta dela? — Ele perguntou com cuidado.

Ele não precisou dizer o nome dela para eu saber que estava falando sobre Serafina. Fiquei surpresa quando ele mencionou minha irmã. Até agora, ele a evitou como o diabo evitava água benta.

— Sim, às vezes. Especialmente no Natal ou nos aniversários, mas às vezes apenas em situações normais, mas está tudo bem. Ela tem sua vida e tenho a minha.

Esperei por sua raiva, porque geralmente ela vinha rapidamente quando Las Vegas era mencionada, mesmo que apenas de passagem. Pensei em contar a verdade, que havia falado com Fina ao telefone algumas vezes, mas optei por não falar. Ele interpretaria isso como traição, outra razão pela qual não tinha certeza se poderia falar com minha irmã novamente. — E você?

Suas sobrancelhas franziram. — Por que sentiria falta dela? Nunca passei um tempo com ela. Tenho você e não quero mais ninguém.

Me inclinei contra ele, absorvendo suas palavras ansiosamente. Elas foram ditas sem hesitação.

Arrepios picaram minha pele com a brisa fresca. Danilo acariciou meu braço. — Devemos entrar? Você está fria.

— Não, — disse rapidamente. — Vamos ficar mais um pouco. É muito bonito.

Danilo acenou com a cabeça, olhando para mim. — Você está absolutamente certa.

VINTE



O céu estava nublado e nuvens cinza-escuras se aproximavam do horizonte. Depois de um café da manhã preguiçoso na cama, Danilo e eu saímos para uma caminhada pela floresta antes que o som de um trovão nos levasse de volta para o chalé.

No segundo em que entramos, o céu se abriu e uma forte chuva caiu.

— Tempo perfeito para a lareira, — disse Danilo, beijando meu pescoço possessivamente antes de ir para a sala. Sorri ao vê-lo empilhar toras de madeira seca na lareira. Troquei minhas roupas de caminhada por um suéter de lã mais confortável e uma saia antes de voltar para baixo

— Vou pegar alguns lanches para um piquenique no chão, — disse de passagem e me dirigi para a cozinha. Voltei quinze minutos depois com uma bandeja de champanhe, frutas vermelhas variadas, trufas de chocolate belgas e queijo francês. O fogo ardia na lareira e Danilo juntou os tapetes de pele de carneiro em volta dela.

Meu estômago deu uma cambalhota enquanto eu caminhava em direção a ele, minha fome de antes esquecida. Coloquei a bandeja no chão e sorri para meu marido. Ele pegou minhas mãos e beijou minhas palmas. Afundamos no chão, minhas costas contra a frente de Danilo, suas pernas me cercando e comemos queijo e frutas. Por fim, Danilo abriu o champanhe e bebemos.

Danilo beijou minha garganta, depois puxou com cuidado o decote do meu suéter, revelando meu ombro nu. Seus lábios roçaram minha pele. — Você é incrivelmente linda, Sofia. Cada centímetro seu.

— Mesmo? — Sussurrei. Danilo já havia me chamado de linda, mas depois de anos de dúvidas não podia ouvir isso o suficiente.

Danilo encontrou meu olhar com determinação. — Sério. Vou ter que te dizer com mais frequência. — Ele beijou o topo do meu braço. As toras estalaram enquanto as chamas as consumiam e logo o calor nos envolveu. A chuva batia quase com raiva contra as portas francesas e o lago parecia escuro como breu, mas por dentro, bem protegidos e quentes, a visão era hipnotizante.

Suas mãos encontraram o caminho sob meu suéter, as pontas dos dedos passando sobre minha barriga nua. Minha pele se contraiu com o toque suave. Danilo lentamente puxou meu suéter pela minha cabeça. Eu usava apenas um sutiã de renda por baixo. — Deixe-me admirá-la, Sofia. — Ele me empurrou suavemente até eu deitar nas almofadas que ele espalhou ao redor das peles de ovelha. Obriguei-me a ficar imóvel, meus braços estendidos vagarosamente acima da minha cabeça.

Por muito tempo me senti inadequada, mas olhando para Danilo agora enquanto ele bebia meu corpo, não duvidei de seu desejo por mim.

Danilo balançou a cabeça. — Gostaria que você pudesse se ver através dos meus olhos apenas uma vez, então nunca duvidaria do meu desejo por você novamente.

Reprimi um sorriso quando ele expressou parte dos meus pensamentos.

Danilo curvou-se sobre mim e me beijou. Passei meus braços firmemente em volta do seu pescoço, feliz por ter seu corpo me protegendo. Ele acariciou meu lado, o toque cuidadoso e amoroso. Seus lábios encontraram os meus novamente, e logo seu beijo se tornou mais faminto, mais exigente, e meu corpo saltou à vida com a sensação dele em cima de mim, de seu beijo e sua palma quente contra o meu

lado. Ele se afastou do nosso beijo e olhou para mim. — Quero você, Sofia.

Meu coração deu um salto porque seus olhos provaram que suas palavras eram verdadeiras. Ele me desejava fisicamente e, além disso, também emocionalmente. Podia sentir isso, e essa percepção caiu como um bálsamo sobre todas as feridas do passado. Sorri e passei meus braços em volta do seu pescoço. — Estou pronta. Seja cuidadoso.

Os olhos de Danilo brilharam de culpa e suavizaram. Ele acariciou minha garganta até que seus dedos se enredaram no meu cabelo. O toque suave me fez estremecer e arrepios cobriram minha pele. — Confie em mim, vou levar o tempo que você precisar.

Concordei. Eu confiava nele. Seus beijos eram gentis. Suas mãos percorreram meu corpo, descobrindo cada centímetro dos meus braços e laterais quase com reverência, me acalmando a cada caricia. Seu toque inocente não me deixou indiferente. Apesar da natureza inocente de suas caricias, meu núcleo logo aqueceu com uma necessidade mais profunda, uma necessidade de mais.

A boca de Danilo deslizou sobre a minha vagarosamente antes de se mover mais para baixo. Ele trilhou beijos suaves no meu queixo e garganta antes de seus lábios agraciarem os meus seios inchados. Meus mamilos endureceram imediatamente, lutando contra o material fino do meu sutiã. Danilo soltou um zumbido baixo, em seguida, traçou a borda do meu decote com a ponta da língua. Meus mamilos doíam por atenção, quase dolorosamente eretos, e uma sensação pulsante tomou conta do meu centro. Precisava de mais. Esperei tanto pelo toque de Danilo, por seu desejo e atenção, e agora que os tinha, era como um afrodisíaco, uma droga da qual não me cansava.

— Tão linda, — murmurou Danilo enquanto dava um leve beijo no meu mamilo através do tecido. Prendi a respiração, minha mão voando para a parte de trás de sua cabeça.

— Danilo. — O tom carente em minha voz não deixou dúvidas sobre o que eu precisava. Danilo acariciou minhas laterais com as palmas das mãos e as colocou sob minhas costas, abrindo meu

sutiã. Ajudei-o sentando-me brevemente para que ele pudesse tirar o sutiã, mas depois me reclinei no carpete felpudo para que Danilo pudesse me ver. Seus olhos famintos observaram meus seios nus e minhas entranhas deram um salto mortal pelo desejo óbvio que ele sentia por mim. Não era a primeira vez que ele via meus seios, mas toda vez que via, parecia que era a primeira vez. A protuberância em suas calças era inconfundível agora.

Danilo balançou a cabeça como se precisasse sair de um transe. Ele pairou sobre mim e roçou o polegar em meu mamilo. Mordi meu lábio com a sensação de formigamento se espalhando do meu peito até o ponto ideal entre as minhas pernas. Minha calcinha grudou em mim. Ele esfregou meu mamilo lentamente, o tempo todo me observando. Apesar do calor em minhas bochechas, mantive meu olhar sobre ele. Seus olhos se fixaram nos meus, e com um sorriso perigoso curvando sua linda boca, ele se inclinou sobre meu seio e lançou sua língua para fora, a ponta cutucando meu mamilo. Meus lábios se separaram. Finalmente, sua boca se fechou em torno do meu mamilo e ele o chupou. O prazer irradiou por cada centímetro do meu corpo enquanto ele chupava e amassava ao mesmo tempo com a outra mão. Seus dentes se fecharam em torno do meu mamilo, me assustando. Ele puxou levemente, depois com mais força. Cravei minhas unhas no tapete com a necessidade quente pulsando entre minhas pernas com cada puxão de seus dentes. Ele soltou meu mamilo e o circulou suavemente com sua língua antes de puxá-lo em sua boca para sugá-lo suavemente. Choraminguei. Minha calcinha estava completamente encharcada, então quando a mão de Danilo escorregou pelo meu corpo, fiquei tensa de vergonha.

— Relaxe, — ele murmurou contra meu mamilo. Então suas palavras se transformaram em um rosnado baixo enquanto seus dedos acariciavam minha calcinha encharcada. — Você está molhada para mim?

— Ninguém mais por perto, — disse. Nem tinha certeza do por que. Normalmente meu filtro cérebro boca mantinha-se intacto, mas a

boca de Danilo no meu peito e entre minhas pernas causou um grande vazamento, em mais de um sentido. Soltei uma risada envergonhada. Era uma merda absoluta em conversa sexy, obviamente.

Por um momento, Danilo olhou para mim como se tivesse crescido uma segunda cabeça, então ele riu e roçou os lábios nos meus com um sorriso ousado. Seus dedos deslizaram pela minha têmpora. — Mas não sei quem está aqui.

Claro, meu cérebro saltou direto para a pergunta sobre quem estava na cabeça de Danilo enquanto namorávamos, mas suas próximas palavras dispersaram minhas preocupações de uma vez. Seu olhar capturou o meu, seus olhos castanhos tão intensos e famintos que minha respiração ficou presa dentro do meu peito. — Você assombra minhas noites e dias, e não importa o que faça, não consigo tirá-la da minha cabeça.

— Eu assombro?

— Sim, — ele murmurou. — Não consigo parar de pensar no seu corpo sexy e em todas as coisas que quero fazer com ele. Você está me deixando completamente louco de desejo, Sofia.

Agarrei seu pescoço e o puxei para outro beijo. — Você é o único na minha cabeça. Quero você. — Danilo me beijou com mais força antes de sua boca viajar pelo meu corpo para agarrar meu mamilo novamente.

Ele deslizou o dedo por baixo da minha calcinha, roçando minha carne aquecida. Fechei meus olhos para focar nas sensações do toque. Quando a ponta de seu dedo agraciou meu clitóris, foi como se partes do meu corpo que não conhecia ganhassem vida. Ofeguei, uma mão segurando sua nuca para segurá-lo no lugar contra meus seios e a outra agarrando a pele de carneiro quase desesperadamente.

— Preciso prová-la, — rosnou Danilo e se afastou do meu peito, apesar das minhas tentativas de mantê-lo ali. — A noite passada não foi suficiente. — O sorriso satisfeito que ele me deu me fez rir, mas fiquei em silêncio quando ele deslizou minha calcinha e a jogou de lado. O ar frio atingiu minha pele aquecida, agitando minha necessidade ainda

mais. Os olhos de Danilo percorreram meu corpo com o que parecia ser reverência.

Danilo gentilmente separou minhas pernas.

— Quero vê-lo também, — suspirei.

Ele tirou o suéter pela cabeça. Ele era tão incrivelmente sexy. Cada centímetro de seu peito era definido e a trilha fina de pelos escuros desaparecendo em suas calças quase me levou à beira do precipício.

— Suas calças, — O lembrei.

Ele balançou a cabeça, focado na minha boceta. — Primeiro vou ter o que quero.

Meu núcleo apertou em antecipação. Todo o medo, preocupação e dúvida voaram para fora da minha mente quando meu corpo assumiu o controle, e deixei, delirando com a liberdade que isso trazia.



Sofia estava deitada diante de mim como uma deusa, com as pernas abertas, permitindo-me uma bela vista de sua linda boceta. Seu clitóris estava inchado e vermelho, desesperado por atenção. Os lábios de sua boceta e nádegas brilhavam com sua luxúria por mim. Porra. Meu corpo gritou para realmente torná-la minha, para me afundar nesta linda mulher.

Em vez disso, tracei a parte interna de sua coxa com o dedo indicador, avançando lentamente para fora dos lábios de sua boceta. Ansiava por fazer isso há semanas. Cada vez que a agradava com o vibrador, meu corpo gritava para provar, sentir, afundar nela.

A noite passada foi um começo, um breve gostinho da minha esposa sexy. Eu precisava de mais.

Ela se contraiu e sua pequena protuberância pareceu inchar ainda mais. Gemi, meus olhos procurando os de Sofia. Ela corou, mas não desviou o olhar. — Mal posso esperar para comer sua linda boceta novamente.

Ela mordeu o lábio, os olhos brilhando com uma fome que foi direto para o meu pau. Subi entre suas pernas e me acomodei. Apoiei-me nos cotovelos e separei ainda mais suas coxas para me dar melhor acesso e uma vista esplêndida. Ontem à noite, não tinha sido capaz de distinguir todos os detalhes bonitos de sua boceta como podia agora. Sabendo que Sofia estava olhando, lentamente lambi uma trilha molhada de sua bunda empinada até o pequeno vale entre seus lábios e a parte interna da coxa. Sua necessidade por mim gotejou e lancei minha língua para fora e lambendo a fenda. Ela engasgou, sua boceta apertando de necessidade.

— Danilo, — sussurrou. — Por favor.

Porra, ela soava como se minha boca fosse sua salvação. Ela logo perceberia que minha língua era melhor do que qualquer dispositivo. A comeria todos os dias. Nossos olhos se encontraram novamente, e uma sensação de total posse me encheu ao ver seu rosto lindo e necessitado. Seus lábios estavam separados, suas bochechas coradas e seus olhos me implorando por mais. — Você quer o vibrador?

Um movimento rápido de sua cabeça.

— Ou você quer que eu lamba sua boceta, linda? Lamba profundamente e com força até gozar na minha língua?

— Sim, — disse sem fôlego.

Como poderia negar isso a ela? Como poderia negar a mim mesmo essa porra deliciosa? Ela cheirava divina. Pressionei um beijo simples em seu clitóris inchado. Novamente, um aperto e uma inspiração aguda. Seus dedos se enredaram no meu cabelo, quase dolorosamente. Decidi parar com a provocação. Sofia já estava molhada e pronta para mais.

Lançando meus olhos para ver seu rosto, lambi sua pequena pérola com lambidas lentas e deliberadas, circulando-a com a ponta da

minha língua, aplicando apenas um sussurro de pressão. Fui recompensado com um gemido trêmulo. A acariciei com meus lábios, explorando suas dobras suaves com minha língua, provando-a. Mergulhei entre seus lábios e dei uma longa lambida em seu clitóris, levando meu tempo para que ela pudesse sentir cada terminação nervosa em sua linda boceta. Mas precisava de mais. Porra, não tinha certeza de qual de nós precisava mais disso. Minha boca se fechou em torno de seu clitóris e chupei, fazendo-a arquear da pele de carneiro com um gemido. Estendi a mão, pegando seu mamilo entre meus dedos e puxando com força. Ele enrijeceu, e Sofia empurrou sua boceta contra meu rosto quase desesperadamente, gritando. Me afastei para acalmá-la novamente, não querendo fazê-la gozar muito rapidamente.

— Você gosta mais quando eu te chupo? — Perguntei, descansando minha bochecha em sua coxa macia. Queria lhe dar tudo que ela desejasse. A noite passada foi alimentada pela fome primitiva e eu não prestei atenção suficiente à reação de seu corpo, embora seu orgasmo tivesse sido um bom indicador de que ela estava gostando.

— Não, — ela disse.

Arqueei minhas sobrancelhas. Alguns meses de celibato não me tornavam um juiz tão ruim do corpo de uma mulher, certo?

— Ambos, — ela ofegou. — Eu gosto de ambos.

Ri. — Vamos descobrir o que mais você gosta.

Ela deu um aceno ansioso, me fazendo rir novamente. Mas então fiquei sério quando meus lábios encontraram seu clitóris novamente. A circulei com a ponta da minha língua. Seu aceno de aprovação me deu seu veredito. Mergulhei mais baixo e empurrei minha língua dentro dela, apreciando o aperto de suas paredes ao meu redor enquanto a fodia com minha língua.

— Oh Deus, — ela sussurrou, começando a tremer. Me afastei e beijei sua coxa, levando meu tempo para descobri-la antes de me concentrar em sua boceta mais uma vez. Longas lambidas com a parte plana da minha língua a levaram para perto novamente, mas muito mais devagar do que antes. Ela estava tão excitada que o menor toque

de seu clitóris a detonaria como um foguete. Alternei entre estocadas e movimentos da minha língua até que todo o seu corpo foi atormentado por tremores e seus dedos puxaram fortemente meu couro cabeludo. Com um grito gutural, as costas de Sofia se curvaram e ela gozou. Assisti seu rosto cheio de luxúria, minha boca ainda enterrada em sua boceta, banqueteando-se dela enquanto ela estremecia durante sua liberação.

Ela se contraiu e tentou me afastar. Rindo, beijei sua boceta inchada e rastejei por seu corpo, saboreando o olhar de satisfação em seu rosto. Lentamente, seus olhos se abriram e o brilho neles foi uma punhalada e um bálsamo ao mesmo tempo. Confiança e amor. Não tinha certeza de como uma garota como ela, tão cheia de bondade, poderia me amar. Nem mesmo por causa de tudo o que eu era - um assassino e criminoso. Uma coisa era pecar contra estranhos ou inimigos, mas tinha pecado contra minha própria esposa, alguém que deveria proteger desde o dia de nosso noivado. Em vez disso, corri com meu orgulho e me banhei em auto aversão, machucando-a no processo. O fato de ela ainda estar disposta a permitir ternura por mim mostrou quão bondosa ela era. Há muito tempo achei que havia sido derrotado, que Sofia era pechincha se casando comigo no lugar de sua irmã, mas agora percebi que era o contrário.

Onde eu era orgulhoso, Sofia era humilde.

Onde eu era vingativo, ela perdoava.

Onde eu era mal-humorado, ela era paciente.

Sofia era boa demais para mim, e isso só me fez desejá-la ainda mais - como uma mariposa atraída por sua luz brilhante.

Não tinha certeza de quanto tempo estava olhando para ela, mas lentamente sua expressão mudou para confusão e incerteza, provavelmente já procurando por falhas em suas próprias ações ou em si mesma, quando era em mim que ela deveria recorrer procurando por falhas.

Havia tantas coisas que deveria ter dito, tantas coisas que queria dizer, mas novamente meu orgulho me impediu. Em vez disso, a beijei

com toda a paixão ainda fervendo sob minha pele e rosnei: — Eu quero você, Sofia. Não quero nada mais.

VINTE E UM



Sorri apesar do meu nervosismo. Eu sonhei com este dia, com este momento por anos.

Danilo me beijou de novo antes de se levantar e tirar a calça e a boxer. Já o tinha visto nu antes e, como sempre, uma onda de apreciação me oprimiu, afogando a maior parte da minha ansiedade. Isso não durou muito, no entanto. No momento em que Danilo se acomodou entre minhas pernas, ele voltou com força total.

Danilo embalou meu rosto, segurando meu olhar. — Relaxe para mim, linda. — Nossos olhos se encontraram e lentamente meu corpo relaxou. Sua mão deslizou entre minhas coxas e seu toque rapidamente me lembrou do prazer que senti antes.

Meu corpo ganhou vida quando Danilo me tocou. Logo, estava escorregadia e pronta. O rosto de Danilo pairou perto do meu e ele não desviou o olhar dos meus olhos nenhuma vez.

Sorri, seu calor e cuidado me envolvendo. Pela primeira vez, me senti verdadeiramente vista por Danilo, como se ele visse além do que eu não era e realmente me notasse pelo que eu era. E melhor do que isso, ele parecia gostar do meu verdadeiro eu.

Seus lábios encontraram os meus e então ele se moveu. Ele me penetrou. Nenhuma das dores esperadas veio enquanto ele lentamente deslizou para dentro de mim, tomando seu tempo para dar ao meu corpo a chance de se acostumar com a intrusão. Exalei com a sensação de plenitude absoluta. Danilo não se mexeu, apenas me beijou gentilmente, as sobrancelhas franzidas de preocupação. Aumentei meu

domínio sobre ele e finalmente ele se moveu. A cada estocada, ele parecia nos aproximar, não apenas fisicamente, mas também emocionalmente, como se uma barreira após a outra fosse derrubada até que nada restasse entre nós. Não permiti que o medo da proximidade emocional criasse raízes. Vivi o momento, a sensação de nossos corpos unidos. Era melhor do que todas as minhas fantasias porque era real e perfeito mesmo com suas pequenas imperfeições.



Meus olhos estavam fixos no rosto lindo de Sofia, na forma como seus lábios carnudos se separaram em outro gemido. Afastei os fios de cabelo grudados em sua testa. Sua respiração falhou novamente. Suas paredes me agarraram com força, dando-me um prazer além da medida. Empurrei com mais força e levantei uma de suas pernas sobre minhas costas para mudar o ângulo. Precisava sentir mais dela.

Sofia engasgou, uma mistura de dor e prazer.

Meus movimentos ficaram descontrolados e empurrei com mais força. Suas unhas arranharam minhas costas, sua respiração acelerou. Sabia que ela não gozaria, então me permiti me soltar, me perder em Sofia. Minhas bolas apertaram e bati nela, até que finalmente explodi.

Os olhos de Sofia se arregalaram.

Beijei sua bochecha e depois sua boca, tentando recuperar o fôlego. — Você está bem? — Encontrei seu olhar e fui recompensado com um sorriso exausto.

— Sim.

Empurrando Sofia, cuidadosamente deslizei para fora dela e me estiquei ao seu lado. Ela se aconchegou perto de mim. Isso parecia perfeito, sentir seu corpo contra o meu. Passei meus braços em volta

dela, querendo-a ainda mais perto. Beijei sua têmpora, meus dedos acariciando a pele macia de seu braço. O fogo crepitava na lareira e Sofia soltou um suspiro suave. — Isso foi perfeito.

— Estou feliz que você pense assim. Eu tinha muito para compensar.

Ela ergueu os olhos. — Foi minha culpa também. Você não poderia saber que era eu.

Foi a primeira vez que ela disse isso. Isso aliviou um pouco da minha culpa. Mas não tudo. — Não é só isso. Fui um idiota por muito tempo.

Ela não me contradisse e eu ri.

— Isso é passado, prefiro focar no presente.

— Gostaria de ter sua capacidade de deixar o passado para trás.

Ela olhou para cima. — O que você quer dizer?

A sugestão de incerteza em sua voz me disse que ela achava que eu estava me referindo a Serafina. — Meu desejo de me vingar de Remo Falcone. Não consigo esquecer isso. Sempre que ouço o nome dele ou penso nele, surge essa necessidade insaciável de destruí-lo. É tudo uma questão de orgulho.

— Hmm. Talvez você sinta que nunca teve a chance de encerramento porque Remo e minha irmã conseguiram escapar.

Concordei. — Ainda assim, deveria ser capaz de deixar isso para trás. As coisas estão incríveis para mim. Tenho uma esposa maravilhosa e os negócios estão prosperando. Não anseio por nada, e ainda...

— Você quer vingança, — Sofia meditou, acariciando meu braço.

— Sim, — murmurei, então meus lábios se torceram. — Não é o assunto mais romântico no momento.

Sofia abanou a cabeça com um sorriso. — Sempre apreciarei você compartilhando detalhes pessoais comigo. Depois de estar tão perto de você fisicamente, é bom estar mais perto de você emocionalmente também.

— Não estamos próximos emocionalmente? — Perguntei. Tentei me abrir um pouco mais com ela a cada dia. Sempre fui um homem que lidava com as coisas sozinho e não falava sobre emoções, então compartilhar essa parte de mim com os outros não era fácil.

— Estamos, mas como você disse, leva tempo para realmente nos conhecermos.

— Nós temos tempo.

Ela rolou até que nós dois estivéssemos de frente para a lareira e meu pau estivesse aninhado contra sua bunda firme. Ela se arqueou contra mim com uma risada suave.

— Devo avisá-la que agora que a tive, vou querer todos os dias, Sra. Mancini.

— Adoro quando você me chama assim, — ela admitiu.

Sorri contra seu cabelo. — Eu amo que você tenha meu nome, que seja minha. — Ela assentiu e cobriu minha mão com a dela.

Ao sentir a bunda de Sofia contra mim, o sangue se juntou no meu pau.

Sofia se aconchegou ainda mais perto, me fazendo gemer. Ela riu. — Ainda temos alguns dias e muitos lugares para testar.

Eu beijei seu ombro. — O lago, a sauna, a piscina, a cozinha...

— A cama? —Sofia disse em uma voz provocante.

— Até na cama.

Sofia e eu passamos os próximos três dias fazendo exatamente isso, transando em todos os cômodos do chalé. Melhor ainda do que o sexo era cozinhar juntos, dar longas caminhadas pela floresta que eu conhecia de cor e ouvir as risadas histéricas de Sofia sempre que ela entrava no lago frio.



Em nossa última noite no chalé, Danilo e eu relaxamos na sauna. Olhei de lado para a ereção de Danilo. Ele praticamente tinha uma desde que descemos até aqui nus. Sabia o que queria fazer, mas não tinha certeza de como fazer. Eu bati algumas punhetas, mas nunca o havia chupado. Sempre acabávamos fodendo, então a oportunidade nunca se apresentava.

Inclinei-me para mais perto dele e acariciei a parte interna de sua coxa.

Danilo segurou meu pescoço, seus olhos fixos nos meus. — Tenho fantasiado com você de joelhos há meses, como meu pau ficaria em sua linda boca.

Sorri porque ele sempre parecia saber o que eu desejava. Cada vez que Danilo me dizia que fantasiava comigo, minha confiança aumentava. Encorajada, caí de joelhos até que meus olhos estavam nivelados com o pau de Danilo. Os dedos de Danilo se enredaram no meu cabelo, me puxando para frente. Sua ansiedade me fez rir antes que pudesse me conter.

— Sofia, — ele murmurou, uma pitada de exasperação lutando contra a necessidade em sua voz. Ele estava desesperado pelo meu toque. Permitindo que o desejo que o vibrador criou em meu centro me guiasse, me inclinei para frente e fechei meus lábios em torno da sua ponta, em seguida, chupei como tinha feito com seu dedo. Danilo sibilou, seus dedos contra o meu couro cabeludo flexionando.

— Não tão forte, — ele grunhiu. — Deixe-me te mostrar.

Seus dedos acariciaram meu pescoço quando ele começou a mover seus quadris, deslizando para dentro e para fora de mim. Só fechei os lábios levemente em torno dele, preocupada em chupar muito forte de novo, mas logo percebi que Danilo queria mais, e então chupei com mais força novamente.

— Porra, sim — murmurou Danilo, suas estocadas ganhando impulso. Segurei sua bunda, apreciando a sensação de sua flexão. Danilo ficou me olhando o tempo todo enquanto o chupava. Ele me fez sentir como se eu fosse o centro de seu mundo. Acariciei suas

bolas, querendo vê-lo perder o controle completamente, e logo seu rosto se contorceu e seus movimentos tornaram-se espasmódicos.

— Estou gozando, — ele avisou.

Não recuei. Me agarrei a ele, e quando ele finalmente explodiu em minha boca, estava tão distraída por seu rosto cheio de paixão que mal me importei com o gosto. Não ousei me mover. Eu queria que ele saboreasse o momento e me maravilhasse com os espasmos que o dominaram. Ele me observou o tempo todo enquanto eu engolia, sua expressão queimando de desejo.

Depois foi minha vez de relaxar na toalha com a cabeça de Danilo enterrada entre minhas pernas. Um mergulho à meia-noite nos esfriou e depois nos acomodamos no sofá em frente à lareira.

Danilo se inclinou, dizendo em voz baixa: — Acho que estou me apaixonando por você, Sofia. Mais a cada dia que passo com você.

Esperei para ouvir essas palavras por anos, mas agora que ele as disse, tudo que eu conseguia pensar era se seus sentimentos eram mais fortes do que os que ele tinha pela minha irmã. Achei que tinha deixado o passado para trás, mas ele continuou levantando sua cabeça feia.

— E quanto a Serafina?

Suas sobrancelhas se uniram. — Serafina? Por que está perguntando sobre ela quando disse que estava me apaixonando por você?

Dei uma olhada nele. Ele realmente não sabia? Sentei-me, me odiando por tê-la citado, mas ao mesmo tempo incapaz de tirá-la da minha mente. Danilo também se sentou e embalou meu rosto, obrigando-me a olhar para ele.

— Sofia, o que posso fazer para que você pare de se comparar a sua irmã? Já se passaram anos.

— Pare de amar minha irmã, pare de viver lamentando perdê-la.

Danilo balançou a cabeça. — Eu disse que nunca amei sua irmã. Não a conhecia. A queria como um corvo querendo possuir uma joia brilhante. Não posso negar que lamentei perdê-la por muito tempo, mas não era por causa dos meus sentimentos por ela. Era por causa do

meu ódio por Remo Falcone. Nunca deixarei de querer matar aquele homem.

— Você é o homem mais orgulhoso que conheço.

— Eu sou, e esse é o meu maior pecado. Considerando tudo o que fiz, isso diz muito, Sofia. — Seus olhos se suavizaram enquanto ele acariciava minha bochecha. — Me importo com você, Sofia, e estou me apaixonando por você. Talvez já... — Ele suspirou. Ele quase disse que me amava? — Sou um homem cauteloso quando se trata de emoções. Mas acredite em mim quando digo que nunca amei outra mulher, não sua irmã e nem mais ninguém.

Passei meus braços em volta do seu pescoço e o puxei para um beijo. Reclinando-me em seu ombro, sussurrei: — Então por que você realmente dormiu com todas aquelas mulheres loiras? E não me diga que é porque você gosta de loiras, porque definitivamente não gostou de mim com cabelo loiro.

— Odiei, — disse Danilo sem hesitar, os dedos brincando com uma mecha do meu cabelo. — Amo a cor do seu cabelo. É linda. Quando te vi loira, parecia tudo errado.

— Porque parecia uma réplica ruim da minha irmã, — adivinhei.

Danilo me lançou um olhar estranho. — Se é assim que você quer colocar. Você me lembrou de sua irmã, sim.

Talvez esperasse que ele negasse, mas estava feliz por ele estar sendo honesto comigo. — Mas não queria ser lembrado porque doía muito, e você a queria de volta e eu não era ela.

Danilo segurou meu rosto. — Não, não foi isso. Odiei me lembrar de sua irmã quando olhei para você, porque odiava sua irmã. O que quer que possa ter sentido por ela uma vez - e não era amor - havia se tornado feio e sombrio. Não queria sentir ódio cada vez que olhava para você. Não queria ser lembrado das ações de sua irmã quando estava com você. Ter a aparência de Serafina jogada em mim daquele jeito me surpreendeu completamente.

— Mas se era apenas ódio que sentia e não queria se lembrar dela, por que procurava mulheres loiras?

Ele fez uma careta. — Não sinto orgulho disso. Você se lembra de como agi com quando você usou aquela peruca loira? — Balancei a cabeça, mesmo que tivesse tentado esquecer.

— Eu estava sendo um idiota egoísta com aquelas garotas loiras, procurando sexo raivoso. Não as tratei bem, não como queria tratá-la, e quando as fodia era para liberar um pouco dessa raiva. Estava confuso. Estava confuso pra caralho, mas de alguma forma, parecia que estava dando o troco em sua irmã.

Inclinei minha cabeça, tentando entender seu raciocínio. Realmente não entendia isso. Mas minhas ações nem sempre foram lógicas também. Ainda me encolhia quando pensei em tingir meu cabelo de loiro para ficar como Serafina, como se mudando a cor do meu cabelo pudesse me tornar ela, substitui-la.

— Acho que ambos tínhamos alguns problemas para resolver.

— Eu causei seus problemas. Mas você não teve participação no meu estado confuso.

— Não foi causado apenas por você, Danilo, — disse com firmeza. — A situação era complicada. Mamãe, papai, Samuel e tantas outras pessoas prantearam Fina com tanta força que me senti inadequada. Pensei em ocupar o lugar de Fina em seus corações, como se seu desaparecimento deixasse uma fenda aberta que pudesse preencher, mas em vez disso, criou um buraco negro que consumiu tudo ao seu redor. Não tinha certeza de como lidar com isso.

Danilo pegou minha mão e beijou meus dedos. — Você era jovem, Sofia. Se mesmo nós, adultos, não conseguimos lidar com a situação com elegância, como você deveria ter feito isso?

— Sei disso agora, mas naquela época eu achava que já tinha idade suficiente para lidar com tudo.

— Mas você não tinha. Era nosso trabalho - meu trabalho - protegê-la de tudo e não me deleitar em vingança.

— Está tudo bem. Tudo o que importa é que sei que você não tem sentimentos por minha irmã.

Danilo encostou o dedo na minha testa. — Demorou muito para essa cabeça teimosa entender.

Dei de ombros. — Acho que nós dois podemos ser teimosos às vezes.

Danilo me puxou para mais perto dele e meus olhos começaram a se fechar enquanto observava as chamas. Senti que poderia realmente deixar o passado descansar agora. Eu acreditava em Danilo.

Quando estivéssemos em casa, ligaria para Fina. Ela não era o problema, provavelmente nunca tinha sido. Sentia falta dela e queria falar com ela.

Danilo beijou meu pescoço, mas sua respiração se acalmou logo depois.

Talvez devesse ter lhe contado sobre meu telefonema para Fina e sido completamente honesta, mas sabia que não faria nada a não ser deixá-lo furioso.

Na manhã seguinte, enquanto voltávamos para Indianápolis, a emoção me encheu. Eu estava ansiosa para o que estava por vir. Danilo segurou minha mão durante toda a viagem. Jantaríamos com Marco e Bria esta noite, mas eu esperava ter a chance de uma ligação rápida para Fina antes.

Quando chegamos em casa, Danilo dirigiu-se ao escritório para alguns telefonemas enquanto eu corri para fora em direção ao lago para observar os Koi. O pessoal os alimentou. Me sentei em um banco próximo e liguei para o número de Fina. Ela atendeu após o terceiro toque. — Sofia?

— Fina, — disse calmamente.

— Oh Deus, é realmente você. Estou tão aliviada. Fiquei tão preocupada com você quando não atendeu minhas ligações depois do seu casamento.

— Eu sei e sinto muito. Precisava resolver algumas coisas, mas agora que resolvi, gostaria de telefonar para você semanalmente, se ainda quiser.

— Claro. Mas me diga, você está bem? Como vai a vida de casada?

Ela parecia tão animada e preocupada ao mesmo tempo, um modo totalmente de irmã mais velha.

— Boa. Passamos alguns dias no lago para relaxar. Gosto muito de morar em Indianápolis. — Conversamos mais sobre coisas sem sentido, como ioga e meu curso de culinária, evitando tópicos que pudessem ser considerados traição.

Quando terminei a ligação, o último peso havia saído do meu ombro. Voltei para dentro. Danilo ainda estava ao telefone ao que parecia. Um breve lampejo de culpa me encheu, sabendo que escondia um segredo, mas o empurrei de lado.

VINTE E DOIS



Eu estava perto de morrer de tédio e podia dizer pela expressão tensa de Anna que ela estava perto de encontrar o mesmo final infeliz. Estávamos ouvindo as esposas de alguns capitães falando sem parar sobre as últimas fofocas por quase meia hora e tínhamos que fingir que estávamos interessadas. Ao contrário de mim, Anna não podia escapar. Como filha do Capo, ela tinha que atender aos caprichos de todos. Eu também era obrigada a seguir a etiqueta social como esposa de um Underboss e anfitriã na festa de aniversário de meu marido.

Inclinei-me para mais perto dela. — Você precisa de outra taça de champanhe?

Ela me deu um olhar agradecido enquanto eu me dirigia para o bar. Bria acenou para mim do outro lado da sala, seu cabelo preto emoldurando seu rosto em uma juba selvagem. Depois do jantar, não havíamos tentado outro encontro duplo. A tensão entre Marco e Bria era muito estranha. Agora, só a encontrava sozinha.

Pegando duas taças com champanhe, voltei para Anna e as esposas.

— Já foi marcada uma data para o seu casamento? — Uma delas perguntou a Anna. Desde que ela completou dezoito anos, alguns meses atrás, a questão pairava constantemente em torno da Outfit.

Anna pegou o copo de mim com um agradecimento murmurado e deu à mulher um sorriso tenso. — Não, na verdade, não foi. Ainda estou ocupada com a faculdade, e Clifford também.

— Faculdade, — zombou a mulher. — No meu tempo, as mulheres não iam para a faculdade. Elas se tornavam mães de bebês lindos. — Seus olhos se fixaram em mim e suprimi um gemido.

Ela deu um tapinha na minha barriga, fazendo meus olhos se arregalarem. — E? Tem um pequeno aí? Você está casada há muito tempo e seu marido tem quase trinta anos.

Anna escondeu um sorriso atrás de seu copo.

Engoli um comentário mal-humorado. Danilo e eu estávamos casados há sete meses e as pessoas já perguntavam o tempo todo sobre filhos. Nós nunca tínhamos conversado de verdade sobre filhos. Ele sabia que eu tomava a pílula e nunca me pediu para parar de tomar. Presumi que ambos precisávamos de mais tempo. Eu definitivamente precisava. — Queremos esperar um pouco.

Anna me livrou do assunto depois disso, direcionando a conversa para uma plástica no nariz que a esposa do Underboss de Cincinnati havia feito.

Relaxei e tomei um gole do meu champanhe, saindo da conversa.

— Ocupado com o trabalho de novo, seu marido. Ele é um viciado. Nunca o vejo sem seu telefone, — Anna murmurou em meu ouvido.

Segui seu olhar para Danilo que estava com papai, Dante e Samuel, mas ele estava digitando em seu telefone. Arrepios explodiram em minha pele e meu núcleo se apertou em antecipação. Danilo buscou meu olhar antes de apontar o dedo para baixo em seu telefone.

Uma vibração suave se espalhou em meu núcleo. Meus músculos se contraíram involuntariamente em torno do pequeno vibrador de bala controlado remotamente enterrado bem fundo dentro de mim. O estímulo estava no nível mínimo, um doce sabor do que estava por vir. A primeira vez que Danilo me pediu para colocar um brinquedo sexual dentro de mim enquanto estávamos em um evento social, fiquei com medo de que alguém descobrisse, mas logo descobri as vantagens de nosso segredinho. O vibrador era tão silencioso que ninguém jamais notaria em uma festa barulhenta e, mesmo que ouvissem o som, nunca

imaginariam a sofisticada esposa de um UnderBoss com um vibrador em sua boceta que seu marido equilibrado controlava para conduzi-la até o limite.

Anna me lançou um olhar questionador. — Parece que você acabou de ter uma epifania.

Ri e enrijeci quando a vibração ficou mais intensa. — Meu cérebro está começando a se perder.

— Talvez devêssemos ir para a pista de dança para escapar.

Danilo estava conversando com Dante, aparentemente alheio ao que estava fazendo, mas uma de suas mãos estava casualmente enfiada em sua calça, controlando meu vibrador, minha luxúria e com ela todo o meu corpo.

— Danilo está ocupado.

— Então dance com outra pessoa. Só porque você é casada, não significa que não pode dançar com outras pessoas. — Não tinha certeza se queria dançar com outro homem enquanto pequenos raios de prazer se espalhavam pelo meu núcleo.

Pedi licença e fui em direção a Danilo, apesar do revirar de olhos de Anna. Agarrei o braço de Danilo e dei um sorriso para meu tio. — Olá, tio Dante.

— Sofia.

Danilo tocou minhas costas nuas e o mínimo contato de pele com pele intensificou as sensações em meu corpo.

— Você está bem? Você parece corada, — disse Dante.

Os lábios de Danilo se contraíram e, como se fosse uma deixa, ele aumentou a vibração. Engoli, minha barriga apertando. A umidade se acumulou entre minhas pernas e meu clitóris doeu por atenção.

Sorri. — Está um pouco quente aqui. Que tal passearmos pelos jardins, Danilo?

— Você nos daria licença? — Ele perguntou.

Dante assentiu e voltou para Valentina. Em vez de me levar para fora, fomos para a pista de dança. — Danilo, — sussurrei. — Realmente quero ficar sozinha com você.

— Uma dança primeiro, — ele murmurou, pressionando um beijo na minha orelha. Eu bufei, mas o deixei me puxar contra seu corpo.

Nós balançamos com a música. Adorava dançar com Danilo, adorava sentir seu corpo forte contra o meu, mas acima de tudo, adorava o brilho em seus olhos, como se quisesse me devorar. Seu desejo queimava intensamente e teria acendido nós dois se não estivéssemos cercados por pessoas. Nunca imaginei que experimentaria esse tipo de prazer, essa luxúria quase ilimitada. Esperava por amor e ternura, mas nunca levei isso em consideração.

Talvez porque Danilo não parecia um homem apaixonado. Ele parecia controlado e apenas sujeito a explosões de raiva. Mas não paixão.

— Você parece distraída, — ele murmurou.

Sua máscara controlada raramente descia em público. Com o passar dos anos, mas principalmente nos últimos meses, também aperfeiçoei a máscara de uma princesa de gelo inatingível. As pessoas nos consideravam frios e controlados, traços de caráter pelos quais nossas famílias eram famosas. No passado, sustentar aquela aparência era extenuante, como se eu tivesse que me tornar outra pessoa em público, uma prisão invisível, mas Danilo me ensinou a ver isso como uma brincadeira de esconde-esconde. Um baile de máscaras onde apenas ele e eu sabíamos o que realmente estava acontecendo por trás da máscara. Nós esculpimos nossos pequenos pedaços de liberdade, sem serem detectados por ninguém.

— Você sabe exatamente o que está me distraindo.

— Você quer dizer... — ele murmurou em uma voz baixa e sexy e aumentou as vibrações para outro nível. — Isto?

Agarrei seu braço e ombro, ofegando suavemente com o aumento de prazer. Felizmente, eu geralmente não conseguia gozar sem que meu clitóris fosse estimulado, o que me poupou de um orgasmo constrangedor na pista de dança.

— Talvez devêssemos lhe dar um anel peniano por controle remoto, — provoquei em um sussurro.

Danilo riu, seus lábios se arrastando da minha bochecha até a minha orelha. — Mas ao contrário de você, não posso esconder quando estou com tesão. É uma doce tortura manter meu pau sob controle só de pensar em como você está encharcada.

— Eu estou, — concordei. — Minha calcinha está encharcada. Preciso de você.

Danilo soltou um suspiro baixo, seus olhos praticamente queimando de desejo por mim. A música finalmente acabou e Danilo me tirou da pista de dança.

Depois de uma conversa torturante com um de seus capitães e sua esposa, finalmente conseguimos escapar. Danilo me levou ao banheiro de hóspedes e nos trancou. Peguei seu zíper, mas ele me parou e empurrou minhas costas contra a pia. — Levante sua saia.

Peguei a barra do meu vestido de cocktail e puxei-o para cima até que minha calcinha e meias apareceram. Uma mancha molhada era visível no tecido vermelho escuro da minha calcinha.

— Molhada pra caralho, — rosnou Danilo. Ele pegou o controle remoto e diminuiu a vibração, então ele afundou no vaso sanitário fechado e arrastou para baixo minha calcinha. No silêncio do banheiro, o zumbido suave do vibrador era inconfundível.

— Seu clitóris está implorando por atenção, — murmurou Danilo.

Me aproximei.

Ele agarrou meus quadris. Ele se levantou e me beijou sensualmente até que meus dedos do pé se curvassem. Afastando-se, Danilo enfiou um dedo na minha boca. — Chupe.

O fiz, meu olhar congelado no rosto severo de Danilo. O desejo torceu suas feições e o fez parecer o homem que eu me lembrava da noite da festa de máscaras. Mas agora não estava com medo ou confusa. Esse lado escuro e dominante de Danilo me excitava. Fechei meus lábios firmemente em torno de seu polegar e chupei com força. Danilo respirou fundo, abrindo os lábios enquanto me observava. Era estranho chupar o dedo de alguém, mas também era inacreditavelmente quente, principalmente porque sabia do que isso

lembrava Danilo. Danilo aumentou as vibrações mais uma vez e engasguei em torno de seu dedo. Nossa respiração estava difícil, embora não tivéssemos feito muito ainda.

Danilo tirou o dedo e me beijou com força, seu corpo pressionando o meu. Me agarrei a ele, tão desesperada por seu toque quanto ele parecia pelo meu. Seu pau cavou em minha barriga. — Quero foder sua boca, linda.

Mordi meu lábio, meu núcleo apertando, aumentando a deliciosa sensação dentro de mim. Ainda não tinha feito um boquete em Danilo em uma reunião social, principalmente porque sempre acabávamos transando rápido, mas também porque meus lábios ficariam inchados depois e chamariam a atenção para o que tínhamos feito.

Danilo aumentou a vibração, mordendo de leve meu lábio inferior, os olhos cheios de desejo. — Deixe-me foder essa garganta apertada como um presente de aniversário.

— Você já ganhou um presente, — murmurei antes de cair de joelhos, sem me importar mais se meus lábios estariam inchados. Puxei as calças e boxers de Danilo para baixo. Seu pau estava duro como uma rocha e vazando pré-sêmen. Danilo segurou minha nuca e mergulhou na minha boca. Me agarrei a ele enquanto trabalhava seu eixo até o fundo, passando meu reflexo de vômito. Ele gemeu enquanto se enterrava bem dentro de mim. Seu pênis se contraiu.

— Porra. Eu sempre tenho que me impedir de gozar quando você me enfia na garganta.

Não podia dizer nada com ele dentro de mim, mas apertei suas bolas, fazendo-o sibilar. Com os dedos apertando meu couro cabeludo, ele lentamente puxou quase todo o caminho até que apenas sua ponta descansou na minha língua.

Com seus olhos fixos nos meus, ele empurrou de volta e estabeleceu um ritmo rápido. Meus olhos lacrimejaram e meus lábios e garganta ficaram sensíveis enquanto ele fodia minha boca, mas não pensei em parar.

Eu também estava à beira do abismo, tão perto da liberação que tinha vontade de chorar. Queria me tocar, mas mais do que isso ansiava pelo toque de Danilo, sua língua, seu pau.

Danilo grunhiu e sibilou, o rosto completamente fora de controle. O salgado se espalhou na minha língua e suas bolas contraíram na minha palma. Ele estava se aproximando, e meu corpo respondeu com uma nova onda de umidade. — Abra sua boca, — ele rosnou.

Separei meus lábios mais largamente e um segundo depois sua liberação quente pousou na minha língua. Ele estremeceu quando seu pau se contraiu, enviando jorro após jorro de esperma na minha boca. Engoli eventualmente, então girei minha língua em torno de sua ponta. Danilo bombeou seu eixo para dentro e para fora da minha boca, muito mais devagar do que antes, e então parou.

Me afastei, sem fôlego. Danilo fechou os olhos e ficou imóvel por alguns segundos. Sorri. Adorava quando ele baixava suas barreiras.

Ele me puxou para cima e me beijou, nossos corpos pressionados. Ele enterrou o rosto no meu pescoço, seus dentes cortando minha pele, me fazendo arquear contra ele. Meu corpo latejava de desejo. Precisava senti-lo, tê-lo em mim. O vibrador não era suficiente.

Danilo deu um passo para trás, o controle remoto na mão. — Levante sua saia.

O fiz e Danilo abaixou minha calcinha. Prendi a respiração, esperando que ele me tocasse. Em vez disso, ele aumentou a vibração. Engasguei, minha boceta pulsando. Ele correu os nós dos dedos sobre minhas dobras, mal tocando.

— Danilo! — Implorei. Ele ficou de joelhos e achei que ele finalmente iria me conceder a libertação. Em vez disso, ele me virou para o espelho. Ele separou minhas nádegas e lambeu minha fenda. Gemi alto, em seguida, mordi meu lábio. Meu rosto estava vermelho brilhante, meus lábios inchados e o desejo girava em meus olhos. Parecia completamente devassa e adorei isso. Empinei minha

bunda, dando a Danilo melhor acesso. Ele se endireitou e pressionou o polegar contra minha bunda, usando sua saliva para entrar em mim. — Quero meu pau em sua bunda. — Meus lábios se abriram com a sensação. Nós tínhamos feito algumas jogadas antes, principalmente Danilo me lambendo ou colocando um dedo em mim durante o sexo. Sexo anal, entretanto, tentamos apenas duas vezes, e ainda era uma sensação com a qual eu precisava me acostumar. Não senti muito mais do que um leve desconforto até agora, mas nunca estive com mais tesão que agora.

Danilo enfiou a mão na gaveta da pia e tirou o lubrificante.

Lhe dei um olhar incrédulo. Sinceramente, esperava que nenhum de nossos convidados tivesse espiado em nossas gavetas. Ele sorriu. — Estou sempre preparado.

Ele aplicou uma quantidade generosa de lubrificante em seu pau e espalhou enquanto o observava, hipnotizada. Ele pegou o controle remoto e aumentou as vibrações mais uma vez até que soltei um gemido suave, meus quadris balançando com a sensação. Ele acariciou minhas costas e me fez inclinar para frente até que minha bunda estivesse empinada na frente dele e me apoiasse nos cotovelos no balcão de mármore, meu rosto perto do espelho.

Estava tão desesperada por liberação, por penetração, que não senti uma pitada de pavor quando ele pressionou contra mim, seu eixo separando minhas nádegas. Quando sua ponta cutucou minha fenda, ele beijou minha omoplata e segurou meu sexo, pressionando contra meu clitóris. Gemi de novo, segundos antes de explodir. Ele empurrou para frente, deslizando sua ponta em mim ao mesmo tempo em que seu polegar batia no meu clitóris. A dor me levou ao limite. Fiquei tensa, à beira de estilhaçar, e então a bola de prazer foi liberada como uma explosão sísmica. Meu corpo apertou e choraminguei quando gozei. Danilo agarrou minha garganta, puxando meu rosto em direção a ele para um beijo duro engolindo meu grito. Enquanto balançava no meu orgasmo, quase louca pelas vibrações profundas em meu núcleo,

Danilo trabalhou seu pau mais fundo em mim até que suas bolas pressionaram contra minha bunda.

Ofeguei, minhas palmas espalmadas no balcão de mármore, minha testa quase tocando o espelho. — Porra, Sofia. Estou até as bolas no fundo de sua bela bunda. Gostaria que você pudesse ver, — ele murmurou.

Com sua mão acariciando minha garganta, seus olhos me prendendo com sua possessividade, ele começou a empurrar em mim, suavemente no início, mas logo mais rápido e mais forte, suas bolas batendo contra a parte de trás das minhas coxas. Cada estocada parecia aumentar as vibrações da bala, e logo eu podia sentir outra liberação se aproximando.

A batida na porta me fez estremecer. — Olá? — Uma voz masculina chamou.

— Ocupado, — gritou Danilo. O silêncio se seguiu, mas não pude deixar de me perguntar se a pessoa tinha nos ouvido. Tive dificuldade em manter meus gemidos baixos e os grunhidos de Danilo também eram inconfundíveis, assim como os sons de suas bolas batendo na minha bunda.

Escutei passos, tentando determinar se o homem tinha ido embora.

Danilo mordeu meu pescoço de leve. — Fique aqui. Sua mente e seu corpo são meus.

Ele acentuou suas palavras com um movimento do polegar contra meu clitóris. Mordi meu lábio, sufocando um gemido. Estava chegando perto quando ele recuou.

— Danilo, — implorei, mas ele apenas traçou levemente a parte interna das minhas coxas e lábios, o toque tão fugaz que foi a mais doce tortura. Quando as pontas dos seus dedos roçaram meu clitóris levemente, deixei escapar um gemido frustrado, mas Danilo prendeu o olhar em mim e continuou sua carícia leve. O suor brilhava em seu rosto e seus ombros flexionavam quando ele batia em mim. Era uma sensação diferente de tudo que eu já senti antes, a sensação de seu

comprimento dentro desta parte de mim e a estimulação adicional do vibrador de bala na minha boceta. Meu corpo ansiava pela liberação, meu clitóris já pulsava de necessidade, apesar dos toques sussurrados.



A sensação do meu pau dentro da bunda de Sofia e a vibração distante do brinquedo em sua boceta fez meu prazer disparar. Foi preciso cada grama de autocontrole para não gozar imediatamente, especialmente observando o rosto de Sofia no espelho. Seus lábios estavam inchados de me chupar e seu rosto estava vermelho. Com cada impulso do meu pau, ela balançava para frente, seus dedos cavando no balcão de mármore. Seus lábios estavam separados, e cada gemido era uma doce melodia em meus ouvidos. Acariciei sua garganta, então puxei sua cabeça para trás para outro beijo profundo, parando por um momento para realmente saborear o fato de estar enterrado totalmente dentro dela. O zumbido do vibrador se misturou com nossa respiração ofegante. Os cílios de Sofia vibraram antes de seus olhos se abrirem, olhando de volta para mim. Maldição, essa mulher.

A beijei novamente e comecei a empurrar. Sofia arqueou sob outro orgasmo e não pude segurar também. Com um estremecimento, gozei dentro dela. Minha visão ficou preta por um momento, e eu mal conseguia respirar pela intensidade. Deixei minha testa afundar no pescoço de Sofia, respirando seu doce perfume. Ela suavizou sob mim e tracei meus dedos sobre sua garganta, sentindo seu pulso acelerado.

— Isso foi intenso, —admiti, minha voz rouca.

— Remoto, — Sofia sussurrou. Procurei o controle e desliguei as vibrações. Permanecemos conectados e, quando abri os olhos, Sofia sorria exausta. Alguns meses atrás, ela cortou o cabelo curto com franja novamente e agora estava por todo o lugar. Sua franja colava na testa e

o resto do cabelo se destacava para todos os lados. Seu rosto estava vermelho, seus lábios inchados. Sorri. — Porra, você está linda, Sra. Mancini. Eu te amo.

Fiz uma pausa, surpreso com as palavras, não com o significado. Meus sentimentos por Sofia cresciam mais a cada dia. Fiquei chocado que meu orgulho tivesse me permitido admiti-los.

Sofia piscou e depois caiu na gargalhada. Não era bem a reação que eu esperava. Quando se acalmou, ela disse: — Se soubesse que seria necessário isso para fazer você dizer isso, teria te deixado comer minha bunda com mais frequência.

Ri, percebendo o absurdo. Cuidadosamente puxei para fora dela e rapidamente nos refrescamos. Quando estávamos meio apresentáveis, puxei Sofia contra mim mais uma vez. — Eu falei sério.

— Eu sei, — ela disse suavemente. — Eu também te amo. — A beijei, então corri meu polegar sobre seu lábio inchado. Ela traçou com a língua, em seguida, tirou um batom para encobrir qualquer vestígio do que tínhamos feito.

— Gostei mais quando pude ver o que estávamos fazendo.

Ela me deu um olhar tímido e destrancou a porta, colocando a cabeça para fora. Então ela abriu totalmente e correu para fora. Sorri pela sua preocupação óbvia de ser pega e segui alguns passos atrás dela, dando-lhe tempo para entrar na sala de estar sozinha. Abrimos as portas de correr para a área de jantar para criar espaço suficiente para todos os convidados.

Marco acenou para mim e me entregou uma bebida. — Você parece delirante pra caralho.

Sorri. — Não delirante, apenas satisfeito. — Talvez pela primeira vez na vida, me senti muito contente.

Ele me lançou um olhar questionador. — Eu disse que se casar com Sofia teria efeitos positivos no longo prazo. Uma mulher mais jovem sempre faz seu sangue bombear.

— Bria faz seu sangue bombear também, mas você não parece contente, — brinquei.

— Muito engraçado. Mantenha sua jovem esposa feliz e eu cuido da minha.

Meus olhos dispararam pela sala para onde Sofia estava conversando com Bria. Quando Sofia percebeu meu olhar, ela me deu um daqueles sorrisos secretos.

VINTE E TRÊS



Meu coração parecia bater na minha garganta. Há tantos anos não via Serafina. Me perguntei se seria como encontrar uma estranha. Falar com alguém ao telefone não era a mesma coisa que ver alguém. Tínhamos conversado semanalmente desde que me casei com Danilo, mas sempre houve um pouco de distância entre nós porque muitos tópicos eram fora dos limites.

Seria estranho?

Me atrapalhei com minha bolsa, de repente nervosa, o que era engraçado, considerando que o motivo de realmente estar preocupada era por estar me encontrando com o inimigo. Embora Fina fosse minha irmã, ela agora era considerada parte da Camorra e, portanto, minha inimiga e da Outfit. A política da máfia era implacável e indiferente aos laços familiares. Depois que alguém era considerado um traidor, os laços emocionais não importavam mais.

Se Danilo soubesse que estava aqui, ficaria furioso. Ele odiava a Camorra e Remo Falcone com uma paixão ardente. Seus sentimentos em relação à minha irmã eram mais difíceis de adivinhar. Ele não gostava de falar sobre ela, e optei por fingir que ela nunca fez parte de sua vida. Pelas suas últimas observações, parecia que ele a odiava também, por isso eu sabia que ele seria contra nosso reencontro.

Um carro parou no estacionamento que escolhemos como ponto de encontro no meio do nada em Missouri. Danilo estava em uma viagem de negócios em Chicago e eu fiquei em casa, culpando minha carga de trabalho na faculdade. Escapei muito cedo pela manhã e

peguei um carro alugado. Já era início da tarde e enviei uma mensagem a Carlo dizendo que estava doente de cama e precisava descansar.

Quando o carro parou, meu coração disparou. A porta do lado do motorista se abriu e um homem alto de cabelos escuros saiu. O medo deslizou por minhas veias quando reconheci seu rosto como Remo Falcone. Dei um passo para trás, prestes a voltar correndo para o carro, quando a porta do passageiro se abriu e Fina apareceu. Ela sorriu abertamente. Meus olhos dispararam dela para o marido. E se isso fosse uma armadilha? Falcone não tinha escrúpulos quando se tratava de sequestro. Se eu caísse nas mãos da Camorra, a minha família seria destruída de uma vez por todas e o Danilo nunca me perdoaria.

Fina disse algo para Remo e ele deu um breve aceno de cabeça, examinou os arredores novamente, então deslizou de volta para o carro.

Não relaxei, incapaz de tirar meus olhos de Remo. Fina veio em minha direção e finalmente tirei meus olhos do carro. Quando Fina parou na minha frente, fiquei chocada ao descobrir que tínhamos quase a mesma altura. Sempre me lembrei dela como muito mais alta. Claro, eu tinha apenas 12 anos da última vez que a vi.

Por um momento, ficamos apenas uma de frente para a outra. Então Fina diminuiu a distância entre nós e me puxou para seus braços. Afundei nela, sentindo como se uma parte de mim tivesse retornado. Fina me abraçou com tanta força que eu mal conseguia respirar, mas não tentei me soltar. Não haveria muito mais chances de nos encontrarmos.

— Deus, senti tanto sua falta, joaninha. — Ela se afastou. — E eu não posso acreditar como você cresceu. Sempre que pensava em você, ainda imaginava aquela garotinha de 12 anos, mas você se tornou uma mulher tão bonita.

Ela olhou para meu rosto e eu fiz o mesmo com o dela. Ela ainda era linda, mas havia mudado. No passado, ela sempre se comportou de certa maneira, sempre com um toque de cautela, como se a qualquer momento alguém pudesse estar de plantão para julgar suas

ações. Agora, ela exalava um ar de indiferença, como se não desse a mínima pelo que as pessoas pensavam dela.

— Esperava que você trouxesse os gêmeos, — disse calmamente.

Fina suspirou. — Você sabe como é.

Meus olhos dispararam para o carro e Remo Falcone. Claro, conhecia as regras e a vigilância de um Homem Feito. Remo nunca teria permitido que seus filhos corressem perigo. Mas não tinha certeza se era apenas a preocupação dele que levou à essa decisão. Fina era uma leoa quando se tratava de seus filhos. Ela provavelmente ficaria cautelosa em tê-los aqui. Éramos irmãs, mas também estávamos em lados diferentes da guerra.

— Eu sei.

Fina apontou para um banco próximo. — Por que não nos sentamos um pouco e conversamos?

Sentamo-nos e, por um momento, o silêncio reinou entre nós. Era estranho estarmos juntas novamente. Secretamente esperava que fosse o mesmo entre nós, como se a distância e o tempo não tivessem afetado nosso relacionamento, mas isso era uma tolice. Havíamos mudado, então como nosso relacionamento poderia ter permanecido inalterado?

— Como vão as coisas entre você e o Danilo? Vocês estão casados ao quê? Onze meses agora?

Eu assenti. Nosso aniversário seria em uma semana, e talvez por isso tenha sentido a necessidade desta reunião para realmente encerrar este ano. — Bom, — disse. Havia muito mais a dizer sobre nossas lutas no início, sobre minhas preocupações e dúvidas ocasionais e quanto me custou para superá-las. Mas minha lealdade era com Danilo, então compartilhar nossos problemas anteriores estava fora de questão. Danilo nada fizera para que eu duvidasse de mim mesma nos últimos meses, mas a semente da dúvida havia sido plantada há muito tempo e era muito mais difícil de evaporar do que eu pensava.

Fina me olhou. — É bom ouvir isso. Estava muito preocupada com você e me senti péssima porque você teve que tomar o meu

lugar. Era como se eu tivesse roubado parte da sua vida ao escolher não me casar com Danilo.

Entrelacei nossos dedos, balançando minha cabeça. — Absurdo. Você sabe que tinha uma queda por Danilo. Ser prometida a ele foi a melhor coisa que poderia ter acontecido comigo.

E foi. Todos os dias, Danilo e eu ficamos mais fortes como casal. Eu o amava e não podia imaginar amar outra pessoa, então, no final das contas, as decisões de Fina me deram o que eu queria. Se ela tivesse ficado na Outfit, sua presença teria sido um lastro para meu relacionamento com Danilo. Agora, ela tinha a chance de ser feliz com a família em Vegas e eu podia ser feliz com o Danilo em Indianápolis. Foi a melhor opção para nós duas.

— Você e Danilo já estão tentando ter um bebê?

Balancei minha cabeça. — Ainda não. Precisávamos nos conhecer primeiro. Isso não foi realmente possível antes do nosso casamento.

— Sim, — concordou Fina. — Com todas as regras sociais, as pessoas são forçadas a se casar como estranhas.

Podia ouvir a desaprovação flagrante do sistema em sua voz. No passado, ela era uma mestra nas regras da Outfit, mas obviamente as superou. Viver no território da Camorra provavelmente não lhe deixava escolha. — E você? Você não quer mais filhos?

Os olhos de Fina se arregalaram e ela riu. — Talvez um dia. Nevio ainda está me mantendo na ponta dos pés. Se eu receber outro como ele... — Ela riu novamente.

Ri. — Entendi.

Outro carro parou e meu estômago despencou quando reconheci o rosto familiar atrás do volante. Por um momento, fiquei paralisada, sem saber o que fazer.

— Oh, não, — sussurrou Fina. — Isso vai ficar feio.

Levantei quando Danilo saiu do carro. Remo abriu a porta de seu carro e saiu. Os homens se entreolharam como predadores prestes a se matar. O rosto de Danilo inundou de raiva e ódio absoluto enquanto olhava para o outro homem. Meu pulso acelerou e minha boca

secou. Cambaleei para frente, sem saber como evitar um banho de sangue. Fina correu para o marido. Quando cheguei a Danilo, ele já havia sacado a arma e apontado direto para Remo, que estava com sua arma apontada para nós.

Danilo me arrastou atrás dele no momento em que cheguei ao seu alcance. Raiva e decepção brilharam em seus olhos. — Como você pôde fazer isso? — Ele rosnou.

— Precisava vê-la novamente. Senti falta dela.

Danilo balançou a cabeça e sua atenção voltou para Remo e Fina. Segui seu olhar e de repente o pavor tomou conta de mim. O cabelo loiro de Fina balançava com a brisa leve, e com seu vestido branco esvoaçante, ela parecia um anjo. Ela brilhava, uma aparição saída do passado, uma memória que havia assombrado a mim, minha família e Danilo por anos.

Nos últimos meses, comecei a acreditar que Danilo tinha superado Fina, que era feliz no nosso casamento, que me amava, mas e se isso nos levasse de volta? E se vê-la novamente o lembrasse do que ele perdeu? Dos sentimentos enterrados? E se isso destruísse tudo? Não poderia viver meses ou anos sentindo-me como uma substituta novamente. Estava cansada de ser o prêmio de consolação, sendo a segunda melhor.

Examinei seu rosto enquanto ele olhava para frente, mas não consegui ler a expressão em seus olhos. Seu rosto estava contorcido de fúria. Agarrei seu braço. — Vamos. Consegui o que queria. Tive a chance de falar com a Fina. Vamos embora agora, antes que isso acabe mal.

Fina estava obviamente apelando para Remo manter isso em paz, as palmas das mãos pressionadas contra o peito dele. Sua expressão não me deu muito mais esperança do que a de Danilo. O ódio nascido do orgulho ferido não dominava suas feições, mas a sede de sangue e a determinação de eliminar uma possível ameaça eram inconfundíveis.

Os olhos de Danilo brilharam. — Você conseguiu o que queria, Sofia? É isso mesmo? E quanto a mim e o que eu quero?

Deixei cair minha mão, meu coração encolhendo para o tamanho de uma pequena bola enquanto suas palavras afundavam. O que ele queria? Ele ainda queria Fina? Essa era sua chance de matar Remo e tomar minha irmã para si?

Estava sendo ridícula. Isso nunca funcionaria. Mas Danilo estava sendo racional ou movido por antigas mágoas e orgulho?

Engoli em seco. — Cansei. — As palavras me cortaram enquanto passavam pelo meu coração dolorido e minha garganta latejante.

Danilo me olhou com raiva. — O que?

— Estou farta disso, conosco, com você. Se você ainda a quer, para mim chega. Não farei isso de novo. Não sou um prêmio de consolação.

— Do que diabos você está falando, Sofia? — Ele rosnou, parecendo honestamente confuso e irritado.

— Fina. Você disse sobre o que você quer.

Danilo agarrou meu braço, seus olhos queimando os meus. — Não é Serafina que eu quero. É vingança. Vingança contra Falcone por humilhar a mim e à Outfit, por destruir nosso orgulho.

Pisquei para ele. — Então, você realmente não quer mais a Fina?

— Achei que tivéssemos concordado com esse fato há muito tempo, quando disse que te amo. Achei que tinha te provado isso.

Tínhamos concordado nisso e eu acreditava que suas palavras eram verdadeiras, mas até agora ele nunca tinha sido confrontado com Fina, e quem sabe o que isso poderia mudar?

Danilo desviou o olhar de mim e ergueu a arma ainda mais alto.

Fina se afastou de Remo e veio em nossa direção. Passei com força pelo braço de Danilo que me continha e fiquei na frente dele, tocando seu peito. — Não deixe que isso saia do controle, Danilo. As coisas entre a Outfit e a Camorra têm estado calmas recentemente. Se você iniciar uma troca de tiros com Remo, a guerra ficará sangrenta mais uma vez e nenhum de nós terá paz. — Fiz uma pausa, implorando com meus olhos. — Se você me ama, desista de sua sede de vingança. O que quer que Remo tenha feito, isso importa agora? Se ele não tivesse

sequestrado Fina, nunca teríamos nos casado. Sei que é difícil ver além do seu orgulho, mas nosso casamento não é uma razão para deixar de lado o seu ódio?

Fina parou a alguns metros de nós. Remo a seguiu alguns passos. Sua arma ainda apontada para nós. Danilo agarrou meu pulso e me puxou para trás mais uma vez. — Fique atrás de mim.

Meu coração afundou.

— Danilo, por favor, não deixe que isso se transforme em uma guerra aberta, — Fina apelou para ele, sua voz convincente e suave.

Olhei de seu lindo rosto para Danilo, temendo o que veria.

— Você realmente acha que vou ouvi-la, Serafina? Você é o inimigo. Suas palavras não valem nada. Se negociar com alguém, será com Remo, não com sua esposa. Mas não tenho absolutamente nenhuma intenção de negociar com nenhum de vocês. — Suas palavras gotejavam com desdém e sua expressão apenas refletia desprezo. Não havia nenhum sinal de saudade, desejo ou afeição por Fina em seus olhos.

— Danilo...

— A única razão pela qual não vou terminar isso aqui, agora, é porque, ao contrário do seu marido, eu escuto a razão. Você e ele não vale a pena arriscar a unidade da Outfit.

Remo deu um sorriso torto para Danilo. — Belo discurso.

Agarrei o bíceps de Danilo, temendo que a provocação o atingisse, mas ele devolveu o sorriso de Remo com a mesma condescendência. Sua palma pressionou contra minha barriga, me empurrando na direção do carro. Fina e eu nos entreolhamos. Ver uma a outra foi maravilhoso, mas ao mesmo tempo encontramos essa barreira invisível entre nós. Eu olhei para Danilo e Fina para Remo. Nós duas tínhamos feito nossa escolha. Sempre seríamos irmãs, sempre tentaríamos fazer parte da vida uma da outra nas pequenas coisas, mas o que havia sido estava perdido. Tínhamos mudado, nossa visão do mundo havia mudado e nossa lealdade para com nossos maridos superou nosso vínculo de irmã.

Permiti que Danilo me guiasse em direção ao carro enquanto mantinha a arma apontada para Remo. Depois que sentei no banco do passageiro, meu olhar procurou Fina mais uma vez. Ela estava olhando na minha direção. Ela estava sorrindo, e não pude evitar fazer o mesmo. Uma pitada de melancolia me encheu, mas principalmente estava aliviada por termos tido a chance de nos ver, embora brevemente, e ter certeza de que a outra estava feliz. Desde que soubéssemos disso, a distância não importava. Nossas vidas não poderiam se encaixar, não sem arriscar a felicidade e a segurança de outras pessoas.

Danilo ligou o carro sem dizer uma palavra, mas antes de partirmos, acenei para Fina. Seu sorriso se alargou, embora pudesse dizer que ela estava lutando contra as lágrimas. Meus próprios olhos ardiam, mas não chorei. Uma estranha mistura de tristeza, felicidade e alívio me encheu.

Pouco antes de Fina desaparecer de vista, Remo passou os braços em volta dela por trás e ela se apoiou nele. Fina estava realmente feliz. Ocasionalmente me preocupava que não fosse o caso, mas agora não tinha a menor dúvida.

Então me lembrei do meu carro alugado. — O carro!

— Eles podem nos cobrar um extra e buscá-lo, não dou a mínima. — Sua raiva chiou entre nós.

— Como você descobriu?

Ele me lançou um olhar furioso. — Carlo ficou desconfiado.

Assenti. — Sinto muito por desapontá-lo.

Ele não respondeu. Pulei quando ele pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. Ele não olhava para mim e suas sobrancelhas estavam franzidas de uma forma que me disse que ainda estava chateado.

— Precisava vê-la, — disse.

— Você deveria ter falado comigo antes de sair por conta própria.

— Você não teria permitido.

— Claro que não, — ele rosnou, me lançando um olhar exasperado.

— Você está preocupado que isso reflita mal para você?

Ele murmurou algo sob sua respiração que não entendi, e parecia ainda mais irritado, se isso fosse possível.

— Talvez você não precise contar a Dante. Pode ser nosso segredo.

— Não, — ele cortou.

Tentei ler sua expressão, me perguntando se ele estava preocupado que eu deixasse algo escapar por acidente. — Consigo guardar um segredo.

— Oh, eu sei, como você demonstrou nessa sua viagem para encontrar sua irmã. Não é com você que estou preocupado. É com Remo. Ele pode contar a Dante sobre nosso encontro. Ele sabe como tirar vantagem de coisas como essa e semear a desordem e a discórdia. É o seu talento particular.

— Nem pensei nisso.

— Isso foi o que imaginei, — ele murmurou, fazendo-me sentir estúpida e pequena. — Foi uma loucura. Sei que você é jovem, mas você precisa pensar antes de agir.

Suas palavras me atingiram como um chicote. A raiva em seu rosto parecia crescer a cada segundo que passava, o que me confundia, mas eu não o deixaria me tratar como um de seus soldados. Posso ser jovem, mas era sua esposa e merecia coisa melhor.

— Não culpe minha juventude por isso. Fina é muito mais velha e veio até mim para me ver.

Danilo me lançou um olhar furioso. — Mas ela foi inteligente o suficiente para não vir sozinha. Ela contou ao marido sobre seu plano. Ela tinha alguém para mantê-la segura. Você veio por conta própria.

— Como já disse, você não teria permitido que a encontrasse. Eu sabia. E não havia mais ninguém que pudesse trazer. Eu não queria arriscar a vida de Anna.

Danilo me deu uma olhada. — Só a sua.

Mordi meu lábio. Eu realmente não tinha pensado muito sobre isso. Eu nem havia considerado que Fina traria seu marido junto, mas é claro que era a escolha sensata. Afinal, a Camorra e a Outfit estavam em guerra.

Danilo não disse mais nada, mas sua desaprovação soou alto. Eu estava dividida entre a raiva e a culpa. Quando finalmente chegamos em casa após uma viagem exaustiva de oito horas, eu estava emocional e fisicamente exausta. Cambaleei para fora do carro. Danilo surgiu imediatamente ao meu lado, com a mão na parte inferior das minhas costas como se não confiasse em mim para entrar sozinha.

O observei, mas ele parecia perdido em pensamentos, ou mais provavelmente em sua raiva. No momento em que entramos em nosso quarto, minha própria frustração explodiu. — Sei que está preocupado que isso reflita mal para você e que as pessoas pensem que você não pode me controlar. Você provavelmente está preocupado que Remo me use para pisotear seu orgulho novamente.

Danilo agarrou meus braços com firmeza, respirando com dificuldade. — Foda-se Falcone e foda-se meu orgulho. Estava com medo de que algo pudesse acontecer com você. Falcone é imprevisível. Nem mesmo sua irmã poderia impedi-lo se sua mente maluca surgisse com o plano de sequestrá-la e torturá-la. A ideia de te perder quase me matou, e você fala sobre orgulho?

Finalmente, reconheci a emoção por trás da raiva. Era preocupação. — Você estava com medo de me perder?

Danilo rosnou. — Claro. Eu te amo. Não posso suportar a ideia de que algo aconteça com você porque não estou aqui para protegê-la. Serafina e Emma se machucaram quando eu estava fora e quase me quebrou, mas com você... com você, eu não acho que poderia realmente viver comigo mesmo. Você é minha vida, Sofia. Nunca arrisque sua saúde ou sua vida novamente.

Pisquei, chocada com suas palavras.

— Por que é tão difícil para você acreditar que significa tudo para mim?

— Porque sou estúpida.

Danilo havia me mostrado de tantas maneiras que me amava e se preocupava comigo, mas eu simplesmente tinha que me agarrar às minhas próprias inseguranças.

— Prometa-me nunca mais fazer algo assim. Jure. Preciso ser capaz de confiar em você.

— Você pode, —disse. — Nunca esconderei algo de você novamente, eu juro. Mas vou continuar falando com Fina. Não quero perdê-la completamente.

— Você pode falar, mas sem encontros. É muito perigoso. Sua irmã não está mais do nosso lado.

— Eu sei. Ela está do lado do marido e eu do meu.

Danilo me beijou com firmeza e seus braços me apertaram possessivamente. Sua raiva e preocupação anteriores foram derramadas no beijo, tornando-o mais duro e apaixonado. Agarrei-me a sua jaqueta, ficando na ponta dos pés para me apoiar. Danilo me pressionou de volta com seu corpo, sua mão massageando minha bunda, seus dedos ocasionalmente escorregando para baixo, roçando minha virilha. Sua ereção cavou em minha barriga enquanto ele me guiava para trás.

Minhas panturrilhas bateram na cama, mas Danilo não me deixou cair. Ele se agarrou em mim, me forçando a me render ao beijo. Eu apertei minha bunda contra sua palma, querendo senti-lo onde eu precisava dele, mas ele se recusou a se mover.

Seu beijo queimou com uma paixão raivosa, acendendo meu corpo em chamas. Seus dedos rasgaram os botões da minha calça, então ele a empurrou para baixo com a minha calcinha, deixando minha metade inferior nua e ansiosa por sua atenção. Pressionei contra ele, enganchando uma das minhas pernas sobre seu quadril para me esfregar contra ele quase freneticamente. Danilo se afastou do beijo, seus olhos queimando em mim. Não tinha certeza se ele ainda estava com raiva e se estava tentando me punir. Não me importava, só queria

que ele continuasse. Ele agarrou a barra da minha camisa e puxou-a sobre a minha cabeça. Um rasgo soou, mas nem ele nem eu desaceleramos. Enquanto ele se atrapalhava com o gancho do meu sutiã, peguei seu zíper e puxei para baixo. Enfiando a mão dentro, o encontrei quente e duro. Sua resposta ao meu toque foi quase um rosnado. Ele me puxou contra seu peito para outro beijo duro antes de me girar. Seu pau cavou em minha bunda quando ele se inclinou para sussurrar asperamente em meu ouvido. — De joelhos na cama. Agora, Sofia.

Estremeci, o desejo se acumulando em minha barriga ao seu tom de comando. Subi na cama, apoiando-me nas palmas das mãos. Danilo acariciou minha bunda antes de subir lentamente pela minha espinha. Ele parou no meu pescoço e empurrou suavemente. — Abaixe-se. Quero uma visão privilegiada da sua boceta.

Mordendo o lábio para abafar um gemido de ansiedade, me abaixei sobre os cotovelos, mas Danilo continuou empurrando até que meus braços estivessem esticados acima da cabeça e minha testa pressionada no travesseiro. Minha bunda se projetou e o ar frio atingiu meu centro encharcado.

— Perfeita, — Danilo disse em voz baixa enquanto esfregava minha bunda. — Você tem uma boceta tão linda, Sofia. Poderia ficar olhando para ela para sempre.

Queria que ele fizesse mais do que apenas olhar. Eu precisava de mais. Eu mexi minha bunda em convite. Danilo riu, então me assustou mordendo minha bunda. — Você me desobedeceu uma vez hoje. Não me deixe com raiva de novo.

Se ele parasse de ser tão sexy quando estava com raiva, seria mais fácil. Inclinei minha cabeça para que pudesse olhar pelo meu corpo e ver Danilo atrás de mim. Suas calças caíram no chão e suas pernas musculosas apareceram. Ele meteria em mim imediatamente? Meu núcleo se apertou com a ideia de seu pau dentro de mim. Embora sua raiva tivesse me assustado no passado, agora me excitava.

Queria sua boca em mim, mas também estava ansiosa por seu pau. Danilo espalmou minha bunda e me abriu. Ele respirou fundo e se ajoelhou atrás de mim. Não conseguia ver seu rosto, mas então sua língua estava lá entre as minhas nádegas, provocando levemente no início, depois mais firme. Ele parecia despertar novas terminações nervosas que eu não sabia que existiam. Sua língua me rastreou quase preguiçosamente e, apesar da surpresa inicial, meu corpo acelerou. Tentei me pressionar em sua boca por mais, mas suas mãos fortes mantiveram minhas nádegas seguras, mantendo-me no lugar enquanto Danilo se deliciava comigo.

Apesar de quão bom isso era, precisava de fricção no meu clitóris. Eu queria gozar. Meus braços estavam lentos e pesados, mas comecei a mover um para baixo para me tocar.

— Não, — ele ordenou.

— Preciso me tocar.

— Não, — ele disse novamente seguido por um redemoinho de sua língua sobre a minha fenda. Mordi meu lábio, sentindo a umidade escorrer de mim e descer pela parte interna da minha coxa. Danilo recuou e então seu rosto apareceu, o queixo mal barbeado e viril. Sua língua disparou e ele lambeu o rastro da minha luxúria por ele, mas parou antes de alcançar minha boceta.

— Danilo, por favor, toque meu clitóris, — sussurrei. Era a primeira vez que pronunciava a palavra, mas não senti vergonha. Estava com tesão e precisava sentir sua boca e dedos em meu clitóris.

Danilo lambeu preguiçosamente a parte interna da minha coxa. Observei sua boca e língua quase hipnotizada e também um pouco desesperada porque não estavam onde eu precisava.

Então, finalmente, quando tinha certeza que enlouqueceria, ele deslizou sua língua entre os lábios da minha boceta, acariciando, saboreando. Engasguei no travesseiro, meus olhos se fechando brevemente com a sensação de Danilo circulando meu clitóris. Ele

cutucou minhas coxas mais separadas antes de empurrar sua língua dentro de mim, me fodendo com ela lentamente.

Gozei com um grito áspero, minhas unhas cravando no colchão, minha bunda pressionando o rosto de Danilo. Então sua boca e língua se foram, e suas mãos se fecharam em meus quadris. Ele deslizou sua ponta ao longo da minha fenda, pegando minha umidade. Gemeu baixo em sua garganta. Eu me apoiei nos cotovelos e lancei lhe um sorriso provocante por cima do ombro. — Parece bom?

Ele sorriu. — Parece o paraíso. Mas sei o que será ainda melhor.

— O que...

Gritei quando Danilo bateu em mim. O prazer irradiou do meu núcleo para cada terminação nervosa do meu corpo.

— Parece bom? — Danilo perguntou com uma risada.

— Como o paraíso, —disse.

— Sim. — Ele puxou quase totalmente para fora, apenas para bater de volta em mim. Abaixei minha cabeça no travesseiro, meus dedos o agarrando enquanto eu gemia nele.

Danilo bateu em mim forte e rápido. Uma de suas mãos me segurou pelo quadril, a outra no meu pescoço. Ele não estava me prendendo no lugar, mas o mero toque de sua palma forte no meu pescoço me excitou. Choraminguei com cada impulso.

Eu não pude mais segurar.

— Sim, goze para mim, linda, — Danilo murmurou. Seus dedos encontraram meu clitóris e o acariciaram, e eu explodi com um grito ensurdecedor. Danilo me seguiu com um gemido, seus movimentos se tornando espasmódicos e descoordenados até que finalmente parou. Seus dedos acariciaram meu pescoço suavemente e, em seguida, percorreram meu couro cabeludo. Ele deu um beijo suave no meu ombro. Levantei minha cabeça, embora parecesse pesada, e virei para o lado. Nossos lábios se encontraram em um beijo faminto antes que Danilo saísse de mim. Eu gemi baixinho de novo, ainda sensível. Caí de lado, exausta e satisfeita. Danilo se esticou atrás de

mim e me puxou contra ele, com o braço firmemente envolto em minha cintura.

— Vou te proteger até o fim dos meus dias.

Toquei sua mão. — Eu sei.

EPÍLOGO



Eu sempre quis ter filhos, e não apenas porque precisava de um herdeiro que poderia tornar-se Underboss um dia. Eu queria uma família e o vínculo especial que um pai compartilhava com seus filhos. Eu ainda sentia muitas vezes saudades do meu pai, das longas conversas sobre negócios, esportes e praticamente qualquer outra coisa. Ele foi meu confidente mais leal. Eu confiava em Marco e sabia que ele não me trairia, mas não era exatamente igual ao vínculo com meu pai. Não discutia tudo que teria discutido com meu pai com ele.

Sofia era jovem e eu sabia que ela precisava de alguns anos antes de estar pronta para ter filhos. Eu estava disposto lhe dar o tempo que ela precisava, mesmo que não pudesse esperar para sempre.

Pouco depois de seu vigésimo terceiro aniversário, Sofia voltou a abordar o assunto, o que me surpreendeu. Jantamos em nosso restaurante favorito e depois nadamos nus na piscina antes de fazer amor no chuveiro. Agora estávamos deitados nos braços um do outro na cama, saciados de mais de uma maneira e prontos para adormecer.

— Tenho pensado em não tomar mais a pílula.

Surpreso, me afastei para olhar o lindo rosto de Sofia. Suas bochechas ainda estavam coradas do sexo e eu amava que sua pele sempre mostrasse a prova de nosso amor por tanto tempo. — Você se sente pronta?

Aos trinta e três anos, eu estava definitivamente em uma idade onde perguntas sobre filhos, especialmente minha situação sem

filhos, eram abordados com mais frequência. Todos pareciam como se tivessem o direito de se intrometer. Minha mãe estava entre eles.

Sofia riu e encolheu os ombros. — Alguém se sente pronto? Existe algo como o momento perfeito para crianças?

— Acho que não, mas você ainda é jovem.

— Nós experimentamos muito nos últimos cinco anos, e estou feliz que você me deu tempo para conseguir meu diploma de bacharel. Alguns homens não querem esperar por um herdeiro.

— Eu queria te fazer feliz e nos dar a chance de crescer como um casal. Eu acho que um casal precisa ser uma família antes de expandir com os filhos.

Sofia sorriu amplamente. — Mas sinto como se tivéssemos chegado. Nosso relacionamento é ótimo. Não tenho dúvidas, e você?

— Sobre nós? Nunca. Nem tenho dúvidas de que você será uma ótima mãe. Mal posso esperar para ter filhos com você.

— Então, vamos começar a trabalhar nas crianças?

Eu ri e deixei minha mão correr pela barriga de Sofia. — Você faz parecer que é um trabalho árduo.

Sofia sorriu. — Às vezes é, mas sempre vale a pena.



Sofia esperava por mim no foyer quando cheguei em casa, parecendo prestes a explodir. Nosso cachorro Poof, parecendo uma bola de pelúcia quicando enquanto me cumprimentava, estava ao lado dela como sempre. Desde que ela comprou o cachorro há um ano, ele se tornou muito protetor com ela. Claro que, devido ao seu tamanho, seu valor como cão de guarda era mínimo, mas ele deixava Sofia feliz.

Antes que eu pudesse perguntar o que estava acontecendo, ela brandiu um teste de gravidez, seu rosto se abrindo em um enorme sorriso. Eu levantei minhas sobrancelhas. — Você está...

— Grávida! — Ela correu em minha direção e se jogou em meus braços. Poof latiu animadamente. Eu levantei Sofia do chão, beijando sua têmpora. Demorou quase seis meses e já estava começando a me preocupar, então um peso foi tirado de meus ombros. Nós nos tornaríamos uma família. Eu mal podia esperar.

Ela empurrou uma imagem de ultrassom para mim. Eu olhei para a imagem em preto e branco, mas não tinha ideia do que procurar. Havia uma grande forma redonda com duas formas menores. — Então, ela confirmou sua gravidez? Está tudo bem?

Sofia apontou para as duas formas menores nos círculos pretos. — Dois.

— Dois, — eu repeti, incerto do que ela estava se referindo. — Você está com dois meses de gravidez? — Achei que ela já estava no terceiro mês.

Sofia agarrou meu braço. — Dois bebes! Gêmeos!

Eu a encarei. — Você está grávida de gêmeos?

Ela assentiu. — Gêmeos idênticos.

— Oh, uau. — Eu encarei sua barriga ainda plana, incapaz de acreditar que ela abrigava dois bebês dentro.

— Sim. É muito cedo para ver se são dois meninos ou duas meninas. Estou tão animada.

Eu a puxei contra mim. — Sua família gosta de gêmeos.

Sofia riu. — Está em nosso sangue.

— Pelo visto. — Olhamos um para o outro e ainda parecia impossível que tivéssemos chegado aqui. — Eu te amo, Sra. Mancini.

Ela sorriu. — E eu te amo, Sr. Mancini. — Ela mordeu o lábio. — Você se importa se eu contar aos meus pais? Eles ficarão em êxtase ao saber que teremos gêmeos, especialmente gêmeos idênticos. A mamãe provavelmente vai querer ir às compras comigo de roupas combinando imediatamente.

— Conte aos seus pais e eu contarei para minha mãe. Ela provavelmente vai querer ir às compras com você também. Esses bebês serão os bebês mais bem vestidos de Indianápolis.

Sofia revirou os olhos, mas não perdi o sorriso que ela tentou sufocar. Eu beijei seus dedos. — Da próxima vez, quero ir com você à consulta médica. — Isso me rendeu um beijo antes de Sofia sair correndo para ligar para seus pais. Eu a observei quase pular os degraus em busca de seu telefone celular. Eu amava sua exuberância.

Liguei para minha mãe. Ela não tinha encontrado outro homem desde que papai morreu, embora eu a tivesse encorajado a dar uma chance a um novo amor. Havia alguns viúvos simpáticos entre meus homens e até mesmo entre os capitães, mas ela insistira em ficar sozinha. Ela estava ansiosa por netos, para que o nome Mancini pudesse viver e os genes do papai continuassem.

— Danilo, — mamãe disse alegremente. — Você acabou de me pegar antes do brunch com meu clube de senhoras. — Seu clube de senhoras consistia nas esposas dos Capitães e algumas senhoras da alta sociedade com ligações com a Outfit, e elas se encontravam duas vezes por semana para o brunch e fofocas. Fiquei feliz por ela se manter ocupada com brunch e eventos sociais.

— Não vou demorar. Sofia fez outro ultrassom hoje.

— Como está meu neto? E como está Sofia? — Sua voz se elevou com entusiasmo. — Eles estão bem. As crianças e Sofia.

Um momento de silêncio se seguiu, então. — Crianças?

— Sofia está grávida de gêmeos.

Mamãe riu. — O gene gêmeo Mione! Eu não posso acreditar. Que maravilha! Vocês já sabem o gênero?

— É muito cedo, mas eles são gêmeos idênticos, então são dois meninos ou duas meninas.

Dois meses depois, o ginecologista nos disse que esperávamos dois meninos. Sofia apertou minha mão com firmeza. — Você está feliz?

— Estou, mas estou feliz desde o dia em que descobri que você estava grávida. Eu adoraria ter duas filhas também.

— Então teríamos que continuar tentando até que conseguisse um herdeiro, você sabe.

Eu a considerei cuidadosamente. — Você não quer mais do que dois?

Sofia encolheu os ombros. — Dois é um bom número. Sei que muitas garotas querem desesperadamente uma filha embonecar, mas acho que ficaria perfeitamente feliz com dois meninos bonitos para amar. Não tenho pressa em engravidar de um terceiro filho. — Ela esfregou a parte inferior das costas com um sorriso de desculpas.

— Eu ficaria feliz com apenas dois filhos, mas você ainda é jovem, então, se mudar de ideia, ainda podemos dar uma chance a outro filho, — eu disse.

Depois de descobrir o gênero, todos me parabenizaram. Eu poderia dizer que eles consideravam dois meninos uma vitória, especialmente os homens. Eu estava aliviado por Sofia não se sentir mais pressionada a me dar um herdeiro.

Eu mal podia esperar para ir caçar e fazer caminhadas com meus meninos, para ensiná-los tudo o que sabia sobre armas e mostrar-lhes como lutar. Meu pai tinha feito todas essas coisas comigo e eu queria compartilhar isso com meus filhos.



Danilo carregava os dois meninos nos braços enquanto eu segurava Poof pela guia. Aqueles meninos amavam Danilo loucamente e sempre queriam ser abraçados por ele quando estava em casa. Ele trabalhava muito, então era natural que procurassem sua proximidade sempre que podiam, e Danilo procurava arranjar tempo para eles o mais frequentemente possível. Não ficava muito triste quando eles se agarravam a Danilo de vez em quando. Eles eram terríveis, Orlando

mais do que Aldo, que tinha o nome do pai de Danilo, mas juntos eram uma força a ser reconhecida. Eles eram difíceis de conter às vezes.

A nossa gata, uma vira-lata vermelha malhada que um dia apareceu à nossa porta e nunca mais saiu, tinha escolhido uma das árvores do nosso jardim como local de descanso preferido porque os meninos não conseguiam alcançá-la. Não que ela não soubesse como se defender. Ambos os meninos foram arranhados mais de uma vez porque tentaram agarrá-la. Na maior parte do tempo ela ficava sentada no banco perto do lago, observando os Koi, mas nunca tentava caçá-los - por isso Danilo havia permitido que ela ficasse.

Orlando me deu um grande sorriso no braço de seu pai. Eles eram a cara de Danilo.

Mamãe abriu a porta antes que pudéssemos tocar a campainha, sorrindo para nós. Como de costume, ela estava perfeitamente estilizada com um penteado elegante, uma saia lápis de lã e uma blusa de seda fluida. Pelo menos ela não estava usando brincos longos ou colares finos. Apesar de seu estilo perfeito, ela me puxou para um abraço apertado antes de arrancar Orlando das mãos de Danilo e pressioná-lo contra o peito, sem se importar se sua blusa ficasse amassada.

Danilo deu uma risadinha. — Bom dia para você também, Inês.

— Danilo, — disse ela com uma risada e deu-lhe um beijo rápido na bochecha antes de se virar para Aldo. — Eu não acho que a vovó seja forte o suficiente para carregar vocês dois, meninos. — Ele fez beicinho, mas papai salvou o dia, aparecendo na porta. As mechas grisalhas em seu cabelo escuro agora eram mais pronunciadas e as rugas ao redor de seus olhos tinham se aprofundado, mas para mim ele ainda parecia o homem que me acompanhou até o altar. Ele me abraçou com força. — Você está linda como sempre, joaninha. Não sei como você encontra tempo com esses dois meninos.

— Alguns dias não encontro, — eu disse com uma risada exasperada. Ficou melhor agora que eles estavam um pouco mais velhos e podiam manter um ao outro entretido. Mas deixá-los por conta própria sempre representava um risco para nossos móveis. Eu aprendi

a não deixar Poof sozinho com eles porque o deixaram vermelho e azul com aquarela da última vez.

Papai pegou Aldo de Danilo e apertou sua mão.

— Espero que vocês estejam com fome. Preparamos um grande banquete para esta noite.

— Você não precisa ter tanto trabalho quando visitamos, — eu disse com uma risada. Eu via meus pais pelo menos uma vez por mês, então não era como se tivéssemos que comemorar a reunião.

Mamãe me dispensou. — Tenho certeza que os meninos estão com fome.

— Sempre estão, — disse Danilo.

Mamãe e papai entraram com os meninos, deixando-nos na porta.

Eu lancei a Danilo um olhar divertido. — Eles nem perceberiam se nós simplesmente sumíssemos.

— Então vamos levar a nossa bagagem para o quarto de hóspedes e descansar um pouco até ao jantar, — sugeriu Danilo em voz baixa.

— Parece uma boa ideia.

Corremos escada acima. De algum lugar da casa, pude ouvir as risadas encantadas dos meninos.

No momento em que Danilo e eu estávamos a portas fechadas, arrancamos nossas roupas, aproveitando nosso tempo de folga. Mais tarde, no jantar, os meninos praticamente comeram seu peso corporal em comida, mas eu também comi mais do que deveria.

Papai e Danilo conversavam sobre a próxima viagem de caça, um fim de semana masculino com Samuel e Marco. Os meninos ficariam comigo e mamãe viria me visitar para me ajudar. Aos dois anos, eles ainda eram muito jovens para acompanhá-los na viagem.

A cabeça de Orlando caiu para frente, sua testa tocando brevemente o purê de batatas antes de ele levantar. Aldo ainda estava mexendo em sua comida. Mamãe riu e se levantou para limpá-lo. Seus olhos brilharam quando ela olhou para mim. Papai parecia relaxado e ansioso pela viagem.

O passado realmente havia sido deixado para trás. Passamos por alguns momentos difíceis, mas éramos felizes agora. Danilo encontrou meu olhar e sorriu, a covinha brilhando em sua bochecha. O que quer que estivesse à nossa frente, estava confiantes de que dominaríamos.

FIM.